

VINÍCIUS CARVALHO LIMA

**JUVENTUDE E POLÍTICA CULTURAL NAS PERIFERIAS
DO PRESENTE:**

O CASO DE NOVA IGUAÇU

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Soraya Silveira Simões

Rio de Janeiro
2012

L732j Lima, Vinícius Carvalho.
Juventude e política cultural nas periferias do presente : o
caso de Nova Iguaçu / Vinícius Carvalho Lima. – 2012.
290 f. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Soraya Silveira Simões.
Tese (mestrado) – Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e
Regional, 2012.

Bibliografia: f. 149-158.

1. Política cultural. 2. Ação social. 3. Juventude.
4. Periferias – Nova Iguaçu (RJ). I. Simões, Soraya
Silveira. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional.
III. Título.

CDD: 306.4

VINÍCIUS CARVALHO LIMA

**JUVENTUDE E POLÍTICA CULTURAL NAS PERIFERIAS
DO PRESENTE:**

O CASO DE NOVA IGUAÇU

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Soraya Silveira Simões – Orientador
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Tamara Tania Cohen Egler
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Anita Loureiro de Oliveira
Instituto Multidisciplinar – UFRRJ

Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – UFF

DEDICATÓRIA

À professora Ana Clara Torres Ribeiro (in memoriam) pela carinho, respeito e ensinamentos. À memória do vivido no Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (LASTRO).

Aos meus queridos avós, Oscar e Olívia Carvalho e Lacir e Izauro Lima (in memoriam), habitantes por excelência da periferia urbana brasileira, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria possível sem a ajuda e a compreensão dos que serão citados abaixo. O período em que ela foi realizada foi sem dúvida rico em conhecimento e nas relações sociais tecidas, mas duro emocionalmente e, neste percurso, pude contar com o apoio de grandes companheiros.

Meu principal agradecimento é a Ana Clara Torres Ribeiro. No que concerne a este trabalho, especificamente, tenho que agradecer todo percurso feito em conjunto. Desde a festa pela minha aprovação em primeiro lugar no concurso do IPPUR/UFRJ à orientação cuidadosa, sempre pronta a ouvir, sugerir, apontar possíveis caminhos e nunca impor, como era característico de sua generosidade.

Isso é um clichê danado, mas de fato não existem palavras para descrever o quanto existe de admiração e gratidão da minha parte. Sua importância é decisiva no meu caminho, desde a entrada no LASTRO ainda bastante jovem em 2006 fui afetado das mais diversas maneiras. Primeiro que sem ela não teria descoberto o que é Sociologia de verdade, que aprendi através da sua correção e entrega na pesquisa acadêmica, orientação, aulas... Tudo que incentivou e deu forças para seguir nesta carreira, que estava prestes a largar. Isso somente do ponto de vista acadêmico e dos processos de ensino-aprendizagem.

Pessoalmente, fui agraciado por conviver como uma pessoa de caráter ímpar, profissional exemplar, que sempre primou pelo respeito ao Outro. Fui abençoado, principalmente com uma amiga sempre pronta a transmitir sua larga experiência e pronta para acreditar em um tímido jovem pesquisador, com respeito e valor às suas limitações, enxergadas sempre como potencialidades. É difícil conviver com esse vazio, especialmente pelo nosso contato nos últimos anos em que conversávamos diariamente e sempre surgia algo genial, ou aquele aconselhamento mil vezes melhor que o esperado.

Sinceramente, ainda espero que Ana Clara apareça na sala do LASTRO agitada, nos propondo novas e criativas alternativas para a pesquisa. Aos poucos a dificuldade de realizar que isso não é possível vai sendo convertida em força para seguir em frente com os ensinamentos deixados (que não são poucos), em especial à nossa equipe do LASTRO. Dedico este trabalho à ela. OBRIGADO POR TUDO! VIVA A VIDA!

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRJ e ao CNPq pela bolsa de mestrado que me foi concedida durante 24 meses e foi fundamental para a realização desse trabalho e

também pela bolsa de iniciação científica concedida durante os anos de 2006 e 2010, na trajetória inicial no LASTRO.

À professora Soraya Simões pela orientação no final deste trabalho, pela compreensão e paciência nos momentos difíceis da continuação/conclusão, permeados de decisões complicadas influenciadas pela dor da perda.

À professora Anita Loureiro, pela gentileza e generosidade. Obrigado pela disposição de ouvir e apontar problemas e qualidades no trabalho. Serei sempre grato pela conversa que tivemos na UFRRJ em Nova Iguaçu que foi fundamental para a retomada do trabalho e do rumo pessoal.

À professora Tamara Egler agradeço também pelos dois anos de mestrado no IPPUR, pela simpatia na minha banca de seleção. Agradeço também à dedicação na leitura do trabalho para a qualificação e pela orientação dos rumos a seguir após o falecimento de Ana Clara.

Ao professor Paulo Carrano, pelas orientações decisivas a partir da leitura dos capítulos da qualificação. Foi uma honra poder contar com sua leitura dedicada e sensível. Como você disse sua função na qualificação era balançar a árvore para que depois eu arrumasse as folhas com Ana Clara, espero que tenha conseguido minimamente fazer isto sozinho.

Ao professor Felipe Berocan Veiga pela gentileza de participar da minha banca de defesa. Sua leitura e apontamentos foram de grande valia.

Aos demais professores do IPPUR, pelas ótimas aulas e reflexões que contribuíram decisivamente para este trabalho. Agradecimento especiais à Fania Fridman, Frederico Araujo, Hermes Tavares, Jorge Natal e Orlando Junior.

Aos funcionários do IPPUR que são alguns dos melhores dos quadros de toda a UFRJ – Dona Maria José, Josemar, Bel, Zuleika, André, Vera, Elizabeth, João, Ana Cristina, Greice, Katia e Claudia. Gostaria de agradecer às funcionárias responsáveis pela limpeza do IPPUR, chamadas por nós carinhosamente de “tias”. E também a Karol da xerox, pela sua doçura e dedicação ao trabalho, sempre inspiradoras. Enfim, agradeço a todos que por ventura esqueci e que também foram importantíssimos.

Agradeço especialmente aos grandes amigos que compartilharam os momentos de insegurança, dilemas da profissão e outras coisas mais. Sem Carmen Castro, Danielle Rodrigues de Oliveira, Raquel de Padua Pereira, Silvio Rodrigues e Tomás Garcia no meu caminho, tudo seria, sem dúvida, mais difícil.

À Aldenilson Costa e Kátia Cunha, amigos tão incríveis quanto imprescindíveis no processo árduo que foi a organização do XIV ENANPUR, sem o bom humor e o alto astral de vocês não teríamos saído imunes e ilesos aquela montanha de trabalho e obrigações. Nesse sentido agradeço também aos professores Paulo Gusmão, Ester Limonad, Paola Jacques, Cibele Rizek, Monica Arroyo e Lilian Vaz, por terem tornado o trabalho e o ambiente das reuniões de organização do evento e da diretoria da ANPUR em momentos prazerosos e de intenso aprendizado.

Agradeço também os companheiros da turma de mestrado do IPPUR, além dos já citados acima, cabe lembrar de Isabella Vitória, Rafaelle Castro, Gabriela Rebello, Pedro Torres, Felipe Ungaro, Vinicius Moraes, Priscila Xavier, Vanessa Duarte, Patrícia Igrejas, Leandro Gondim, Juliana Fernandes, Eduardo Pontes, Victor Galvão, Geraldiny Caldeira e Luciano Barboza pelas trocas sempre estimulantes. Agradeço aos colegas de outras turmas como Bianca Ghighinno e Flavia Araújo.

Aos amigos da Equipe! Queridos amigos do IFCS/UFRJ: Marcelo Ribeiro, Felipe Brito, Diego Fraga, Luciana Aguiar, André Pontes, André Carvalho, Paula Jatahy, Michele Souza, Maíra Sertã, Guilherme Santana e Luanda Lima.

É emotivo o agradecimento aos membros do LASTRO, amigos de convivência diária, que sempre enriqueceram minha trajetória com os debates que travamos, com os ótimos trabalhos que fizemos e com a leveza, humor e respeito com que tratamos uns aos outros – e que me fizeram sempre considerar o laboratório uma segunda casa. Agradeço pelo carinho desde os amigos das antigas como Annie Karen, Pedro Bernardes, Michele Nascimento, Joyce Lamego, Tomás Garcia, Ivy Schipper, Laura Maul, Catia Antonia Silva e Anielle Freitas. Passando pelos orientandos de Ana Clara que nos ajudaram de diversas formas como Débora Santana, Beatriz Silveira, Diana Helene e Omar Uran. Até chegar, recentemente, nos meninos de ouro de Iniciação Científica que o LASTRO teve o prazer de ter como membros de sua equipe e que foram amigos fundamentais como Ana Carolina Lemgruber, Francisco Ottoni, Luiz Felipe Orofino, Felipe Araujo e Felipe Cavalcanti.

Agradeço especialmente, ainda no âmbito do LASTRO, à Luis Peruci e Alice Lourenço, dois grandes amigos que possibilitaram minha entrada no LASTRO e me guiaram por diversas vezes, transmitindo boa parte do que aprenderam em seu percurso de vida – o que sempre teve valor inestimável.

Agradeço a também a Claudia Seldin, Carlos Rodrigo Avilez e Lilian Vaz pelo acolhimento no grupo de pesquisa Cultura, História e Urbanismo que me

propiciaram discutir temas correlatos a relação entre cidade e cultura, fundamentais para esta dissertação.

Agradeço também às professoras e amigas Julia Polessa e Anita Handfas pelo diálogo sempre profícuo que estabeleceram comigo no campo do Ensino da Sociologia no LaBES, pelas oportunidades de dialogar com professores de Sociologia, o que é basilar para minha formação. Um grande obrigado também à minha amiga Julia pela leitura cuidadosa e crítica deste trabalho!

Devo agradecer também aos pesquisadores oriundos da periferia urbana que, assim como eu, entraram na universidade nas duas últimas décadas. Esse trabalho não seria possível sem o esforço destes. Agradeço principalmente as análises realizadas anteriormente por Manoel Ricardo Simões (1993, 2007); Rita Sales (1999); Adrianno Rodrigues (2006), Elaine Ozório (2007); Débora Oliveira (2006); Roseilane Santos (2007) e Everaldo dos Santos (2008).

Agradeço também à todos aqueles que concederam entrevistas. Especialmente aos jovens Jéssica Ramos, Camila Oliveira, Yasmin Thayná e Joaquim Tavares por darem importância ao que eu estava tentando fazer e conversarem comigo de forma tão atenciosa.

À minha mãe Solange e meu padrasto Jayme. Obrigado por todo investimento e toda aposta, por compreenderem e apoiarem minha necessidade de seguir estudando. Sei o quanto é difícil criar um filho no Brasil sendo professor. Vocês são exemplos de honestidade, dignidade, educação, integridade e retidão que eu levo comigo. Sempre penso na melhor maneira de retribuir, acredito que este mestrado seja o primeiro retorno que posso oferecer a vocês. Obrigado a todo o carinho e apoio nos momentos complicados e pela alegria cotidiana.

Por fim, mas não por último, agradeço a pessoa que, sem dúvida, mais me ajudou nessa caminhada toda. Sempre por perto nos altos, sempre por perto nos baixos. Sempre por perto nos momentos mais tranquilos, mas sempre por perto nos momentos de insegurança. Sempre disposta a ouvir em qualquer hora, sempre a postos com seu carinho e compreensão das minhas ausências. Obrigado Ariana, pela pessoa que és, pela honestidade e caráter que tens – uma admiração que faz correr atrás, dá forças para lutar pelo que eu acredito. Obrigado pelo respeito a minha natureza e pela tentativa de dividir essa vida que vai por caminhos nem sempre fáceis e só nós sabemos o quanto o mundo pesa em nossas costas às vezes... Amo você.

EPÍGRAFE

“A interpretação dos sentidos da ação encontra-se em disputa em contextos marcados em decorrência do esgarçamento das relações sociais. Talvez caiba ao cientista social participar desta disputa, impedindo que gestos expressivos de carências sociais vividas em situações-limites sejam compreendidos, apenas, a partir do olhar das classes dominantes. Pensamos ser necessário oferecer interpretações alternativas da ação social, apoiadas no reconhecimento das características mais abrangentes das conjunturas econômica e política e na valorização de cada gesto de resistência do Outro” (Ana Clara Tores Ribeiro).

Horas desperdiçadas, antes de nos darmos conta
Onde ir e o que fazer?
Horas desperdiçadas que fizemos novas
E se transformaram numa vida que podemos viver
(Arcade Fire, Wasted Hours).

RESUMO

O objetivo deste trabalho, vinculado ao Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (LASTRO) foi investigar, a crise da dicotomia centro-periferia associada a emergência de iniciativas culturais na periferia urbana brasileira, estimuladas por políticas do Ministério da Cultura (MinC). A dicotomia centro-periferia desenvolvida na América Latina como uma tentativa de explicar o crescimento acelerado/desorganizado e o lugar das classes populares afastadas da possibilidade de moradia perto do núcleo da metrópole, sofreu diversas mudanças ao longo dos últimos 50 anos. A investigação dessas mudanças e a consideração renovada dos atores sociais, nos leva a notar a emergência de uma produção cultural juvenil periférica e a consequente descompressão do imaginário legado a essas regiões, ligados exclusivamente ao precário em suas variadas dimensões. O que modifica, inclusive, a cena política, com questões e demandas diferentes das tradicionais. Pretende-se aqui analisar a efetividade dessas políticas na reprodução social da “juventude periférica” brasileira, tomando como caso específico a análise sociológica realizada através do contato com jovens de Nova Iguaçu/RJ. O foco central é a produção de análises que avancem no entendimento do que se modifica e/ou permanece com relação à periferia urbana/juventude nos níveis conceitual e contextual, em sua face progressista e perversa, dado a multiplicação de diferentes expressões urbanísticas e socioculturais nestes espaços das metrópoles.

Palavras-chave: Periferia. Juventude. Política Cultural. Ação Social.

ABSTRACT

The objective of this work, linked to the Laboratory of Social Situation: technology and the territory (LASTRO) was to investigate the crisis of center-periphery dichotomy associated with the emergence of cultural initiatives in the Brazilian urban periphery. The center-periphery dichotomy that has been developed in Latin America as an attempt to explain the accelerated growth and the place of the working classes away from the possibility of housing near the core of the metropolis, has undergone several changes over the past 50 years. The investigation of these changes and the renewed consideration of the social actors, leads us to notice the emergence of a youth cultural production and consequent decompression of peripheral imaginary of those regions, linked exclusively to the poor in its various dimensions. What changes, also the political scene, with questions and demands different from the traditional. The intention here is to analyze the effectiveness of these policies in the social reproduction of youth peripheral Brazil, taking case specific sociological analysis conducted through contact with young people from Nova Iguaçu /RJ. The central focus is the production of analyzes that advance on the understanding of what changes and/or remains in relation to the urban periphery/youth in the conceptual and contextual levels, in your progressive and perverse face, given the multiplication of different expressions in these urban and sociocultural spaces of the metropolis.

Keywords: Periphery. Youth. Cultural Policy. Social Action.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Taxa de urbanização no município de Nova Iguaçu por distrito (1950-1979)	33
Tabela 2: Taxa de Homicídios por 100 mil habitantes dos Municípios da Baixada Fluminense (2002)	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	SOBRE A TRAJETÓRIA PESSOAL	15
1.2	SOBRE A PESQUISA	17
2	CENTRO-PERIFERIA: UMA DICOTOMIA/REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM CRISE	23
2.1	LEITURAS DA PERIFERIA URBANA: RECONHECENDO LIMITES	24
2.2	OBSERVANDO VETORES NA BAIXADA FLUMINENSE (TRABALHO, PRINCIPAIS INVESTIMENTOS E FORMAS DA ÚLTIMA MODERNIDADE)	31
2.3	ESGOTAMENTO DAS DICOTOMIAS E A EMERGÊNCIA DA PRODUÇÃO CULTURAL	37
2.4	PROCESSORES DE SUBJETIVAÇÃO NA PERIFERIA URBANA BRASILEIRA	41
	ANEXO I	45
3	VALORIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA DIVERSIDADE CULTURAL: POTÊNCIAS E DEBILIDADES	49
3.1	A CENTRALIDADE DA DIVERSIDADE CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS BRASILEIRAS	49
3.2	BREVE HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	54
3.2.1	Governo Luís Inácio Lula da Silva e a retomada do Estado na formulação de políticas de cultura	58
3.2.2	Programa Cultura Viva: pontos de cultura	61
3.2.3	Rápida recuperação do panorama atual	63
3.2.4	Nova Iguaçu: Bairro-escola, Fundo Municipal de Cultura e “Pontinhos” de cultura	65
3.3	AVANÇOS E POSSÍVEIS E PERVERSIDADES NAS POLÍTICAS CULTURAIS	70
3.3.1	Retrabalhando conceitos	70
3.3.2	UNESCO e a mercantilização da cultura	75
3.3.3	Política de edital e gestão empresarial	78
	APÊNDICE METODOLÓGICO	83
	ANEXO II	84
4	NOVA IGUAÇU: A VISIBILIDADE DO HETÉROGENO E DO DIVERSO	87
4.1	RESISTÊNCIAS A SIMPLIFICAÇÃO	89
4.2	BREVE RESGATE DA HISTÓRIA DO PRESENTE	93
4.2.1	Lindberg Farias e Nova Iguaçu	94
4.2.2	As gestões de Lindberg Farias	102
4.3	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS NO MUNICÍPIO – PROJETOS E PROJEÇÕES	104

4.3.1	Os secretários de cultura	107
4.4	MOVIMENTOS SOCIAIS X POLÍTICAS CULTURA	111
	ANEXO III	114
5	JUVENTUDES PERIFÉRICAS: PERSPECTIVAS SOCIOLOGICAS	117
5.1	JUVENTUDE COMO CATEGORIA E POLÍTICA PÚBLICA	118
5.2	POLÍTICAS CULTURAIS E LEITURAS DA JUVENTUDE	123
5.3	POLÍTICAS COM FOCO NA JUVENTUDE EM NOVA IGUAÇU	126
5.3.1	O Jovem Repórter	126
5.3.2	O Jovem Pesquisador	131
5.4	JOVENS E AÇÃO SOCIAL: PROJETOS E A CONSTRUÇÃO DE OPORTUNIDADES (HÍBRIDOS E HIBRIDADORES)	133
	ANEXO IV	141
6	CONCLUSÃO	147
	REFERÊNCIAS	149
	ANEXO V – ENTREVISTAS	159

1 INTRODUÇÃO

1.1 SOBRE A TRAJETÓRIA PESSOAL¹

Nenhum texto nasce descolado de seu autor. Desse modo posso dizer que esta dissertação é amplamente influenciada pela vivência enquanto morador da Baixada Fluminense. Nasci em São João de Meriti e, desde então, vivi entre este município e Nova Iguaçu.

A morada na periferia urbana altera as percepções de qualquer indivíduo. É fato que presenciamos e vivenciamos toda sorte de dificuldades, mas também adquirimos força para superá-las. No meu caso, a dificuldade que influencia esse trabalho fortemente, é a distância, em suas variadas facetas: a distância física do centro, da possibilidade de acesso barato aos equipamentos culturais, da possibilidade de realização como artista, entre outras.

No entanto, só foi possível perceber isso através da chegada da maioria e da minha inserção no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Antes disso, tudo que fazia sentido na vida estava na Baixada Fluminense e no subúrbio próximo: o comércio intenso da Rua da Matriz em São João de Meriti e no centro de Nova Iguaçu; as idas com meus avós à feira de Acari e à Vicente de Carvalho; o bate-papo com os alunos e amigos de minha mãe em Nilópolis e São João de Meriti; o futebol e as brincadeiras inventadas nas ruas com meus primos e amigos; e os passeios com meu tio Douglas, professor de Física, pelas diferentes escolas em que trabalhou na Baixada (de São João a Nilópolis; de Magé a Nova Iguaçu) sempre ao som da banda O'Rappa e seu incrível álbum "Rappa Mundi"². Cabe

¹ Primeiramente irei contextualizar de qual lugar falo ao pensar a dissertação de mestrado que estou propondo, pois acredito ser necessário explicar a importância da minha trajetória acadêmico-profissional para esta dissertação e vice-versa. Portanto, o foco narrativo do texto estará na primeira pessoa do singular somente nesta parte introdutória, e, em seguida, passará, definitivamente, para a terceira pessoa do singular.

² "Rappa Mundi" é o segundo álbum de estúdio da banda O'Rappa. Foi lançado em 1996, quando tinha dez anos de idade, e ouvi intensamente por três anos. Considero que esse álbum, com suas letras poéticas e politizadas, recebidas/percebidas como trilha sonora do que via através da janela do ônibus e trem, alterou minha percepção sobre o mundo e influenciou minha escolha pelas Ciências Sociais mais tarde. A maioria das músicas, de teor crítico e contundente, foram escritas por Marcelo Yuka, entre as quais destaco: Eu Quero Ver Gol, Hey Joe, Pescador de Ilusões, Miséria S.A, O Homem Bomba, Tumulto e A Feira.

destacar, portanto, que a vivência da periferia sempre foi algo prazeroso, diferente do que as análises sociológicas tendem a supor.

As únicas coisas que me levavam para fora da Baixada eram as idas ao Maracanã com meu avô, onde cada vez saíamos com um amigo diferente, e ao Saara com minha mãe, onde as diferentes possibilidades que o lugar oferecia são encantadoras: fantasias, brinquedos e guloseimas dos mais diversos tipos.

Fora isso, o que se destacava e foi fundamental na minha formação foi o contato com a música. Desde pequeno tive acesso a um grande número de LPs de diversos artistas, variados entre si, que tiveram papel importante na minha formação. Como morávamos juntos na casa de meus avós cada tio e tia deixava seus discos, adquiridos quando sobrava algum dinheiro. Com isso ao longo do tempo foi se conformando um leque de diferentes estilos e gostos. Também havia a banda Real Da Vinci do bairro da Vila Rosali em São João, da qual assisti vários ensaios e shows quando era menor. Considero essa a minha inserção inicial no campo da cultura, já que escutava os LPs diariamente e lia as letras dos artistas, o que me incentivou a aprender um instrumento musical, o violão, escolhido aos 14 anos, na tentativa reproduzir o que escutava e gostava bastante.

O caminho seria então, com a chegada da juventude e o vestibular, seguir no caminho da música. Foi então que apareceram os impedimentos: como iria sustentar o curso de música? O que aquela profissão me reservaria dali para diante? Qual mercado de trabalho para um músico na Baixada Fluminense? Refletindo a partir destes questionamentos e da pressão familiar, tive que redirecionar minha escolha.

Optei então, aproveitando minha aptidão relativa ao campo das Ciências Humanas e pela verve contestatória, pelo curso de Ciências Sociais, não sem antes pensar para tomar a decisão e achar um novo rumo.

Como disse antes, minha percepção sobre minha classe e a vida na cidade alterou-se bastante com a entrada no IFCS/UFRJ. Primeira e mais evidente mudança, era a percepção do quão longe estava do centro. Passava (e ainda passo) quase quatro horas no transporte público diariamente, o que trazia complicações e alterava, por exemplo, meu nível de compreensão dos textos, devido ao pouco tempo hábil para a leitura. No entanto, toda ida ao centro proporcionava, assim como as idas ao Maracanã, a possibilidade de

conhecer novas pessoas e sua realidade, parecida ou totalmente diferente da minha.

O transporte que escolhi, por ser mais barato e rápido, o trem, foi fundamental nesse sentido. Cada vagão era como uma caixa, que se abria, revelava diferentes mundos: dos trabalhadores acima de tudo, evangélicos, funkeiros, vendedores ambulantes, estudantes, pedintes, deficientes físicos e dos artistas que tentavam levar a vida sempre se desculpando por “atrapalhar o silêncio de sua viagem”, pedindo “qualquer centavo que pudesse ajudar” e nos proporcionando expressões artísticas das mais variadas (vejo no trem, por exemplo, cantores de MPB, sanfoneiros, atores e ventríloquos). Somado a isso, tive a possibilidade de conhecer diferentes lugares com esse mesmo meio de transporte.

Além da dificuldade de inserção intelectual na Universidade pela falta de um *background* anterior acerca dos livros e textos, eram limitadas as possibilidades de inserção pessoal também, já que se não acreditavam que eu era da Baixada Fluminense pelo meu porte e fenótipo, acreditavam demais pelas diferenças entre os capitais culturais e sociais, como diria Pierre Bourdieu (1998).

O que possibilitou avanço nesse sentido foi o trabalho de meu padrasto como técnico em empresas de informática e o uso de computadores desde cedo que culminaram no uso também precoce da internet e a minha inserção na geração do MP3³ e do *download* de arquivos digitais. Tive acesso, portanto, a inúmeros álbuns, filmes e livros que não poderia sonhar em ter se a opção fosse pagar por estes. Essa inserção no mundo dos computadores contribuiu para diminuir significativamente meu deficit frente aos colegas, no que tange a cultura erudita e de massa, e a compreender os textos, já que podia ler sobre os autores e contextualizá-los historicamente.

1.2 SOBRE A PESQUISA

³ O MP3 (MPEG Audio Layer 3) foi um dos primeiros tipos de compressão de áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano. O áudio comprimido pode ser transformado em arquivo de computador de tamanho reduzido, ideal para trocas na internet, sem nenhum tipo de pagamento. O MP3 causou grande revolução no mundo do entretenimento. Assim como o LP de vinil, o cassete de áudio e o CD, o MP3 se fortaleceu como um popular meio de distribuição de canções.

Mesmo com melhora na integração no IFCS no que tange a relação com os colegas (o que ocorreu algum tempo depois), sentia dificuldades ao longo do curso por este ser muito teórico e descolado da realidade social. Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Anthony Giddens e até mesmo os clássicos como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, foram/eram ministrados sem referência alguma aos seus trabalhos de pesquisa, o que incomodava bastante, já que antes de entrar no curso o via como possibilidade de adquirir meios para pensar e refletir sobre intervenções práticas no urbano, tendo sempre como norte a realidade concreta.

Finalmente a escolha pelo curso fez sentido a partir da inserção como Bolsista de Iniciação Científica no Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (LASTRO/IPPUR)⁴ coordenado pela Profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro no ano de 2006. Minha inserção no grupo de pesquisa trouxe experiências acadêmicas enriquecedoras, além de potencializar os estudos de meu interesse na graduação, notadamente a questão dos movimentos sociais urbanos através da reflexão sistemática da ação social promovida pelo LASTRO⁵.

Desenvolvi no laboratório atividades relacionadas ao Banco de Ações e Processos Sociais (BAPS) - banco que armazena ações de reivindicação e protesto em metrópoles brasileiras coletadas da mídia impressa - que consistiram no preenchimento sistemático das ações (no meu caso, referente às Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro e Belém) e na revisão e posterior classificação dos novos tipos de ação social presentes no banco.

A partir desta metodologia de pesquisa nasceram dois subprojetos dos quais fiz parte coletivamente “Crime ou Protesto? Uma análise conjuntural das

⁴ O Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território, criado em julho de 1996, no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem, por principal finalidade, a valorização da ação social e dos estudos de conjuntura na pesquisa urbana, no momento em que a reestruturação econômica, apoiada nos fluxos informacionais e em novas orientações administrativas, altera oportunidades sociais, funções metropolitanas e o teor sócio-cultural da vida coletiva. O LASTRO encontra-se organizado em torno de uma proposta de trabalho eminentemente metodológica e transdisciplinar, que inclui o alcance de passagens analíticas, de difícil execução, entre esferas, níveis e escalas da experiência urbana brasileira. No desvendamento de uma metodologia adequada à análise de conjuntura comprometida com a dinâmica urbana, valoriza-se o ângulo da ação, onde outras opções analíticas privilegiam mudanças técnicas e tendências exclusivamente econômicas. Fonte: Site do LASTRO <lastroufrj.com.br>.

⁵ Destaco aqui sem dúvida a importância da relação com pessoas de diferentes origens que conheci no laboratório e que me acolheram fraternalmente como: Ana Clara Torres Ribeiro, Alice Lourenço, Luís Peruci, Tomás Coelho, Michele Souza e Pedro Bernardes.

rebeliões de São Paulo” realizado junto a Tomás Garcia e Pedro Bernardes, que problematizou as rebeliões em São Paulo, buscando identificar o teor de reivindicação e protesto destas e “(In)justiça com as próprias mãos: linchamentos em Belém (2005-2009)”, que realizei junto a Danielle Rodrigues de Oliveira, que problematizou a elevada incidência de linchamentos na Região Metropolitana de Belém dentro de uma perspectiva que os considerou uma reação frente ao descrédito com as instituições do Estado (notadamente a polícia e o poder judiciário).

Além dos trabalhos coletivos, a metodologia do LASTRO, aliada a minha experiência pessoal como morador do município de Nova Iguaçu foram fundamentais para a realização do meu projeto individual no âmbito do laboratório: “Revolta Cidadã: Ruptura ou Continuidade?” em que trabalhei com os protestos por melhorias no bairro de Cacua, entrevistando moradores e líderes do bairro. Essa experiência foi basilar para minha formação como sociólogo, pelo primeiro contato com técnicas de pesquisa (pela ida ao bairro e contato com os moradores, pelo estranhamento do era que comum, pela possível análise do discurso através das histórias que foram a nós contadas). Também foi importante para a reflexão proposta nesse momento, já que voltei minha atenção novamente ao cotidiano da cidade de Nova Iguaçu, que havia “perdido” devido à falta de tempo ocasionada pela “migração pendular” semanal.

Esta “volta” à cidade permitiu perceber o quanto esta havia mudado enquanto viajava diariamente ao centro do Rio de Janeiro. Novos empreendimentos imobiliários e obras realizadas pela prefeitura tomavam conta do seu espaço urbano. O fato dos movimentos sociais da região terem reaparecido na imprensa via protestos do Cacua, demonstrava também que as lutas sociais se desenrolavam no sentido de levar essas mudanças às diferentes áreas da cidade.

Paralelamente, alguns dos amigos músicos que permaneceram na cidade falavam constantemente das possibilidades que apareceram a partir das mudanças de comando na Secretaria de Cultura e Turismo (SEMCTUR), principalmente as experimentações estéticas levadas a cabo pela Escola Livre de Cinema criada por Marcus Vinícius Faustini. Notei que se sentiam à vontade

e estimulados pela sua própria produção cultural, já que sempre tinham para quem (ou a possibilidade de) mostrar o que criavam.

Esses relatos me provocavam duplamente: como artista desencantado, sempre me interessou a possibilidade de participar dos projetos levados a frente pela SEMCTUR e como sociólogo em flor (RAMOS, 1957), o possível levantamento/análise do que tinha sido feito de efetivo na cultura e, de forma destacada, para os jovens da cidade.

O que me atraía, de fato, a partir do relato deles era a ampliação do leque de possibilidades para a juventude sem a saída física e diária da periferia. Nesse sentido, gostaria de demarcar que a direção tomada pelo LASTRO relativa as pesquisas sobre cultura urbana⁶ influenciaram decisivamente este trabalho - pelo enfoque dado aos atores sociais em detrimento da análise de grandes projetos urbanísticos.

Assim, tanto a experiência pessoal como a acumulada a partir dos trabalhos realizados no LASTRO geraram questões que só poderiam ser tratadas, e melhor compreendidas, a partir do presente trabalho. Nesse sentido, o objeto da pesquisa é a mudança conjuntural provocada a partir da relação/interação dos agentes sociais envolvidos na formulação e usufruto das políticas de cultura em Nova Iguaçu. O recorte será a participação da juventude nessas políticas, como aproximam/modificam sua percepção acerca do lugar de moradia; como produzem culturalmente a partir da perspectiva da mudança social; como a “revalorização” da cultura regional e suas relações com a cultura global podem reorientar a luta anteriormente travada nesses espaços.

O objetivo é tentar apreender como a cultura e o acesso a equipamentos culturais chegam à periferia urbana brasileira e qual seu impacto na produção cultural da juventude. Como a cultura e as políticas culturais passam a ter a atual relevância e quais são seus rebatimentos em temáticas clássicas do

⁶ Os debates sobre cultura urbana sempre existiram no LASTRO e faziam parte da linha de pesquisa “Cultura, comunicação e informação” e foram retomadas nos últimos anos através diálogo da Professora Ana Clara com o urbanismo, propositivo e insurgente, de Paola Berenstein Jacques, Lilian Fessler Vaz e Thaís Portela, entre outros interlocutores. Importante destacar, também, a filiação deste trabalho ao projeto “A centralidade popular: cultura e apropriação do espaço no centro histórico do Rio de Janeiro” que visava articular a experiência do LASTRO na pesquisa da ação social à análise de processos sócio-espaciais e à formulação de intervenções urbanas que permitam o enfrentamento da exclusão cultural e da violência simbólica sofridas pelas classes populares no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2008).

planejamento e da leitura do espaço, como a dicotomia centro-periferia. Perceber o quanto as políticas culturais estimulam a participação (e que tipo de participação está sendo estimulada) e contribuem para a formação de sujeitos autônomos e emancipados.

Recorro à literatura acerca da noção de periferia, conforme formulada pela academia e interpretada pelo senso comum. Procuo apreender também a maneira como aparecem nas políticas culturais do Estado, juventude e periferia, e quais as relações possíveis entre estes. Para isso recorro ao texto das leis e programas, as pesquisas realizadas pelo Ministério da Cultura em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e as pesquisas realizadas em torno da temática. Também obtive dados da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SEMCTUR) e entrevistei os sujeitos formuladores e os agentes das políticas/projetos/iniciativas do município de Nova Iguaçu.

Por fim, entrevistei jovens que participaram do Bairro-Escola, Pontinhos de Cultura e das principais iniciativas promovidas pela Secretaria para a juventude: o Jovem Repórter e o Jovem Pesquisador.

A partir da leitura de textos de referência, buscamos, no primeiro capítulo, questionar a tradicional oposição centro-periferia. Nossa percepção parte das mudanças reconhecidas na periferia urbana nas duas últimas décadas. Há uma explosão das periferias que exige um esforço analítico incisivo para que se possa compreender as diferentes facetas de um fenômeno, que transformou as leituras tradicionais em reflexões recorrentes e repetitivas. Destaca-se a emergência da periferia como lugar da cultura e a possível superação através disto de leituras dicotômicas simplistas.

No segundo capítulo, procuramos apreender, ainda que forma rápida, mudanças recentes nas políticas culturais, que atribuem maior peso à diversidade cultural. Uma tendência dos dois governos de Luís Inácio Lula da Silva, que é uma tendência mundial, e não uma exclusividade do Brasil. A tentativa é mostrar como o tema da cultura foi encaixado na problemática socioeconômica, o que poderá vir (ou não) a favorecer a ruptura de leituras homogêneas e autoritárias acerca da cultura e da cidade. Falo, também brevemente, do processo de institucionalização do Ministério da Cultura nos últimos 10 anos (2002-2012).

O terceiro capítulo será dedicado à leitura da diversidade do espaço da cidade de Nova Iguaçu. Olhar a cidade, pensando esta como um espaço complexo e que não é facilmente apropriável através de categorias abrangentes, investigando os elementos da centralidade que nela emergem. Deste modo, analiso o processo eleitoral e os dois mandatos de Lindberg Farias, destacando o papel dos secretários que passaram pela pasta da cultura e a atuação de suas equipes. Em outras palavras, analiso o processo de institucionalização Secretaria de Cultura e Turismo (SEMCTUR).

Por fim, no último capítulo, trabalho diretamente com a juventude que participou das ações da SEMCTUR. Adoto aqui a perspectiva de valorização do Outro promovida pelo LASTRO. Compreendemos, que há uma recorrente atribuição de papéis ao Outro nas políticas sociais/culturais, pela qual se definem de antemão qual é sua carência e suas potencialidades (independentemente deste de uma maneira quase completa)⁷.

Fomos, portanto através dos jovens que participaram das iniciativas da SEMCTUR. Deste modo, propomos investigar, a leitura dos jovens acerca das oportunidades de expressão oriundas das políticas culturais. Percebeu-se, que parte da juventude de Nova Iguaçu realiza através de sua produção cultural, uma espécie de “mixagem”, um híbrido entre o que se espera dela por parte do Estado e seus próprios anseios. Neste sentido, procuramos o jovem ator social para investigar seus anseios e expectativas frente às políticas que chegaram ao município de Nova Iguaçu.

⁷Como exemplo, a atual valorização das políticas culturais no Brasil incluem tentativas de recuperação/valorização de culturas regionais. No entanto, uma juventude que não necessariamente está vinculada a regionalismos e localismos, torna-se responsável pela preservação de elementos culturais que podem não fazer sentido algum para eles mesmos.

2 CENTRO-PERIFERIA: UMA DICOTOMIA/REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM CRISE

Este capítulo procura refletir sobre a dicotomia centro-periferia tal como formulada pelas escolas clássicas do pensamento urbano. É composto pelo diálogo entre a formação enquanto sociólogo e pesquisador do LASTRO (aliadas às subjetividades acionadas enquanto morador da Baixada Fluminense) com a formação propiciada pelo curso de mestrado em Planejamento Urbano e Regional.

A ideia por detrás da reflexão proposta é compreender subjetividades marcadas nos espaços da cidade. A compreensão do espaço é um tema clássico do planejamento urbano, da geografia e do urbanismo, que, com a existência de leituras muito presas à materialidade - produziu análises consideradas problemáticas pela literatura contemporânea - principalmente no que concerne ao ator/sujeito social, que é visto quase como um produto da reprodução desigual das cidades. Em outras palavras, a carência do espaço é vista como carência automática também marcada no indivíduo.

Passaremos rapidamente também por uma análise conjuntural da Baixada Fluminense, já que este é o espaço periférico escolhido para análise. Neste caso específico, este trabalho justifica-se, pois, muitas análises anteriormente produzidas, não dão conta de explicar processos em curso na periferia urbana brasileira, especialmente do caso da Baixada. De um lado como dito acima há a leitura cristalizada e do outro, começam a emergir, interpretações que conectam êxito econômico de forma direta a desenvolvimento social.

A perspectiva adotada, portanto, é uma tentativa de associar as reflexões acerca da temática espacial com a temática do tempo – tempo do Outro e das relações sociais tecidas por ele.

Por fim, procuramos trabalhar com a produção de processos de subjetivação na periferia, que ganham força primeiramente nos 1980 e ressurgem de maneira diferente durante os anos 2000.

2.1 LEITURAS DA PERIFERIA URBANA: RECONHECENDO LIMITES

Falar da noção de periferia urbana exige a reflexão do processo de formação das cidades brasileiras ao longo da segunda metade do século XX. A noção de periferia, consolidada no campo da Geografia e do Urbanismo marxista nas décadas de 1970/80 e incorporada pelo senso comum, qualifica determinados espaços da metrópole pelas carências observadas, entre outras: a carência e/ou ausência de serviços públicos básicos; urbanização não consolidada das áreas públicas; distância do mercado de trabalho e a precariedade da titularidade e propriedade das terras. A categoria síntese dessa problemática foi durante décadas, a “cidade-dormitório” (KOWARICK, 1980; RIBEIRO; LAGO, 1994). Como expressam, Moura e Ultramarini (1996):

[...] Socialmente, as periferias urbanas são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam um ciclo de pobreza difícil de romper” (MOURA; ULTRAMARINI, 1996, p. 11).

Desde a sua incorporação pelo senso comum, a noção tem sido utilizada de forma negativa e relativizada, sempre por oposição a um centro. Seria a relação de proximidade (e, conseqüentemente, afastamento) de um centro que nos revelaria a condição periférica. Sendo assim, a periferia teria que ser analisada não pela intensidade de suas relações locais, mas por relações de dependência e submissão a um centro. O objetivo, portanto, é buscar a compreensão desta noção, descortinar o imaginário acerca das periferias urbanas, suas carências e investigar suas potencialidades. Neste sentido, almejo, ainda que rapidamente, recuperar formas de apropriação da noção de periferia.

O modelo dicotômico centro-periferia foi pensado inicialmente nas Ciências Humanas para clarificar o processo de dominação dos países periféricos pelos países centrais. Por volta da década de 1970, com o

surgimento de estudos inovadores⁸ que relacionaram o crescimento econômico à organização da estrutura urbana, a noção de periferia passou a ser trabalhada em diferentes escalas.

Consolidava-se à época, um processo de urbanização acelerada e concentrada, promovida por um tipo de industrialização que conjugava a modernização dos parques industriais (com maior produtividade) e formas precárias de trabalho, o que levou a uma intensa concentração urbana em toda a América Latina (RIBEIRO; LAGO, 1994).

O Estado, nesse contexto, foi um dos principais atores de um crescimento urbano excludente, a medida que atendia prioritariamente as necessidades do grande capital no que tange a infraestrutura e serviços urbanos, em oposição à falta de investimentos na reprodução da força de trabalho. Além disso, sua ausência no controle do crescimento urbano permitiu que as cidades fossem organizadas segundo os interesses da especulação imobiliária, o que encareceu o preço da terra (RIBEIRO; LAGO, 1994).

Como resultado desta conjuntura, as classes populares - pelo encarecimento do solo próximo aos centros - fixou residência na periferia em áreas não dotadas de equipamentos e serviços. Nesse contexto, consolida-se o modelo centro-periferia, que caracteriza a periferia como espaço de exploração e espoliação (KOWARICK, 1980) dos seus moradores frente às condições de vida oferecidas pelas áreas centrais, ocupadas por segmentos de renda mais elevada.

De fato, a cidade de limites precisos foi fragmentada, perdendo elementos de coesão e legitimidade urbanística, dando lugar a formações territoriais complexase descontínuas. Como destaca Domingues (1995):

[...] A periferia espontânea constrói-se segundo um processo errático, formado por sucessivas adições, fruto de milhares decisões isoladas e de escala e perfil funcional muito diverso: a racionalidade do planejamento é substituída pela dinâmica do investimento privado e pela variabilidade do mercado; a forma urbana resultante é, à primeira vista, não estruturada, caótica, incompleta, labiríntica e instável [...] (DOMINGUES, 1995, p.6).

⁸ Entre estudos destaca-se a primeira incursão de Milton Santos na temática do subdesenvolvimento, intitulado: "A cidade nos países subdesenvolvidos", de 1965.

Como este autor demonstra, consolida-se uma noção que considera a periferia como espaço marcado pela informalidade, presente na ilegalidade da propriedade fundiária, no padrão construtivo e urbanístico irregular, marcado, pela escassa oferta de infraestrutura, pela distância em relação ao núcleo e pela baixa escolaridade de seus habitantes.

Deste modo, a segregação espacial, promovida pelo crescimento das metrópoles, revelaria a sua face social, através da definição da função da periferia: o espaço abriga aqueles que ocupam posição de baixa remuneração/qualificação e que não podem pagar pela habitação dos espaços centrais, apesar de neles trabalharem. Kowarick (1980) observa, que, a periferia, ao possibilitar às classes populares a obtenção de um lote, atenua contradições nas áreas centrais, já que o morador identifica aquele espaço, apesar de segregado, como seu lugar, de seus iguais, e, onde seria possível tornar-se proprietário, adquirindo estabilidade e controle sobre seu destino.

A periferia urbana, partindo dessa matriz analítica acadêmica foi caracterizada, portanto, como um espaço socialmente homogêneo, habitado por uma população de baixa escolaridade, originalmente operária, que autoconstruiria suas casas em lotes comprados às custas de endividamentos de longo prazo. O que por si só, não constitui erro analítico, mas veio a se cristalizar como a visão dominante acerca destes espaços.

Sendo assim, ainda durante o surgimento das primeiras interpretações acerca do espaço periférico, autores como Milton Santos (1979) começam a agir no sentido de romper e qualificar a tradição teórica que relacionava a periferia urbana de forma primordial à sua distância física de um centro e apontar para o estudo de suas particularidades. Santos (1979) destaca que:

[...] A noção de periferia estava até aqui, carregada da noção de distância que constitui, de longe, o fundamento da maior parte das teorias espaciais e locacionais. A essa noção de periferia dita geográfica, é preciso opor uma a outra, a de periferia socioeconômica, se levarmos simultaneamente os lugares tornados marginais ao processo de desenvolvimento e, sobretudo, os homens rejeitados pelo crescimento. Esses homens foram a periferia social dentro do pólo econômico e, se o modelo de crescimento continuar a ser o que é, estão arriscados a, por longo tempo ainda, encontrar aí sua única residência possível [...] (SANTOS, [1979]; 2007, p. 82).

Para Milton Santos, então, a periferia social está incorporada dialeticamente ao pólo econômico, que a segrega dos benefícios do desenvolvimento. O espaço periférico pode ser, portanto, pode ser qualquer espaço segregado, excluído dos benefícios da urbanização, independente de sua distância física de um centro. O que, em parte, explica a inclusão das favelas da cidade do Rio de Janeiro em chaves analíticas que as incorporam à periferia, apesar de estarem perto dos polos econômicos considerados desenvolvidos da cidade.

De fato por detrás do processo de *periferização* se escondem distintas realidades, no que tange a dinâmica social: a importância relativa no mercado de trabalho, do relacionamento com o Estado; valores e expectativas; potencialidades de mobilização política e pertencimento ativo e transformador.

Neste sentido, e para retomar a abordagem clássica, desde esforços de sistematização dos espaços da cidade empreendidos pelos sociólogos urbanos da Escola de Chicago fica claro que nenhuma cidade corresponde fielmente a modelos analíticos.

Os esquemas forjados para o entendimento das cidades e seu crescimento na década de 1920 permitiram perceber que a distribuição dos grupos sociais produzia áreas de relativa homogeneidade socioeconômica e cultural, que são conduzidas pelas escolhas das classes abastadas. A partir dos estudos da denominada ecologia humana também foi possível perceber o quanto o preço da terra é determinante na distribuição espacial das classes populares, que ficam com a porção da cidade com menor acesso aos equipamentos e serviços públicos (BEGOSSI, 1993).

A crítica marxista aos pressupostos da Escola de Chicago⁹, que teve ampla aceitação na produção teórica brasileira, incorporou orientações teóricas da Economia Política aos estudos urbanos. Passou-se a considerar, então, os mecanismos de exploração e opressão gerados pelo modo de produção capitalista, que não aparecem na reprodução quase “natural” das cidades na análise da Escola de Chicago (SANTOS, 2007).

⁹ Os autores marxistas fugiram dos pressupostos da Escola de Chicago, utilizando para explicação da cidade na conjuntura do segundo pós-guerra, outros conceitos, tais como: capitalismo monopolista de Estado, superestrutura/ infraestrutura, lutas de classe, entre outros.

Obra que apresenta os fundamentos dessa crítica no campo da análise marxista, “A questão urbana”, de Manuel Castells ([1972], 1983), revela que a organização espacial citadina está conectada a práticas sociais resultantes de conflitos entre as classes sociais urbanas. Assim, a disputa pelo poder (político, social e econômico) aparece na disputa pelo controle, uso e ocupação do espaço. Cada fração do espaço abrigaria, portanto, representações sociais específicas, estabelecidas através da relação capital-trabalho.

A sociedade dividida em classes através e sob o modo capitalista de produção tem sua materialização mais conhecida naquilo que foi definido como segregação urbana, onde a localização dos indivíduos depende de seu status social e profissional, sua renda e instrução. A segregação urbana se expressa espacialmente através de regiões homogêneas e fortes internamente, porém díspares socialmente. O conceito de segregação urbana torna-se central na compreensão da produção e apropriação do espaço da cidade. Como destaca o próprio Castells:

[...] Da mesma maneira que atualmente admite-se que o centro urbano não tem nada a ver com a centralidade geográfica numa área urbana, e que esta posição central quando ela existe, é o resultado de um processo funcional, deveria ser igualmente entendido que a concentração de certas funções e sua equidistância aproximativa com relação ao aglomerado são apenas as consequências de um processo específico: o da expansão urbana acelerada segundo as leis do mercado [...] (CASTELLS, [1972], 1983, p. 275).

Na visão do autor citado, portanto, a estrutura da segregação urbana sofreria a ação hierarquizada (e hierarquizante) das estruturas da sociedade capitalista. O espaço urbano nessa perspectiva é entendido como uma parte de um sistema de maiores proporções que compreende a formação social do capitalismo (GOTTDIENER, 1997). Assim, a classe dominante (e suas frações), segrega outros grupos sociais a medida que controla o mercado de terras e a incorporação imobiliária. A face marcantedesta segregação na metrópole capitalista é a desigualdade relacionada à habitação e, conseqüentemente, da condição de moradia.

A influência de Castells explica, em parte, a interpretação da noção de periferia, tal como realizada pelos teóricos latino-americanos. A segregação imposta pelo capitalismo dependente na América Latina politizou as relações

econômicas ao máximo (OLIVEIRA, 1982). Com isso, o Estado atuou política e economicamente não como um interventor, mas como um árbitro que mediou conflitos entre as classes e o conjunto dos grupos oligopolísticos. Para Oliveira (1982), a relação entre o Estado e o urbano, só pode ser analisada através das relações entre o Estado e a sociedade civil, através da diversidade dos interesses do Estado e das forças do capital e o conjunto da população.

É possível reconhecer ecos das contradições urbanas, por exemplo, através do processo de construção de moradias destinadas às classes populares no Brasil a partir dos estudos de Melo (1990), Azevedo e Andrade (1982). Com o crescimento urbano-industrial, grandes massas foram deslocadas para as cidades, trazendo à tona a questão urbana. Ao invés de priorizar a promoção direto-imediata de melhorias nos espaços periféricos, o Estado optou conscientemente por acirrar estas contradições, incorporando e/ou cooptando sujeitos na arena política.

A política habitacional, com o amadurecimento do capitalismo, foi pautada pelo atendimento ao operariado urbano e a classe média, dada a formação de uma nova estrutura de classes. No entanto, o objetivo não foi resolver o problema da moradia e de reduzir as contradições sociais; mas, sim, de obter dividendos político-partidários. Os programas de habitação popular, conseqüentemente, resolveram uma parcela ínfima da questão da moradia e os loteamentos periféricos surgiram como uma “solução” plausível, com grande oferta de terras e preços muito baixos, com parca infraestrutura e a possibilidade de construção da casa pelo morador.

O ponto divergente da síntese analítica oriunda de Castells ([1972], 1983) - para a reflexão proposta - é a compreensão da reprodução das relações sociais. Não há uma distinção clara entre a produção da cidade no modo de produção capitalista, que gera sem dúvida uma periferia carente e as relações sociais tecidas nesses espaços. É como se a carência materializada na periferia urbana estivesse naturalmente “acoplada” aos indivíduos.

Não se trata de negar a dialética centro-periferia reconhecida pelo pensamento marxista dedicado ao fenômeno urbano; mas, sim de reconhecer os seus usos instrumentais e a sua absorção pelo senso comum. Usos instrumentais de leituras presas à materialidade permitiram o desconhecimento

da complexidade e colaboraram na despolitização da questão urbana, mesmo que a situação periférica seja denunciada.

Estabelece-se uma recusa da complexidade e, assim, uma tendência a simplificar a realidade social a partir de uma interpretação, também simplista, do espaço. Trata-se de uma aceitação sem críticas do denominado “espacialismo”, com forte rebatimento na construção das identidades sociais e culturais.

Nesse sentido, cabe destacar a contribuição de Lefebvre ([1973], 1983) acerca da segregação. Este autor procura afastar a noção de segregação das noções de diferença e separação. Para ele, a diferença corresponde a relações percebidas ou concebidas, enquanto a separação e a segregação estão ligadas à ideia de rompimento da relação (SANTOS, 2007).

A contribuição conceitual de Lefebvre é construída através do conceito de reprodução das relações sociais. A reprodução ampliada do capital é também a reprodução ampliada das contradições sociais. O essencial, portanto, não é a descrição de processos parciais (como o processo da produção material e a avaliação quantitativa do consumo), mas sim, a análise das relações sociais e da sua reprodução. As relações sociais, portanto, exercem papéis mais relevantes do que a organização espacial das cidades se destina, o que exige o estudo do tecido social das áreas segregadas.

Deste modo, os modelos explicativos que relegam a periferia e seus moradores à margem e como frutos do crescimento urbano desordenado tornam-se simplistas e pouco explicativas já que a periferia carente - considerando as relações sociais na perspectiva lefebvriana - podem tanto conformar as classes populares, à medida que os bairros se reproduzam com os mesmos valores em uma sucessão de gerações; como podem tornar-se um elemento revolucionário na medida em que a exclusão desvelada pelo cotidiano possa se traduzir em luta por direitos e cidadania.

Essa concepção nos leva a criticar às formulações de Castells, já que sua interpretação do urbano - filiada ao estruturalismo - coloca a dinâmica das práticas sócio-espaciais e da própria cidade, como reféns do consumo e o espaço urbano encontra-se encerrado a uma concepção funcional. Como destaca Lefebvre:

[...] Essa vinculação à produção, do espaço em geral e do espaço urbano em particular, abrange somente a reprodução dos meios de produção, dos quais faz parte a força de trabalho. Ora, essa hipótese convém ao capitalismo do século XIX, ao capitalismo concorrencial, cujo problema principal era reproduzir materialmente seus meios de produção (máquinas e força de trabalho) e permitir o consumo dos produtos, ou seja, a compra no mercado. Sistema contratual (o contrato de trabalho), sistema jurídico (o código civil e o código penal) quase bastavam para assegurar, com a venda da força de trabalho, essa reprodução dos meios de produção. É claro que nessas condições o espaço era, então, simplesmente funcional e instrumental. A cidade tradicional tinha, entre outras, essa função de consumo, complementar à produção. Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista deve se defender num front muito mais amplo, mais diversificado e mais complexo, a saber: a reprodução das relações de produção. Essa reprodução das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção: ela se efetua através da cotidianidade, através dos lares e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro [...] (LEFEBVRE, 2008, 47-48)

José de Souza Martins (2000), por exemplo, utilizando a matriz lefebvriana no livro “A Sociabilidade do Homem Simples”, reflete acerca das classes populares e das situações de risco que podem estimular a emergência de uma visão crítica que auxilie a integração social de uma população constantemente ameaçada pelo desgaste de suas condições de vida. Considerando que os indivíduos são capazes de perceber os processos de mudança em que estão inseridos, é possível também considerar a possibilidade de que se tornem sujeitos ativos em lutas que vierem impedir que as mudanças, inevitáveis, reproduzam a injustiça social:

[...] É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E, que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível[...] (MARTINS, 2000, p. 15).

Essa reflexão também aparece em Milton Santos quando propõe a substituição do conceito de território – que só é ativo para os atores dominantes – pelo conceito de território usado (SANTOS, 1994), articulado ao conceito de Homem Lento. Com este conceito, a materialidade não pode mais ser examinada através de leituras que transformem o espaço em substrato da

distribuição de objetos, coisas e técnica. Torna-se indispensável considerar, simultaneamente, espaço e tempo, matéria e ação, técnica e ação, objetos e práticas sociais (RIBEIRO, 2011). Em outras palavras, seguimos a orientação de autores e teorias que não simplificam e/ou reduzem a complexidade das relações sociais.

Por esse caminho analítico, as periferias, consideradas aqui no plural porque tratam-se de muitas e distintas, emergem como possibilidades de transformação, diferentemente do que faz crer o diagnóstico de seus problemas. A possibilidade de mobilização política/cultural de seus moradores e, engajamento, entrada e discussão de projetos e iniciativas culturais, pode ser um trunfo na tentativa de promover coesão e integração social através de iniciativas distantes das soluções padrão aplicáveis a temática da segregação urbana.

2.2 OBSERVANDO VETORES NA BAIXADA FLUMINENSE (TRABALHO, PRINCIPAIS INVESTIMENTOS E FORMAS DA ÚLTIMA MODERNIDADE)

Para refletir sobre a cultura na periferia, faz-se necessário, antes, esclarecer a qual espaço periférico se dedica o estudo. Em nosso caso será destacada a Baixada Fluminense¹⁰. Reconhecendo conceitos cunhados por Milton Santos (2001), esta região sempre foi um espaço opaco, marginalizado, forjado pela produção desigual e combinada da cidade capitalista. Um espaço oposto ao espaço luminoso demarcado pela centralidade cultural e econômica da metrópole, a cidade do Rio de Janeiro. Nos últimos anos porém, embora lentamente, as cidades da região começaram a ser “iluminadas”. Nesse sentido, pretendemos retomar elementos da história da região para melhor entendimento da conjuntura atual.

Entre as décadas de 1960 e 1980 a escassez de investimentos públicos e privados foi a tônica na região, tornando-a distante e subalternizada. No

¹⁰ Há diversos recortes/delimitações da Baixada Fluminense. Nesta dissertação, optamos por considerar os limites consolidados: Duque de Caxias, Mesquita, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis, São João de Meriti, Queimados e Japeri. Além da presença destes em todas as definições da Baixada Fluminense, os municípios possuem características comuns em sua formação histórica.

entanto, nas duas últimas décadas, significativos investimentos alteraram parte da “fisionomia” região¹¹.

Na segunda metade do século XX, a Baixada Fluminense encontrava-se em meio a intensas transformações estruturais - econômicas e sociais – decorrentes da modernização conservadora da sociedade brasileira. O principal fenômeno sócio-espacial relacionado ao padrão assumido pela modernização foi o êxodo rural, o conhecido (e amplamente estudado) deslocamento de grandes contingentes populacionais para as maiores cidades do país nos anos 1950/1960¹² que geraram uma urbanização acelerada, favelização e a periferização do espaço de moradia da classe trabalhadora (RIBEIRO, 2004).

Na Baixada Fluminense, o processo de modernização, aliado ao declínio das atividades agrícolas na região, fez com que os antigos locais de produção fossem transformados em loteamentos destinados à moradia dos migrantes que, ao chegarem ao Rio de Janeiro, não conseguiram recursos suficientes para a habitação na área central.

No Brasil verifica-se na segunda metade do século XX um crescimento vertiginoso, representada pelos números do crescimento da população urbana, que em 1950, era de 18 milhões e em 1980 atinge 80 milhões (FARIA, 1988). Esse crescimento gera mudanças físicas nos municípios - com incremento de população, venda e renegociação de lotes - como podemos verificar nos dados da pesquisa de Julia Adão Bernardes (1983) sobre o município de Nova Iguaçu:

Tabela 1 – Taxa de urbanização no município de Nova Iguaçu por distrito (1950-1979)¹³

¹¹ Cabe destacar que esses investimentos se deram principalmente nas cidades de Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

¹² Desde o começo dos anos 1950, intensificou-se o processo de urbanização no país com tendência a aglomeração populacional. Os núcleos com mais de vinte mil habitantes dobram sua participação no conjunto da população brasileira, passando de 15% para 28,43% entre 1940-1960 (SANTOS, 1996).

¹³ A taxa de urbanização para o IBGE é a percentagem da população da área urbana em relação à população total. Faz parte de um conjunto de indicadores sociais para compor uma base de dados nacionais mínima (MNSDS). O MNSDS tem como um de seus objetivos permitir o acompanhamento estatístico dos programas nacionais de cunho social. O MNSDS é resultado de uma ampla consulta técnica a inúmeros países e organismos internacionais. Tem como algumas de suas principais recomendação a de se utilizar tão-somente dados provenientes de fontes estatísticas regulares e confiáveis e a de desagregar os dados por

ÁREA	1950	1960	1970
Nova Iguaçu	53,40	71,66	99,61
1ª Sede	64,50	81,55	100,00
2ª Queimados	27,18	58,35	100,00
3ª Cava	9,82	19,35	90,58
4ª Belford Roxo	54,45	59,61	100,00
5ª Mesquita	-	13,98	100,00
6ª Japeri	-	13,98	100,00
RMRJ	90,13	90,52	96,58

Fonte: Censos Demográficos de 1950, 1960 e 1970 (BERNARDES, 1983).

Nessa conjuntura, os municípios da Baixada Fluminense tornam-se exemplos clássicos da *periferização* da classe dominada (VILLAÇA, 2001) nos moldes descritos no item anterior, reunindo problemas comuns às periferias do país. Nesta época, como em outras regiões brasileiras, foi comum a chegada/atração de grandes contingentes populacionais - que necessitavam de habitações de baixo custo com possibilidade de autoconstrução, fuga dos altos aluguéis e do custo de vida no núcleo da metrópole. Conformaram-se, assim espaços social e economicamente desvalorizados.

Cabe destacar, que há um diferencial na Baixada Fluminense. Os altos índices de criminalidade que contribuíram para a estigmatização da Baixada Fluminense em especial. Segundo Alves (2006), a região foi marcada pela já compartilhada segregação social da classe trabalhadora e também pela violência expressa nos aproximadamente dois mil assassinatos/ano¹⁴.

Tabela 2: Taxa de Homicídios por 100 mil habitantes dos Municípios da Baixada Fluminense (2002)

Município de residência	Homicídios ¹ Dolosos Estimados	População residente ² 2002	Taxa por 100.000 hab.
Belford Roxo	387	456.559	84,69
Duque de Caxias	631	806.133	78,25
Japeri	64	88.544	72,56
Mesquita	109	173.801	62,56

gênero e outros grupos específicos observando sempre, entretanto, as peculiaridades e prioridades nacionais.

¹⁴ Em 1997, Duque de Caxias aparecia em 14º lugar no ranking das 100 cidades mais violentas do país, com 76,6 homicídios por 100.000 habitantes; Belford Roxo em 19º, com 73,1; São João de Meriti em 22º, com 72,4; Nilópolis em 24º, com 70,5; Queimados em 26º com 69,4; Japeri em 37º, com 61,8 e Nova Iguaçu em 38º, com 61,2 (TOLEDO, 1999).

Nilópolis	113	152.595	74,33
Nova Iguaçu	591	791.096	74,75
Queimados	88	128.950	68,17
São João de Meriti	340	456.701	74,52
Baixada Fluminense	2.637	3.597.734	73,29
Rio de Janeiro	3.644	6.010.004	60,64
Região Metropolitana	7.524	11.247.424	66,89
Estado do Rio de Janeiro	9.286	15.425.822	60,20
¹ Declarações de óbito - SUS/Ministério da Saúde ² Projeção populacional obtida através do Censo 2000/ IBGE			

Fonte: Ribeiro (2005) com adaptação dos dados ao recorte proposto aqui para a Baixada Fluminense.

Aliadas às contundentes estatísticas, também foi construída a imagem, como destaca Enne (2004) - pelos jornais impressos de grande circulação - que consolidaram um imaginário associado, principalmente, à violência e ao “desmando público”. É interessante notar, porém, que durante a década de 1990, é iniciado um processo de relativização da imagem negativa construída nas décadas anteriores. Contribuem para este processo, o aumento dos investimentos na região, a reorganização do mercado de trabalho e a emergência de um forte setor de serviços. Dentre os fatores contribuíram para os novos investimentos na Baixada Fluminense, entre os quais destacamos três principais:

- 1) A proximidade de rodovias federais que possibilitam a circulação de mercadorias, como a Rodovia Presidente Dutra, Avenida Brasil e a Washington Luiz. Importante assinalar também, a possível virada na posição econômica da região a partir da inauguração da Via Expressa Presidente João Goulart (Linha Vermelha), em 1992. Essa via, possibilitou aos municípios de Duque de Caixas e Nova Iguaçu a obtenção de posição privilegiada na circulação de bens e serviços, atraindo investimentos privados, além de modificar a percepção da distância com relação ao núcleo da metrópole¹⁵
- 2) A implantação recente do Pólo Gás-químico junto à REDUC já consolidada em Duque de Caxias, dos complexos industriais de Japeri e Queimados, e da

¹⁵Importante destacar também a construção do Arco Metropolitano, aguardada por diversos empresários. O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro será uma rodovia de pista dupla que vai unir a BR-101, na altura do município de Itaboraí, ao porto de Itaguaí, contornando toda a região metropolitana do Rio de Janeiro cortando as principais rodovias que servem à metrópole (Presidente Dutra, Rio-Bahia, Rio-Belo Horizonte-Brasília e a própria BR-101, ao norte a ao sul da capital).

Usina termoeletrica TERMORIO

3) Presença da iniciativa privada na criação de shoppings centers, como: o Grande Rio Shopping, localizado no município de São João de Meriti; Top Shopping localizado em Nova Iguaçu, Caixas Shopping em Duque de Caxias e, também na instalação de indústrias e fábricas: a Ebamag Logística; Geoplan, Metalúrgica Barra do Pirai e Bayer em Belford Roxo e, em Nova Iguaçu a Embelleze.
--

Como exemplo da nova imagem em elaboração da Baixada Fluminense, destacamos um infográfico (FIGURA 1, ANEXO I) publicada no Jornal O Globo, em 2006, na matéria “Baixada na rota do desenvolvimento”, que apontava os principais vetores de possíveis investimentos na Baixada. Neste infográfico são destacados diversos investimentos como os acima.

Essa valorização do solo urbano da zona “periférica” impõe novos padrões a oferta de serviços, incluindo universidades públicas e privadas e, até mesmo, áreas de compras como shopping centers. Entre estes novos investimentos destacamos o aquecimento também do mercado imobiliário e o crescimento da construção civil na região¹⁶. Os condomínios localizados geralmente no centro dos municípios, foram construídos para atrair as elites locais com “Porte de condomínios da Barra da Tijuca, estilo nobre”, como nos diz a propaganda do condomínio Acqua da construtora GAFISA¹⁷ (FIGURA 3, ANEXO I), localizado na área central de Nova Iguaçu. No entanto, embora insiram a Baixada Fluminense na lógica efervescente do consumo (RIBEIRO, 2006), esses investimentos são incapazes de apoiar a superação da maioria dos problemas da região.

É óbvio que não ligamos os investimentos da iniciativa privada com a resolução de questões do âmbito das políticas públicas. O problema central é quando o Estado aparece subsidiando, defendendo e considerando como propaganda estes investimentos privados.

Ou seja, nossa crítica, é a saída de cena do Estado para que o capital privado faça o seu planejamento urbano.

¹⁶Impressiona o fluxo de recursos oriundos da construção imobiliária, sabe-se que a movimentação entre o mercado imobiliário e a economia local gera, segundo dados da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), R\$ 2,5 bilhões. (SOUZA, Jornal o Dia)

¹⁷O imóvel mais barato do condomínio Acqua custa 170 mil reais. Além deste empreendimento, existem mais projetos em bairros de Duque de Caxias e mesmo em Nova Iguaçu onde apartamentos podem chegar ao valor de 300 ou 500 mil reais.

Os municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias¹⁸ estão, segundo dados do IBGE (2008), entre os 100 maiores Produtos Internos Brutos (PIB)¹⁹ municipais do país no ano de 2008. Apesar disto, a inclusão efetiva da população neste dinamismo econômico não é notada.

Em oposição à análise do PIB, propomos mirar - mesmo sabendo de todos os limites destes indicadores e o quanto estes se mostram limitadores em lutas práticas - no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nos municípios brasileiros. Nenhum município da Baixada Fluminense figura nem entre os 250 primeiros (ONU, 2010).

Os primeiros municípios a aparecerem são Nova Iguaçu na posição 1538^o e Duque de Caxias na posição 1791^o. Nota-se, portanto, que mesmo com êxito econômico, o quadro social desses municípios permanece inalterado.

Para fins de parêntese e exemplo, a região tem sido alvo de estudos na área econômica. Dentre estes, se destacam os realizados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Durante a década de 2000, foram desenvolvidos uma série de estudos/eventos relacionados às potencialidades da Baixada como receptora de investimentos. Em um desses, com presença dos prefeitos da Baixada, pode ser reconhecida a transformação de imagem da região, incluindo os interesses que a sustentam atualmente:

[...] A Baixada tem um potencial enorme e vai ser um grande participante desse futuro do Rio de Janeiro. A gente vai ver novas empresas chegando, novas casas sendo construídas, pressão por novas rodovias. Mas, também uma série de desafios, que inclui a questão de água, a questão de saneamento, a mobilidade urbana. Tudo isso pode, precisa ser tratado desde já [...]. (BARBOSA, Cristiano, em entrevista ao site G1²⁰).

Embora não atente especificamente para a enorme presença das classes populares na Baixada Fluminense, a fala de Cristiano Barbosa, ressalta a posição importância da Baixada na Região Metropolitana, já que fazem parte

¹⁸Vale destacar que a posição de Duque de Caxias se deve, em grande parte as atividades da Refinaria de Duque de Caixas (REDUC) e, também, à indústria de transformação e comércio atacadista, seguidos de outros setores como transportes e instituições financeiras (TCE, 2006).

¹⁹Duque de Caxias aparece na 8^o posição e Nova Iguaçu em 48^o no ranking dos PIBs municipais.

²⁰"Prefeitos discutem futuro do RJ em seminário na Baixada Fluminense", G1, publicado em 15/08/2011. Disponível em <g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/prefeitos-discutem-futuro-do-rj-em-seminario-na-baixada-fluminense.html>. Acesso em 21/08/2011.

dela agora áreas que desempenham funções relevantes para a circulação do capital.

Apontamos para a perversidade deste processo que desconsidera carências coletivas.

Deste modo, torna-se preciso questionar a representação tradicional da periferia e como se modificam sua inserção e relações com a metrópole. Já que, notadamente, Duque de Caxias e Nova Iguaçu tornaram-se potências econômicas regionais. No entanto, estes municípios permanecem atrelados à noção clássica de “periferia” no que diz respeito a cultura, ao lazer e à política.

Em geral, os investimentos dos últimos anos não são capazes por si sós de resolver a questão social, pois, não existe um projeto claro e, logo, compromisso político com a superação da exclusão social e promoção da cidadania. No próximo item, analisamos alguns desses processos subjacentes ao crescimento das cidades periféricas.

2.3 ESGOTAMENTO DAS DICOTOMIAS E A EMERGÊNCIA DA PRODUÇÃO CULTURAL

Nas décadas de 1970/80, como demonstrado, a maioria dos estudos acerca dos espaços segregados das metrópoles seguiram a influência da questão urbana tal como formulada por Castells, permitindo a consolidação do modelo centro-periferia.

Porém, ao longo das décadas de 1990/2000, começa a ser reconhecida uma série de mudanças em curso nas periferias, com o aparecimento de centros de comércio e serviços bem estruturados; a ampliação de imóveis destinados às classe média e alta e a expressiva instalação de novas indústrias, o que obriga ao reconhecimento dos limites da noção consolidada.

Assim, ainda na década de 1980, são realizados estudos que destacam transformações que tiveram como principal vértice a ampliação de espaços residenciais para as classes médias, que buscam as periferias devido ao processo de proletarização oriundo do arrocho salarial, da perda de oportunidades de trabalho e dos elevados índices de inflação.

No decorrer dos últimos vinte anos essa chave interpretativa foi adensada pelas pesquisas de Polli (2006), Caldeira (2000) e Lago (2007), que destacaram, a instalação de condomínios de luxo e espaços industriais integrados à fluxos econômicos mundiais. É reconhecida, então, a formação de uma “periferia rica” (PAVIANI, 1996) e um novo padrão de segregação, latente e potencialmente conflituoso, já que a distância física entre ricos e pobres é cada vez menor (CHAMBOREDON; LEMAIRE, 1970).

Este novo quadro resulta, de um lado, da redução da influência do Estado no planejamento urbano e da emergência, de outro lado, da ação do capital imobiliário. A composição dos municípios identificados pela função residencial é alterada para atender a um público diversificado. A paisagem da periferia, apesar de preservar os loteamentos populares, conjuntos habitacionais e as casas autoconstruídas, reflete a penetração de novos agentes econômicos (ANEXO I, FIGURA 2) responsáveis pela produção de objetos urbanos relacionados às novas formas de produção, distribuição e consumo, tais como: shoppings, parques tecnológicos, grandes redes de varejo, centros de convenções e exposições.

São claras, portanto, as mudanças ocorridas nas últimas décadas: centros industriais, comerciais e de serviços empregam hoje mão-de-obra dos próprios municípios periféricos; a arquitetura começa a se verticalizar e sofisticar; o papel desempenhado pelos distritos-sede se parecem cada vez mais, no que concerne a funções, concentração de renda e importância econômica com os núcleos com que mantêm relações de dependência (LAGO, 2007).

Embora historicamente a heterogeneidade de situações periféricas seja imensa, a desvalorização simbólica (BOURDIEU, 1999) da periferia permitiu/permite a consolidação de mecanismos de discriminação e de preconceitos, com apoio em imagens homogêneas. Na literatura especializada, a aproximação entre conceitos e senso comum congelou por muitos anos a análise da periferia, já que haviam cidades que, apesar de, não se adequarem às características do centro metropolitano²¹, exerciam funções centrais para

²¹Segundo Lago (2007), não foram diferenciados bairros vinculados à indústria de bairros ‘populares’, que concentravam prestadores de serviços sem qualificação e nem a ascensão de bairros de classe média que cumpriam as funções de centro para essas áreas.

outras cidades periféricas. Para os moradores, permanece o estigma cristalizado no imaginário urbano dominante. São os que moram na “cidade-dormitório”, *locus* do precário, mesmo que as cidades apresentem um novo dinamismo socioeconômico e, em alguns casos, nem lembrem as características materiais e imateriais dos anos 1970.

Ojima, Silva e Pereira (2007), por exemplo, com base em análise dos dados dos Censos Demográficos de 1980 e 2000, apontam para a reconfiguração das periferias. Levando em consideração os movimentos pendulares (o deslocamento diário para o trabalho noutro município) é possível reconhecer que a estigmatização das periferias, que gera impactos nas identidades sociais, transcende os dados da realidade social imediata. Se considerarmos cidade-dormitório como aquela em que mais de 20% da população economicamente ativa trabalha em outro município²², apenas 7,4% dos 5.507 municípios brasileiros poderiam ser reconhecidos como ajustáveis a essa denominação.

Mesmo que seja recorrente o predomínio da população pobre e que diversos movimentos tenham agravado as desigualdades sociais, não é possível considerar, como o exemplo acima demonstra, a permanência cristalizada da estrutura urbana identificada nessas áreas. Ao contrário, torna-se indispensável refletir as periferias em sua complexidade, enredadas em relações com o núcleo tradicional e com a região que as abriga. Tendo em mente as transformações relatadas, se faz necessário pensar as periferias de um modo em que sejam compreendidos processos de transformação atualmente em curso. Evidências aparecem por toda parte de que a representação corrente da periferia como lugar de subserviência está ultrapassada.

Nessa direção, cabe dizer que, enquanto as análises sociológicas, geográficas e urbanísticas tomavam como ponto de partida mecanismos estruturais ou de natureza econômica, a antropologia²³ se debruçava sobre o

²²Definição proposta pela antiga Fundação CIDE, hoje, fundação Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ).

²³Destacamos a Antropologia da Universidade de São Paulo e autores como Durham (1986), Teresa Pires do Rio Caldeira (1984), Frugóli (2005) e Magnani (2006). Destacamos, ainda, um trabalho seminal nesse tipo de abordagem eminentemente etnográfica e microsociologia, o livro “Quando a rua vira casa” (MELLO, VOGEL ; FERREIRA DOS SANTOS, 1981). Ainda é

espaço periférico para investigar atores, modos de vida, cotidiano, formas de lazer, identidades culturais, mobilizações coletivas e processos de subjetivação (NASCIMENTO, 2010). Na perspectiva de Magnani (2006), estudos antropológicos buscaram ver a cidade “de perto e de dentro”, valorizando o ator social, em contraste com as análises orientadas pelas outras disciplinas sociais:

[...] Observa-se a ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade [...] A bem da verdade, não é propriamente a ausência de atores sociais que chama a atenção, mas a ausência de certo tipo de ator social e o papel determinante de outros. Em algumas análises, a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista; mudanças na paisagem urbana, propostas de intervenção (requalificação, reciclagem, restauração), alterações institucionais não passam de adaptações às fases do capitalismo que é erigido, na qualidade de variável independente, como a dimensão explicativa última e total [...]. (MAGNANI, 2006, p.49).

A partir das pesquisas antropológicas, o modelo dicotômico centro-periferia começou a ser relativizado por conta da percepção dos estilos de vida diversificados entre os bairros urbanos; no aparecimento de favelas nas áreas tidas como centrais e impenetráveis; no deslocamento das classes privilegiadas para condomínios de luxo ao redor de áreas periféricas, e a formação de “periferias consolidadas” (SARAIVA, 2008). Assim, foram ressaltadas outras dimensões da vida nos espaços urbanos, tais como: o impacto dos níveis de emprego e desemprego, características dos domicílios, índices de violência, distância ou má qualidade dos equipamentos de saúde e da rede de ensino, entre outros, foram colocados em pauta.

Com o surgimento de novos conteúdos na análise da periferia, cria-se um campo temático, a qual esta dissertação se filia, que dá destaque à produção cultural periférica como um fenômeno contemporâneo relevante, ressaltando especialmente o que prolifera à margem da indústria cultural hegemônica, tais como aqueles articulados a partir de estilos musicais, como o tecnobrega paraense e o funk carioca (VIANNA, 1997).

Segundo Frúgoli Jr. (2005), o desafio que está posto é a produção de análises que avancem no entendimento do que se modifica e/ou permanece com relação à periferia nos níveis conceitual e contextual, dado a multiplicação de diferentes expressões urbanísticas e socioculturais. Tornam-se necessárias novas perspectivas teóricas e recortes temáticos que ajudem a explicar não só a configuração sócio-espacial, mas que considerem a presença de movimentos culturais, que “por meio de elaborações estéticas articulam uma espécie de singularização da periferia cuja novidade consiste na representação local”²⁴ (FRÚGOLI JR, 2005).

Ao mesmo tempo em que a observação do espaço e do cotidiano periféricos resultou em análises que buscam superar um discurso homogeneizante sobre práticas e problemas sociais, trouxe também à tona uma visão propositiva em que ‘ser da periferia’ significa participar de um *ethos* que inclui uma capacidade para enfrentar as duras condições de vida quanto pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar gostos e valores (MAGNANI, 2006). Trata-se da formulação de parâmetros analíticos que serão considerados, inclusive no que concerne a potencial criação de novas homogeneidades sociais.

Assim como a abordagem dos movimentos sociais se tornou significativa para a compreensão do tema da periferia nas décadas de 1970 e 1980, acreditamos que a emergência de uma proeminente produção cultural das periferias (realizadas com ou sem ajuda do Estado) pode ser um caminho para a análise de transformações sociais atuais. Esses atores vêm conquistando presença na cena política, apresentando questões e demandas diferentes das tradicionais (por infraestrutura e serviços básicos), reivindicando políticas culturais específicas e estabelecendo conexões tanto entre sujeitos periféricos como, também, entre estes e representantes dos centros geográfico, político e cultural.

2.4 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA PERIFERIA URBANA BRASILEIRA

²⁴Como destaca Domingues (2010), reunindo produção cultural e engajamento político, há mais de 20 anos, artistas ligados ao hip hop foram os primeiros a despertar o interesse acadêmico por terem sido pioneiros em produzir, coletivamente, discursos sobre a periferia a partir de interpretações dos mecanismos de marginalização social, transformando-os em arte plástica, dança e música.

Como dito acima os grupos culturais periféricos talvez sejam motores para análise das transformações sociais atuais. Pensamos nessa afirmação nos reportando às análises de Nestor Canclini (2004) sobre a hibridização da cultura contemporânea. Para este autor é necessário que analisemos a produção de bens simbólicos por parte destes movimentos sociais, ao mesmo tempo, que pensar sua atuação política e cultural. O autor também assevera que existe hoje uma transnacionalização de bens simbólicos que derruba antagonismos ainda vigentes no senso comum, como por exemplo a possibilidade de hibridização entre ações locais/regionais com ações globais.

Nesse sentido, a compreensão de experiências urbanas anteriormente comuns é afetada por fluxos globais de informação, sem que se necessariamente estejam perdidos valores locais. Os dois tipos de informação e formas de conhecer/representar o mundo coexistem, muito embora isso não aconteça tranquilamente.

No que foi denominado como fluxos globais de informação destaca-se como principal vértice a *internet*, ferramenta técnica-informacional amplamente utilizada pelos grupos culturais periféricos. É difícil pensar - considerando as teorias tradicionais sobre a periferia - o papel da *internet* hoje, até porque há um deslocamento de "lugar" que não necessariamente tem a ver com movimentação no espaço geográfico.

A inserção no mundo virtual possibilita acesso a conhecimentos que, sem ela, não seriam possíveis. Esta tecnologia permite o acesso e experimentação cultural em um ambiente não hierarquizado, uma fuga dos constrangimentos simbólicos que por ventura viessem a acontecer se a opção fosse ter que ir fisicamente ao centro da metrópole.

Portanto, os movimentos culturais surgem nos anos 2000 com ligações e conexões virtuais que permitem/propiciam acesso aos jovens dos espaços periféricos, elementos culturais globais vis-à-vis a elementos locais, dentro de um ambiente favorável à troca de experiências menos ligadas à práticas de mercado/consumo.

Grupos culturais periféricos como 1daSul²⁵ e a Cooperifa²⁶ (ANEXO I, FIGURAS 4 e 5) em São Paulo e o Movimento Enraizados²⁷ e projeto Reperiferia²⁸ (ANEXO I, FIGURAS 6 e 7) no Rio de Janeiro, entre outros, foram fundamentais para a emergência de manifestações culturais periféricas que se distanciaram de um modo de subjetivação ligado exclusivamente às desigualdades sociais provocadas por processos econômicos e a inserção desigual no mundo do trabalho.

A importância desses grupos está justamente na exposição de imaginários diversos, através de manifestações culturais com potencial transformador.

O surgimento destes grupos, se não resolvem o problema da visão consolidada que existe sobre as periferias no senso comum, abre, mesmo que de forma inicial, um campo de disputas simbólico e uma resistência que questiona o poder exercido por essa mesma visão na produção de subjetividades sempre aliadas a produção e ao consumo. Interessante notar o quanto estes grupos atingem visibilidade com suas ações, que aparecem

²⁵Segundo Ferréz, o fundador da 1daSul, em seu site oficial, esta é “uma marca que cria e produz cultura de periferia com foco na transformação social. A missão é fomentar a economia da periferia através da produção e comercialização de produtos culturais. Fundada em 1999, a 1dasul foi, desde o início, uma marca desenvolvida por talentos urbanos. Seu nome vem de sermos todos 1 pelo mesmo ideal. A marca, com o tempo, se tornou uma resposta do Capão Redondo para a violência, provando que lutamos por um lugar melhor. Temos agora nosso próprio símbolo: o logo da 1dasul tem o ideal de ser o brasão do nosso povo”. Existe também a grife da 1daSul que “por meio do Instituto 1daSul, patrocina quermesses, festas comunitárias, shows de hip-hop, além de oficinas e palestras literárias, e ajuda a manter projetos sociais na Zona Sul de São Paulo, como a Ong Interferência, que apoia 104 crianças. Por isso, quando pôr a 1DASUL no corpo, saiba que você está vestindo uma ideia de mudança; você está somando para a autoestima do nosso povo”. Fonte: Site 1daSul <1dasul.com.br>. Acessado em 15/12/2011.

²⁶Cooperiferia é uma organização que surgiu a partir de um sarau criado pelo poeta Sérgio Vaz em 2001 e tem como objetivo, difundir cultura e sensibilizar pela qualidade de vida nas favelas e áreas periféricas. Sérgio promove outros eventos pela Cooperifa: Cinema na Laje, Poesia no Ar, entre outros. Sérgio Vaz tornou-se uma espécie de “cara da periferia”, com ações e discursos que influenciam São Paulo. Tem um livro publicado, “O Colecionador de Pedras” (2007) e um *blog*<coleccionadordepedras1.blogspot.com>. Fonte: Site da Cooperifa <cooperifa.blogspot.com.br> e Vila Mundo <vilamundo.org.br>. Acessados em 15/12/2011.

²⁷O Movimento Enraizados foi criado com o intuito de colocar em contato pessoas de todo o Brasil que praticassem as artes integradas do hip hop (*rap, break, dj e graffiti*), divulgando cada artista e promovendo a cultura e a inclusão social através da militância nas periferias das grandes cidades. Pensando nessa nova forma de interatividade, diversas ferramentas foram criadas para a comunicação “com” e “entre” os integrantes do hip hop, comunicação esta que cresceu ainda mais a partir da criação do Portal Enraizados na Internet <enraizados.com.br>, no ano 2000, colocando a organização como referência juvenil na comunicação alternativa. Fonte: Site do Movimento Enraizados. Acessado em 15/12/2011.

²⁸O projeto Reperiferia tem como objetivo criar uma expressão estética e econômica da periferia da cidade e um projeto pedagógico com foco de ação em práticas culturais para a juventude. Fonte: Site do projeto <reperiferia.com.br>

constantemente nos meios de comunicação tradicionais (ANEXO I, FIGURAS 8 e 9). Há portanto, uma busca por processos de singularização, valorização da sensibilidade e criatividade da experiência popular.

A diferença fundamental, portanto, entre os grupos que surgem na última década e os movimentos sociais dos anos 1970/1980 é a sua capacidade de lidar com a informação, divulgar seus textos, eventos e sua articulação rápida com movimentos mais amplos, utilizando a “tática do inimigo” a seu favor, de baixo para cima.

Importante destacar que estes movimentos foram pensados e iniciados antes da retomada do Ministério da Cultura (MinC) e é necessária uma análise mais detalhada de como se constroem essas relações. No entanto, o que importa para a análise proposta, não é considerar esses grupos surgidos na periferia como instrumentos de ruptura imediata com a exclusão e segregação urbanas, mas o surgimento de uma visão propositiva, formulada pelos próprios habitantes da periferia urbana sobre seu local de moradia e vivência.

Nesse sentido, valoriza-se a junção de modo de vida/comportamentos coletivos, valores e práticas dos membros das classes populares situados nos bairros periféricos e manifestações artísticas que retratam singularidades e produzem modos singulares de sentir e pensar o mundo. Valores e identidades que emergem no cenário nacional e estabelecem campos de disputa que desacortinam/descomprimem imaginários sobre a cidade sempre relegados às sombras e inaudíveis.

ANEXO I



FIGURA 1. Infográfico retirado da dissertação de Santos (2008) - Distribuição dos investimentos em seis municípios da Baixada. Os investimentos nos municípios destacados promovem uma reorganização econômica da Baixada Fluminense. Fonte: Jornal O GLOBO - 25/06/2006



FIGURA 2. Foto retirada do viaduto Mario Guimarães ao lado do Terminal Rodoviário de Nova Iguaçu, retrata o que procurei expressar no texto. Condomínios de alto luxo no centro de Nova Iguaçu e construções irregulares no morro.

Acqua Seja para morar, seja para investir

Unidades com Até 17% Desc.

RAIA JOGOS ADULTO

SALA DE MÚSICA FESTAS ADULTO

BRIQUETEIRA SAUNA GOURMET FITNESS

2 e 3 Quartos com Suíte 4 Quartos com 2 Suítes e 2 Vagas Av. Abílio Augusto Távora Centro - Nova Iguaçu

Gafisa Vendas: 7857-1870 / 7884-2897

FIGURA 3. Folheto do condomínio Acqua, distribuído em 2010 no período de início da pesquisa. Importante atentar para o slogan “Seja para morar, seja para investir”, que abre caminho para especulação imobiliária na região. Fonte: Reprodução escaneada da divulgação entregue ao autor na rua.



FIGURA 4. Símbolo da 1daSul e a da Cooperifa, organizações culturais da periferia paulistana. Fonte: sites dos dois projetos



FIGURA 5. Sarau da Cooperia. Fonte: Jornal Folha de São Paulo <folha.uol.com.br/ilustrada/976574-cooperifa-mistura-todos-os-versos-e-leva-ate-estrangeiro-a-periferia.shtml>. Acesso em 15/12/2012



FIGURA 6. Enraizados no workshop de rap promovida pela UFRRJ, campus de Nova Iguaçu. Fonte: Site do Movimento Enraizados. Acessado em 3/06/2012.



FIGURA 7. Nova logomarca do projeto Reperiferia, divulgada por Marcus Vinícius Faustini através da rede social Instagram <[instagr.am/p/LTFyJjH6e](https://www.instagram.com/p/LTFyJjH6e)> Acesso em 03/06/2012.



FIGURA 8. Caderno Rio Show do Jornal, O Globo dedicado à produção cultural periférica. Fonte: Jornal, O GLOBO – 27/08/2010.

FIGURA 9. Matéria do Jornal O Globo dedicada ao destaque de coletivos artísticos fora da Zona Sul do Rio de Janeiro. JORNAL O GLOBO – 07/11/2010.

3 VALORIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA DIVERSIDADE CULTURAL: POTÊNCIAS E DEBILIDADES

Este capítulo versa sobre a centralidade da cultura nas políticas governamentais a partir dos anos 2000, com a ascensão da temática diversidade cultural na pauta das grandes organizações mundiais. Busca, também, reconstruir historicamente o cenário que se consolidou no Brasil a partir de 2002, com o governo Lula e a gestão de Gilberto Gil e Juca Ferreira a frente do Ministério da Cultura (MinC). A compreensão desta conjuntura, nos permitirá dissertar mais adiante sobre municípios que decidiram alinhar-se ao modelo de gestão proposto.

Ressaltamos a importância que a cultura ganha nos últimos dez anos no Brasil, levando em consideração que esta foi sempre relegada à segundo plano no campo político. Este desinteresse, sobretudo nos anos 1990, se deu pela opção em gerir uma política de governo e/ou de Estado na pasta baseada na “entrega” das suas possibilidades de gestão à iniciativa privada.

Na gestão Gil/Juca há uma tentativa de retomada da formulação de políticas culturais por parte do Estado e a retomada da participação popular. Grande marco desta gestão é o Programa Cultura Viva/Pontos de Cultura, abraçado por boa parte dos agentes/agitadores/produtores culturais.

De fato, foi alcançado o objetivo de adesão popular às políticas culturais com a descentralização da gestão a partir dos editais. No entanto, apesar destes avanços, tais políticas conseguiram resultados mistos quanto a diminuição do acesso desigual à cultura. Já que apesar da criação de mecanismos democráticos - que afastaram em parte a política cultural da órbita do clientelismo - criam-se mecanismos de captura da cultura por empresas especializadas.

3.1 A CENTRALIDADE DA DIVERSIDADE CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS BRASILEIRAS

As políticas culturais nos últimos dez anos têm sido marcadas pela tentativa de resgate do Estado enquanto agente formulador e implementador.

No entanto, antes de nos debruçarmos sobre as diretrizes dessas políticas e em suas relações com a periferia urbana, apresentaremos alguns elementos da atual centralidade da cultura.

Nos anos 2000, modificam-se as palavras de ordem do setor. A diversidade cultural e seus desdobramentos (multiculturalismo, política descentralizada e participação popular, para citar algumas) emergem como conceitos, diretrizes e mecanismos, que, de alguma forma soam como imediatamente justos, democráticos e progressistas.

O conceito-chave neste debate é o de diversidade cultural. Este conceito surge a partir da tentativa, depois de duas guerras mundiais, de criação de organismos internacionais que estabelecessem acordos internacionais que regulassem a exploração e valorização, da cultura pelos Estados nacionais²⁹.

Entre estes organismos está a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criada em 1946, que tem como principal função “reduzir obstáculos e estabelecer uma filosofia de ação comum” (UNESCO, 1946). O tema da diversidade cultural, neste âmbito, visa garantir a autonomia cultural dos Estados Soberanos, constituindo-se no principal mecanismo para a valorização e preservação da distinção entre as culturas nacionais.

O conceito de diversidade cultural possui dois eixos principais. O primeiro refere-se a uma sociedade específica, na qual as pessoas possuem características culturais heterogêneas e que, em conjunto, constroem uma identidade nacional. A preocupação é com a garantia de direitos individuais, da democracia cultural e da busca da igualdade para as minorias. A segunda está inserida no contexto mundial das trocas de bens e serviços culturais, buscando-se um intercâmbio equilibrado entre países (SERFET, 2006).

Nos anos 2000, o debate estimulado por essas orientações institucionais transparecem reações das nações “dominadas” culturalmente. A medida que se adensam as políticas liberais, orientadas pelo princípio do livre comércio,

²⁹Imprescindível citar *Raça e História*, artigo de Lévi-Strauss, que foi escrito por uma encomenda da UNESCO nesta conjuntura (da II Guerra Mundial – que foi motivada pela ideia de ‘superioridade racial’ e cultural) Neste livro, encontram-se importantes discussões sobre a ideia de “diversidade cultural” e de “progresso” nos anos 1950, um período fundamentalmente marcado pelo debate que inflamava a partir da ideia de “raça”, tal como até pouco tempo poderia ser no caso de se qualificar “qualidades” de distintas “culturas”.

umenta a desilusão frente à globalização como promotora de acesso justo e plural à cultura³⁰.

Ameaças concretas às culturas locais são identificadas por diversas nações, que reivindicam o direito de proteger e estimular sua criação cultural (SADER, 2005). Um dos marcos do nascimento dessa nova perspectiva acerca da cultura, foi a formulação da “Convenção sobre a Proteção da Diversidade dos Conteúdos Culturais e as Expressões Artísticas”, proposta pela UNESCO em 2003.

A proposta de criação de uma convenção internacional sobre a proteção da diversidade dos conteúdos culturais e das expressões artísticas foi lançada quando 16 ministros de cultura solicitaram à UNESCO a elaboração de uma convenção (e de um documento) que reconhecesse direitos e obrigações dos Estados nacionais referentes à proteção da diversidade cultural, bem como legitimassem o direito de criar ou preservar políticas culturais relativas à produção e à circulação de conteúdos culturais. Com a proposta da convenção, buscava-se um compromisso jurídico maior para o tema da diversidade que o obtido em 2001, com a Declaração Universal para a Diversidade Cultural.

A convenção foi concebida como um instrumento jurídico permanente, de apoio legal às medidas e políticas soberanas dos Estados nacionais. A ideia era propiciar maior equilíbrio nos intercâmbios culturais entre distintos países do mundo e legitimidade às propostas de modificação dos acordos comerciais nesse sentido. Estabeleceu normas que os Estados signatários se comprometeram a respeitar, para garantir a diversidade de expressões culturais em cada país, em um marco jurídico orientado pela liberdade de expressão.

A convenção foi aprovada em 2005, após o debate de diversas redações do texto final, que tiveram como pano de fundo a disputa entre dois grupos de países: o liderado por Estados Unidos e Japão, que defendia uma redação branda que em quase nada modificava o que já se tinha em termos de compromissos internacionais sobre o tema; e outro grupo liderado por Canadá, Brasil e União Européia, que defendia uma convenção que servisse como

³⁰Intensifica-se o processo de homogeneização cultural, a partir de mínima modificação do cenário de massificação de produtos culturais dos países centrais, notadamente os Estados Unidos.

contraponto à lógica excludente do mercado, assegurando a implementação de políticas culturais em defesa da diversidade cultural.

Destaca-se a participação do Brasil no âmbito da Convenção, com a criação de um Grupo de Trabalho formado por quadros do Ministério da Cultura (MinC) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE), dedicado a análise das propostas encaminhadas pelo primeiro grupo e formulação de propostas para o segundo. Entre estas propostas destacaram-se:

[...] A defesa do direito soberano dos Estados de formularem e executarem políticas culturais voltadas à proteção e promoção da Diversidade Cultural; a defesa de um sistema internacional mais equilibrado de trocas de bens e serviços culturais; a defesa da não inclusão de compromissos adicionais a respeito da Propriedade Intelectual no texto da citada convenção; a defesa de mecanismos eficazes de Cooperação Internacional voltados à proteção e promoção da Diversidade Cultural, e a defesa dos direitos das minorias e das populações tradicionais, como povos indígenas e quilombolas, notadamente sobre seus Conhecimentos Tradicionais [...]. (MIGUEZ, 2005, p. 18-19).

A estratégia de negociação adotada pelo Brasil, foi portanto, privilegiar as convergências em torno de aspectos essenciais do texto, tais como:

[...] a) a consagração do direito dos Estados de proteger e promover a diversidade de seus conteúdos e suas expressões culturais, b) a afirmação da especificidade dos bens e serviços culturais e c) o princípio de que as políticas culturais na esfera internacional devem favorecer o fortalecimento da economia da cultura dos países em desenvolvimento por meio de maior isenção no mercado internacional [...]. (ALVAREZ, 2005, p. 160).

O posicionamento do país exerceu influência em grande parte das nações latinas e africanas, países que apresentam uma diversidade de expressões culturais e que nela reconheceram uma oportunidade para avançar a conquista de relevância na era global. Com a defesa dos direitos das minorias e das populações tradicionais, como povos indígenas e quilombolas e, ainda com a defesa da não inclusão no texto da Convenção, de compromissos adicionais a respeito da propriedade intelectual, o país alcançou o apoio de nações que estão no mesmo patamar de desenvolvimento e que enfrentam obstáculos semelhantes na implementação de políticas culturais, tais como “dificuldade em exportação de produtos culturais, incipiente circulação de

produção audiovisual, ausência de regulação na esfera dos meios de comunicação” (KAUARK, 2009).

O debate cultural nos termos acima descritos foi decisivo na mudança de rumos apresentada pelo Ministério da Cultura a partir de 2003. O MinC reorientou sua atuação política, buscando não se restringir apenas ao fomento das artes, mas, estendendo a sua presença na dimensão do cotidiano e no reconhecimento dos direitos culturais. Em outras palavras, passou-se a buscar garantir, a partir das diretrizes oficiais, valores democráticos, com a preocupação de alcançar inclusão social através da cultura e da valorização da diversidade das experiências culturais.

A partir das dimensões que foram abordadas na convenção promovida pela UNESCO, vemos que, cada vez mais, a cultura tem sido pensada como uma face essencial do crescimento econômico e assim, também responsável pela redução da desigualdade e a construção da denominada “boa governança”. O gerenciamento, conservação, acesso, distribuição e investimento em cultura ou em bens culturais tornam-se então prioritários.

Na compreensão desse processo, seguimos a orientação de Yúdice (2000), que credita a atual valorização da cultura à sua inclusão como recurso. A cultura é vista hoje como algo em que se deve investir enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico, em seus nexos com o turismo e as próprias indústrias culturais.

Deste modo, são absorvidas e eliminadas distinções e classificações antes interligadas. Ao invés do enfoque no conteúdo da cultura, propõe-se a cultura como um recurso para a melhora sociopolítica e econômica, e, para contrabalançar a crise da política e os conflitos gerados pelas reivindicações por cidadania. Ainda na perspectiva de Yúdice (2000), a cultura passar a ser algo que não é mais estritamente arte, e sim, também um recurso. A principal questão passa então não ser mais criatividade, e, sim, como viabilizá-la em termos concretos e produzir resultados em relação à questões como autoestima, emprego e combate ao racismo.

Em outras palavras, se contrapõem duas lógicas: a cultura tal como definida na antropologia, isto é, como resultado da ação humana, de suas interferências no mundo, perspectiva que valoriza o homem enquanto ser

criativo, produtor de cultura; e a lógica do gerenciamento da produção cultural através das indústrias culturais, que carrega um sem número de contradições.

Tais contradições aparecem, principalmente, porque o gerenciamento cultural ascende em um momento onde há, na sociedade civil, uma relativa queda no potencial participativo dos movimentos sociais frente ao trabalho das Organizações Não Governamentais (ONGs). É notável o comprometimento das ONGs com agências internacionais³¹, que influenciam na orientação administrativa a ser seguida e em seus papéis junto ao Estado – que teme a politização da interlocução pelos movimentos sociais – e no controle de resultados.

Nesse sentido, as políticas culturais muitas vezes são realizadas sem a inclusão das classes populares na produção e comercialização de bens e serviços e na promoção das ideias que as pontuarão. O papel do Estado então se torna essencial, pois há potência integradora nas indústrias culturais, mas esta não deve (deveria, pelo menos) ser capturada pelas engrenagens do neoliberalismo que contamina projetos políticos e os impedem de atingir bases culturais mais amplas.

Assim, as indústrias culturais deveriam ser desenvolvidas pelos Estados no sentido de fornecer aos grupos sociais condições de desenvolver e produzir seu conhecimento. Deveriam ser configuradas conectadas às classes populares, como forma de ampliação de sua inserção política e da transformação de sua realidade econômica e social.

É de grande importância, portanto, a investigação acerca da nova centralidade que ganha a cultura, como fator de coesão social ante os processos de desigualdade, exclusão e sua dimensão nos intercâmbios de bens e serviços entre as economias das nações.

Com este objetivo, destacaremos, a agora, a atuação do Estado brasileiro a partir da reformulação do Ministério da Cultura no governo de Lula e, assim, dos dois ministros responsáveis pela pasta nos últimos oito anos, Gilberto Gil e Juca Ferreira. Trataremos brevemente, portanto, da atuação

³¹Agências transnacionais e também o capital transnacional, não à toa, fundações de empresas bancárias, monitoram programas sociais e culturas e trabalham na formação de agentes. Fonte: "Inscrições abertas para curso gratuito de avaliação econômica" <fundacaoitausocial.org.br/acontece/noticias/inscricoes-abertas-para-curso-gratuito-de-avaliacao-economica.html>

proposta por esses ministros, as principais políticas implementadas e os seus rebatimentos na cidade de Nova Iguaçu.

3.2 BREVE HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DA CULTURA (1985-2012)

O Ministério da Cultura é responsável pela preservação e valorização das letras, artes, folclore e outras formas de expressão da cultura nacional e pelo patrimônio histórico, arqueológico, artístico e cultural do Brasil³². Sua história recente começa em 15 de março de 1985, pelo decreto nº 91.144, no então governo de José Sarney. No período 1953-1985, as atribuições desta pasta eram assumidas pelo Ministério da Educação (MEC).

No contexto governo Sarney, depois de 20 anos de ditadura militar, é introduzida pela primeira vez a proposta de formulação das políticas culturais no Brasil. Uma proposta vinculada ao processo de redemocratização do Estado. As principais forças envolvidas nesse processo compartilhavam um projeto político de teor participativo, que visava expansão da cidadania e do aprofundamento da democracia.

Esse projeto emerge da luta contra o regime militar empreendida por segmentos da sociedade civil, entre os quais os movimentos sociais desempenharam um papel fundamental. Com o retorno dos direitos políticos; da liberdade de expressão, com o fim da censura e do regresso de artistas e intelectuais exilados, havia força para que a conquista de reivindicações referentes à cultura fossem alcançadas.

Em 1986, é promulgada a Lei no 7.505 (conhecida, popularmente como “Lei Sarney”) que tinha a intenção de angariar mais recursos financeiros para o custeio de produções culturais, por meio da concessão de benefícios fiscais federais a empresas que investissem em cultura, inaugurando um modelo em parte vigente até hoje.

O procedimento para o uso desse benefício envolvia o cadastramento de produtores culturais e a dedução de 70% do valor investido, pela empresa no Imposto de Renda. Porém, a falta de controle claro da prestação de contas

³²Fonte: BRASIL. Ministério da Cultura - Histórico do Ministério. Disponível em: <cultura.gov.br/site/o-ministerio/historico-do-ministerio-da-cultura> Acesso em 09/01/2011.

gerava controvérsias e acusações de desvios de verbas e privilégios. São também desse período as críticas acerca do incentivo fiscal, presentes ainda hoje, relacionadas ao deslocamento de decisões que caberiam ao Estado para a iniciativa privada (AMARAL, 2009).

Para Rubim (2008), o mecanismo fiscal confirmaria a ausência do Estado no que tange a política cultural. Segundo o autor:

[...] A lei Sarney e as subsequentes leis de incentivo à cultura, através da isenção fiscal, retiram o poder de decisão do Estado, ainda que o recurso econômico utilizado seja majoritariamente público, e colocam a deliberação em mãos da iniciativa privada. Nessa perversa modalidade de ausência, o Estado só está presente como fonte de financiamento [...]. (RUBIM, 2008, p.2).

Deste modo, com a avalanche de críticas à Lei e pelas dificuldades operacionais do MinC - notadamente a falta de dotação orçamentária - pouco se caminhou na formulação de uma agenda para o desenvolvimento de políticas culturais. Somado isso, o Estado brasileiro passava por grave crise. Com o déficit fiscal e inflação descontrolada, não havia condições políticas para a defesa da pauta da cultura.

O governo de Fernando Collor de Mello, reforçando a tradição de ausência do Estado no campo da cultura, agravou um quadro já precário. Alinhado à estratégia de ajuste neoliberal e ao projeto de Estado mínimo, este governo se isenta progressivamente do seu papel institucional de garantidor de direitos. A cultura então, foi devastada. Em 1990, foi revogada até mesmo a Lei Sarney. Com a abolição de todas as formas de incentivo à cultura pelo governo federal, várias cidades e estados buscaram criar sua própria legislação de incentivos fiscais para a promoção e financiamento da cultura. É nesse período que se dissemina a “solução” da questão do financiamento da cultura por meio da parceria “público-privada”.

Em 1990, o MinC é transformado em Secretaria da Cultura, diretamente vinculada à Presidência da República. Neste contexto, as demais instituições públicas federais da cultura foram sucateadas³³. A política cultural nacional inexistente e sua expressão e realização passam a ser de responsabilidade da iniciativa privada ou de iniciativa de governos estaduais e municipais.

³³Destacam-se a FUNARTE - Fundação Nacional de Arte; o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, entre outros.

Após o amplamente conhecido processo de *impeachment* de Fernando Collor de Mello, por improbidade administrativa e corrupção, assume a presidência do País, seu vice Itamar Franco. A situação da cultura foi pouco modificada já que os esforços do novo governo foram direcionados à estabilização econômica através da implementação do Plano Real. No entanto, como marco positivo, o MinC foi reaberto, sendo administrado, na gestão Itamar Franco (1992-1995), por três diferentes ministros, o que indica uma clara falta de comprometimento político com a pasta.

Essa instabilidade acaba no governo de Fernando Henrique Cardoso, quando o cientista político Francisco Weffort assume a pasta e a ocupa durante os oito anos dessa administração. Weffort tinha, como objetivo, a defesa de uma agenda para as políticas públicas de cultura. Seu principal desafio foi tentar institucionalizar o ministério e, para isso, reformar/melhorar equipamentos culturais anteriormente sucateados.

Seus esforços não foram bem sucedidos. O fato da maioria dos equipamentos culturais estarem concentrados no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo dificultou a disseminação das políticas do ministério. Além disto, o orçamento da pasta era de aproximadamente 0,14% do orçamento nacional. O ministro chegou a declarar que seu objetivos seriam dentro do possível, preservar o patrimônio, promover a leitura e difusão cultural e, de forma paralela, mas sem a mesma força, buscar recursos que ajudariam na criação de um sistema de financiamento da cultura.

A principal ação dessa gestão foi o desentrate e a ampliação das leis de incentivo³⁴, a consolidação da nova Lei de Incentivo a Cultura (Lei Rouanet), que permitiu, por meio de incentivos fiscais, a alocação na área de grande volume de recursos privados³⁵ (SARKOVAS, 2003).

Aumentou, também, o controle burocrático dos processos para evitar os erros da Lei Sarney, envolvendo tanto a habilitação de projetos quanto a prestação de contas. Porém, tal ampliação de recursos e possibilidades para o financiamento da cultura gerou distorções que escapavam de solução via poder público: a concentração regional dos investimentos e da indústria cultural, a

³⁴ Um marco da atuação desta gestão foi o lançamento da cartilha "Cultura é um Bom Negócio".

³⁵ Nos oitos anos da era FHC mobilizou-se mais de R\$ 1,5 bilhões, via Lei Rouanet.

falta de transparência, entre outras distorções, enunciam o tom do debate e das críticas recebidas pelo ministério (AMARAL, 2009).

O sistema passou a ser visto como concentrador, pouco democrático e neoliberal já que o mercado teria passado a ser o principal beneficiário e orientador do uso dos investimentos de incentivo a cultura. A política de fortalecimento das leis de incentivo, portanto, impediu que o governo gestasse projetos e políticas culturais, já que essa tarefa foi deslocada para as empresas. Por sua vez, estas optaram por investir grande parte de seu capital em projetos em que identificavam retorno financeiro garantido, intensificando a concentração da produção cultural do País no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

3.2.1 Governo Luís Inácio Lula da Silva e a retomada do Estado na formulação de políticas de cultura

Embora analistas concluam que há continuidade entre as políticas do governo de Fernando Henrique Cardoso e governo de Luís Inácio Lula da Silva, podemos identificar, diferenças significativas no campo cultural. Os ministros que ocuparam o MinC durante a gestão de Lula assumiram posição contrária ao predomínio das leis de incentivo e propuseram a retomada do Estado na formulação e no desenvolvimento de políticas culturais.

Para compreensão dessa nova fase das políticas culturais, é necessário fazer referência à campanha eleitoral de 2002, quando foi elaborado - por técnicos, intelectuais, estudiosos e artistas - o documento "A Imaginação a serviço do Brasil: Programa de Políticas Públicas de Cultura" (FIGURA 1, ANEXO II), parte integrante do programa de governo de Lula. O documento trata as políticas culturais como questão crucial e estratégica para a formulação de um novo Projeto Nacional para o Brasil, entendendo-as como um direito básico do cidadão:

[...] Conjuguar as políticas públicas de Cultura com as demais políticas de governo e redefini-las, em sintonia com o novo Projeto Nacional, de forma que venham a cumprir o papel de recuperar a autoestima do nosso povo, contribuir para a inclusão social, romper com o apartheid cultural vigente e afirmar a nossa imagem diante das demais culturas do mundo é a tarefa que a sociedade brasileira exige do novo governo. Nós mergulhamos no mosaico cultural do Brasil para recolher as experiências concretas que realizamos hoje, nos Estados e municípios que governamos, para, a partir delas e da elaboração

dos estudiosos, gestores e artistas oferecer ao país um Programa que expresse o que desejamos: “A Imaginação a serviço do Brasil”[...] (Partido dos Trabalhadores, 2002, p.2).

Com a eleição de Lula e logo no início de seu mandato, foi empossado Gilberto Gil, artista reconhecido por seu talento e engajamento na luta política contra a ditadura, contando ainda a sua trajetória junto ao PT³⁶, considerado, nessa conjuntura, como um indubitável partido de esquerda.

A gestão Gil primou pela busca de superação das falhas que marcaram as gestões anteriores na formulação das políticas culturais. De início, nota-se a mudança de paradigmas em relação ao entendimento da cultura. O MinC teria, como uma de suas missões o trabalho com um conceito ampliado de cultura. A assimilação desse conceito/noção possibilitou a visibilidade e/ou a compreensão de outras modalidades de cultura - populares, afrodescendentes e indígenas - frente à já consolidada cultura erudita³⁷.

Essa ampliação significou, também, aumento de conexões com as demandas sociais, numa tentativa de vencer o autoritarismo político e ideológico que persistia na formulação das políticas culturais das administrações anteriores. O planejamento estratégico das ações do MinC envolveu a criação do Sistema Nacional de Cultura (SNC)³⁸ e a subsequente formulação das metas do Plano Nacional de Cultura (PNC)³⁹ através da

³⁶A atuação política de Gilberto Gil não foi iniciada no MinC e nem umbilicalmente ligada ao Partido dos Trabalhadores. Em 1989, mesmo gravando, fazendo espetáculos e se envolvendo em causas sociais, elegeu-se vereador em Salvador, sua cidade natal, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Em 21 de março de 1990, filia-se ao Partido Verde (PV), como membro da Comissão Nacional Executiva.

³⁷Gil falava muito à época do que batizou “do-in antropológico” que consistia na ideia de universalizar os serviços culturais, com a presença de centros culturais, bibliotecas e telecentros em todo o país, a começar pelas regiões mais pobres e distantes; valorizar e dar autonomia para as diversas formas de manifestação cultural existentes no país, não somente as institucionalizadas e consagradas pela elite e a indústria cultural; buscar novas possibilidades de interlocução e diálogo com outras instâncias da sociedade, por meio de inserção econômica e desenvolvimento local.

³⁸O Sistema Nacional de Cultura (SNC) é um modelo de gestão criado pelo MinC para estimular e integrar as políticas públicas culturais implantadas pelo governo federal, estados e municípios. O objetivo do sistema é descentralizar e organizar o desenvolvimento cultural do País, para que todos os projetos tenham continuidade, mesmo com a alternância de governos. A relevância do sistema está na promoção e no estímulo do desenvolvimento humano, social e econômico, através de projetos culturais (BRASIL, 2009).

³⁹O Sistema Nacional de Cultura e o conjunto de ações estratégicas, implantado por meio do Plano Nacional de Cultura (PNC), foi aprovado pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados em 23 de setembro de 2009. O PNC estabelece diretrizes e ações de incentivo à cultura no País, através de programas de capacitação profissional, incentivo à produção artística e ampliação do acesso social à cultura. (BRASIL, 2009)

realização uma série de seminários e da Conferência Nacional de Cultura (CNC) a partir do ano de 2004.

Com o conseqüente mapeamento das demandas, foi consolidado um plano de metas para a cultura. O instrumento do diálogo governo-sociedade foram as denominadas teias de representantes, voltadas a criação de células de decisão. Boa parte dos municípios, como integrante das teias, realizaram suas conferências, elegendo democraticamente seus representantes. Foram realizadas, na seqüência, Conferências Estaduais, que também elegeram seus representantes reunidos nacionalmente numa cúpula para a definição de metas. Esse processo configurou um sistema de concepção de políticas culturais em âmbito nacional, que legitimou e estabilizou o papel esperado do MinC frente à sociedade.

Ainda assim, devido às desigualdades estruturais do país, não foi possível alcançar uma estabilidade neste sistema - que envolve teias em todos os estados da federação - pela escassez de órgãos vinculados ao MinC em muitas localidades. As dificuldades enfrentadas na implantação das teias permitiram, inclusive, o reconhecimento de demandas por cultura no país - incluindo a pobreza do aparato formal, institucional e profissional da área cultural - e da necessidade da produção de indicadores específicos, como exemplificam estudos realizados pelo IBGE e pelo IPEA sobre a área cultural.

Nesse sentido, o Estado toma a frente da definição de estratégias para a área da cultura e o planejamento de médio/longo prazos. Assume-se, portanto, a relevância que a cultura enquanto política pública passaria a ter na agenda do governo. Havia necessidade de rearrumar as relações entre as esferas de governo para a gestão da cultura, já que o MinC, por isso só, preso em sua estrutura precária, não alcançaria em sua atuação, a abrangência necessária.

O ministério então, respaldado pelo Sistema Nacional de Cultura (SNC)⁴⁰, descentraliza as ações, à medida que assume a coordenação e a

⁴⁰O SNC pressupõe a transferência de recursos, o que favorece a consolidação de um novo pacto social. Apesar de todas as intenções e estratégias para a inclusão da cultura em um novo patamar de ação ativa do Estado, falta orçamento. É pleiteada pelo MinC, a aprovação de emenda parlamentar que defina a transferência de 2% da arrecadação federal ao setor cultural nacional. A aprovação dessa emenda, via PNC, dará fôlego ao SNC, e em conseqüência apoiará a execução de um ambicioso projeto cultural. O SNC funcionaria da seguinte forma: 1% dos recursos transferidos à esfera federal seriam investimentos na infraestrutura, ampliação, modernização e profissionalização do aparato do MinC, os outros 1% distribuídos aos Estados (que teriam um aumento orçamentário na casa dos 2%), e que

formulação das diretrizes para a área cultural, a execução das políticas ficaria a cargo de estados e municípios, posicionados como mediadores das demandas sociais. O MinC, portanto, buscou garantir a participação das outras esferas de governo (estadual e municipal) e da sociedade civil, representada nas Conferências e tomada de decisões.

Deste modo consegue conquistar outro patamar para as políticas culturais no País. Esse reconhecimento surtiu efeito na destinação de recursos federais, fazendo com que os recursos do MinC se aproximassem de 1% do orçamento nacional. Ao mesmo tempo em que o aumento de recursos demonstra evolução, fica claro o longo caminho ainda a ser percorrido até a efetiva institucionalização do ministério.

Na tentativa de expandir sua atuação, para além de articulação e proposição das políticas públicas e fortalecer o protagonismo da sociedade civil é criado o Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura que tem a intenção de promover a participação da sociedade civil como executora de políticas culturais.

3.2.2 Programa Cultura Viva: pontos de cultura

Em julho de 2004, é criado pelo MinC através da portaria 156, o Programa Cultura Viva. Este é considerado o principal projeto de Gilberto Gil à frente da pasta. O programa se destina, basicamente, a fomentar manifestações culturais da sociedade promovidas por agentes que não têm acesso, ou o têm de maneira deficiente, ao mercado cultural - no momento da produção, da difusão do produzido ou do consumo de bens culturais. Este programa inclui a criação de canais entre esses momentos e o conjunto de manifestações culturais.

Busca-se, então, constituir uma rede de criação e gestão cultural que agregue recursos e novas capacidades às iniciativas já existentes,

transfeririam para os municípios outros 1% do orçamento estadual, os municípios por sua vez (e também com um repasse pleiteado da ordem de 2% em âmbito local), teriam então, recursos para ampliar sua atuação na oferta de serviços culturais á sociedade. O modelo de transferência é muito semelhante aos já adotados na saúde (Sistema Único de Saúde – SUS) e na de educação.

consideradas legítimas. A ideia foi potencializar o que já existia, por meio de equipamentos que ampliem as possibilidades do fazer artístico e recursos que permitam uma atuação conjunta com a sociedade civil:

[...] É um programa de acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural, cujos parceiros imediatos são agentes culturais, artistas, professores e militantes sociais que percebem a cultura não somente como linguagens artísticas, mas também como direitos, comportamento e economia. [...] (BRASIL. Ministério da Cultura, Cultura Viva: Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania, 2006)

Os Pontos de Cultura são entidades reconhecidas e apoiadas financeiramente e institucionalmente pelo MinC para o desenvolvimento de ações de impacto social em suas comunidades. Eram, em abril de 2010, 2,5 mil localizados em 1122 cidades, articulados a redes sociais, estéticas e políticas (MINC, 2010).

A adesão à rede de Pontos de Cultura se dá por meio da inscrição de projetos em editais do Ministério da Cultura. Cada edital apresenta características específicas daquela edição. Os projetos são encaminhados para análise da Comissão Nacional de Avaliação, composta por autoridades governamentais e personalidades da área da cultura. Os Pontos de Cultura não tem um modelo único, no que concerne instalações físicas, programação ou atividade. Um aspecto compartilhado por todos seria a desejada transversalidade, acompanhada da gestão compartilhada entre poder público e comunidade.

A partir da confirmação do convênio com o MinC, o Ponto de Cultura recebe a quantia R\$ 185 mil, em cinco parcelas semestrais, para investimento conforme o projeto aprovado⁴¹. Como dito, anteriormente, no histórico do MinC, o repasse de verbas estava restrito até então às leis de incentivo, notadamente a Lei Rouanet. O Cultura Viva e os Pontos de Cultura portanto, constituem uma

⁴¹Parte do incentivo recebido na primeira parcela, no valor mínimo de R\$ 20 mil, era destinado à aquisição de equipamento multimídia em software livre. Os programas são oferecidos pela coordenação, sendo a composição dos aparelhos multimídia: microcomputador, mini-estúdio para gravação de CDs, câmera digital, ilha de edição e o que for importante para o Ponto de Cultura.

nova maneira de transferir recursos públicos, oferecendo ainda meios de produção e disseminação da cultura.

Gilberto Gil, apontou diversas vezes para a necessidade de modificar a gestão dos fundos públicos de cultura, criando uma “discriminação positiva”. Quando perguntado acerca das pressões recebidas dos setores que tradicionalmente monopolizavam os recursos, afirmou:

“Acho que tem a ver com a discriminação positiva, digamos assim, que estamos tentando fazer, focando áreas que não eram focadas e, portanto, estabelecendo um conflito distributivo com esses setores. É um conflito que não existia nessa intensidade antes, porque eles tinham acesso a recursos que estão sendo redistribuídos. Estamos tentando trabalhar com um pouco mais de atendimento periférico”. (GIL, Gilberto. Carta Capital, 2006⁴²).

A fala de Gil demonstra que a organização do financiamento público e seu modelo gestor demandava intervenções nas próprias causas de sua ineficiência. Embora a mudança proposta na gestão dos recursos aponte para uma “discriminação”, esta se dá na tentativa de buscar uma gestão plural e democrática dos recursos.

Este programa, desde seu início, foi bem recebido e defendido pelos agentes culturais do Brasil. Foram produzidos um número gigantesco de artigos reflexivos sobre o tema⁴³, vários municípios espelharam a política do ministério e conferências e teias foram realizadas por todo Brasil⁴⁴. Foram discutidas maneiras de lutar e melhorar o programa, compreendido como revolucionário e algo nunca antes feito no campo das políticas culturais brasileiras.

3.2.3 Rápida recuperação do panorama atual

⁴²Fonte: Numero 376 da Revista Carta Capital, publicada em 18/01/2006. Disponível no site Canal Contemporâneo <canalcontemporaneo.art.br/brasa/archives/000616.html>.

⁴³Entre os quais destaco a Coleção Cult (2007), publicado pela EDUFBA, com 10 livros sobre política/produção cultural no Brasil. Os anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT) e do I, II e III Seminário Internacional Políticas Culturais.

Embora esta dissertação procure discutir as mudanças promovidas na gestão Gilberto Gil/Juca Ferreira no MinC, vale a pena o breve relato do que acontece atualmente no MinC, a partir da eleição da presidenta Dilma Rousseff. Esse relato não é despropositado, já que auxilia no entendimento dos problemas que serão abordados adiante.

Antes de entrar propriamente nesta descrição, é interessante lembrar a importância que os pontos e grupos culturais autônomos tiveram na eleição de 2010. Grupos engajaram-se na promoção e divulgação das metas para a cultura presentes no programa da então candidata Dilma Rouseff⁴⁵ (FIGURA 2, ANEXO II). A aposta dos movimentos culturais baseava-se na continuidade das políticas culturais tal como gestadas por Gil/Ferreira, manutenção do aumento proporcional das verbas para o ministério e principalmente para novos editais do Programa Cultura Viva que contemplassem um maior número de organizações, que, potencialmente poderiam tornar-se pontos de cultura.

No entanto, o momento de euforia a partir da eleição de Dilma, foi drasticamente modificado a partir do ano de 2011 e agora no começo de 2012. Apareceram de forma sistemática críticas, publicados em diversos meios contra a gestão da pasta realizada pela ministra escolhida, Ana Buarque de Hollanda. Destaca-se a falta de força política da ministra nas negociações para a conquista/repasso de verbas junto ao congresso nacional. O orçamento do MinC que era de 380 milhões de reais em 2003, e que chegou ao fim de 2010 com 2.2 bilhões, teve corte severo em 2011, computando 1.64 bilhão (FIGURA 3. ANEXO II).

Além disso, critica-se o abandono por parte do ministério do Programa Cultura Viva, que chegou a R\$ 216 milhões em repasses na gestão Lula/Gil, e na atual gestão Dilma/Ana de Hollanda sofreu drásticos cortes. A imprensa destacou numa série de reportagens⁴⁶, que cortes no programa chegaram a 70% e que os repasses para os contemplados no último editais não foram

⁴⁵Os artistas e intelectuais receberam atenção especial durante a campanha e foi realizado inclusive um grande evento "Dilma é Cultura" no teatro Oi Casagrande, no Leblon/RJ. Vários vídeos podem ser assistidos pelo site YouTube <youtube.com/watch?v=Zo9jPL5VS8s>.

⁴⁶Fonte: Projeto Pontos de Cultura, criado pelo governo, sofre esvaziamento e deve ir à Justiça. O Globo, Acesso em 08/03/2012 <oglobo.globo.com/cultura/projeto-pontos-de-cultura-criado-pelo-governo-sofre-esvaziamento-deve-ir-justica-4249609>.

realizados. Para estes grupos, deveriam ser feitos esforços para manutenção desse programa considerado por estes inovador e revolucionário.

A atuação da ministra frente às negociações com o congresso nacional também tem sido questionada, já que a maioria dos projetos/votações ligadas aos campo cultural estão paradas como a reforma da Lei Rouanet, o Vale Cultura, a PEC 150 e o projeto de lei que estabelece o Sistema Nacional de Cultura, além da reforma da Lei dos Direitos Autorais, bandeira de Juca/Gil, que agora aparece relegada à segundo plano. Em artigo publicado originalmente em O Globo e na sua versão completa no site Farofafá, Ivana Bentes e Eryk Rocha, resumem bem o posicionamento dos produtores culturais:

“Se há um feito na gestão Ana de Hollanda até agora foi conseguir o triste marco de desacreditar o governo Dilma junto a artistas, intelectuais e fazedores de cultura, e todos os que construíram e apostaram nas políticas culturais democratizantes e inovadoras com as quais a presidenta se comprometeu. A Cultura vive uma crise grave e crônica no governo Dilma, um quadro em que os números oficiais do MinC são mais do que mera inépcia administrativa. Indicam uma ausência de projeto político, uma pobreza na construção de imaginários e narrativas para o Brasil. O que se vê desde janeiro de 2011: falta de diálogo, confusão entre público e privado, brigas entre facções rivais, incapacidade de formulação, cortes no orçamento e expansão da burocracia. É difícil aceitar esse Ministério da Cultura fraquejante, longe da potência dos movimentos sociais e culturais, distante do Brasil que explode na cena global como um laboratório de experiências culturais, estéticas, artísticas, políticas, longe do Brasil que transforma a pobreza em riqueza, o discurso da “carência” em potência”. (BENTES & ROCHA, 2012.⁴⁷)

Tanto a gestão atual quanto a reação dos agentes/produtores culturais, dizem muito sobre a natureza das disputas atuais do Minc e sobre sua história. Uma história marcada por ausências e intermitências. Isto enfraquece o poder de negociação de ministros que assumam a pasta e não possuam habilidade/traquejo político para discutir a necessidade do aumento de verbas para o ministério. Enfraquece também as tentativas da transformação de programas de governo em políticas de Estado, com a aprovação de leis que garantam repasses de recursos.

O ministério, como o campo da cultura do Brasil, por sua institucionalização recente, aparece/permanece muitas vezes

⁴⁷“Falta projeto” de Ivana Bentes e Eryk Rocha. <farofafa.com.br/2012/04/05/crise-na-cultura-um-legitimo-desejo-de-mudanca/4096>. Acesso em 05/04/2012.

dependente/ligado a vontade política de seus dirigentes e da força realizadora destes. Um exemplo claro, é a gestão de Gil - que sempre foi um nome consensual nos movimentos sociais/culturais para a pasta da cultura - o que permitiu, o à gestação de projetos claros e entendidos como eficientes pelo governo federal e pela sociedade civil, que aderiu a estes mediando a inscrição de seus projetos⁴⁸.

Em outras palavras, nota-se que sem a presença de uma liderança forte/carismática, é difícil o envolvimento de setores do governo e também da sociedade civil na gestão do MinC. Exemplo disso foram os cortes recentes realizados nos repasses do ministério, decorrentes do projeto desenvolvimentista de Dilma Rousseff - focado em obras infraestruturais, na promoção de megaeventos como a Copa do Mundo e Olimpíadas e na contenção dos efeitos da crise econômica mundial iniciada em 2008⁴⁹.

3.2.4 Nova Iguaçu: Bairro-escola, Fundo Municipal de Cultura e “Pontinhos” de cultura

Nesta parte do capítulo introduziremos alguns dos projetos e ideias pensados/realizados em Nova Iguaçu, a partir do que foi realizado pelo governo federal. A institucionalização da Secretaria de Cultura (SEMCTUR), no entanto, será detalhada no próximo capítulo.

Após a eleição de Lula, em 2002, e beneficiando-se de sua posição privilegiada à frente da máquina pública, o Partido dos Trabalhadores (PT) lançou, em 2004, candidatos a prefeitura na maioria dos municípios. No contexto fluminense, a estratégia do PT se materializa através da candidatura de Lindberg Farias à prefeitura de Nova Iguaçu⁵⁰.

Neste momento, para além do que será descrito adiante, o importante é notar que a eleição de Lindberg foi um marco no que tange o desenvolvimento

⁴⁸Algo semelhante ocorreu na gestão Lindberg/Faustini em Nova Iguaçu e que pretendemos explorar mais adiante ao longo do terceiro capítulo.

⁴⁹Antes da finalização deste trabalho, a senadora Marta Suplicy assume a pasta da cultura e os movimentos culturais aprovam a escolha pois a ministra promete a volta dos pontos de cultura e do diálogo com os movimentos. Além disso por já ter ocupado diversos cargos eletivos, Marta aparece no primeiro momento como uma interlocutora mais habilidosa que Ana de Hollanda no congresso nacional.

⁵⁰Pretendemos retomar de forma detalhada os impactos desta escolha do PT, assim como os quase oitos anos de administração do prefeito no próximo capítulo.

de políticas culturais no município. Beneficiando-se do alinhamento das esferas federal, estadual e municipal, Lindberg teve caminho aberto para implementar, no município, políticas inspiradas nas do Ministério da Cultura.

O processo de implementação das políticas culturais no município teve seu início em 2005, mas é a partir de 2006, com o convite do prefeito à Marcus Vinícius Faustini⁵¹ para que desenvolvesse ações culturais para a cidade que a situação começa a modificar. Este convite foi motivado pela atuação de Faustini frente a Escola Livre de Cinema⁵² que se mostrou um projeto eficiente desde sua criação, na atração jovens e crianças.

O desempenho da escola levou Faustini a assumir, em 2008, a Secretaria de Turismo e Cultura de Nova Iguaçu (SEMCTUR). Foram iniciados, portanto, diálogos com os produtores culturais e a classe artística da cidade, que demonstraram à princípio, disposição participar dessas políticas. Cabe destacar, aqui, que Nova Iguaçu foi pioneiro na área da cultura, por ser uma das poucas cidades do País a ter um Conselho Municipal atuante e a promover a execução do seu Fundo Municipal.

Neste sentido, a SEMCTUR publicou diversos editais para garantir o acesso aos recursos disponíveis para a criação de projetos. Com o comprometimento do prefeito em seguir a meta nacional e dedicar 1% do orçamento municipal à cultura, foram criados dois editais: Fundo Municipal de Cultura Escritor Antônio Fraga e o Escola Viva/Bairro-Escola, denominado popularmente “Pontinhos de Cultura”⁵³.

⁵¹Difícil apresentar propriamente Marcus Vinícius Faustini, devido ao amplo raio de suas ações. Atua e milita na cena cultural carioca e fluminense de forma plural e em diversas frentes: movimento estudantil, teatro, literatura e cinema - fundando a Escola Livre de Cinema (Nova Iguaçu) e a Escola Livre da Palavra (Lapa). Faustini foi Secretário de Cultura de Nova Iguaçu, assessor especial de cultura e território da Secretaria Estadual de Direitos Humanos e Superintendente de Cultura, Sociedade e Desenvolvimento Territorial da Secretaria Estadual de Cultura. Atualmente comanda a “Agência de Redes para Juventude”. É autor do livro Guia Afetivo da Periferia (2006).

⁵²A Escola Livre de Cinema é a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense (localizada primeiramente em Miguel Couto e depois em Austin) e funciona desde julho de 2006. Sua metodologia articula três conceitos – o corpo, a palavra e o território como elementos de expressão da imagem e do som através de ações artísticas dentro e fora da sala de aula. Seu conteúdo pedagógico aponta para o domínio das técnicas e para o encorajamento estético, no sentido de estimular a criação e a produção audiovisual. Fonte: Blog da ELC <escolalivredecinema.blogspot.com>

⁵³Os “Pontinhos de Cultura” de Nova Iguaçu é um apelido para o conjunto de iniciativas que reúne agentes e projetos culturais da sociedade civil através de 28 Entidades não-governamentais com 49 projetos em 69 ações culturais que tiveram início com o Programa Escola Viva/Bairro Escola. Para se ter uma idéia do seu sucesso, no edital que foi aberto em 2010, 38 projetos conseguiram o apoio da prefeitura e na segunda fase, 160 projetos foram

O Fundo Municipal foi resultado do trabalho do Conselho Municipal de Cultura, eleito na primeira a Conferência Municipal de Cultura de Nova Iguaçu, realizada em 2005. O Conselho trabalhou pela implementação da lei que criou o Fundo e, em 2008, foram destinados R\$ 300 mil para apoiar realizações culturais na cidade. Neste ano, foi realizada novamente a Conferência Municipal de Cultura, elegendo um novo conselho para os próximos dois anos. As conferências e os conselhos fazem parte da política nacional do MinC, que visa democratizar a gestão cultural nos municípios. Em Nova Iguaçu, as conferências contam - além de artistas, militantes e ativistas da cultura - com adesão popular⁵⁴.

O edital Escola Viva/Bairro-Escola fruto de uma parceria com a Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura, tem por objetivo apoiar a criação de pontos de cultura, por isso denominado de “pontinhos”. O orçamento destinado a este edital foi superior a R\$ 3 milhões (metade destinada pelo MinC e metade pela prefeitura de Nova Iguaçu) e tem como objetivo principal apoiar ações culturais desenvolvidas nos municípios.

Trata-se de um projeto de âmbito nacional que em Nova Iguaçu adquiriu características particulares, entre as principais destacamos a conexão com as escolas do município em que os alunos permanecem em horário integral e a forma de divulgação do programa, em que equipes da secretaria foram nos bairros, de escola em escola, explicando o edital e incentivando a participação de diversos atores sociais como funkeiros, lavadeiras, evangélicos e rezadeiras.

Os “Pontinhos”⁵⁵ foram uma tentativa estratégica de união entre educação e cultura, acompanhando a forma de atuação do principal programa de governo na cidade: o Bairro-Escola (FIGURA 4, ANEXO II). O programa foi adotado como política da administração municipal na gestão iniciada em 2005,

inscritos. Fonte: Site da Prefeitura de Nova Iguaçu - Fundo Municipal de Cultura bate recorde com 160 projetos. <novaiguacu.rj.gov.br/noticias_res.php?id=520>

⁵⁴Essa afirmação decorre, logicamente, da minha participação em algumas dessas conferências. É notável, a participação e o engajamento da população. Muitas dessas reuniões são marcadas em horários muito pouco convidativos, como sexta-feiras nos fins de tarde e mesmo assim o auditório do Sylvio Monteiro fica bastante cheio.

⁵⁵Dentre os objetivos dos pontinhos, está “melhorar a escolaridade e sociabilidade dos adolescentes participantes. Combinar o avanço escolar com a facilidade pela interação com outros membros da comunidade e o gosto pelo pensar”. Blog Cultura NI - <culturani.blogspot.com/2010/01/agentes-da-mudanca.html>

diante de um quadro de precariedade urbana e baixos índices socioeconômicos, e, tendo, como eixo articulador, a educação e o desenvolvimento integral de crianças e jovens das escolas do município - integral⁵⁶ em termos de formação ampla – e, também, enquanto ensino em período integral (SILVA, 2011; LOPES; SILVA, 2009).

Em oposição ao modelo centralizador, que concentra todas as atividades dentro na escola, o Bairro-Escola optou pela abertura da escola e utilização do bairro como espaço pedagógico. Sendo assim, foram desenvolvidas parcerias entre as escolas municipais e organizações e instituições da sociedade civil, que passaram a ceder seus espaços físicos, no período ocioso, para a atividades culturais, esportivas e de aprendizagem (LOPES; SILVA, 2009). Como destaca o documento da prefeitura:

“O Bairro-Escola atua primeiro em escala local, melhorando as condições do bairro e de sua comunidade, visando assim estimular a apropriação do território e a instituição de um sentimento de pertencimento. Trata-se de devolver a cidade à população, proporcionando condições agradáveis e seguras de utilização do espaço urbano” (NOVA IGUAÇU, 2006a, p.5).

Na integração das ações entre educação e cultura no Bairro-Escola, adotou-se a formação em artes e em cultura como a linha principal de investimento. O foco foram as crianças e jovens da rede municipal de educação e da comunidade em geral. Como antes dito, as oficinas culturais do Bairro-Escola uniram o projeto da escola em tempo integral e são oferecidas às crianças do primeiro segmento. Ministradas por jovens bolsistas moradores de Nova Iguaçu e região, foram coordenadas pela SEMCTUR. Nas oficinas, as crianças são estimuladas a conhecerem o local onde vivem por meio de seus espaços físicos, histórias, dinâmicas e atores sociais e culturais, o que incluiu o acesso a diferentes linguagens artísticas e experimentações estéticas.

A escola foi então repensada como *locus* privilegiado de integração das intervenções urbanas e socioculturais, partindo dela toda uma rede de agentes e espaços articulados. A política educacional passou a integrar-se às demais

⁵⁶O programa de educação integral foi implementado pela administração municipal como uma maneira de ampliar tempos, espaços, envolvimento de diversos atores sociais e oportunidades educativas para crianças, adolescentes e jovens da rede pública do município.

políticas públicas, em seus princípios e ações. A ideia foi articular dimensão cultural e a dimensão educativa, potencializando-se atividades, lugares, histórias e saberes nos bairros, que deixariam de ser apenas um território de convivência social imediata.

Os alunos então, num período, tinham disciplinas regulares como história, matemática e geografia e, no outro, participavam, se fosse de seu interesse, de oficinas relacionadas à cultura e ao esporte. Essas oficinas são ministradas por grupos com longa atuação nos bairros e, que por essa razão se credenciaram para criar um ponto de cultura dentro das escolas da rede municipal⁵⁷.

A política municipal de cultura, ao se integrar ao Bairro-Escola, optou pela descentralização e democratização de suas ações partindo em direção a periferia da cidade. A cidade, devido ao seu tamanho e pelo fato de ser cortada pela linha do trem e pela rodovia Presidente Dutra, apresenta um território de difícil circulação, o que faz com que os bairros se tornem autossuficientes em suas redes de serviços e pouco se integrem e interajam com o restante da cidade⁵⁸.

Deste modo, por um tempo, podemos dizer que Nova Iguaçu primou por adotar políticas culturais em consonância com as principais diretrizes do MinC, tais como: a compreensão da cultura como política de Estado; da cultura como elemento de construção de valores simbólicos e desenvolvimento econômico e social; valorização da gestão democrática descentralizada das ações e da diversidade; reconhecimento a existência de múltiplas culturas; “discriminação positiva” proposta por Gilberto Gil, que destaca a atuação do ministério do centro da cidade e, articula projetos culturais e educacionais.

3.3 AVANÇOS E POSSÍVEIS PERVERSIDADES NAS POLÍTICAS CULTURAIS

⁵⁷Uma demonstração possível da efetividade das ações culturais no horário integral aparece através nos últimos censos do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em que as escolas de Nova Iguaçu deram um salto significativo.

⁵⁸Há diversos relatos de professores que o programa não funcionou corretamente em diversas áreas da cidade. Há também problemas de infraestrutura sérios nas escolas. Para melhor entender o Bairro-Escola, recomendamos a leitura do trabalho de Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da Silva -. *Bairro-Escola: Educação e urbanismo em uma política pública integrada* (2010).

3.3.1 Retrabalhando conceitos

Neste capítulo refletimos sobre o novo momento da cultura, a retomada do Estado brasileiro na formulação das políticas culturais e o potencial acionado através destas. Em busca de uma compreensão larga da retomada das políticas de cultura pelo Estado brasileiro, iniciamos uma seção que dá visibilidade a algumas críticas e a percepção destas no campo realizado em Nova Iguaçu.

De antemão e para situar essa proposta, devemos destacar que essas críticas são formuladas/fundamentadas a partir da percepção de que existe hoje na sociedade brasileira, “confluências perversas” materializadas na análise de Evelina Dagnino (2005) acerca do campo de forças/disputas existentes entre o projeto de país participativo e democratizante pensado na década de 1980 e o projeto neoliberal que ganhou força durante os anos 1990.

O primeiro projeto conecta-se a luta pela redemocratização do país, com a criação e retomada de espaços públicos de discussão/participação da sociedade civil pós-ditadura nas questões de interesse público, que culminaram no processo de formatação da Constituição de 1988. Tal projeto emerge a partir da luta contra ditadura e pela obtenção de direitos, com os movimentos sociais tendo papel destacado. O relacionamento entre Estado e sociedade civil que ficara abalado durante anos começava a ensaiar naquele momento possibilidade de volta/diálogo.

O segundo projeto nasce filiado a implementação das reformas neoliberais, a partir do Consenso de Washington. A ideia de Estado mínimo em que são encolhidas as responsabilidades sociais deste como ente garantidor de direitos, que são transferidas paulatinamente à sociedade civil. Este projeto foi adotado inicialmente pela gestão de Fernando Collor de Mello e acentuada na gestão de Fernando Henrique Cardoso.

Fundamental para o campo das políticas culturais é o entendimento da tensão entre esses dois projetos. Embora façam parte de campos políticos distintos, ambos necessitam/fomentam/requerem “uma sociedade civil ativa e propositiva” (DAGNINO, 2005):

[...] Essa identidade de propósitos, no que toca à participação da sociedade civil, é evidentemente aparente. Mas essa aparência é

sólida e cuidadosamente construída através da utilização de referências comuns, que tornam seu deciframento uma tarefa difícil, especialmente para os atores da sociedade civil envolvidos, a cuja participação se apela tão veementemente e em termos tão familiares e sedutores. A disputa política entre projetos políticos distintos assume então o caráter de uma disputa de significados para referências aparentemente comuns: participação, sociedade civil, cidadania, democracia. Nessa disputa, onde os deslizamentos semânticos, os deslocamentos de sentido, são as armas principais, o terreno da prática política se constitui num terreno minado, onde qualquer passo em falso nos leva ao campo adversário. Aí a perversidade e o dilema que ela coloca, instaurando uma tensão que atravessa hoje a dinâmica do avanço democrático no Brasil [...]. (DAGNINO, 2005, p. 97)

Nesse sentido, aparecem dilemas quanto aos níveis de atuação dos movimentos sociais e das ONGs que representam a sociedade civil nas instâncias decisórias, que postos no campo minado acima, acabam por se associar (com boas ou más intenções) à projetos que julgam antagônicos as suas linhas de atuação. No entanto, o problema, parece ser a identificação da sociedade civil e o Estado ora como heróis ou vilões, desconhecendo suas particularidades nos diferentes processos que estão inseridos e sua diversidade interna.

Exemplos dessa diversidade que a autora demonstra, são acionados a partir da intervenção nos significados dos conceitos de sociedade civil, participação e cidadania. Esses conceitos adquirem significados diferentes de acordo com o projeto em que estão inseridos (neoliberal ou democratizante) e confundem interlocutores na tentativa de manter matrizes referenciais comuns.

Pretendemos nos debruçar sobre o conceito de sociedade civil, talvez o mais importante para a análise pensada neste capítulo e que sofreu alterações mais visíveis no âmbito do projeto neoliberal. O conceito de sociedade civil, adquiriu interpretações distintas e foi trabalhado por diversos autores clássicos do campo das Ciências Humanas como Hobbes, Locke, Rousseau, Kant e Tocqueville.

No entanto, pretendo recuperar o conceito tal como trabalhado por Hegel e Marx, pois estes dois autores conferem centralidade a noção, se complementam (e opõem-se) em pontos sensíveis. As contribuições desses dois autores foram a base para o entendimento desta noção no processo de redemocratização brasileiro.

Para Hegel, a sociedade civil seria construída por associações, comunidades e corporações que teriam um papel fundamental na relação entre os indivíduos e o Estado. Neste sentido, a esfera distinta da sociedade civil é reconhecida por Hegel como tendo uma importante função dentro do projeto de uma Vida Ética. Em outras palavras Hegel identificava a sociedade civil como um espaço historicamente concreto de interação social entre indivíduos. De acordo com Pinheiro (2001):

“Tal reconhecimento do papel das associações e organizações intermediárias deve necessariamente ser visto dentro do contexto do projeto normativo de Hegel. Na verdade, um dos propósitos desse autor era o de apresentar uma alternativa política e ética à crescente alienação individual imposta pela sociedade moderna: se por um lado Hegel reconhece as realizações da moralidade moderna – embasada na racionalidade universal e no seu respeito à consciência individual –, por outro crê que a moralidade só faz sentido dentro de uma comunidade, através do envolvimento dos indivíduos na vida pública. É neste sentido que os elementos associativos da sociedade civil assumem um papel tanto representativo quanto ético: integrando os indivíduos em uma comunidade mais ampla e educando-os nas virtudes da vida cívica” (PINHEIRO, 2001, p. 80).

Desta maneira, é possível identificar dois elementos na teoria da sociedade civil de Hegel que permanecem ainda ativos: o reconhecimento da importância das associações independentes como componentes da sociedade civil que desempenham o papel de “mediadoras” entre os indivíduos e o Estado; e a importância que dada às dimensões comuns da existência humana, reconhecendo a centralidade dos indivíduos conscientes e reflexivos na construção desta sociedade civil.

Para Karl Marx, fica clara a associação da sociedade civil com a esfera de produção e seu caráter histórico como limiar da modernidade. Contrapõe-se a definição de Hegel, à medida que define a sociedade civil acima de tudo como a arena da luta de classes. Não há uma união para a busca de “vida ética”, há diferentes grupos separados devido sua relação com a esfera produtiva. Desta forma, Marx busca destacar como as relações sociais de poder sob a sociedade civil são definidas pela

emergência da burguesia e proletariado, classes definidas pela organização da produção. Como destaca novamente Pinheiro (2001):

“A sociedade civil de Marx é a que, especialmente após Hegel e sua interpretação por parte da esquerda hegeliana, passou a significar “sociedade burguesa” no sentido próprio de sociedade de classe. Tal sociedade burguesa tem por sujeito histórico a burguesia, uma classe que completou a sua emancipação política libertando-se dos vínculos do Estado absolutista e contrapondo a este Estado tradicional os direitos do homem e do cidadão que são, na verdade, os direitos que protegem os interesses particulares da classe burguesa”. (PINHEIRO, 2001, p. 82).

Para Marx, portanto, a sociedade civil foi associada às relações privadas entre indivíduos, ou seja, um espaço social que foi lentamente desvinculado tanto do espaço familiar quanto do domínio formal do Estado mediante a “vitória” das relações capitalistas de produção. Nota-se, assim, que para Marx o Estado não expressa uma superação da sociedade civil, mas sim um reflexo desta. Na verdade, o Estado contém a sociedade civil a fim de conservá-la tal como ela é. O rompimento dessa conservação deveria vir através dos processos de obtenção de autonomia, que advém da capacidade dos indivíduos em se tornarem sujeitos históricos e reinterpretar o mundo, com uma linguagem que possibilite participar dos acontecimentos de forma ativa, compreender e se expressar por conta própria.

Voltando ao contexto brasileiro e associando-o ao pensamento marxista exposto acima, lembro que o conceito de sociedade civil ganha importância ao final dos anos 70, onde havia a crença de que esta deveria se mobilizar e se organizar a fim de alterar o regime militar. O eixo articulador da sociedade civil neste momento, portanto, é também a noção de autonomia, que gerou identificação comum pela luta por liberdade e justiça social. Não por acaso, explodiram no Brasil, no entre o final dos anos 1970 e início 1980 os movimentos sociais populares urbanos reivindicatórios de bens e serviços públicos, terra e moradia (GOHN, 2005).

Emerge uma nova noção/conceito que adentra a temática social brasileira, o “ator social” e o “sujeito social” (SADER, [1988], 2001 e RIBEIRO, 1986). Em 1985, com o fim da ditadura militar, altera-se o significado atribuído a sociedade civil começa e os movimentos sociais vão perdendo,

paulatinamente, a centralidade, passando a haver uma fragmentação do “sujeito social histórico” até então tido como relevante para o processo de transformação social. Com a democracia, os membros da sociedade civil deixam de ter/procurar a autonomia como eixo estruturante de suas ações (GOHN, 2005).

A redefinição do conceito de sociedade civil se dá a partir do crescimento acelerado e o novo papel desempenhado pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs) e a emergência do chamado Terceiro Setor e das Fundações Empresariais, fundadas numa lógica diferente de emancipação e autonomia dos indivíduos em um contexto de marginalização da pobreza e dos movimentos sociais.

Sem filtros, foi gestada a partir da confluência perversa citada acima uma identificação entre a “sociedade civil” e as ONGs, “onde o significado da expressão (conceito) “sociedade civil” se restringe cada vez mais a designar apenas essas organizações, quando não em mero sinônimo de “Terceiro Setor” (DAGNINO,2005). Um fenômeno bem claro deste movimento foi a chamada “onguização” dos movimentos sociais, que podem ser redefinidos hoje também pela área temática de sua atuação. Muitos movimentos acabaram tornando-se ONGs na esperança de retomar seus espaços de debate e pelos recursos designados e disponíveis a estes grupos principalmente por editais.

No Brasil, a relação entre Estado e ONGs apareceu⁵⁹ como algo positivo e um caminho a ser seguido para a “boa governança”. No entanto, desde seu surgimento, a atuação das ONGs são exemplo da “confluência perversa” entre os dois projetos distintos assinalados. Com competência técnica, inserção social e interlocutores “confiáveis”, as ONGs são frequentemente vistas como os parceiros ideais pelos setores do Estado empenhados na transferência de

⁵⁹Dizemos que apareceu, pois procuramos representar um primeiro momento desta relação. Essa parceria vem sofrendo diversas críticas. Indo não muito longe, em 2011, foi fortemente questionada. Devido a recente crise relacionada ao Ministério do Esporte, gerada pelo suposto desvio de verbas destinadas ao programa 2º Tempo, que levou a um debate um amplo debate sobre o papel das ONGs. Motivou texto-resposta da FASE, defendendo um novo marco regulatório Inépcia do Estado na relação com as ONGs. Fontes: “ONG apoiada pelo Ministério do Esporte é suspeita de desvio de verbas”, Jornal O Globo, 16/10/2011 <oglobo.globo.com/politica/ong-apoiada-pelo-ministerio-do-esporte-suspeita-de-desvio-de-verbas-2865041> e “Inépcia do Estado na relação com as ONGs”. Site da FASE <fase.org.br/v2/pagina.php?id=3625>

suas responsabilidades para o âmbito da sociedade civil (DAGNINO, 2005; GOHN, 2005).

As contradições no papel desempenhado pelas ONGs aparecem de forma dramática quando estas se defrontam com a possibilidade produzir resultados efetivos. Estes até aparecem quando o trabalho prima por seriedade, mas geralmente aparecem como algo fragmentado, pontual, provisório e limitado no que concerne à diminuição das desigualdades e à melhoria das condições de vida dos setores sociais brasileiros contemplados por seus trabalhos⁶⁰.

Nesse sentido, a falta de uma política nacional de cultura, com leis claras que estabeleçam políticas de Estado para área contribui para a fragmentação dos recursos em editais. O que leva à programas como o Cultura Viva - que realmente constitui avanços em relação ao que nunca existiu no Brasil em termos de políticas culturais - mas que produz resultados igualmente fragmentados, distintos e por vezes insuficientes.

Além disso, muitos movimentos sociais, que lutaram durante as últimas décadas por uma política de Estado para a cultura, e continuam a fazê-lo, viraram ONGs para manter sua sobrevivência, o que os desmobilizou ou fazem com estes sejam inseridos em lógicas empresariais de administração do dinheiro público - à sua revelia e muitas vezes aquém de duas possibilidades - o que produz diversas e sérias distorções.

3.3.2 UNESCO e a mercantilização da cultura

O conflito entre os dois projetos explicitados acima, esbarra no papel desempenhado pelas grandes organizações mundiais. Ao mesmo tempo que seus projetos e discussões aparecem como inovações, respaldadas por ideias

⁶⁰Outro ponto contraditório da relação estabelecidas pelas ONGs e instituições do Terceiro Setor, por vezes levantada, corresponde á relação destas com as agências internacionais que as financiam e o próprio Estado que as contrata como prestadoras de serviços. Sua atuação se distancia da própria sociedade civil, da qual se intitulam representantes, nem tampouco perante os setores sociais de cujos interesses são portadoras - já que não tem que apresentar seus resultados a estes. Deste modo, como assinala Dagnino (2005), "por mais bem intencionadas que sejam, sua atuação traduz fundamentalmente os desejos de suas equipes diretivas, que atendem ao Estado e seus financiadores, mas não a sociedade civil".

inclusivas e como modelos a serem adotados para solução da exclusão social, também são eivados de contradições.

A discussão das políticas culturais orientada pela UNESCO é um exemplo disto. É sintomático que muitos países e seus secretários, profissionais e artistas da cultura tenham aderido tão rapidamente aos chamados para as convenções promovidas por esta instituição. Como colocado acima, está posta a necessidade de dar vazão as manifestações culturais e a criação de alternativas para exclusão de suas respectivas sociedades.

No entanto, também está clara a busca pela construção de uma alternativa de mercado, contraditória em seus termos, já que se esse projeto fosse posto em execução e fosse bem sucedido, não se diferenciaria da dominação cultural exercida pelos países centrais. Em outras palavras, critica-se o modelo neoliberal de acesso à cultura mediado pelo mercado e adota-se a produção cultural como forma de desenvolvimento e competição no mesmo mercado. Ao mesmo tempo em que se valoriza a diversidade e todo debate por detrás dela, o que parece é que se busca a conformação de nichos para que indivíduos e sua produção cultural possam ser encaixados.

Propomos, portanto, pensar (adianto que a pesquisa não obteve tempo e fôlego para tal empreitada), o quanto esses projetos das grandes organizações mundiais estão demarcados por ideologias de mercado que nada tem a ver com política cultural e proteção das manifestações culturais e artísticas. No Brasil, atenuam-se essas contradições ideológicas pelos anos que a política cultural ficou presa as leis de incentivo, com os artistas periféricos longe dessa produção. Contribuíram a oportunidade de participar das discussões esperada por muito tempo e a escolha de Gilberto Gil para o ministério - nome consensual – mas é preciso lembrar também que o próprio ministro era um artista já consagrado e de boa relação com a indústria fonográfica.

O objetivo não é criticar a presente atuação do Estado frente as políticas culturais brasileiras, é realmente fundamental que este apoie e sustente o que é necessário para sociedade e a vida coletiva em geral. Até porque, no caso da políticas culturais, vem trabalhando na direção contrária durante há quase um século. No entanto, é preciso enxergar as discussões e possibilidades que existem por detrás do campo das políticas de cultura mesmo que nos

mostremos satisfeitos com as (pequenas) mudanças realizadas. Ainda se faz necessária uma política cultural amplamente pensada pelo Estado em diálogo com a sociedade civil, sem a imediata delegação de seu trabalho à outras organizações e sem que um dos eixos principais seja a economia da cultura – ou seja relacionar à cultura, incluindo sua criação e seu fazer, como algo que tenha que ter, necessariamente, algum impacto econômico.

Pensando a cultura pelo seu viés econômico, corremos o risco de instrumentalização da ação do Outro (RIBEIRO, 2010) - o que parece ocorrer no campo das políticas culturais. Os projetos políticos gestados pelas grandes organizações foram adotados rapidamente, sem as devidas críticas, devido à falta de linhas mínimas de atuação e políticas governamentais por décadas. Torna-se preciso questionar sua representação automática relacionada à avanços democráticos. Como nos alerta Gramsci nos “Cadernos do Cárcere”, podemos incorrer a pequena política, esquecendo a grande conjuntura por detrás desta:

"Grande política (alta política) - pequena política (política do dia-dia, política parlamentar, de corredor de intrigas). A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela preponderância entre as diversas frações de uma mesma classe política" (GRAMSCI, 2000, p. 21)

Como exemplo do que pretendemos demonstrar acima, utilizo o trabalho realizado em campo, no que concerne a observação dos discursos acionados nas Conferências Municipais de Cultura de Nova Iguaçu para implementação do Plano de Cultura. Nestas conferências, geralmente, sentavam-se em um auditório, representantes da sociedade civil, agitadores e produtores culturais; e num palco os secretários e subsecretários da cultura da cidade e representantes do MinC.

Durante horas são discutidos os mecanismos da implantação dos sistemas do ministério, é exposto como a adesão ao sistema é considerada importante, o quanto de recurso pode ser alocado e utilizado no município e que a sociedade civil deve lutar pela gestão adequada desses recursos.

No entanto, não se discute e não há preocupação com o fato de como se daria na prática a gestão democrática desses recursos, tanto pelos representantes da secretaria e do ministério (que mostram-se encantados com a eficiência que a máquina administrativa alcançou e com a democracia automaticamente “embutida” nos mecanismos do ministério); quanto pelos artistas (sempre preocupados em garantir verbas para a realização contínua de seus projetos).

Este debate, de acordo com o observado nas conferências, seria basilar para a liberdade do fazer cultural, para que os grupos tornem-se livres em relação a qualquer tipo de mecanismo tutelar, seja de ONGs ou do próprio Estado. A busca por sistemas eficientes e o apelo à burocracia na distribuição de recursos públicos ao invés da instrução dedicada ao Outro, leva a uma noção de democracia por vezes desfocada, que contribui para dominação.

Deste modo, a gestão dos bens públicos está distante do produtor cultural comum, que tem o direito apenas “de ter condições” de pleiteá-los. Esta situação reitera muitas das concepções de Max Weber (1982) ligadas à racionalização, à burocratização do mundo e a questão efetiva do capital - em especial sua noção de poder - que está ligado ao direito de dispor, mas não necessariamente ao acesso aos direitos que esperava-se ter.

Nesse sentido, em relação às políticas culturais, os artistas, produtores culturais e as classes populares tem realmente à disposição um sistema e um plano cultural, recursos relativos a 1% do orçamento federal, estadual e municipal. Porém, quando a questão é a construção de uma gestão realmente democrática dos recursos, a situação é diferente. Para uma melhor materialização, somente grupos e associações com CNPJ⁶¹ podem, geralmente, participar dos editais, por exemplo.

Com um sistema burocratizado e ligado a já citada economia da cultura, o sistema passa em algumas situações de “livre e democrático”, para “preso e controlado” dentro de regras rígidas, ligadas a produção de produtos culturais, ascensão profissional, eficiência, entre outros, afeitas a gestão empresarial que acabam por instrumentalizar a cultura, com a busca somente pela mercadoria que o Outro é capaz de produzir.

⁶¹Importante ressaltar que isto começa a se modificar com a adoção possível do CPF em alguns editais.

3.3.3 Política de edital e gestão empresarial

Questão também controversa e que tem relação umbilical com o posto acima é a proposta de gestão compartilhada por editais. Este é um debate bastante acalorado e denso, do qual esta dissertação tratará conscientemente apenas da superfície.

Os editais ressurgem com força nos anos 2000 no Brasil, com a chegada de Luís Inácio Lula da Silva ao executivo nacional, motivada entre outras pela necessidade de se criar instâncias participativas, fomentando a participação da sociedade civil e seus líderes nas decisões governamentais⁶².

Os debates acerca dos editais estão relacionadas a dois argumentos opostos. De um lado, os que defendem este como instrumento de participação democrática radicalizada, à medida que representam a retomada da participação popular na gestão pública e que já existe um instrumento de distribuição de recursos a ser discutido e aprimorado. De outro, existe o argumento dos que atentam para as dificuldades no processo, levando em consideração a dificuldade do cidadão comum frente a leitura e compreensão de textos jurídicos e com isso a apropriação - por parte de ONGs e associações acostumadas com trabalhos de assessores e advogados especialistas em formatação de projetos - de boa parte dos recursos públicos destinados aos editais.

Nas entrevistas realizadas com os gestores da cultura em Nova Iguaçu, todos foram unânimes se não na defesa, mas nas justificativas de manutenção e discussão do que melhorar nos editais, como exemplificam as falas:

“O edital não é perfeito. O edital não é uma política pública perfeita, mas ele é minimamente um instrumento que pode ser questionado. Quando você tem as negociações só no balcão, você não tem onde questionar. A partir do momento que tem um edital você força o Estado a ter critério, alguém vai ler, você força a ter comissão. Por isso que tem reclamação, porque passa a ter um instrumento. O que é a democracia? São instrumentos de controle, instrumentos de visibilidade pra qualquer um poder questionar, debater, aperfeiçoar. A superação da coisa de chegar perto do secretário e dizer: apoia meu projeto aqui? Que aí só vai chegar perto do secretário quem? Quem

⁶²Importante lembrar do “Orçamento Participativo” implementado pelo PT em sua gestão em Porto Alegre, que deu relativamente certo, o que de certa maneira foi aplicada aqui.

tem poder, quem está próximo do poder. Com o edital a possibilidade de você ter mais gente que não é ligado e que não é próximo a estruturas de poder podendo ser beneficiada é maior. O edital é um avanço e não um fim. Não é um fim, ele não constitui uma política pública, só ele. Mas ele é um avanço a política de balcão, que na política de balcão o cara: estou aqui há vinte anos! Aí o cara conhece o ex-prefeito, ou isso e aquilo e ele vai ter mais possibilidade de pressionar. Aí chega uma senhora, faz um trabalho lá no final da cidade, como é que ela vai chegar perto do prefeito, secretário, disso e daquilo. (Marcus Vinícius Faustini, ex-secretário de cultura de Nova Iguaçu, em entrevista concedida ao autor)

“Eu acho que o problema não é do edital, o problema é se você entende o recurso público, o acesso ao recurso público como um privilégio que certos grupos tem, ou como um direito a que todos tem. A gente entende como um direito a que todos tem, percebendo todas as nuances ai, inclusive esse de que tem um determinado campo da cultura que talvez a melhor forma de apoiá-los não seja o edital, mas ai em condições muito objetivas de não familiaridade, de não haver meios, de não dispor de meios técnicos para disputar um edital, se quer saber o que é um edital, acho que ali, na medida do possível, a cultura, o gestor de cultura tem que ter sensibilidade para inventar outros meios de disponibilizar recursos, de apoiar essas experiências”. (Écio Salles, ex-secretário de cultura de Nova Iguaçu, em entrevista concedida ao autor).

“Você tem que institucionalizar para você lidar com o mundo. Eu sou um bosta no campo da institucionalização, para fazer um projeto, entende? Mas, o mundo é isso, bicho. No mundo eu não posso ser sempre um ator, um personagem não qualificado, que não sei formular um projeto, defender o meu projeto, botar o meu projeto no papel e depois comprovar que eu fiz aquele projeto. O mundo é assim, isto é a República. Então eles não quiseram se empoderar e se foderam. E se foderam porque a língua que o poder público fala – e é irreversível esse processo – é a língua dos editais. É a linha do financiamento público. E a turma pegou os 20 mil reais e foi tomar cachaça no botequim e ninguém comprovou, entende? Ninguém comprovou as coisas. E, melhor ainda para os novos atores. A marrentinha faz um projeto maravilhoso, a Roberta faz um projeto maravilhoso, e vai dominar tudo e comprovar. Ela já dominou esta língua, que é uma língua universal, é como falar inglês. Você tem que falar inglês para falar com o mundo. Não vai dar do nacionalismo, do militar brasileiro que dizia que era nacionalista, mas não era nacionalista também, ele era ignorante. Ele não sabia falar inglês. Ai dizia para o americano: “Não quero aprender a sua língua não”. Isso é obtuso, isso é reacionário e é burro. Acima de tudo é burro. Então os caras não quiseram se institucionalizar, não quiseram criar uma ONG, uma instituição. Tem que ir, velho, porque o mundo é assim”. (Júlio Ludemir, ex-coordenador do Jovem Repórter, em entrevista concedida ao autor).

A partir da participação na Teia da Baixada em 2010, foi possível perceber que as organizações são muitas vezes estruturadas a partir de iniciativas que visavam desenvolver a comunidade, mas não possuíam recursos para ir em frente. Nesse sentido, para os participantes dos editais dos pontos de cultura, os recursos dos editais acabam por contribuir para a melhora

estrutural de suas organizações e ao ganho de importância/legitimidade na sua associação com o Estado, o que valorizou e potencializou sua atuação (SIMÕES et al., 2011).

Embora existam diversas relações construídas com as comunidades onde os projetos foram aprovados, fica claro que essa relação necessita de uma avaliação mais criteriosa. Existe uma hipótese/suspeita, que não foi confirmada plenamente, de que boa parte dos pontos contaram com assessorias para conseguir aprovação de seus projetos e também porque boa parte já contava com profissionais experientes em suas equipes⁶³.

Nesse sentido, parecem existir fortes indícios de que há a incidência nos Pontos de Cultura da Baixada, da existência do “espaço do meio” (RIBEIRO; PERUCCI, 2007):

“Trata-se de um campo de natureza transescalar, onde são disputados, além de prestígio, recursos financeiros do Estado e de empresas, aí incluídos os recursos obtidos na escala mundial. A densificação do “espaço do meio” destaca a administração entre as ciências sociais aplicadas, as metodologias orientadoras da participação social, as assessorias terceirizadas do Estado e as chamadas parcerias público-privadas. O espaço “do meio” tem se transformado numa espécie de “em si”, absorvendo projetos, conhecimentos, dotações financeiros e esforços de organização. Sem dúvida, este campo de forças tem a capacidade de internalizar experimentos sociais e ideários políticos, o que gera consequências ainda pouco examinadas para o avanço das lutas sociais e para as culturas políticas. No “espaço do meio”, são tecidas alianças políticas e definidas pedagogias e representações da sociedade abrangente”. (RIBEIRO & PERUCCI, 2007).

Em outras palavras, o “espaço do meio” se constitui através de mediação entre o proponente do projeto e o Estado, que no caso estudado incluem até a elaboração/formatação de projetos que quando não realizados pelos representantes dos pontos, são feitas por empresas que oferecem este serviço e lucram com ele, criando uma espécie de “comércio de editais”, dentro de lógicas empresariais e mercantis que nada tem a ver com produção cultural

⁶³ Isso apareceu nas entrevistas que realizamos com jovens, mas como não realizei entrevistas densas com os representantes dos pontos não posso afirmar isto de forma categórica. Além disso, os dados dos grupos que tinham ganhado o edital foram negados pela SEMCTUR a mim. Mas esta é uma reclamação recorrente que aparecem qualquer conversa com os coletivos culturais

que se espera, a princípio⁶⁴.

Desta maneira, a relação poder/dominação weberiana reaparece, pois este seria o momento da população participar livremente dos editais, porque dispõe do direito a fazê-lo, mas, no entanto não dispõem, muitas vezes, de instrumentos para tal.

Neste caso, ainda aparecem conflitos geracionais a partir da emergência de jovens ensinados e “nascidos” na lógica dos editais e que sabem formatar e administrar projetos de maneira satisfatória - desde sua concepção até a prestação final de contas - enquanto antigas lideranças ficam perdidas, ora resistindo a “adaptação”, ora sem o costume de trabalhar desta maneira⁶⁵. Como exemplifica a fala de Carlos Rodrigo Avilez, ex-funcionário das Secretarias de Cultura e Educação do município de Nova Iguaçu:

“Percebi o seguinte: que realmente lá tinha gente que era resistente a edital e eu conheço assim, um caso específico, por exemplo, que é o mestre Azulão, de capoeira, que é uma figura [...] agora não lembro o lugar dele, ali é Três Corações, Posse... Dentro do trabalho da capoeira ele fala da cultura, do gingado, da produção de instrumentos, se preocupa muito à ensinar a molecada a ganhar dinheiro fazendo aquilo, não só tocar berimbau, bater tambor. Ele faz daquilo um processo, como eu via na minha época de criança: “ah vai fazer karatê, vai fazer judô, porque judô te dá uma disciplina”. Ele tem esse discurso também, e tem o discurso da cultura. Aí por exemplo, o mestre Azulão, tinha dificuldade pra fazer edital. “Como eu vou fazer edital? Ô Rodrigo, tem como você me ajudar a fazer um edital?” – “Claro Azulão, chega aí. Não só eu posso te ajudar, como secretaria de cultura tá se dispondo a montar o edital, aqui junto com você. Vem pra secretaria que a gente vai escrever teu edital junto contigo. A gente vai te dar uma assessoria de graça.” Aí ele: “Poxa, muito obrigado”. E isso eu acompanhei pessoalmente porque ele me ligava. Assim como ele, várias pessoas foram pra secretaria pra pedir ajuda pra escrever edital, porque não sabia escrever edital”. (Carlos Rodrigo Avilez, ex-funcionário das secretarias de educação e cultura de Nova Iguaçu em entrevista concedida ao autor).

Este parece um problema menor, mas torna-se seríssimo. A medida que é mais fácil/tranquilo um jovem idealizar/realizar/produzir um projeto que se encaixe no edital do que uma liderança mais antiga, faz quase sempre com que

⁶⁴Para ilustrar o que tentamos afirmar podemos lembrar de casos recentes de fraudes em licitações do governo. Apesar das licitações terem outro caráter, há disputa de empresas pelos recursos e procura de agentes públicos para negociação, como demonstra o recente escândalo na saúde do Rio de Janeiro <oglobo.globo.com/rio/empresarios-sao-flagrados-fraudando-licitacoes-publicas-4347150>

⁶⁵Destaco que no que se refere a SEMCTUR/Nova Iguaçu, os editais foram realizados e bem divulgados, os que optaram por participar, receberam auxílio quanto à leitura e interpretação dos termos do edital.

estas últimas fiquem para trás no processo de democratização e ou continuem presas ao clientelismo político.

Desvaloriza-se então as lideranças enraizadas em detrimento de uma juventude acostumada com ambientes mais instrumentais e operacionalizáveis e que conseguem se adaptar à participação por projeto do que as lideranças tradicionais. A situação torna-se angustiante, a medida que poderia ser gestadas formas de construir de um diálogo dessas duas gerações e modos de enxergar a política.

A liderança jovem, apesar de uma aparente “vantagem”, também aparece fragilizada neste processo, já muitas vezes os que ganham os editais são jovens de classe popular, que são postos numa lógica concorrencial e estimulados a reproduzi-la. O que expõe a conexão entre a elaboração/gestão de um projeto e a garantia de emprego em uma conjuntura onde as oportunidades são escassas.

Por fim, nossa intenção não foi esgotar as compreensões possíveis sobre o processo em tela, até pela limitação de tempo que existe em uma dissertação. O objetivo foi apontar o que foi identificado como potência e perversidade nas políticas governamentais para a cultura e como a sociedade civil está sendo inserida nesse processo. Partimos agora para os capítulos finais, que procurarão estabelecer relações mais concretas entre os pontos progressistas e refratários destas políticas e sua incidência de maneira materializada no município de Nova Iguaçu.

APÊNDICE METODOLÓGICO

Embora utilizemos algumas das entrevistas no capítulo 2, é necessário um pequeno apêndice metodológico para os capítulos 3 e 4, onde recorrentemente aparecerão falas dos diferentes atores entrevistados.

A pesquisa foi realizada através da leitura de quase tudo que foi colocado na internet sobre as iniciativas da SEMCTUR. Todas as iniciativas tinham seu próprio blog, que as equipes diretivas responsáveis alimentavam - esse material aparecerá de agora em diante. Além disso, foram lidos os atos oficiais relacionados à cultura e os editais do Fundo Municipal de Cultura.

Entretanto, grande parte da reconstituição do que aconteceu na SEMCTUR foi possível somente através das entrevistas. Procuramos entrevistar no campo institucional, gestores e produtores culturais. Além, é óbvio, jovens que participaram das políticas/iniciativas da secretaria. Esses dois grupos foram os prioritários.

O questionário feito para esses dois grupos foi basicamente o mesmo, com pequenas modificações. O questionário foi montado/pensado na tentativa de contemplar perguntas curtas, sem explicações e justificativas, para que o entrevistado pudesse sentir-se à vontade para desenvolver sua resposta livremente.

A intenção foi, de fato, confrontar os dois discursos para a compreensão da política a partir de seus formuladores e quem a executou. Há uma diferença clara entre o discurso da juventude – sem filtros e sem pressão aparente – e o discurso dos gestores – quase sempre justificativo e receoso quanto a percepção do entrevistador sobre falhas.

As entrevistas foram realizadas em diversas localidades do Rio de Janeiro, por conta da “transferência” dos gestores da cultura de Nova Iguaçu, que, estão hoje na Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro.

Em Nova Iguaçu foram concentradas na casa de cultura da cidade e no Top Shopping. Em sua maioria foram realizadas individualmente, mas aconteceram por duas vezes em grupo. As entrevistas nesse último caso se aproximaram da técnica dos grupos focais. Os jovens entrevistados estavam bastante preocupados com a situação atual da cultura em Nova Iguaçu e discutiam entre si sobre as perguntas realizadas.

ANEXO II



FIGURA 1. Reprodução da capa do “Imaginação ao serviço do Brasil”, programa de Luís Inácio Lula da Silva para a Cultura

11

Valorizar a cultura nacional, dialogar com outras culturas, democratizar os bens culturais e favorecer a democratização da comunicação.

Dando continuidade à mudança da política cultural dos últimos oito anos, o governo Dilma favorecerá a democratização dos bens culturais e a valorização de nossa identidade nacional e de nossa diversidade cultural. Serão ampliados os pontos de cultura e outros equipamentos. Será implantado o Vale Cultura. O debate plural de ideias será estimulado para fortalecer a democracia e para contribuir com a dimensão cultural da cidadania. Será favorecida a comunicação, livre e plural, capaz de refletir as distintas expressões da sociedade brasileira. O modelo brasileiro de TV aberta, associado a novas tecnologias, como o padrão de TV Digital adotado no Brasil e a internet, dentre outros, ajudarão na ampliação do acesso aos meios de informação e de comunicação. O fortalecimento do Sistema Nacional de Cultura permitirá uma presença maior de iniciativas em nossas cidades, especialmente, para nossos jovens. A memória e o patrimônio histórico e cultural nacionais serão valorizados. O governo Dilma fortalecerá nossa presença cultural no mundo e promoverá o diálogo com outras culturas. Será estabelecida uma forte conexão entre a política cultural e a política educacional. O Ministério da Cultura proporá iniciativas para fortalecer a indústria do audiovisual nacional e regional em articulação com outros países, sobretudo do Sul. Em diálogo com artistas, produtores e comunidades culturais, serão aperfeiçoados os mecanismos de financiamento da cultura.

Os 13 compromissos programáticos de Dilma Rousseff para debate na sociedade brasileira

FIGURA 2. Programa de metas de Dilma Rousseff para eleições e destaque para as intenções

para área cultural



FIGURA 3. Matéria publicado no Jornal O GLOBO – 10/11/2011 que discorre sobre os cortes do orçamento do MinC na atual gestão

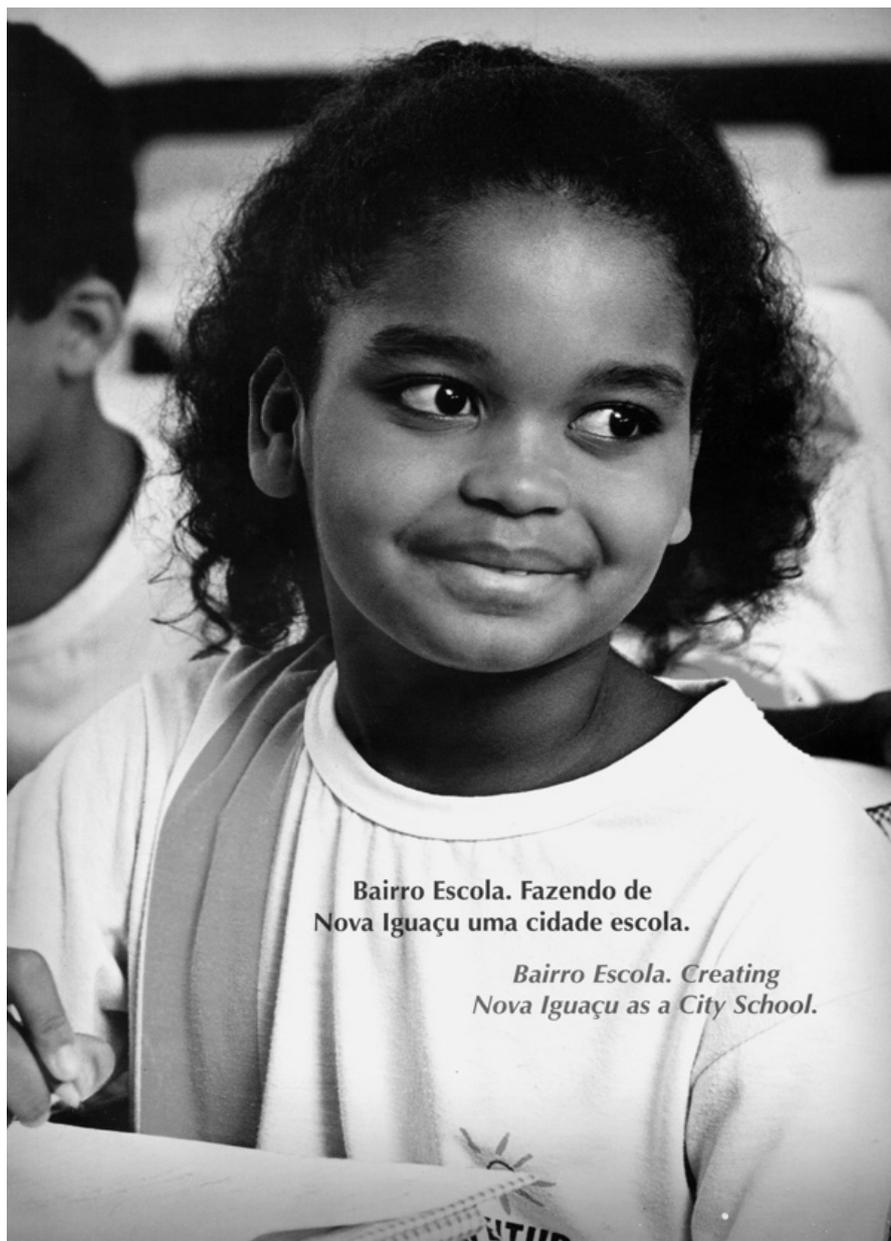


FIGURA 4. Material de divulgação do Bairro-Escola. Programa prioritário da prefeitura de Nova Iguaçu para Educação

4 NOVA IGUAÇU: A VISIBILIDADE DO HETEROGENEO E DO DIVERSO

O objetivo deste capítulo é refletir sobre as mudanças ocorridas no município de Nova Iguaçu no período-foco da análise, notadamente a partir de 2004 com a eleição de Lindberg Farias e sua gestão (2005-2010). Nota-se que a eleição de Lindberg pelo Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundamental implementação das políticas e iniciativas culturais na cidade de Nova Iguaçu. Sua tentativa foi alinhar-se a sua gestão às estratégias nacionais de seu partido.

O capítulo visa, também, destacar também a renovada posição conferida á Nova Iguaçu no jogo político da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) nos anos de Lindberg, partindo do conturbado processo eleitoral que se seguiu a confirmação de sua candidatura.

A intenção é compreender a conjuntura dos últimosanos da cidade de Nova, que envolve a construção dos imaginários sobre a ótica de sua diversidade interna - que sempre existiu – e que se intensificou com a retomada do debate político nos dois últimos processos eleitorais.

A recusa, como já salientado anteriormente, em acoplar automaticamente os municípios e os moradores da periferia urbana brasileira ao precário em suas diferentes facetas, também está presente. Já que a tentativa é capturar processos que desconsideram o rebatimento da desigualdade social nos municípios brasileiros.

Desconsiderando a existência de uma elite e seus espaços, suas intenções e projetos, desconsideramos a análise e percepção de processos de exclusão. A compreensão destas disparidades territoriais ajudam a entender o foco da gestão de Lindberg e sua reeleição para um segundo mandato na cidade.

Vale destacar que, o município, a partir dos anos 1990 e 2000, perdeu boa parte de sua importância política na Baixada Fluminense, com as seguidas emancipações de municípios vizinhos – o que o fez perder o posto de maior município da região em termos territoriais e o título simbólico de “Capital da Baixada” para Duque de Caxias. Nova Iguaçu também vivia um momento “morno” com a perpetuação no poder das elites tradicionais, com gestões de

partidos tradicionalmente ligados à estas mesmas elites como Partido da Social Democracia Brasileira(PSDB) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro(PMDB)

Nesse sentido, a estratégia do PT para as eleições municipais de 2004⁶⁶, foi fundamental para reacender e fomentar o debate político no âmbito municipal. Este processo eleitoral ultrapassou barreiras locais e teve amplo destaque nos meios de comunicação - mobilizando lideranças nacionais de partidos de oposição e situação -que se deslocaram para cidade sempre que foi percebida a necessidade de apoio aos candidatos de suas respectivas coligações.

Nova Iguaçu, portanto, fez parte do objetivo claro do PT, na busca por êxito nos municípios brasileiros com mais de 200 mil habitantes. Sendo assim, foi ventilado desde o início o nome de Lindberg Farias para a disputa eleitoral em Nova Iguaçu. Lindberg era em 2003 deputado federal e simbolizava – no dilema entre seu direcionamento político e seu projeto de ascensão - os próprios dilemas em que seu partido se encontrava.

Neste ano, acontecem cisões no PT, devido ao conflito entre projetos políticos/ideológicos antagônicos. A disputa se deu entre a chamada “ala radical” (encabeçada pela senadora Heloísa Helena e os deputados Babá e Luciana Genro) e a “ala governista” (que teve como principais líderes José Dirceu e Antonio Palloci - então ministros da Casa Civil e da Fazenda, respectivamente). Lindberg, mostrava-se indeciso quanto qual ala apoiar dando declarações ambíguas/contraditórias à imprensa – ora criticando duramente o governo, ora pedindo paciência e calma aos companheiros (BARRETO, 2004).

No entanto, manter sua união com os radicais seria prejudicial às suas pretensões políticas e Lindberg foi aos poucos consolidando sua aproximação a base governista, alinhando-se nas votações e tomada de posição na câmara. Isto fortaleceu sua posição em relação a direção nacional e sua candidatura a prefeitura de Nova Iguaçu. O que posteriormente influenciou e foi base de sustentação para seu período na administração da cidade.

Desde a chegada de Lindberg -e durante sua campanha e gestão - ficou clara a tentativa de alinhar suas políticas ao que estava sendo feito pelo

⁶⁶ Primeira eleição municipal após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva para a presidência.

governo no âmbito federal. No caso das políticas culturais, isso transparece na institucionalidade conferida a SEMCTUR, que passou a promover iniciativas para além da promoção de eventos. E também da adoção de um fundo para a cultura da cidade, dos pontinhos de cultura e pela participação da juventude nos seus projetos e iniciativas, o que trataremos a partir de agora.

4.1 RESISTÊNCIAS A SIMPLIFICAÇÃO

A escolha analítica por Nova Iguaçu para esta dissertação reflete razões estratégicas, já que este município vem ao longo das últimas duas décadas, modificando sua posição frente à captação de investimentos públicos, fluxos econômicos e também por uma significativa transformação da ação política que envolve os três níveis de governo, a burguesia local e as organizações populares.

Nova Iguaçu ocupa atualmente - com sua população de 855.500 habitante e área⁶⁷ de 524 km² - posição estratégica territorial e politicamente na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Conta com indústria e comércio desenvolvidos, 300km de rodovias (federais, estaduais e municipais) e se situa às margens da rodovia Presidente Dutra, que liga o Rio de Janeiro à São Paulo – e nas proximidades do Porto de Sepetiba.

Em 1997, município de Nova Iguaçu passou a denominar-se Cidade de Nova Iguaçu, pela Lei Complementar nº 006, e foi dividido administrativamente em 9 URGs (Unidades Regionais de Governo) que englobam 69 Bairros. O PIB, como já assinala no capítulo era em 2008 de R\$ 8.359.928.420,00 – o sexto do estado do Rio. A participação dos serviços era de 77,88%, seguindo-se a indústria com 14,22%⁶⁸.

O processo de urbanização da cidade de Nova Iguaçu foi historicamente permeado, por lutas sociais relacionadas à apropriação do espaço urbano e à melhoria das condições de vida, promovidas, sobretudo, por movimentos de bairro - motivados pela má distribuição de recursos na escala metropolitana.

⁶⁷O território tem mais de um terço coberto por florestas – vegetação de mata atlântica. 67% são áreas de proteção ambiental. Abriga importantes áreas de preservação ambiental e uma generosa bacia hidrográfica, tendo como principais rios o Iguaçu e o Guandu. Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu.

⁶⁸ Site Cidade do IBGE. Acessado em 11/12/2010.

Como uma forma de situar satisfatoriamente, procuramos traçar um pequeno histórico das lutas referentes à apropriação do espaço urbano iguaçuano.

A partir da década de 1950, o processo de urbanização brasileiro se intensifica devido à industrialização e modernização das atividades agrícolas. Assim, a principal atividade geradora de renda da cidade até então, a citricultura, entra em decadência a partir deste período. Com isso, os antigos locais de cultivo transformaram-se em loteamentos populares. Esses últimos foram instituídos em terrenos de baixo custo, em geral sem dotação de qualquer espécie de serviço público ou equipamento coletivo. Foram assim formadas periferias precárias para o abrigo das classes populares⁶⁹ (ENNE, 2004).

O processo de ocupação destes lotes e o aproveitamento da estrutura ferroviária utilizada para o transporte da produção agrícola ampliaram o processo de segregação no espaço urbano em formação, deslocando a população mais pobre para áreas distantes dos loteamentos iniciais.

No primeiro processo, as lutas dos moradores por melhores condições de vida (e as intervenções urbanas conquistadas); propiciaram a valorização dos loteamentos e terras, levando a um processo de endividamento de famílias, obrigando-as ao deslocamento para localidades mais longínquas (SIMÕES, 1993).

No segundo, a divisão do centro da cidade, causada pela linha ferroviária, criou dois lados: o “rico” e o “pobre”. No lado “rico” observou-se, aumento do preço de imóveis e terrenos, o que também colaborou no processo de expulsão dos mais pobres. Neste lado da cidade, em articulação com o aumento do valor dos imóveis, ocorreram nas últimas décadas, mudanças de estilo de vida, com o crescente consumo de bens e serviços mais sofisticados (SIMÕES, 2007). É bom salientar aqui que segundo Lago (2007) o centro de Nova Iguaçu era no ano 2000 a única área de perfil social superior na região periférica do Rio de Janeiro, sendo isto, segundo a autora, resultado de um processo de elitização (FIGURA 1, ANEXO III).

A carência de infraestrutura, serviços e equipamentos favorece, nos anos 1970 e 1980 a emergência de movimentos de bairro, apoiado por

⁶⁹ Vale destacar que estes processos sociais e territoriais transcendem os limites de Nova Iguaçu, e se expressam de forma similar em outros municípios da Baixada Fluminense.

instituições como a Igreja Católica⁷⁰. Esses movimentos têm seu embrião em bairros como Ouro Preto e Jardim Laranjeiras, que atingiram um alto nível de mobilização dos moradores, frente à ineficiência do poder público, nas lutas por melhoria da habitação e do próprio espaço público dos bairros. Tais lutas estimularam a formação de laços de solidariedade entre os moradores, fazendo com que as obras fossem realizadas em regime de mutirão, com resultados aproveitados por todos.

Do fortalecimento e aprofundamento das relações entre associações de moradores, nasce o Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (MAB), que reuniu anseios dos moradores, organizou os protestos e pautas de reivindicações, pressionando o poder público no que concerne ao atendimento de carências coletivas relativas, sobretudo, à saúde e ao saneamento. O MAB alcançou vitórias em suas lutas, afirmando-se também, como um espaço de resistência contra o regime militar (BERNARDES, 1983).

O Estado - apesar de ceder em algumas reivindicações feitas pelo MAB e demais associações de moradores - procurou desestabilizar os movimentos sociais, recorrendo à multiplicação de exigências burocráticas, à intimidação de militantes, cooptação de lideranças e à implementação de políticas clientelistas. O enfraquecimento dos movimentos de Nova Iguaçu, se acentua no período, em que afirma-se a hegemonia do neoliberalismo, caracterizado como de recuo do Estado no frente a sua responsabilidade na implementação de políticas urbanas abrangentes (RIBEIRO, 2006) – que fragiliza, profundamente, o nível de politização antes atingido pelas lutas urbanas.

O que pode ser destacado também e teve contribuição no enfraquecimento político em Nova Iguaçu, foram as emancipações dos

⁷⁰ Cabe destacar a participação e engajamento de Dom Adriano Hypolito na luta pelos direitos humanos na Baixada. Natural de Sergipe, foi em 1966 nomeado terceiro Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, onde atuou por 28 anos. Ao tomar posse propôs um trabalho pastoral que dessa resposta aos problemas da Baixada. Segundo o Grupo Tortura Nunca Mais”, sobre sua nomeação como Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypolito manifestou-se dizendo algo que tem muita a ver com o que se busca nessa dissertação: “O que se dizia da Baixada era de arrepiar os cabelos: violência, povo paganizado, corrupção política, pouca prática religiosa. Quando chegaram os telegramas e cartas, quando escutava os amigos e confrades, predominavam em todos, as lamentações por essa nomeação. Todos os parabéns eram misturados com pêsames. Também aí não me deixei impressionar. Meu otimismo preferia esperar, antes de julgar”. Fonte: Site da organização Com Causa. Fonte: <comcausa.org.br/2010/08/dom-adriano-hypolito>.

municípios de Belford Roxo (1990), Japeri (1991), Queimados (1991) e Mesquita (1999), que abrigavam grande parte da população mais pobre de Nova Iguaçu. As emancipações, portanto, na ordem inversa, aumentaram o percentual da população com maior nível de rendimento (IPEA, 1980 e IBGE, 2000).

Com isso, o que parece estar em curso, é um processo de modificação intensa (leia-se elitização) também do lado “pobre” da cidade. Na região dos antigos loteamentos, através de observações no campo, chamou minha atenção evidências de valorização imobiliária, o que pode indicar uma nova fase de modernização da cidade, que forçará a realocação da população mais pobre.

Foram realizadas obras, já na gestão de Lindberg, nos centros comerciais dos distritos mais populosos - Miguel Couto, Km 32 e Austin - com a construção de novas praças e reordenamento do comércio local e da rede de transportes; além da construção do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) em uma unidade descentralizada em Santa Rita. Construções na Via Light (com a criação de um espaço para abrigar rede de lojas, restaurantes, academias e clínicas médicas) e da construção do Complexo Aquático Paradiso Clube e do apart hotel Mont Blanc (OLIVEIRA, 2000 e SANTOS, 2008). Esses investimentos revelam a evolução comercial da cidade, que atrai profissionais de outros estados que buscam prestar serviços às diversas empresas e indústrias localizadas na região, transformando a fisionomia do município.

Apesar das mudanças intensas, nos bairros “pobres”, as carências continuam em grande parte “intocadas”. Os investimentos e o consequente processo de modernização ocorrem, de forma desigual, polarizada nos bairros centrais. Nestas circunstâncias, propomos, como hipótese, que a noção clássica de periferia urbana, encontra-se esgarçada, com a formação de uma “periferia da periferia” que vem sendo acionada constantemente no embate político das últimas eleições.

Como indicado anteriormente, a urbanização da cidade de Nova Iguaçu foi marcada, historicamente, por lutas sociais dirigidas à conquista da cidadania. É, portanto, necessário observar até que ponto que essas lutas

foram valorizadas e/ou vem sendo desconstruídas e apagadas, da memória e do lugar, por processos cuja velocidade e densidade transcendem a capacidade de intervenção dos movimentos populares.

As classes populares parecem não ter opções quando colocadas frente a esta nova conjuntura, já que apesar de se verificar um dinamismo econômico no setor comercial da cidade, há grande número de áreas populares com queda no seu perfil social. O que pode se agravar com o aumento do número de trabalhadores e relações de trabalho cada vez menos formais, gerando perdas no poder de compra à longo prazo. Isso se reflete no mercado imobiliário com a busca por aluguéis e casas próprias mais baratas em localidades afastadas, já que a parte central da cidade cada vez menos absorve sua massa trabalhadora (LAGO, 2007).

Seja pela falta de traquejo e investimentos dos políticos da cidade ligados à elite da cidade ou pela aproximação tentada por Lindberg nas duas eleições, as classes populares da cidade - que representam aproximadamente 650.000 habitantes⁷¹ e tem sido renegada ou utilizada eleitoreiramente pelos prefeitos e vereadores nos últimos 50 anos - resolveu apostar no candidato do PT, talvez pela sua percepção que os votos e o apoio dessas regiões seriam fundamentais para sua candidatura.

4.2 BREVE RESGATE DA HISTÓRIA DO PRESENTE

Como salientando na seção anterior do capítulo, Nova Iguaçu entra no final da década de 1990 e no início dos anos 2000 em estagnação devido a ascensão dos governos/partidos alinhados a elite aristocrática dos partidos da tradicional/conservadora direita nacional e a relativa perda da força de luta dos movimentos sociais na região.

A rigor, o enfraquecimento dos movimentos sociais na região teve início durante a ditadura e se acentua durante a gestão de Leonel Brizola (1982-1986) frente ao governo estadual e, especialmente, a partir da década de 1990, com a vitória de Fernando Henrique Cardoso, para a presidência do País, de

⁷¹ Esse número foi calculado excluindo a população da URG 1 CENTRO, mais rica e que concentra 175.562 habitantes do restante do contingente populacional da cidade.

Marcelo Allencar, para o governo do Estado do Rio de Janeiro, e a de Nelson Bornier (1996-2002), para a prefeitura da cidade.

Nelson Bornier beneficiou-se das alianças estabelecidas pela burguesia local nos níveis estadual e federal de governo e, também, da lembrança deixada pelas péssimas administrações anteriores. Nessas condições conseguiu exercer um mandato com forte apelo popular, já que equacionou parte dos problemas mais sentidos pela população. Nota-se principalmente mudanças de caráter urbanístico e na coleta regular de lixo que foram amplamente aprovados pelos moradores. Em segundo mandato, entretanto, não alcançou a consolidação das mudanças iniciadas, tendo sido acusado de corrupção⁷².

Estes fatos, a que se somaram outros, como falta de carisma e utilização de estratégia política inadequada, contribuíram para a derrota do seu candidato, Mário Marques, para Lindberg Farias nas eleições municipais de 2004.

Tanto a campanha de Lindberg quanto suas duas gestões, foram particulares, porque romperam com ciclos antigos de dominação na cidade, o que gerou reações apaixonadas e peculiares que pretendo explorar ao longo deste capítulo. Além disso, vale destacar que Lindberg foi o segundo prefeito eleito pelo PT na Baixada Fluminense, então realmente representava novidades que foram digeridas aos poucos pelos políticos locais e também pela população.

4.2.1 Lindberg Farias e Nova Iguaçu

Sem dúvida, merece atenção especial o aparecimento de Lindberg Farias em Nova Iguaçu e todo processo de sua eleição e gestões. Principalmente no que concerne as questões principais dessa dissertação: sua relação com a juventude do município e o aparecimento/retomada das políticas

⁷² Em 2002, renunciou à prefeitura para candidatar-se a deputado federal, dando posse a seu vice, Mário Marques. Em 2006 foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Em 2008, Nelson Bornier se lançou candidato a prefeito de Nova Iguaçu pelo PMDB. Alvo de diversas denúncias de corrupção, Bornier teve seu pedido de candidatura inicialmente indeferido, porém devido a decisão do STF que criou súmula vinculante a respeito da inelegibilidade, o TRE-RJ acabou mantendo-lhe o direito de ser candidato. Figura atualmente na lista dos "ficha suja" criada pela Associação dos Magistrados do Brasil. Conseguiu cerca de 133 mil votos (Cerca de 33% do total), ficando em segundo lugar.

culturais no governo de Luís Inácio Lula da Silva e sua chegada na periferia urbana.

Nessa parte utilizaremos a análise antropológica feita por Alessandra Siqueira Barreto (2004) e a análise geográfica de Manoel Ricardo Simões (2007) das práticas políticas na Baixada, em especial seus trabalhos de campo e observação participante na primeira eleição de Lindberg Farias, assim como seu primeiro mandato. Além disso utilizaremos dados coletados ao longo de sua gestão e entrevistas com os diferentes Secretários de Cultura e seus funcionários próximos.

Lindberg Farias, foi líder/presidente da UNE e se tornou nacionalmente conhecido no processo de impeachment do presidente Fernando Collor em 1992, liderando o movimento conhecido como “caras pintadas” – jovens que foram as ruas manifestar sua indignação, exigindo a saída imediata do presidente. Lindberg nesse contexto é alçado a condição de líder nacional dos estudantes, participando ativamente de outros protestos/reivindicações e participou do Movimento pela Ética na Política. No ano de 1993, pós-impeachment, Lindberg, articula-se politicamente para a tentativa de conquista de um cargo eletivo, o que já figurava entre seus interesses (BARRETO, 2004).

No período eleitoral imediatamente posterior em 1994, Lindberg é eleito deputado federal mais votado por seu partido, naquele momento o Partido Comunista do Brasil (PC do B), com um discurso voltado para educação, movimento estudantil e contra a corrupção. Sua atuação neste primeiro mandato aparece realmente conectada à educação e suas bandeiras na UNE, ligadas a crítica do então sistema de avaliação da qualidade do ensino universitário (conhecido à época como “provão”) .

Em 1997, Lindberg sai do PC do B e filia-se ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), o que gerou críticas ligadas à falta de comprometimento ou desvio ideológico. Nesse contexto, Lindberg começa a ser rotulado e caracterizado. Para alguns a mudança de partido era uma simples manobra eleitoral; para outros (nota-se o papel da imprensa), refletia recrudescimento de suas posições políticas, dando-lhe a alcunha de “radical” (BARRETO, 2004). No entanto, apesar da mudança de partido ele não consegue alcançar a reeleição como deputado.

Salientamos que com essa denominação como “radical”, de caráter depreciativo, resistiu por muitos anos, sempre associada a outras características consideradas ruins pela imprensa e que foram reforçadas pela participação do político em diversas manifestações associadas a violência. No anos seguintes, foram feitas tentativas de relativização dessa imagem, como destaca Barreto (2004):

[...] À fama de “radical”, somava-se também a de “bêbado”, “encrenqueiro”, “badboy”. Lindberg protagonizou confusões dos mais variados tipos: com policiais, durante leilão da Vale do Rio Doce, em 1997; trocando cotoveladas com seguranças da Câmara dos Deputados, em 1998; arremessando pedras em policiais militares durante leilão de privatização da Telebrás, neste mesmo ano e, por fim, envolvendo-se numa briga em uma lanchonete, em 1999. Lindberg, após estes episódios, decidiu mudar seu visual (emagreceu, começou a praticar esportes, a correr), no intuito de transformar também sua imagem pública [...]. (BARRETO, 2004, p. 210).

Nas eleições de 2000, tentando vaga na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Lindberg ainda filiado ao PSTU, não consegue novamente se eleger pelo coeficiente de votos exigido de um partido não coligado. Sendo assim, em 2001, Lindberg efetua nova troca político-partidária filiando ao PT, e, nas eleições de 2002, elege-se deputado federal com expressiva votação (mais de oitenta mil votos).

Como ressaltado na introdução, Lindberg teve momentos contraditórios no PT. Ora próximo a denominação de “radical” dada a ele pela imprensa, pela associação com Babá, Luciana Genro e Heloísa Helena (que foram posteriormente expulsos pelo partido). Ora pela aproximação com a ala governista, que tinha como principal líder o presidente Luis Inácio Lula da Silva e também os ministros José Dirceu e Antonio Pallocci. Algumas vezes foi veemente contra o governo e em outras pedia calma aos companheiros de partido.

Os movimentos posteriores, então, foram decisivos para a continuidade da carreira política de Lindberg. Ele foi procurado pelo então presidente e pelos líderes do PT, adotou de vez o tom conciliador e posição favorável aos governistas. O que foi fundamental para o apoio de seu nome para pré-candidatura á eleição em Nova Iguaçu por parte do PT nacional, fortalecendo a

estratégia pensada para as eleições de 2004 – conseguir prefeituras de municípios médios com mais de duzentos mil habitantes.

Como era de se esperar, pela sua natureza, a candidatura do então deputado, sofreu com críticas/desconfianças de diversas ordens, dentro as quais destaco a resistência dentro do próprio PT e, obviamente na cidade de Nova Iguaçu. As críticas no PT vieram da então vice governadora do Estado, Benedita da Silva, e de Adeilson Telles, secretário de trabalho no governo de Benedita e aspirante ao cargo de prefeito de Nova Iguaçu. A pré-candidatura de Lindberg causa um racha no partido, já que setores defendiam um candidato da Baixada, com “cara de iguaçuano”, ao invés de uma candidatura “estrangeira” (BARRETO, 2004).

Abrindo um rápido parêntese, a última tese não teve influência na escolha do candidato do PT às eleições em Nova Iguaçu, até porque Lindberg estava alinhado aos interesses da diretiva nacional do partido - que exerceu pressão em nome de seu projeto coletivo. No entanto, é interessante notar nesta discussão, a disputa entre dois mecanismos distintivos nos termos bourdianos ([1998], 2007). O primeiro aparece quando é acionado o estigma do morador: ser da Baixada é passa a ser um elemento de distinção, porquenesta linha, só o morador da Baixada pode entender os problemas desta - formulação que cai por terra se analisarmos as inúmeras gestões de prefeitos nascidos e criados na Baixada.

O segundo mecanismo de distinção partiu de Lindberg e esteve presente no discurso de sua gestão a partir dos secretários e funcionários entrevistados: a busca por “cosmopolitizar” a cidade, valorizando sua potência interna e a inserir em fluxos nacionais de recursos. Seria um desperdício manter-se arraigado somente às questões da Baixada. O objetivo deveria ser a inserção em questões nacionais, especialmente na cultura. O que pode ser questionada pelos limites da associação do município com as esferas federais. Como exemplifica a fala de Julio Ludemir:

[...] Você está exatamente se perguntando qual é a herança desse momento na história em que Nova Iguaçu foi cosmopolita, globalizada, em que pela primeira vez na história, Nova Iguaçu teve uma linha direta com fontes de financiamento de Brasília. Papo de Lindberg, ele ligava: “Meu amigo, Luís Inácio”, entende? O filho do Lindberg se chama Lula. Nova Iguaçu nunca teve tanto acesso ao

poder, ela nunca dialogou tanto com o centro em todas as suas instâncias. E isso deixou uma herança, um legado, que ele não pode ser interrompido, como por exemplo o legado das ruas. Aquele arruamento, a relação de Nova Iguaçu com as chuvas. Tudo isso deixou um legado de uma reconstrução da cidade, mas também de uma reconstrução cultural e de uma reconstrução política [...]. (Júlio Ludemir, ex-coordenador do Jovem Repórter, em entrevista concedida ao autor)

Voltando ao contexto eleitoral de 2004, além da pressão no Partido dos Trabalhadores, Lindberg também teve que lidar com desconfiança na cidade. Sua candidatura não foi bem aceita pelos setores conservadores e médios da cidade, que o acusaram de cair de “paraquedas” na cidade e ser um “forasteiro” o que recaiu também em seus secretários, como exemplifica a fala de Carlos Rodrigo Avilez:

[...] No processo de trabalho eu tinha escutado algumas coisas, isso foi verbalizado sim, que a gente era de fora, principalmente no final, quando eu entrei nos conselhos de bairro escola que eu estava diretamente lidando com a população, conquistar a confiança dos bairros onde eu estava foi um processo, até o pessoal ver.... [...] Então esse fato de ser de fora, foi muito cobrado. Boa parte das vezes que a gente aparecia com o Daniel Guerra, que é uma figura conhecida em Nova Iguaçu, ou com o Jorge Cardoso, ou então com alguns dos amigos dele, que nos apoiavam, assim algumas entradas eram facilitadas, algumas conversas eram melhores, inclusive dentro da prefeitura [...]. (Carlos Rodrigo Avilez, ex-funcionários das secretarias de educação e cultura de Nova Iguaçu, em entrevista concedida ao autor)

Isto ajudou a confundir os eleitores nos primeiros momentos da campanha, já que o desconhecimento sobre o candidato era evidente. Assim como o desconhecimento da cidade, para onde havia se mudado supostamente em 2003.

Durante o período pré-eleitoral, Lindberg tentou estabelecer laços de pertencimento: conversou com políticos e moradores da região, tentando estabelecer alianças que pudessem fortalecê-lo. Dentre os aliados mais marcantes, Lindberg conseguiu angariar o apoio de lideranças do MAB, da diocese local e de movimentos sociais (BARRETO, 2004).

Nesse sentido, o candidato petista, começava a inverter a percepção de desconhecimento/desconfiança, ironicamente, utilizando do mesmo expediente

que determinou o avanço da sua carreira política: a aliança entre a alcunha de “radical” com a face conciliadora/moderada.

Em outras palavras, se por um lado, aliando-se aos movimentos tradicionais de luta na cidade de Nova Iguaçu valorizava sua imagem na proteção dos interesses populares e confrontava forças tradicionais do município; também demonstrava que tinha uma base de apoio do governo federal por trás de sua candidatura que lhe daria condições de melhor governar para esses setores.

Essa articulação com seu partido fica clara com a visita, ainda durante o período eleitoral, de Gilberto Gil (então Ministro da Cultura) à cidade, em dezembro de 2003. Esta visita e seus desdobramentos são especialmente importantes. Primeiro do ponto de vista político, já que nenhum membro da gestão municipal foi convidado, o que mostrou clara intenção de promover a figura de Lindberg a partir de lideranças nacionais. Isto deflagrou a crise já aberta entre redes políticas distintas. A visita revoltou o então Secretário de Cultura de Nova Iguaçu, Nelson Freitas, que confrontou publicamente Lindberg, repudiando sua candidatura, em uma manifestação escrita e assinada pela Comissão Organizadora da Associação de Secretários da Cultura da Baixada (BARRETO, 2004).

No entanto, a visita de Gil foi benéfica para Lindberg. Em conversas informais com agentes da cultura e também no debate assistido na “Teia da Baixada 2010” (FIGURA 2, ANEXO III), com diversos gestores, agentes e agitadores culturais, a maioria identificava aquela visita de Gil como marco fundante da tentativa de construção de um novo caráter para a política cultural não só em Nova Iguaçu, mas na Baixada Fluminense. A visita foi analisada como um momento de união em torno da causa da cultura e do fortalecimento desta discussão. Os problemas e o fato dos gestores do município não convidados, foram ofuscados e nunca citados.

Lindberg, com seu domínio eleitoral já transferido para Nova Iguaçu e confirmado como candidato, continuou a adensar sua estratégia política de aproximação com os setores populares. Lançou, em seu primeiro ato da eleição, o programa político participativo de governo, que contou com a presença de políticos importantes da direção do PT, como José Genoíno,

Gilberto Palmares e até Benedita da Silva – o que fortaleceu a candidatura de Lindberg e a blindou das críticas regionais.

Curiosamente, dentro da linha abrangente de alianças do PT, Marcelo Allencar, Alexandre Cardoso e outros líderes de partidos que tradicionalmente apoiaram políticos da chapa oposta à Lindberg, também estavam presentes. As alianças com outros partidos que apoiariam a base oposta, se deu pelo objetivo de derrotar politicamente a família Garotinho, principal base de apoio da candidatura do então prefeito.

Um exemplo da força que a candidatura de Lindberg tomou ao longo da eleição, foi a quantidade de verbas liberadas para Nova Iguaçu pelo então deputado. Em fevereiro de 2004, Lindberg conseguiu (com emendas pessoais e apoio de outros deputados) que fosse destinado à cidade o maior montante do Orçamento Federal para um município do estado do Rio de Janeiro. Foram mais de 9 milhões de reais, dos quais Lindberg foi responsável isoladamente por quase 2,5 milhões (BARRETO, 2004). Apoio obtido em parte pelo seu alinhamento ao governo federal e apoio aos seus projetos na Câmara Federal, o que era nesse momento uma via de mão de dupla: em troca dessa “ajuda”, Lindberg estreitava seu laço de pertencimento à cidade.

Outro ponto a ser destacado nessa virada de Lindberg de candidato desconhecido a principal nome nas eleições da Baixada, foi a adesão do público feminino à sua campanha. Em suas carreatas era comum a presença do público feminino, que o apelidou de “Lindinho”, valorizando seu porte físico e carisma. Isso fez com que muitas mulheres engajassem-se na campanha, o que foi utilizado com habilidade pelo candidato. Lindberg também atraiu com destreza a juventude, utilizando a facilidade de obter recursos para iniciar o projeto da Universidade da Baixada – que deu origem, posteriormente, ao campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Nova Iguaçu.

Lindberg também soube reverter a denominação de “forasteiro”, acionando sua origem nordestina – região de onde muitos migraram para Baixada Fluminense na acelerada urbanização brasileira. No entanto, o que parece ter tido efeito para a campanha do então deputado, de fato, foi a tentativa de se diferenciar dos políticos locais no que a população considerava que eles tinham de pior. Assim, a busca pelos movimentos populares, com a

escuta de demandas e o aparecimento destas no seu programa de governo, mostrou-se efetiva.

Apesar de conhecerem a cidade, talvez muito mais que Lindberg, os candidatos à prefeito identificados com os setores médios e altos da cidade sofriam com a desconfiança das classes populares locais. Isto ficou bastante claro quando pesquisamos o movimento por obras dos moradores do bairro do Cacuia⁷³. Havia uma descrença clara nos políticos que vinham aos bairros com promessas que não se concretizavam e pesava sobre eles desconfianças por muitos morarem na Barra da Tijuca, o que demonstrava a pouca importância que o município e suas demandas tinham para estes políticos.

Lindberg nessa conjuntura representava o novo, nunca tinha aparecido antes e tinha fortes ligações com agentes que representavam mudança. De fato, sua campanha, com contatos face a face - que os políticos tradicionais do município não tinham traquejo para realizar - cresceu na visita aos bairros periféricos acompanhados dos líderes de movimentos sociais, como o MAB. Como salienta Barreto (2004):

[...] A mudança pode ter uma conotação de gênero (candidatas mulheres em oposição a candidatos homens), de classe social (movimentos sociais), de perfil ocupacional (empresários) ou relacionada a uma estrutura de dominação política (remanejamento de poder com discurso de contestação/ crítica de elites locais). A propaganda de Lindberg referia-se especificamente a esta última. Apesar das alianças com o PSDB e com o PFL, pretendia-se, por um lado, alcançar a parcela da população insatisfeita com o governo de Mário Marques e, por outro, dar um basta à alternância das elites locais — representadas mais recentemente por Bornier e pela família Raunheitti — no poder [...]. (BARRETO, 2004, p. 247).

A campanha que sofreu com dificuldades no início - já que nas pesquisas tudo se encaminhava para a reeleição dos políticos locais – começa

⁷³ Estudamos no LASTRO, o conjunto de reivindicações que foram nomeadas, pela mídia, como “Revolta Cidadã”, motivadas pela ausência de investimentos públicos na Baixada Fluminense, que dificultam o enfrentamento das carências coletivas. Buscou-se compreender os vínculos sociais acionados e construídos pelos atores sociais e políticos envolvidos. De acordo com a cobertura midiática a “Revolta Cidadã” nasceu sem qualquer apoio de movimentos organizados e através de criativo protesto, que consistiram em faixas espalhadas pelo bairro contendo frases que rejeitavam a presença tradicional de carreatas eleitorais que prometiam melhorias sem que elas acontecessem na prática. O movimento alcançou respostas por parte da Prefeitura de Nova Iguaçu e serviu de exemplo para outros bairros no município e municípios limítrofes.

a ganhar adesões a partir das visitas ao bairros e ao programa do horário político gratuito. Enquanto Lindberg aparecia carismático, jovial e preocupado com os problemas da cidade; Mário Marques aparecia rancoroso, acusador e envelhecido (SIMÕES, 2007). Nova Iguaçu à esta altura já estava no centro das eleições municipais de 2004, com seus personagens expostos numa guerra política midiática que envolvia lideranças nacionais ligadas ao governo federal de um lado, e da oposição que foi personificada pelo casal Garotinho.

A “guerra” se intensificou com o aumento da popularidade de Lindberg e sua chegada ao segundo turno. Foram acionados recursos midiáticos e eletrônicos. Contribuíram muito também nesse contexto os showmícios de ambas as partes. Além da batalha religiosa, fomentada pelo casal Garotinho, com shows gospel e culto nas igrejas evangélicas do município.

Lindberg nesses eventos, assume a figura do “novo”, de “salvador”. Prometendo novas práticas políticas, tentando se diferenciar do coronelismo e clientelismo verificado na gestão das elites. Colocava-se como um político novo (ou seria um “novo político”?) que poderia trazer uma nova maneira de ver a cidade, destacando suas potencialidades. A intenção clara era demarcar o que era novo/moderno em oposição ao velho/tradicional.

Nesse sentido a campanha focou na reconstrução da cidade, não só do ponto de vista urbanístico, mas propondo uma revalorização cultural, o aproveitamento dos potenciais turísticos e ecológicos da cidade, alinhadas a já destacada temática da mudança.

Propunha retomar o poder e a representatividade que a cidade detinha quando era considerada a “Capital da Baixada” e antes das emancipações. Lindberg, utilizou todos os recursos acima e sua campanha contou com uma virada em termos de apoio popular, como destaca Barreto (2004):

“Com manchetes como a publicada no Jornal do Brasil, de 19 de setembro de 2004, “A Baixada se rende ao forasteiro: deputado do PT vira ídolo de crianças, adolescentes e mulheres de Nova Iguaçu, e passa à frente nas pesquisas para prefeito” ou as que figuraram no jornal O Dia (de 4 e 29 de outubro do mesmo ano, respectivamente): “O ídolo pop da Baixada: candidato petista à prefeitura de Nova Iguaçu, Lindberg Farias sofreu com o assédio feminino” e “Petista joga para torcida: mulheres lotam campo para assistir à pelada do prefeitável de Nova Iguaçu com astros do futebol” percebemos a dimensão de sua aceitação por uma parcela específica do eleitorado iguaçuano. A política da festa conduzida pelos showmícios, os programas eleitorais televisionados e a ênfase no corpo a corpo

auxiliaram na transformação do candidato em ídolo. Explorando a imagem de ex-líder estudantil para assegurar sua proximidade dos jovens de Nova Iguaçu, bem como o carisma pessoal e a beleza, Lindberg obteve uma combinação de fatores que lhe rendeu amplo acesso ao eleitorado feminino (de diversas idades). Além de camisas com o nome do candidato, as eleitoras mais jovens usavam adereços como bandanas, faixas de cabelo e pinturas feitas nos rostos — geralmente a estrela do PT”. (BARRETO, 2004, p. 255).

Lindberg vence então o primeiro turno com 48% dos votos e vai para o segundo fortalecido para mais uma etapa da “guerra”. Para esta etapa, no entanto, recebeu e pode acionar o apoio do presidente Luis Inácio Lula da Silva e os políticos representativos do PT, que se manifestaram contrariamente a todas acusações direcionadas ao candidato. Lindberg também conseguiu apoio de Fernando Gonçalves, terceiro colocado no primeiro turno, que representava finalmente um apoio local a sua candidatura vindo de uma base adversária. O apoio de Fernando Gonçalves também representava força no campo religioso, já que o candidato era evangélico, o que contrabalançou o apoio dado pelo casal Garotinho a seu adversário, Mário Marques.

Foi eleito, então, no segundo turno em votação apertada, mas as comemorações foram intensas, com jovens e militantes na rua, ovacionando o prefeito eleito. Lindberg soube reverter o quadro inicial de apatia, manejando bem os recursos midiáticos que tinha à mão. De fato conseguiu se comunicar com diversos segmentos da cidade – mulheres, jovens, estudantes e classes populares – de forma clara. Foram fundamentais ainda o discurso de mudança e sua aliança com o governo federal, em um momento em que Luís Inácio Lula da Silva gozava de uma popularidade crescente e o casal Garotinho estava em franco declínio.

Como destaca Simões (2007) foi fundamental para vitória de Lindberg, o resgate da autoestima e da identidade da população de Nova Iguaçu. Conseguiu opor de forma exitosa a população do entorno da cidade, que veio a ocupar os loteamentos precários da cidade e eram a maioria dos votos; às famílias tradicionais do centro da cidade, que perpetuavam-se a anos no poder e não atendiam/representavam mais os anseios da população.

4.2.2 As gestões de Lindberg Farias.

O governo Lindberg iniciado em 2005, foi marcado, assim como sua trajetória política, por contradições. Logo no primeiro ano, rompem-se as alianças que o levaram ao poder, tanto os grupos mais tradicionais quanto progressistas saíram logo no primeiro ano de seu governo. Alegaram falta de espaço na equipe de governo, já que os principais cargos foram distribuídos entre membros do partido de vários estados, os “estrangeiros” (SIMÕES, 2007). Além disso, houve a retirada do apoio de movimentos sociais que se sentiram excluídos da agenda prioritária da administração municipal

Seu vice Itamar Serpa, dono da Embelleze, uma das maiores empresas de Nova Iguaçu, não chegou a assumir o cargo de vice, e vários membros da diretoria do PT iguaçuano optaram por participar da gestão de Arthur Messias em Mesquita, ou rumaram para outros partidos como PSTU e PSOL, seguindo lideranças nacionais e estaduais que se desligaram do PT após o escândalo do mensalão.

A gestão de Lindberg Farias, apesar dos problemas enfrentados foi fundamental para a atração de investimentos para o município. Nova Iguaçu foi o município da Baixada Fluminense que mais recebeu recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) - até 2010 foram R\$ 311 milhões - por exemplo. Como ponto de destaque, o Prefeito retomou instâncias de participação popular - através da reconstrução dos conselhos populares, da convocação da população para a discussão do Plano Diretor e o Orçamento Participativo (SIMÕES, 2007).

A cidade de Nova Iguaçu, de fato, apareceu no cenário nacional, por outras razões/motivações do que pelos quais era normalmente retratada. Uma série de eventos nacionais e internacionais aconteceram, como o Fórum Mundial de Educação e a escolha de Nova Iguaçu, junto com Belo Horizonte, para ser piloto no Brasil do programa “Metas do Milênio” do Unhabitat, da ONU (SIMÕES, 2007). Os esforços em sediar esses eventos tem muito a ver com a tentativa de “cosmopolitizar” a cidade, colocando-a como pólo de eventos que estejam ligados a apelo midiático e que pudessem gerar como resultado futuros investimentos.

Destacamos que as disputas internas e falta de conhecimento local de muitos de seus secretários, atrapalhou o governo de Lindberg, a medida que gerava instabilidade e questionamento excessivos. O prefeito tentou, na contramão, reestabelecer a importância das secretarias. Orientou que para além da divisão interna dos recursos do município, que seus secretários e equipe, partissem para tentativas de obtenção de recursos nos ministérios que espelhavam suas pastas.

Esta ação se revelou fundamental para a SEMCTUR e sua aproximação com a juventude da cidade. A atuação desta secretaria foi pensada inicialmente em conjunto como o programa Bairro-Escola. A SEMCTUR, foi fundamental para efetivar os projetos/iniciativas no conjunto da cidade, lugares que não tinham recebido nenhuma atenção foram contemplados pela visita dos jovens agentes.

Vale destacar também o programa “Oba! Obras!” anunciado como “O maior programa de obras que Nova Iguaçu já viu” que, segundo seu programa, (FIGURA 3, ANEXO III) e fotos contidas nele tinha mais de 70 obras em andamento, com asfaltamento de 700 ruas e 34 escolas reformadas. O jingle e a mensagem da campanha é bem elucidativo do que se tentava até então, valorizar o programa de obras, mexendo com a autoestima do cidadão.

Consideramos que esta tentativa de descentralizar recursos, foi fundamental para reeleição de Lindberg, com 67% dos votos em 2008. Para se ter uma ideia da força adquirida na conjuntura política do estado do Rio de Janeiro, Lindberg demonstrou intenção de concorrer ao governo do Estado no último período eleitoral, acreditando que se elegeria caso conseguisse reunir a maioria dos votos da Baixada Fluminense. Partiu assim, para o enfrentamento direto e aberto (com ampla cobertura midiática - FIGURA 4, ANEXO III) com o então (e atual) governador, Sérgio Cabral Filho, que, nas eleições de 2008 não tinha eleito nenhum de seus aliados na Baixada Fluminense.

Lindberg Farias o incomodou e levou até o fim suas intenções, criticando Cabral em diversas ocasiões, como na agressão de agentes da Supervia à passageiros de um trem quebrado oriundo da Baixada (FIGURA 5, ANEXO III). Seu nome permaneceu em pauta e foi alvo de especulação às vésperas do período eleitoral, o que demonstra a referida posição estratégica ocupada pela região e sobretudo Nova Iguaçu nas disputas eleitorais. No entanto, devido a

pressões internas do PT, que preferiu manter sua aliança com o PMDB ao invés de lançar candidatura própria ao governo do Estado, Lindberg disputou a eleição para o Senado, sendo eleito com 4.213.749 votos, o equivalente a 28,65% dos votos válidos.

4.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS NO MUNICÍPIO – PROJETOS E PROJEÇÕES

A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Nova Iguaçu (SEMCTUR), foi um dos espaços que mais se modificaram na gestão de Lindberg Farias. Anteriormente ela seguia o mesmo padrão das secretarias de outros municípios, com funções ligadas à apoio/promoção/divulgação de eventos, sem ligação com o ideário político mais amplo de cultura.

Entre os secretários mais representativos da pasta nos últimos cinco anos estão, especialmente, Marcus Vinícius Faustini e Écio Salles. A escolha desses secretários para análise se deu pois suas gestões foram centrais para a posição adquirida pela secretaria, a criação de novos projetos no seio desta, e, por, assim como o prefeito, terem sido acusados de “forasteiros”.

Como demarcado anteriormente, desde o início da gestão de Lindberg, ficou clara a busca de verbas em diversas instâncias. Seja em órgãos e agências transnacionais⁷⁴; seja dos ministérios em Brasília, para onde muitos de seus assessores e funcionários foram para se qualificar e buscar recursos nos diversos programas do governo federal.

Essa busca e obtenção de recursos federais foram imprescindíveis para a reformulação das secretarias, para que estas pudessem funcionar com recursos próprios e maior autonomia. Neste sentido, destaco a entrevista realizada por Carlos Rodrigo Avilez (2010) com Bianca Ramos (integrante da Coordenação Geral do Bairro-Escola e uma das funcionárias da SEMCTUR que foram à Brasília em busca de recursos) que destaca esse processo de reformulação das secretarias de governo, na gestão Lindberg:

[...] Essas secretarias (...) passam a ter outra relevância e outra importância no cenário político e da atuação na cidade, causando

⁷⁴Como, por exemplo, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) de onde recebeu US\$ 69 milhões para o Programa de Saneamento Ambiental (Prosani).

outras mudanças. Por exemplo, essas secretarias passam a ter orçamento, e este deixa de ser contingenciado, e agora essas secretarias passam a ganhar importância no processo de construção da política para a cidade. Nesse processo, elas passam a enfrentar um processo de reestruturação interna e de reformulação de suas equipes, para atender as novas demandas oriundas das suas novas atribuições: estruturar um programa de atendimento a crianças e adolescentes, articular esse programa ao programa de educação da cidade, e, articular os grupos da cidade para cooperar na execução dessas ações... Porque é óbvio que prefeitura em lugar nenhum do mundo terá condições de fazer esse atendimento por sua conta. Nem do ponto de vista administrativo, nem financeiro, nem do ponto de vista institucional. Você imagina estruturar uma Secretaria de Cultura e de Esportes ao nível de uma Secretaria de Educação e todo o seu quadro [...]. (Bianca Ramos, entrevista concedida a Carlos Rodrigo Avilez, 2010, p. 137)

As secretarias passaram a ter outro perfil durante as gestões de Lindberg, foram colocados como secretários/pessoal agentes perfil próximo da área temática das respectivas secretarias - são marcantes casos da Educação e Cultura onde assumiram Jaílson de Souza e Marcus Vinícius Faustini. Este fato é relevante pois estes cargos estiveram tradicionalmente ligados à disputas político-partidárias. Sobre este novo caráter Bianca destaca a mudança de rumos que Lindberg propôs:

[...] A própria ação política que o prefeito Lindberg fez na virada do primeiro para o segundo mandato. Ele tomou decisões muito complicadas na alocação de pessoas no governo em áreas que, pela cultura, costumam ser ocupadas por políticos e não técnicos, como a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Educação, que tradicionalmente eram geridos por políticos do município e agora o prefeito colocou nos cargos, técnicos e pessoas que tinham acúmulo de reflexão sobre o assunto dessas pastas, uma decisão muito difícil, pois são secretarias com recursos garantidos e objeto de disputas políticas e que o prefeito “bancou” a alocação de técnicos para a administração. Acho que isso é um ganho interno grande [...]. (Bianca Ramos, entrevista concedida a Carlos Rodrigo Avilez, 2010, p. 154).

Nesse processo de institucionalização das secretarias, fica clara a evolução da SEMCTUR, com reestruturação e busca de recursos nos ministérios, como destacam também Bianca Ramos e Carlos Rodrigo Avilez em entrevista concedida ao autor:

[...] Tem também a articulação das políticas de governo dentro da sua área setorial, porque mesmo não tendo mais o seu orçamento contingenciado, este continua sendo pequeno. Não é 25% como é o

orçamento da Educação, nem 15% com é o da Saúde, então essas secretarias devem ter seus orçamentos complementados com outras ações e outros programas de outros níveis de governo. Para isso essas secretarias tiveram que também criar outros dispositivos e instrumentos para estabelecer essa articulação com as organizações da sociedade civil, como estruturar um fundo municipal de cultura, impulsionar a estruturação do Conselho Municipal de Cultura, e em paralelo impulsionar a criação do Conselho Municipal de Esportes, que passam a ter pautas claras para discussão, a aplicação de orçamento, o gerenciamento do fundo, participar dos processos de seleção e de acompanhamento. A Secretária de Cultura, por exemplo, pela necessidade de parceria optou por trazer a sociedade civil organizada da cidade para colaborar com o processo, a partir de editais de seleção de grupos para cooperação, a partir de um convenio com o governo federal pelo MinC, a conquista do Pontão de Cultura também possibilitou contratar mais grupos via edital de seleção. Essas medidas deram tão certo que passou a serem tomadas por todo o programa, no Meio-Ambiente, no Esporte, na Educação... Muito elogiadas pelos órgãos de controle. E a Prefeitura, um pouco antes de eu sair, caminhava para construir um modelo unificado de seleção para todas as áreas. Assim, por conta de todas as experiências, a Secretaria de Cultura é, na minha opinião, das secretarias que mais executam dão resultado, e a que mais impacta diretamente, no resultado do programa com seus beneficiários diretos, que são os alunos. E na comunidade também. E podem mensurar isso. É a secretaria que mais evoluiu[...]. (Bianca Ramos, entrevista concedida a Carlos Rodrigo Avilez, 2010, p. 157).

[...] O dinheiro que a gente tinha era das oficinas e das pinturas dos muros, que não era nosso, mas que a gente desenvolvia projeto, a verba saía da secretaria, da educação, saía do gabinete do prefeito, o Marcos Lontra já mais envolvido com o pessoal da cidade, da articulação da política de cultura local e eles cobrando mais política cultural e não tinha como dar uma resposta mais efetiva e de repente, em algum momento, que aí, eu já não sei te precisar quando, a Maria Antônia teve, já em 2006 mesmo, passou a frequentar muito, o Minc, inclusive e levava o Marcos e de repente ia a Bianca como chefe de gabinete, articuladora também, a Bianca articulava muita coisa, muita coisa, então a Bianca começou a ir muito a Brasília e essas negociações começaram a acontecer e surgiu esse contato no caso com relação à educação, que via a possibilidade de editais e veio. Apareceu esse consultor pra falar pra prefeitura, pra mostrar a prefeitura a possibilidade de arrecadação de outras verbas, usando o fundo municipal[...]. (Carlos Rodrigo Avilez, ex-funcionário das secretarias de cultura e educação de Nova Iguaçu, entrevista concedida ao autor).

Neste sentido, estão expostos os ganhos que a SEMCTUR teve neste processo. De esquecida nos governos anteriores, relegada a programação/divulgação de eventos, à lugar em que foram criados projetos com articulações próprias. A SEMCTUR adquire importância na conjuntura do município, a partir da prioridade dada ao Bairro-Escola e também pela

aproximação das políticas do Ministério da Cultura, como o Programa Cultura Viva.

4.3.1 Os secretários de cultura

Cabe destacarmos a atuação de dois atores específicos, Marcus Vinícius Faustini e Écio Salles que foram secretários de cultura da cidade no período 2006-2010. Destacamos esses dois, pois foram os que puderam de alguma forma manejar os recursos obtidos e com isso, fizeram gestões que representaram mudanças na compreensão do que é cultura e sua representação. Como também destacamos ao longo da introdução, esses secretários foram responsáveis pela criação de instrumentos para divulgação das atividades (não só eventos consolidados) ocorridas em Nova Iguaçu.

Marcus Vinícius Faustini, já era um agitador/produtor da cena cultural carioca⁷⁵ antes de tornar-se Secretário de Cultura de Nova Iguaçu. Foi vice-presidente da AMES (Associação Municipal de Estudantes Secundaristas) sendo um dos principais líderes estudantis da época na conquista do passe livre. Faustini cresceu na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em Santa Cruz no conjunto habitacional Cesarão (FAUSTINI, 2006).

Sua atuação em Nova Iguaçu teve início a partir do convite de Lindberg à sua organização “Reperiferia” para atuar dentro das escolas do Programa Bairro-Escola, promovendo estratégias para conectar atores sociais com experiências culturais. Nas palavras do próprio Faustini:

“O Lindberg me apresentou e eu falei: - Olha, antes de qualquer parceria eu quero poder conhecer. E o que eu fiz? Sozinho, fui pra dentro da escola pública, de algumas escolas públicas, principalmente de Miguel Couto, para dar aula de cinema na hora do recreio. Queria ver se a minha hipótese em relação a trabalhar elementos da vida junto com a linguagem cinematográfica, poderia dar certo como metodologia. Aí eu passei uns três meses visitando as escolas públicas dando aula de cinema, eu e uma câmera, para as crianças na hora do recreio, então essa foi primeira chegada antes de ter um projeto. Aí a gente começou a fazer uma participação dentro do programa Bairro-escola, pequena, umas oficinas de cinema que aconteciam numa sala pequena, e dentro das escolas. E depois disso, que eu propus pro Lindberg criar uma estratégia do cinema dentro da sala de aula, o cinema que pensasse o território, que ajudasse as crianças a descobrir o bairro. Como a centralidade do

⁷⁵ Principalmente através do teatro, já que é formado pela Escola de Teatro Martins Pena e dirigiu várias montagens.

bairro-escola era a educação dentro do território, a gente ficou... Nosso trabalho já era esse, nossa história já era essa, de buscar uma representação contemporânea da periferia e uma metodologia que misture linguagem, vida, território, memória. Aí a gente começou a fazer umas oficinas, de cinema, já um pouco mais estruturadas, já com pensamento de início, meio e fim, é... (Marcus Vinicius Faustini, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor)

A partir do sucesso dessas oficinas, surge a necessidade de expandir as experiências estéticas com o cinema e um prédio em Miguel Couto é alugado pelo Reperiferia e torna-se a Escola Livre de Cinema de forma autônoma. Este torna-se o principal projeto de Faustini em Nova Iguaçu, já que logo depois de sua inauguração a prefeitura decide entrar como parceira. Faustini, adquire então visibilidade, já que seu projeto torna-se uma das pontas do Bairro-Escola, programa prioritário da administração municipal. Sendo assim, surge o convite do prefeito para que ele assumisse a SEMCTUR:

[...] A partir do trabalho da Escola de cinema que a agente comprou, vestiu a camisa do Bairro-escola, o Lindberg viu esse trabalho, e acabou me chamando pra ser Secretario de Cultura lá de Nova Iguaçu. Por conta do trabalho da Escola de Cinema e por ele achar que a secretaria não estava dando conta da percepção dele como gestor de pra onde tinha que ir. Aí eu topei e me afastei da Escola de Cinema, da gestão da Escola de Cinema e fui pra secretaria, e aí na secretaria a gente estabeleceu uma relação, de cara, dialógica com a sociedade civil, mesmo que em alguns momentos conflituosa, a gente, “não vamos discutir, vamos negociar” e como entendimento central da gestão, de que deveria reconhecer os atores sociais como seres culturais, então a centralidade era, todo mundo é cultura, então misturaria a rezadeira, junto com o grafiteiro, junto com a professora, junto com a mãe e aí a gente partiu pra ir atrás da juventude de Nova Iguaçu que ainda não estava incluída e reconhecida como um agente cultural, ela era só uma receptora, então a gente queria fazer esse corte, sentamos com a sociedade civil que já era organizada, mais histórica, e pactuamos a realização do fundo de cultura que era uma reivindicação histórica de um lado, e de outro lado começamos a criar programas de envolver a juventude e de participação da cultura dentro da educação, eram as linhas principais para entender que a cultura pode ser esse lugar... Por entender que a cultura pode ser esse lugar que inventa uma ação estética dentro do território, que inventa uma ação de mobilização, de metodologia [...]. (Marcus Vinicius Faustini, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

Como Faustini coloca, a sua gestão à frente da secretaria procurou colocar em contato, diferentes grupos produtores de cultura. Ao tentar ampliar a participação, a partir do slogan “Todo Mundo é Cultura” (FIGURA 6, ANEXO III), se aproximou do conceito ampliado de cultura proposto por Gil e pelo MinC, afastando a cultura de um conceito puramente artístico. Várias medidas, de

caráter simbólico, foram tomadas, para demarcação desta nova atitude. As paredes do espaço em que funciona a secretaria (casa de cultura Sylvio Monteiro) foram derrubadas como símbolo de transparência e a articulação com a cultura jovem e de rua foi demonstrada pelo grafite em todo o espaço (FIGURA 7, ANEXO III).

As políticas do MinC, portanto, forneceram modelos inspiradores no processo de institucionalização da SEMCTUR⁷⁶. Essas políticas, foram pensadas para os espaços periféricos da própria da cidade. Dentro da “discriminação positiva proposta por Gil, os editais que foram confeccionados determinavam que os projetos deveriam ser divididos igualmente entre as diferentes URGs da cidade⁷⁷.

Sua passagem pela SEMCTUR durou dois anos e conseguiu estabelecer o fundo de cultura e o edital dos pontinhos de cultura. Principalmente, conseguiu fortalecer a participação juvenil dentro da secretaria, que explicaremos adiante. Em outras palavras, conseguiu movimentar um campo cultural que permanecia estático com a inclusão de novos atores.

A gestão de Écio Salles que era subsecretário na gestão de Faustini foi de continuidade. Écio é doutor em comunicação pela UFRJ e atuou junto ao Afroreggae durante os anos 1990, com uma trajetória que perpassou diversos setores: a academia, o terceiro setor e a gestão pública de cultura quando assumiu a SEMCTUR.

Essa gestão foi marcada então pela execução do que já havia sido delineado na gestão Faustini: foi dado prosseguimento à aproximação com os grupos culturais da cidade, na tentativa de demonstrar que a partir da execução do fundo municipal de cultura haveria espaço para estas manifestações dentro do âmbito da SEMCTUR:

[...] Fizemos grandes reuniões com o pessoal do teatro, com o pessoal da música, com o pessoal da dança, com o pessoal das artes plásticas. A gente passou as primeiras semanas numa agenda frenética de conversas com grupos, e que foi na maioria das vezes, o de teatro então, quase encheu o “Sylvio Monteiro”, e ao mesmo tempo buscando localizar a nova geração que a gente sabia que estava produzindo ali, que estava pulsante ali e que precisava de canais para se expressar. Então nessa conversa a gente percebeu

⁷⁶Basta constatar que durante sua gestão foi criada uma política espelhada com editais para pontinhos de cultura.

⁷⁷O que não ocorre nas políticas culturais do Estado e do município, por exemplo.

que tinha questões que pra gente pareciam bobagem, mas que eram muito sérias para alguns setores da produção cultural. [...] Então a gente criou alguns projetos que iam por um lado focavam esses agentes culturais consolidados, o fundo municipal de cultura foi um exemplo disso, que não era um projeto nosso, já vinha de outra gestão, já estava construído pela cidade, participou ativamente da proposição, da consolidação da lei, enfim, de tudo isso, e a gente conseguiu executar, a nossa missão nesse sentido foi de executar o fundo, nos esforçamos para isso porque entendemos que ia ser uma ferramenta importante para impulsionar a produção cultural na cidade [...]. (Écio Salles, ex-secretário de cultura de Nova Iguaçu em entrevista concedida ao autor).

Do ponto de vista da formatação de alternativas para as secretarias, na cultura o projeto foi bem sucedido dentro de suas limitações. Nova Iguaçu conseguiu para além dos repasses do próprio município (1% aproximadamente) e do governo federal, fomentar seu projetos. Dentro deste contexto foram criadas duas iniciativas que propomos analisar com cuidado no próximo capítulo, o Jovem Pesquisador e o Jovem Repórter que foram catalisadores da participação juvenil em Nova Iguaçu.

Embora a proposta seja analisar um período bem definido de seis anos (2004-2010), abro um parêntese para falar da situação hoje, que é ilustrativa do esforço tentado na formatação de políticas para cultura da cidade. Nota-se aqui novamente um espelhamento em relação ao MinC e a cultura no Brasil, há uma fragilidade clara em termos de continuidade dos projetos.

O cargo de Secretário de Cultura, volta a ser negociado politicamente e boa parte das iniciativas pensadas para a juventude, voltam-se para alternativas de emprego, cursos fechados de artes e as iniciativas antes abertas tornam-se fechadas. A secretaria volta a ser também divulgadora/organizadora de eventos, deixando de lado o caráter de chamada livre ao jovem.

4.4 MOVIMENTOS SOCIAIS X POLÍTICAS CULTURAIS

No início do capítulo, retratamos o processo de urbanização de Nova Iguaçu, ressaltando suas lutas políticas encabeçadas nos últimos 50 anos pelos movimentos sociais de bairro. Foi ressaltada sua perda de força nos anos 1990/2000, que aconteceu em parte pela ascensão do projeto neoliberal no Brasil. Embora as lutas estivessem umbilicalmente ligadas ao campo da

política, nota-se que há, paralelamente, a formação de operadores culturais (atuando até mesmo individualmente) na cidade que têm se dedicado a um trabalho de formação cultural – através de oficinas e núcleos culturais.

Durante o percurso de pesquisa, entrevistando atores que participaram das políticas culturais em Nova Iguaçu, além da participação nas conferências municipais de cultura, ficou exposto uma espécie de “racha” entre os movimentos sociais/culturais da década de 1970/1980 com os secretários da cultura e as iniciativas que estavam sendo propostas. A tentativa de modificar o padrão distributivo das verbas da SEMCTUR que explicitamos no segmento anterior, que tentavam seguir os padrões do MinC e a adoção política de editais sofre com bastante resistência dos integrantes desses grupos.

Em parte, porque há resistência ao modelo dos editais pela dificuldade no entendimento dos termos jurídicos, dos direitos e deveres que estão acordados no documento, da formatação de um projeto, da necessidade de comprovação de currículo, da burocracia imposta na prestação de contas, entre outros problemas que procuramos levantar no fim do capítulo 2. Existe também a tentativa de obter recursos pela maior experiência/retorno que já foi dado em realizações anteriores. Os artistas esperavam que suas redes fossem mantidas, depois de anos de negociação e serviços prestados, já que conhecem o público da cidade, tiveram espetáculos/manifestações artísticas bem sucedidas que poderiam ser continuadas.

No entanto, verifica-se resistência (muitas vezes recusa) à adaptaçãodesses projetos pensados a partir dos editais pela identificação com o modo anterior de se fazer política cultural na cidade, denominada pelos gestores atuais de “política de balcão”, que esteve sempre ligada a obtenção junto a algum vereador/deputado de recursos para a realização de shows, peças e eventos variados. Como exemplifica a fala de Écio Salles:

[...] Existe assim, não só em Nova Iguaçu né, no meio cultural e na política pública de maneira geral, vigorou durante muito tempo e até recentemente, ainda hoje é um fenômeno muito presente, infelizmente, porque eram duas questões que influenciam muito essa relação da sociedade civil com o campo da cultura com o poder público. Uma é a “política do balcão” que é o fato de você ser amigo do vereador, do prefeito, do governador ou do secretário qualquer e a partir dessas relações você ir lá na secretaria e conseguir um dinheiro para o seu projeto mediante relações, por melhor que seja seu projeto o recurso é destinado mediante relações pouco públicas, pouco

republicanas o velho patrimonialismo brasileiro, muito presentes nessas relações, inclusive na cultura, então balcão de um lado e de outro lado, tem uma percepção ainda do ativismo cultural de mais tempo, de que a cultura é um campo próprio específico que não deveria se misturar com nada. Então sim, de um determinado modo nós enfrentamos, mas felizmente não em escala enorme e muito forte, mas sim, teve alguns casos de que as pessoas acham que tinha que apoiar porque o projeto tinha prestígio, que eu era amigo não sei de quem e achava que o balcão era o meio legítimo de apoiar, isso é um lado da questão [...]. (Écio Salles, ex-secretário de cultura de Nova Iguaçu em entrevista concedida ao autor).

Aparecem/nascem tensões nesse processo. Primeiro, pela falta de tato dos gestores e líderes da SEMCTUR em lidar com esses antigos líderes de bairro, que, afinal, são também portadores/produtores de cultura na cidade. Poderiam ter sido formuladas maneiras de participação adequada nos editais. Seja pelas dificuldades já ressaltadas nas seleções, seja pela natureza de seus projetos (geralmente espetáculos de prazo curto), justamente para afastá-los da troca de favores políticos.

Importante salientar que, como bem demarca Écio, muitos artistas continuam seguindo a “política de balcão” e são bem sucedidos em suas empreitadas. A formulação de editais que se aproximem desse artista veterano talvez também contribuíssem para o afastamento dele e seu público do reconhecimento/aplausos ao político que utiliza seu dinheiro fora dos processos devidos.

O que torna esta situação algo realmente lamentável é a tentativa de eliminar a influência desses artistas, com a pretensão que eles não estariam mais na cidade. Como afirma Julio Ludemir na entrevista concedida ao autor: “Lindberg foi rôdo, foi passar o rôdo no provincianismo de Nova Iguaçu, do raciocínio comezinho de Nova Iguaçu. E na verdade era passar o rôdo nessa geração caduca, que ia pastar”. É problemática a idéia de que estes agentes estão ultrapassados, pois não estão inseridos e/ou não se adequam na gestão atual dos recursos públicos (gestão essa que é também desigual). Negligenciar sua existência e não dar voz a seu conhecimento da cidade e suas demandas (sociais e culturais), não parece nem um pouco desejável.

Outra tensão verificada é a rivalidade que se cria entre os jovens que já “nasceram” no esquema de editais e foram orientados para a produção de projetos, com a liderança antiga. Os jovens inseridos nos programas são vistos

pelos gestores da política cultural como os novos atores que irão necessariamente produzir manifestações culturais relevantes.

Pode ser que sim e o autor desta dissertação concorda. No entanto, os jovens ficam engessados em modelos consolidados/prontos de “como fazer”, “como participar”, “como gerir” ditados pelas secretarias de cultura e ONGs especializadas, que acabam limitando seu raio de ação.

O ideal seria a busca pela convivência desses dois grupos em seus dissensos, a rivalidade leva à fuga da discussão crítica sobre o modelo de política cultural consolidado hoje no país e seus acertos e falhas em termos de gestão democrática – fazemos referência à outros sistemas similares ao Sistema Nacional de Cultura (SNC) como o Sistema Único de Saúde (SUS) que são muito bons no papel mas na prática tem problemas sérios.

De um lado existe um público jovem que é estimulado a participar de um modelo tido como automaticamente democrático e promotor de igualdades acriticamente, o que parece agradar aqueles que o ensinam. Do outro, existem artistas maduros que resistem a entrada no “modelo” pela possibilidade de perda de contatos e facilidades. O debate e o diálogo entre esses dois pólos de usuários/receptores/produtores de cultura seria benéfico para um sistema/editais ainda embrionário e incipiente.

ANEXO III



FIGURA 1. Vista aérea do Centro de Nova Iguaçu. Observar intensa verticalização no entorno da estação ferroviária e na área “rica” (entre a ferrovia e a Serra de Madureira). Fonte: Prefeitura de Nova Iguaçu, Plano Estratégico da Cidade. 1999).

A teia e o PROGRAMA CULTURA VIVA:

A Teia é a culminância anual do processo de empoderamento que se processa nas bases culturais da sociedade brasileira e que começaram a ter seu reconhecimento político a partir do lançamento do documento A Imaginação a serviço do Brasil: Programa de Políticas Públicas de Cultura.

O documento-compromisso, elaborado por gestores, intelectuais, estudiosos e artistas, como parte do Programa de Governo da Coligação Lula Presidente, e entregue em julho de 2002 (há exatos 8 anos) serviu como base inspiradora para a criação do Programa Cultura Viva (Pontos de Cultura) lançado em 2004 e que gerou a criação de mais de 2 mil Pontos de Cultura por todo o Brasil tendo como eixo orientador a aplicação do conceito de gestão compartilhada, entendendo a cultura não como produto mas como processo.

A primeira TEIA Nacional aconteceu em 2006 em São Paulo, seguidas de encontros em 2007, 2008, 2009 e agora em março de 2010 em Fortaleza com a presença de mais de 2 mil pessoas. O crescimento dessas iniciativas consolidadas como um movimento social discutindo políticas públicas e produção estética, produziu a necessidade da realização de Teias Estaduais e, nos estados com grande extensão cultural, a divisão em Teias Regionais, como é o caso da Baixada Fluminense, que realiza portanto a sua TEIA BAIKADA 2010.

Seja bem vindo!

Comissão Executiva da
TEIA BAIKADA 2010

teibaixada@gmail.com
http://teibaixada.org

Comissão de Atualização
de TEIA BAIKADA 2010:

Anderson Barnabé
Claudia Perluzo
Egeu Laus
Jorge Braga Jr.
Kleber Moreira
Lucicarla Martins (Lu do Rio)



Comissão Executiva
composta por Voluntários e Membros da
Secretaria de Cultura e Turismo de Nova Iguaçu:

Ana Cristina Venâncio
Claudia Perluzo
Daniel Guerra
Lino Rocca
Luz Anna Rocha
Sílvia Regina de Andrade
Verônica Nascimento



Dias 8, 9 e 10
Setembro 2010



**TEIA
BAIKADA**
Territórios Culturais 2010

Espaço Cultural Sylvio Monteiro
R. Getúlio Vargas, 31 - Centro
SESC Nova Iguaçu
R. Dom Adriano Hipólito, 10 - Moquetá
CENFOR
R. Dom Adriano Hipólito, 8 - Moquetá
Nova Iguaçu, RJ

FIGURA 2. Teia da Baixada, evento ocorrido em Nova Iguaçu, que promoveu o encontro dos Pontos de Cultura da Região



FIGURA 3. Capa do caderno de divulgação do Programa "Oba, Obras!"



FIGURA 4. Compilação de matérias publicadas no Jornal O DIA no período eleitoral de 2010. (Julho/Agosto 2010)

FIGURA 5. Nota publicada no Jornal – O DIA, sobre o processo que Lindberg pretendia mover contra Supervia, aliada do governo Cabral.

NOVA IGUAÇU

III conferência municipal de CULTURA

ETAPA DA II CONFERÊNCIA NACIONAL DE CULTURA

TODO MUNDO É CULTURA
23 e 24 de Outubro
ESPAÇO CULTURAL SYLVIO MONTEIRO
Rua Getúlio Vargas, 51-Centro

Diretrizes para o Plano Municipal de Cultura
Eixos Temáticos da II Conferência Nacional de Cultura
Sistema Nacional, Estadual e Municipal de Cultura
Nova Iguaçu Cultural

Inscrições abertas

Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
(21)2667-5796

ESPAÇO CULTURAL SYLVIO MONTEIRO
(21)2667-2157

Realização

 **PREFEITURA**
Nova Iguaçu

Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

 **COM** Conselho Municipal de Cultura Nova Iguaçu

FIGURA 6. Slogan “Todo Mundo é Cultura” na convocação para III Conferência Municipal de Cultura de Nova Iguaçu



FIGURA 7. Compilação de fotos tiradas pelo autor do espaço cultural Sylvio Monteiro, onde funciona a SEMCTUR. Essas fotos tem objetivo de mostrar os grafites descritos. Foi anexada à montagem um folder que mostra a SEMCTUR de frente.

5 JUVENTUDES PERIFÉRICAS: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS

No terceiro capítulo procuramos trabalhar a institucionalização da Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu (SEMCTUR) e agora nos debruçamos sobre a influência do principal ator deste processo, a juventude da cidade. Os secretários e subsecretários, consideram, de forma unânime, fundamental o envolvimento destes na implementação das políticas de cultura para a cidade. Para introduzir este capítulo, reproduzimos algumas falas:

[...] A gente partiu pra ir atrás da juventude de Nova Iguaçu que ainda não estava incluída e reconhecida como um agente cultural, ela era só uma receptora, então a gente queria fazer esse corte, sentamos com a sociedade civil que já era organizada, mais histórica, e pactuamos a realização do fundo de cultura que era uma reivindicação histórica de um lado, e de outro lado começamos a criar programas de envolver a juventude e de participação da cultura dentro da educação, eram as linhas principais pra entender que a cultura pode ser esse lugar... Por entender que a cultura pode ser esse lugar que inventa uma ação estética dentro do território, que inventa uma ação de mobilização, de metodologia (...) Eu acho que o papel da juventude na minha gestão foi decisivo. Eu acho que eles fizeram a gestão, não a gente. A gente organizou, eles agiram, eles transformaram aquilo num negócio potente. E a prova disso é que muitos que passaram por ali estão em vários lugares. Eu vejo, de vez em quando, um bando em um bando de lugar. E o projeto do Lindberg era um projeto de juventude, levar a faculdade pra Nova Iguaçu, a clareza de que o jovem, filho do trabalhador tinha que ter acesso aos bens imateriais como cultura pra você poder ter um lugar na sociedade, não é? Então eu acho que foi, foi decisivo o lugar da juventude [...]. (Marcus Vinicius Faustini, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

[...] A juventude pra gente teve um papel central justamente porque, como já disse antes, a gente tem essa preocupação em localizar e incentivar, incrementar, potencializar essas novíssimas iniciativas da galera muito jovem que está tentando encontrar seus caminhos aí. Por outro lado existia um projeto lá na secretaria que era “Jovens Repórteres” e que depois a gente dividiu em “Jovens repórteres” e “Jovem pesquisador”, que a gente produziu pesquisa na cidade que pra gente também era importante perceber o impacto que as ações culturais vinham produzindo no cotidiano da cidade, mas o que a gente buscou fazer foi criar meios para que esse jovens se expressassem cada vez mais e melhor, então, uma ferramenta como o “Cultura NI”, que é um blog que a menina produziu, ali tem um acervo de produção de conhecimento, de textos, de imagens, de informação que é de altíssima qualidade, e isso foi o resultado de dois movimentos que se encontraram no momento exato, os meninos são talentosíssimos [...]. (Écio Salles, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

[...] Desde que Lindberg assume o governo(...) ele tem uma clara percepção da importância de falar para esse ator social chamado juventude. Principalmente a juventude da periferia, que era uma coisa

meio desconhecida naquele momento. Eu acho que naquele momento o que se tinha de visão de juventude, eu acho que naquele momento as pessoas estavam propondo projetos para mudar uma juventude, é, e que não reconhecia – por exemplo – a potência de um cara como você, não reconhecia a potência de uma pessoa como a Jéssica[...]. (Julio Ludemir, ex-coordenador do Jovem Repórter em entrevista concedida ao autor).

5.1 JUVENTUDE COMO CATEGORIA E COMO POLÍTICA PÚBLICA

Antes de entrar especificamente na participação dos jovens nos projetos iniciados pela Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu, optamos pela reflexão, rápida e tentativa, acerca do que representa ser jovem no Brasil atual. Esta reflexão se conecta com o objetivo desta dissertação, ou seja, o que se modifica com a chegada e gestação de políticas culturais na periferia urbana e qual impacto disto nos jovens, considerando possibilidades de passagem para a vida adulta com suporte que os permita, mesmo com limites fugidios, fazê-lo com autonomia.

As reflexões sobre juventude tem feito parte das ciências sociais brasileiras desde a década de 1960 e a produção de trabalhos sobre “juventude urbana” em particular tem sido numerosa (VIANNA, 1997; PERALVA ; SPOSITO, 1997; ALVIM, 2000). Os trabalhos focam em dois eixos principais: jovens como agentes da delinquência e na contramão, como agentes de transformação social. Eixos poucos explicativos e que fizeram emergir indefinições na própria categoria que geraram análises associadas a “problemas” e “expectativas”, sem que se procurasse “a auto-percepção e formação de identidades” daqueles que foram definidos como jovens (CASTRO, 2004). Fenômeno parecido com a reflexão proposta sobre a periferia no nosso primeiro capítulo.

Este debate foi amplamente dominado pelo recorte etário (FLITNER, 1967) e na análise dos ritos de passagem que indicavam a entrada e saída da juventude através de construções simbólicas. Bourdieu (1983), avança quando propõe que as idades biológica e social são indissociáveis. A idade, portanto, é socialmente construída e varia em cada sociedade em diferentes momentos históricos e a partir de distinções de idade, gênero e classe:

[...] Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta ("nouvelle vague", "novo romance", "novos filósofos", "novos juizes"). Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, podemos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho e o orçamento do tempo dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes. De um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc. Encontraríamos diferenças análogas em todos os domínios da existência: por exemplo, os garotos mal vestidos, de cabelos longos demais, que nos sábados à noite passeiam com a namorada numa motocicleta em mau estado são os que a polícia para. Dito de outra maneira, é por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem nada de comum [...]. (BOURDIEU, 1983, p. 2-3).

Bourdieu aponta para a identificação de várias juventudes e demonstra como o conceito de geração é problemático (CARRANO, 2002; CARRANO ; PEREGRINO, 2003 e CARMO, 2001). O que nos faz retomar também o problema identificado nas análises que ligam a juventude à delinquência e a transformação social, já que esses trabalhos tiveram/tem em maior ou menor medida a identificação da juventude a partir de adjetivos, tais como: vilão, herói salvador, delinquente, transformador, entre outras.

Adjetivos serviram muito bem à definição de políticas públicas, mas contribuíram muito pouco para a consideração da diversidade de relações e interesses em que estão inseridos os jovens. Tudo comportamento que se afasta do público alvo, do padrão, deve ser desconsiderado em nome da eficiência da política pública – a carência é considerada como parte do indivíduo: o jovem perto do tráfico é sempre delinquente e basta criar uma política que o afaste dele. Felizmente as relações sociais não permitem tais simplificações, a juventude/jovem não terão características definidas a priori.

Essas definições afastam o debate do jovem considerado como ator político que dialoga com as desigualdades sociais verificadas em seu entorno. Em outras palavras, essas definições consideram o jovem como um agente que precisa “ser formado, direcionado para assumir seu “papel social”, podendo se desviar neste percurso e, que, portanto, precisa ser “controlado”” (CASTRO, 2004). O jovem é considerado, portanto, como alguém numa fase de transição no seu percurso de vida e incapaz de produzir naquele momento manifestações próprias.

No Brasil, pela condição histórica de vulnerabilidade - no acesso ao trabalho, escola, renda e seguridade social – as políticas para a juventude tem tido grande adesão apesar de descontínuas e fragmentadas. A partir dos anos 1990/2000 com a consolidação do neoliberalismo e a emergência de novas problemáticas sociais resultantes de mudanças do mundo do trabalho, na política e na cultura, a juventude emerge, também, como uma importante categoria das políticas públicas/sociais. No país, a partir dos anos 1990 as políticas públicas para a juventude ganharam relevância e seu foco primordial foi a juventude da periferia urbana.

Seguindo a trilha alinhavada por Bourdieu, o padrão de inserção dos jovens está relacionado ao percurso histórico de sua nação em um determinado momento. Há uma grande variação no que diz respeito ao ambiente familiar, a entrada na escolar e posteriormente à inserção no mundo do trabalho. Especialmente neste último a possibilidade de inserção dos jovens é diminuta, com aumento do desemprego juvenil e a submissão dos jovens quando empregados à relações de trabalho instáveis (POCHMANN, 2000).

Não se faz necessária a produção um mapa para a demonstração que os jovens da periferia urbana são os mais afetados com as disparidades, principalmente, no que diz respeito ao acesso à educação e emprego. Para os jovens situados nos estratos sociais de menor renda persiste “um círculo de reprodução inter-geracional de pobreza, cujas consequências podem ampliar a segmentação social e produzir maior isolamento de substantiva parcela de jovens e de futuros adultos” (CACCIAMALI, 2004). Nesse contexto, com escasso acesso aos bens necessários à reprodução social, a juventude periférica brasileira, é alvo preferencial de programas elaborados pelo Estado e projetos elaborados pelas ONGs e Terceiro Setor.

As ações voltadas para a juventude começaram a ganhar maior relevância no final da década de 1980 na área da saúde (relacionadas ao combate da AIDS, drogas e gravidez precoce). Nos 1990, no entanto, a imagem dos jovens foi sendo socialmente reelaborada, tendo como referência um perfil mais individualista e consumista. Sendo assim, os programas e projetos ganham impulso para sanar as vulnerabilidades e as novas desigualdades oriundas desse novo perfil.

Um marco foi a instituição, em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que de um lado reconheceu as disparidades e problemas em que a juventude estava inserida, mas de outro fortaleceu a emergência de ações de governo nos campos esportivo e cultural que visavam o controle social do tempo juvenil, o que se intensificou durante os anos Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso.

No contexto político iniciado em 2003, um dado representativo foi a criação, em fevereiro de 2005 da Secretaria Nacional de Juventude, vinculada à Presidência da República, com o objetivo de formular, supervisionar, coordenar, integrar e articular programas e projetos, em âmbito federal, além de fomentar a elaboração de políticas públicas para jovens (OLIVEIRA, 2012).

Com a secretaria foi criado o Conselho Nacional da Juventude (CNJ), contando com a seguinte composição: “representantes de órgãos governamentais, organizações juvenis, ONGs e personalidades reconhecidas pelo seu trabalho com jovens” (BRASIL, 2012); e com as seguintes atribuições: “assessorar a Secretaria Nacional de Juventude na formulação de diretrizes da ação governamental; promover estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil; fazer com que a Política Nacional de Juventude “seja conduzida por meio do reconhecimento dos direitos e das capacidades dos jovens e da ampliação da participação cidadã” (BRASIL, 2012).

Entre os programas gerados a partir desta secretaria relacionados a ministérios, estão o Agente Jovem (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome); Saberes da Terra e Escola de Fábrica (Ministério da Educação); Juventude Cidadã e Consórcio Social da Juventude (Ministério do Trabalho e Emprego). Entre estes, destaco o Programa Nacional de Inclusão

de Jovens (PROJOVEM⁷⁸) e Programa Universidade para Todos (PROUNI)⁷⁹, vinculados à Secretaria Nacional de Juventude e ao Ministério da Educação, respectivamente, por serem repetidamente citados nas entrevistas com gestores e jovens de Nova Iguaçu. A problemática juvenil foi timidamente redimensionada, nesse novo cenário, com mudanças expressas nos indicadores do mercado de trabalho (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2005).

Mesmo se tratando de um novo momento, tais iniciativas são insuficientes para resolver o quadro anteriormente relatado. Como avanços podemos elencar: a emergência pública da problemática do jovem, especialmente frente às dificuldades de acesso universal a uma educação de qualidade e quanto às condições de inserção no mundo do trabalho; início da constituição de uma base institucional de ação pública sobre o tema (especialmente, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude); a profusão, nos últimos anos, de políticas públicas de juventude nos âmbitos estaduais e municipais (SPOSITO, 2006); a atuação em várias frentes, simultaneamente e sob maiores graus de articulação entre si, tais como educação, formação profissional, intermediação de mão-de-obra, microcrédito e mobilização cidadã; esforço de mobilização e articulação da sociedade civil (IPEA, 2008).

As limitações ainda são fortíssimas do outro lado: desarticulação entre as diversas iniciativas destinadas especificamente à problemática juvenil, seja no que se refere às relações interministeriais, no plano federal, seja quanto ao entrosamento entre os entes federativos; paralelismo/justaposição e desarticulação dessas iniciativas mais especificamente focadas frente às políticas de caráter mais permanente e estruturante (tais como: sistema educacional, sistema público de emprego, política econômica); continuam

⁷⁸O PROJOVEM Urbano destina-se a promover a inclusão social dos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que, apesar de alfabetizados, não concluíram o ensino fundamental, buscando sua re-inserção na escola e no mundo do trabalho, de modo a propiciar-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e exercício efetivo da cidadania: Fonte: <projovem.gov.br>

⁷⁹O PROUNI - Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa Fonte: <siteprouni.mec.gov.br>

frágeis os mecanismos de controle social dessas políticas e das formas de participação social, seja quanto à atuação das organizações da sociedade civil, seja com relação ao envolvimento dos próprios públicos beneficiários; mantém-se um quadro de qualificação deficiente dos órgãos e agentes encarregados de viabilizar tais ações; não houve grandes avanços quanto à dotação orçamentária; persiste o caráter emergencial das medidas, apesar dos avanços no sentido de torná-las mais robustas e permanentes (IPEA, 2008).

Além das iniciativas citadas acima do CNJ e investigando as melhorias realizadas, nos interessa sobretudo destacar, o papel dos Pontos de Cultura e as iniciativas das secretaria municipal de cultura de Nova Iguaçu. Na nossa opinião, apesar de direcionadas ao desenvolvimento cultural, estas ações tiveram efeito imprevisto.

5.2 POLÍTICAS CULTURAIS E LEITURAS DA JUVENTUDE

De fato, os dados sobre a juventude brasileira (considerada em termos etários, de 15 a 29 anos⁸⁰) publicados pelo IPEA (2008) em pesquisa já anteriormente citada, são alarmantes. Há 51 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos; 66% deles estão fora de salas de aula; apenas 13% deles estão cursando curso superior; 48% dos que tem 17 e 18 anos estão estudando no ensino médio; 46% deles estão desempregados; apenas 27% têm emprego com carteira assinada; 31% são miseráveis, pois possuem renda per capita inferior a meio salário mínimo e 70% dos jovens considerados pobres, são negros.

Com escasso acesso aos bens necessários à reprodução social, a juventude periférica brasileira, torna-se alvo preferencial de programas elaborados pelo Estado e projetos elaborados pelas ONGs e Terceiro Setor⁸¹.

Sendo assim, mesmo que de forma inicial e incipiente, visto as limitações apontadas, ganha sentido o tema da mobilidade sociale a análise

⁸⁰Ressaltamos que o critério etário não é o melhor para definir jovem/juventude, como bem nos diz Bourdieu, juventude é uma palavra. Na verdade esta é definida relacionalmente.

⁸¹Não foram encontrados dados consistentes sobre participação e adesão dos jovens a estes programas, segundo o IPEA (2008). Estima-se que esses programas conjuntamente, esses programas atenderam 683,7 mil jovens entre 2007 e 2008 e segundo os dados MinC (2011) 8 milhões de brasileiros, participam direta e indiretamente dos Pontos de Cultura.

dorazoável aumento de possibilidades entra na pauta. O que antes estava restrito a juventude dos estratos médios da sociedade brasileira - a possibilidade de “usufruto” da juventude, a entrada tardia no mercado de trabalho (considerando aqui a influência clara do desemprego), a negociação com a família quando se adensam as mudanças e cortes geracionais – passam a fazer hoje parte da vida de uma geração de jovens de periferia.

Mediante à chegada de políticas/programas públicos, começaram a existir experimentações urbanas diferentes a partir da mobilidade. Altera-se o quadro de possibilidades/planejamento, porque os jovens alteram o contato com suas redes, que, por sua vez, contribuem para as possibilidades de trabalho/atuação. O poder de planejar, “ir e voltar”, que antes estava restrito a jovens da classe média/alta, torna-se um dado a ser analisado, pois auxilia a descompressão do imaginário, como exemplificam as falas de Jéssica Oliveira Ramos e Yasmin Thayná:

[...] Olha, eu vivia numa bolhazinha, sabe? Lá em Morro Agudo e estava em Nova Iguaçu e era isso, sabe? Para mim o que era importante... Não tinha nada. De importante não tinha nada. O mesmo discurso que ouço muito, sabe? “O que tem em Nova Iguaçu? Nada. Nova Iguaçu tem o Top Shopping, que tem aquele cinema horrível que só passa filme dublado, tem a RioSampa, tem uns barzinhos, o Silvio Monteiro que não faz guerra a muito tempo, embora exista lá. E aí, eu percebi que não. Nova Iguaçu é muito grande. Nova Iguaçu vai muito além de certos eixos, quando você circula tanto. Então primeiramente eu estourei essa bolhazinha e circulei pela cidade, entende? Coisas que eu não fazia, poxa vida. Eu estudava de manhã, chegava em casa à tarde dormia e pronto, sabe? Era essa vidazinha de estudante, entende? Aí eu passei a circular, bem louca, porque eu ia para cada canto de Nova Iguaçu que a gente nunca tinha ouvido falar, entende? Comecei a ter contato com muita gente, (que dizia) que olha não é só isso, presta a atenção, que tinha um olhar... Eram donas de outros discursos, acabou me enchendo de muitas perspectivas. Eu acho que a partir desse momento, eu vi: peraí, não é só isso. O que passa sobre a minha cidade no jornal da Globo, no jornal do SBT, não é o único lado da moeda, não é a única coisa (...) Eu posso enxergar nas pessoas histórias, que talvez você não reconheça como importantes, uma pessoa produtora de cultura que talvez você mesmo não se reconheça, entende? Eu acho que me foi dado um novo olhar, uma nova maneira de enxergar as coisas, de pensar, de criticar e principalmente de ouvir bastante, sabe? Talvez deixe de criar uma própria opinião porque eu me misturo muito com a opinião dos outros, sabe? O importante as vezes não é nem falar, o importante as vezes é deixar os outros falarem. Acho que isso foi muito incitado em mim, estimulado, pessoalmente [...]. (Jéssica Ramos, ex-Jovem Repórter em entrevista concedida ao autor).

[...] Todo dia eu conheço uma pessoa diferente, eu tenho um voo marcado hoje para as dez horas da noite, vou para São Paulo, dia 31

eu vou para a Bahia e dia sete eu vou para Recife, vou conhecer sete cidades em Recife. Então assim, toda hora buscando rede, entende? [...] (Yasmin Thayná, ex-Jovem Repórter em entrevista concedida ao autor).

Seguindo as orientações de Denise Cordeiro, no seu livro sobre a Juventude nas Sombras (2009), trata-se de perceber os indivíduos nos termos de Norbert Elias (1994), através de *deconstelações de circunstâncias* que podem alterar suas configurações sociais, a partir do debate que Elias trava sobre os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” no cerne da Sociologia Relacional. As formulações de Elias –que fogem do estruturalismo bourdiano - nos permitem perceber que os indivíduos podem impactar redes de relacionamento anteriormente estabelecidas, o que modifica sua posição de classe, considerando seu território de partida:

[...] A margem de decisão individual emerge dentro da rede social, não existe uma fórmula geral indicando a grandeza exata dessa margem individual em todas as fases da história e em todos os tipos de sociedade. Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age. De nenhum tipo de sociedade essa margem estará completamente ausente (...) a forma e a extensão da margem individual de decisão podem variar consideravelmente, conforme a adequação e a estatura pessoais do ocupante da função. Aqui, a margem de decisão é não apenas maior, como também mais elástica; nunca, porém, é ilimitada [...]. (ELIAS, 1994, p. 49).

Essa perspectiva nos ajuda a enxergar que houveram modificações na vida desse grupo de jovens, algo foi modificado em suas subjetividades, quando inseridos nos diversos programas e ações governamentais. Deste modo, o trabalho com jovem e juventude de periferia, faz sentido à medida que emerge nesses últimos 8 anos uma “geração” que vive um momento político que impacta suas vidas em termos de construção de uma autonomia e de redes sociais próprias.

É óbvio que os jovens não vivem esse período da mesma forma, especialmente a juventude das classes populares. Sem ilusão: para a maioria não há ainda o tempo do planejamento, pois são latentes as responsabilidades da vida adulta. Mesmo assim, não deixa de ser importante o aparecimento de uma nova geração de jovens populares, mesmo que de forma inicial,

experimenta pela primeira vez a possibilidade de planejar, viver sua juventude não necessária e diretamente ligada ao mundo do trabalho.

A projeção do que será suas vidas não depende exclusivamente das condições materiais da existência, já que estes começam a ser apresentados a outros ritmos/aspirações. Apesar dos problemas do conceito de geração, considero que, diferentemente de seus pais ou parentes próximos, de alguma maneira esses jovens são capazes de “levantarem suas cabeças” e perceber possibilidades ao seu redor. Estes jovens, denomino de forma embrionária, de “Geração Ponto de Cultura”, que aos poucos, nos termos de Touraine (1993), tem a possibilidade de tornarem-se sujeitos, já que conseguem articular um projeto de vida sem a necessidade de entrada imediata no mercado de trabalho.

Não se trata aqui de tecer comentários desmedidamente positivos acerca das políticas da SEMCTUR, até porque consideramos que não houve tempo, nem folego suficiente nessa pesquisa para tal empreitada. Mas é possível afirmar que esse grupo específico de jovens, apesar de problemas que veremos a seguir, enriqueceram seu imaginário, adquiriram auto-respeito, favoreceram sua experiência social e tiveram respeitada sua condição de sujeito (RIBEIRO ; LOURENÇO, 2005).

Isto, sem dúvida, constitui-se num mérito das iniciativas iguaçuanas, pois estas fugiram do que indicamos no começo do capítulo. Como falaremos nos seguimentos posteriores, não foi considerado o jovem “adjetivado”, sua participação foi convocada abertamente e os programas sofreram modificações ao longo de sua execução.

5.3 POLÍTICAS COM FOCO NA JUVENTUDE EM NOVA IGUAÇU

Partindo especificamente para o caso de Nova Iguaçu, foram gestadas no município políticas específicas para a juventude. A principal política da secretaria de cultura de Nova Iguaçu que obteve impacto frente a juventude da cidade e que nos propomos a analisar, foram os projetos Jovem Repórter e Jovem Pesquisador.

5.3.1 O Jovem Repórter

Como dito anteriormente, havia na SEMCTUR, grande articulação com a secretaria de educação do município, no intuito de tornar bem sucedido o programa Bairro-Escola. Podemos dizer então que antes da gestão de Marcus Vinicius Faustini, já existia o trabalho de jovens estagiários que estavam dentro da órbita da secretaria. O trabalho destes, que viriam a ser redirecionado naquele momento, era ligada à aceleração da implementação desse programa nas escolas. Nesta época, inclusive, estava em vigor um projeto ligado ao governo federal denominado “Juventude Cidadã”:

[...] Comecei a participar de um projeto, do governo Lindberg que se chamou: “Juventude Cidadã” (...) Eu trabalhava dentro da escola, como estagiária da escola e trabalhando com educação infantil e reforço escolar. Então a gente tinha toda uma preparação, tinha as oficinas que a gente vinha para saber como lidar com os alunos na escola. E eles ficavam em tempo integral e a gente ficava com esses alunos após a aula no reforço escolar. Depois foram desenvolvidas também, oficinas culturais e aí, a gente trabalhava, fazia trabalhos manuais com esses alunos na escola, atividades culturais, pintura, tinham jogos também. E aí, a gente recebia essa formação pra atuar na escola com esses alunos. Só que aí esse projeto ele acabou [...]. (Camila Oliveira, Assessora especial da SEMCTUR e ex-Jovem Repórter e Jovem Pesquisadora em entrevista concedida ao autor).

O que parecia bem claro, em termos de refratagem das políticas ministeriais era a intenção de promover políticas que “empoderassem”⁸² o jovem da cidade, com o objetivo de fazer com que ele valorize o local, o saber sobre a sua cidade. Como diz Faustini, sobre a transformação do Jovem Repórter de ação em projeto:

“O Jovem Repórter já estava ali um pouco dentro da secretaria, mas ele não era um projeto, ele era uma ação, e quando eu entrei, eu entrei com essa perspectiva de que tem que envolver a juventude, tem que envolver a juventude e tem que reconhecer que os atores sociais diferentes são cultura. Cultura não é só o artista. A mãe que canta, que faz a hora do funk no chuveiro pra menina tomar banho na escola, é cultura, ela é um agente cultural, ela precisa ser reconhecida (...) A gente entendia que a gente tinha que gerar uma sensação de pertencimento à cidade, às vezes o cara de Tinguá não

⁸² As aspas se justificam, pois “Empoderamento Juvenil” é um noção/conceito muitíssimo problemático. O uso nesta dissertação conecta-se com uma definição mais ou menos clara que está relacionada às possibilidades decorrentes do encontro do jovem com a rua de sua cidade. Sobre os problemas do conceito vale à pena ler o livro/tese de Regina Magalhães de Souza (2006), chamada “O Discurso do Empoderamento Juvenil” que mostra como esse conceito/noção foi apropriada por empresas e fundações privados e tem sido utilizado nos programas públicos para “domesticação” e “gestão” da pobreza.

reconhecia que ele era de Nova Iguaçu, ele dizia: “Vou ir á Nova Iguaçu”. (Marcus Vinicius Faustini, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

Nesse sentido, para dar suporte ao projeto Jovem Repórter e formar os jovens estagiários, foi criada em 2007 na cidade Escola Agência de Comunicação, através da parceria da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo com o programa Bairro-Escola. Os jovens da Escola Agência de Comunicação obtiveram aulas (fotografia, produção textual e edição de imagens) na Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC), criada pelo Observatório de Favelas.

Os jovens, secundaristas e universitários, então foram preparados para escrever matérias jornalísticas sob sua ótica, sobre o cotidiano das ações do Bairro-Escola. No entanto, a partir da gestão Faustini e a chegada do jornalista e escritor Julio Ludemir, o Jovem Repórter toma a forma de retratar o cotidiano da cidade, não só do Bairro-Escola, mas sob a ótica da juventude da cidade em matérias jornalísticas que deveriam ser publicadas em um *blog*⁸³:

[...] Nessa época a gente ia pra rua e a gente fazia matérias com o povo. A gente entrevistava todo mundo, mas o foco era o cotidiano, então assim, na porta da agência onde a gente trabalhava tinha um cara que vendia churros e a gente ia lá conversar com o cara do churros. Porque o cara do churros tá ali, mas ele chegou ali de alguma maneira. Então, por quê que você é o cara do churros? Por quê que você tá vendendo churros? Por quê que você tá vendendo churros aqui? E... por quê churros!? E aí, a gente descobria que por trás, por trás da história do cara que vende churros existe toda uma outra história, que o cara tem uma família enorme, e que não tem condições de criar seus filhos, e que a única coisa que ele sabe fazer é churros, e que aí alguém uma vez teve a ideia de patrocinar o churros dele. E aí, são, eram essas histórias comuns, do cotidiano que moravam em Nova Iguaçu que a gente narrava [...]. (Camila Oliveira, Assessora especial da SEMCTUR e ex-Jovem Repórter e Jovem Pesquisadora em entrevista concedida ao autor)

A dinâmica do Jovem Repórter consistia na seleção diária de jovens interessados a participar do projeto, que ganhariam uma bolsa para custeio de

⁸³Importante destacar que este blog já teve três versões, a primeira e mais simples <jovemreporter.blogspot.com.br>; a segunda com textos mais maduros e o ápice de jovens envolvidos com a publicação de muitos textos autorais – que é a prioridade na nossa análise <culturani.blogspot.com.br> e um terceiro, mais “profissional” dedicado a promover as iniciativas da secretaria de cultura, desvirtuado de suas características originais <jovemreporter.com.br>. Possível visualizar essas mudanças no ANEXO IV, FIGURA 1.

sua participação nas reuniões semanais de pautas com Julio Ludemir e locomoção na cidade para posterior produção textual, que constituiriam as matérias jornalísticas para o blog. Os jovens foram selecionados e reunidos no “quartel general”⁸⁴, localizado na rua Nilo Peçanha, no centro de Nova Iguaçu.

No começo do projeto, a adesão foi intensa, chegando a 200 jovens, um número que parecia razoável já que a cidade possui mais de 70 bairros que deveriam, pela teoria e lógica do projeto, ser alvo da produção de matérias. No entanto, na prática, o resultado inicial foi caótico, como descreve o coordenador Júlio Ludemir e Rafael “Nike” Soares (jovem da cidade, ativista e produtor cultural que também participou da entrevista com Julio):

[...] Quando eu cheguei, eu herdei a agência de comunicação. Nesse processo de formação ele criaram um negócio chamado ESPOCC (...) que reunia bondes espetaculares de 200 jovens na antessala da prefeitura. (Chegavam a 80 diariamente, né?) Eram bondes assim, maravilhosos, jovens vindos de longe (...) da periferia de Nova Iguaçu, ou seja, da periferia de periferia. Era um negócio assim, era uma multidão de jovens, que invadiram a sala. Era muito *trash* porque, meu irmão, de oitenta, dois tinham traços para a escrita, desenvoltura para, conteúdo para... É era o que a gente queria. A gente queria ter um grupo para fotografar, um grupo para produzir escrita de fato, um grupo para... Cara, agora está até brotando na minha cabeça. Tinha o grupo de apuração. Então esse da apuração era meio que estratégico para a gente. “Ah, vai lá ver se ‘tu acha’ alguma coisa”. Se o cara fosse de fato sagaz ali, a gente, bom, ‘vamos’ ter um apurador (...) Era maior frenesi, era uma loucura. Não tinha como ter controle, é lógico que não era todo dia que chegavam oitenta, mas a média era essa. Era muito bacana, foi desafiador, está até hoje – aos trancos e barrancos [...].(Julio Ludemir, ex-coordenador do Jovem Repórter e Rafael “Nike” Soares em entrevista concedida ao autor).

Com o avanço do projeto houve uma seleção dos jovens, que permaneceram de acordo com seu interesse no projeto. Depois de um ano, eram aproximadamente 50 jovens trabalhando assiduamente de maneira voluntária que começaram a receber depois de um tempo uma bolsa de R\$ 150,00. A partir da diminuição e foco da equipe, o projeto Jovem Repórter ganhou repercussão no estado do Rio de Janeiro e ajudou Nova Iguaçu a publicizar suas iniciativas/projetos culturais. Nesse momento, inclusive, que o autor desta dissertação começa a despertar seu interesse pelo tema, já que as

⁸⁴ Categoria nativa denominado pelos próprios jovens nas entrevistas sobre seu local de trabalho.

informações das ações promovidas chegavam por *email*, por colegas que nunca haviam ido/estado a cidade.

Aconteceu uma retroalimentação a partir das ações divulgadas. Em outras palavras, quando chegava à cidade um artista famoso, era lançado algum livro e/ou lançado alguma nova iniciativa; os jovens tinham a oportunidade de fazer entrevistas e “cobrir” o evento. Dessa forma, com o blog Cultura NI funcionando, divulgavam a ação e chamavam a atenção para seus próprios textos.

A produção textual desses jovens foi bastante influenciada pela valorização local e pela compreensão de que este jovem não possuía desvios, mas lhe faltava oportunidades e projetos para sua atuação, como explicitam Camila Oliveira, Julio Ludemir e Rafael “Nike” Soares:

[...] Quando eu entrei uma coisa que era assim, fundamental pra você fazer parte do projeto era que você fosse de Nova Iguaçu. Justamente, para que você tivesse aquela noção de pertencimento do local. Que era aquilo de você se empoderar do local que você mora. E aí, esse trabalho que foi feito, das memórias, da produção de memória, era pra você sentir, para valorização do território em que você vive, consequentemente da sua própria... Quando você se apropria de algo você tem zelo por aquilo, né? E aí, em todas as etapas até o dia de hoje e isso foi muito trabalhado, que hoje é claro, que nós não aceitamos jovens só do território de Nova Iguaçu, mas tem que se ter aquela noção de pertencimento do território, de valorização [...]. (Camila Oliveira, Assessora especial da SEMCTUR e ex-Jovem Repórter e Jovem Pesquisadora em entrevista concedida ao autor)

[...] Eu acho, assim, existia a igreja para catequizar os jovens, ou existe o crime, ou existe a ONG. Sempre existe alguém vai cuidar do jovem. Não existe a menor sensibilidade, não existe o menor reconhecimento de que este jovem, por si só, independentemente de qualquer política, de qualquer instituição ou de qualquer coisa (...) poderia construir a sua própria história. A gente fala sempre de um jovem dependente de alguma forma, e um jovem que se estiver sozinho, vai fazer merda. Se o jovem não tiver a proteção do crime, ele vai fazer merda; vai cheirar muito na “boca”, vai produzir a morte dele; ou pra ele sair disso, vai ter que se proteger na igreja; ou ele vai ter que se proteger na ONG. Alguém vai ter que cuidar dele. Em momento algum a gente percebe a potência que pode emergir de um movimento jovem, com as características daquilo que aconteceu nos Estados Unidos, daquilo que aconteceu na década de [19]60 principalmente, ou na década de 1970-80 com o movimento “punk”. O jovem de periferia é visto como um motivo de preocupação. Na verdade, você pode ser tudo menos jovem, pobre, da periferia. Isso é no mundo inteiro. O mundo não sabe o que fazer com esse jovem pobre da periferia. E vai o tempo inteiro estar estigmatizando e (...) rotulando [...]. (Julio Ludemir e Nike, ex-coordenador do Jovem Repórter em entrevista concedida ao autor).

No grupo de jovens entrevistados há consenso de que sua vida foi modificada, a partir da entrada nos projetos da prefeitura, foi comum a descrição de que suas vidas e a visão sobre a cidade haviam se modificado, a partir da andança nos bairros, a conversa com seus moradores e a aproximação de suas histórias. Também foram relatadas mudanças estéticas e ganhos com a capacidade de experimentação em diferentes campos artísticos:

[...] Eu peguei essas coisas assim, eu comecei a pensar que eu posso experimentar o que eu quiser, posso experimentar cinema, posso experimentar eletrônica, eu posso juntar essas coisas também, entendeu? E isso me deu acho que uma coragem para poder arriscar em certos pontos que não tinha, que não funciona, daí você vê que funciona de um jeito totalmente diferente do que você pensa que funciona. Eu acho que viver nesse ambiente de criação, nesse ambiente de ação, te possibilita a criar outras coisas para as pessoas também, eu acho que te humaniza mais, tu tem que ter uma percepção política muito forte, tu percebe as pessoas, (...) Esse contato me possibilitou, eu estou sendo superficial, mas esse contato ele me possibilitou estar a frente assim das coisas, estar fazendo curso, estar produzindo, eu acho que eu sou uma pessoa muito produtiva, eu estou inserida em espaços diferentes (...) O meu mapa são as pessoas, então eu conheço as pessoas para poder conhecer os lugares, então a galera vai me dando dicas: “olha isso aqui”, isso me estimula mais a andar pela cidade, parar de ir nos mesmos lugares, que também é importante, a gente sempre tem aquela rotina de ir aqui, ali, na escola, casa, curso de inglês e volta, só isso, e daí a gente não abre, não aguça o paladar para outras coisas, mas e com certeza, essa parte, sem tem dúvida, tu tem que andar cara, se não andar, já era [...]. (Yasmin Thayná, ex-Jovem Repórter em entrevista concedida ao autor).

Foi ressaltada também por diversas vezes, pelos gestores entrevistados, a continuidade e prosperidade da carreira dos jovens que participaram do Jovem Repórter:

[...] Existe uma política pública nacional de inclusão dos mais pobres na universidade e no acesso as tecnologias, com democratização da inclusão digital, com tudo isso, que fez da geração dessa garotada, uma geração muito esperta que consegue produzir, e de outro a nossa percepção da importância desse movimento e de legar ferramentas capazes de dar uma propulsão a essa energia, que nem sempre é percebida, muitas vezes é negligenciada, ou é tratada como ingênua, como algo sem peso, sem importância, e para gente é da maior importância, então, eu tenho percebido, inclusive é dos grandes orgulhos que eu tenho de ter participado dessa gestão do Faustini, é a de perceber uma quantidade muito razoável de meninos e meninas que a gente encontrou nesse período em Nova Iguaçu e que estavam ali no “Jovem repórter” e no “Jovem pesquisador” e que hoje estão em outros lugares e que estão produzindo, continuam ocupando novos espaços, não é uma galera que parou uma vez que a gente saiu, não era só a gente que motivava isso, a gente deu talvez o primeiro estalo ali, mas a galera foi se relocando rapidamente [...].

(Écio Salles, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

Com os exemplos colocados acima, mesmo com todas as questões referentes aos problemas subjacentes aos conceitos de pertencimento e empoderamento juvenil, podemos refletir sobre a importância do projeto Jovem Repórter. De uma forma geral eram jovens pouco conectados com experiências fora de cidade. Por “fora” não me refiro apenas a experiência física, mas a experiência subjetiva principalmente. Os jovens que tiveram a oportunidade de aproximação com o projeto, substanciaram seus repertórios, o que lhes permitiu programar e planejar escolhas emancipatórias. Os jovens entrevistados para esta pesquisa, com idade variando entre 19 e 24 anos, são em sua maioria universitários, o que seria impensável para geração de seus pais.

5.3.2 O Jovem Pesquisador

A segunda iniciativa da SEMCTUR que também atraiu e manteve jovens na órbita da secretaria foi o Jovem Pesquisador. Em 2008, o então secretário Marcus Faustini, convidou a antropóloga Marcella Camargo, fundadora do grupo Informação, Conhecimento e Atitude (ICA)⁸⁵ – para tornar-se secretaria adjunta de cultura e aplicar seu trabalho na produção de pesquisa por e a partir de jovens com a juventude de Nova Iguaçu. O intuito inicial desse projeto foi mostrar aos moradores da própria cidade que estes eram produtores de cultura e o impacto dos projetos na vida da população da cidade:

[...] O Jovem Pesquisador foi porque eu precisava mostrar que a cultura gerava impacto e precisava criar uma cultura de que a juventude também precisava entender aquela cidade. A cidade de Nova Iguaçu, é uma cidade com muitas contradições, muito diversa. Ela não é uma coisa só, não é só a elite que vem fruto e que sobrou das fazenda de laranja, ela tem uma diversidade enorme de famílias, combinações; japoneses, paraibanos, maranhenses... É uma potência cosmopolita ali (...) tinha um imaginário ali, a gente precisava criar uma cultura, as únicas pesquisas que era realizadas em Nova Iguaçu eram pesquisas políticas, então a ideia era criar uma

⁸⁵ ONG fundada em 2005 que procura unir jovens de escolas internacionais a jovens de favela a partir de atividades como peças de teatro, músicas, viagens, entre outros. O objetivo do trabalho é o empoderamento da juventude, enquanto o foco é a produção, experimentação, a autoria e produção coletiva

cultura de interesse e entender a sua cidade, e de agir na sua cidade, então, era isso que a gente propunha para o jovem quando chegava ali dentro da secretaria [...]. (Marcus Vinicius Faustini, ex-secretário de cultura em entrevista concedida ao autor).

Deste modo, o projeto de Marcella Camargo se encaixava de forma bem sucedida com o que a SEMCTUR esperava. O Jovem Pesquisador inicia suas atividades monitorando os projetos executados pela Secretaria Municipal de Cultura de Nova Iguaçu. Ao grupo inicial de 200 jovens que foram selecionados para Jovem Repórter foi então apresentada a possibilidade de migração para este novo projeto.

Foi oferecida, assim como no Jovem Repórter, possibilidade de formação em metodologia de pesquisa: como elabora-se um projeto, aplicam-se questionários e analisam-se dados - foram ensinados ainda sobre como usar o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). A sistematização das informações sobre as ações culturais, forneceu dados produzidos pelos próprios jovens estagiários para avaliação do que foi realizado pela secretaria.

Não obtivemos durante o processo de pesquisa contato próximo com os jovens que fizeram parte do projeto Jovem Pesquisador, essa opção foi feita por identificar no Jovem Repórter uma posição ativa, em relação a sua produção textual e maneira com que relacionavam-se com a cidade: sua atuação dependia necessariamente de movimentação. A natureza dos dois projetos eram diferentes, e isso ficou bastante claro quando os dois projetos tiveram que dividir o mesmo espaço:

[...] A gente dividia mais ou menos o horário naquele espaço que nós tínhamos na Nilo Peçanha, que era em cima do Unibanco, uma sala bem grande, que no começo era dividido com a secretaria de cultura, então era uma loucura. Eu ficava com pena deles, porque era aquela galera trabalhando naquele sistemazinho burocrático, de repartição pública e tudo mais, tendo que resolver cada problema da cidade e assim, seis jovens do lado sem parede para dividir, gritando, falando besteira, no MSN, no Orkut, um pandemônio. A secretaria saiu de lá e foi para a outra sala de baixo, e a gente ficou com aquele espaço. E assim é um espaço bem legal, muito quente, e a gente ficava dividindo: um dia ia ser para o “jovem repórter” um dia para a pesquisa e assim a gente ia lidando. A pesquisa ficava com isso né, de fazer pesquisas grandes, sabe? Encomendadas pela secretaria. Enquanto o “jovem repórter” era um sistema de dia-a-dia. Porque a pesquisa era uma parada muito complicada, muito demorada, assim que eu não tenho o menor saco (...) o pessoal da pesquisa era de certa forma uma reprodução, sabe? Muito detalhada e muito bem feita por sinal, só que algo muito mais pronto, o trabalho deles –

assim – seria uma espécie de tradução. Eles pesquisam e transformam todos aqueles dados em números. A gente faz uma recriação, talvez. A gente faz a nossa pesquisa e transforma aquilo numa outra coisa que vai dizer exatamente o que é aquilo. Mas de uma forma totalmente diferente. E dá para perceber que as vertentes são bem diferentes, assim, porque num certo momento, os projetos tentaram se aproximar para garantir a própria permanência durante a troca de comando da secretaria (...) Era engraçado que o nosso grupo já tinha todo o perfil do coordenador, o Julio, o grupo dela tem todo o perfil dela.[...] (Jessica Ramos e Joaquim Tavares, ex e atual Jovem Repórter, entrevista concedida ao autor).

Essa diferença apontada na fala de Jéssica e Joaquim é fundamental para entender os dois projetos, que tinham basicamente a função de fazer com que os jovens entendessem e produzissem conteúdos relativos a cidade. No entanto, enquanto os com os repórteres o contato é imediato, a pesquisa está voltada para a produção de uma visão ampliada de sua realidade. Deste modo, acreditavam os coordenadores, os jovens passariam a ser mais aptos a discutir seu território e sua própria atuação dentro dele. Já que a ideia foi que as investigações fossem utilizadas para a proposição de políticas públicas que atendam às necessidades destes próprios jovens.

Mesmo que esses objetivos acima não atingissem seu ápice ou jovens não se interessassem, neste processo de formação, a reflexão ocupava papel fundamental, pois a ideia dos projetos era permitir reconhecer indivíduos em seus diferentes papéis sociais, considerar suas diversas opiniões e respeitá-las, aprender pela experiência e sistematizá-la. Em 2009, o Jovem Pesquisador, passou também a produzir estudos relativos a juventude, não só sobre o município e suas ações. Em novembro deste mesmo, obtêm os jovens de Nova Iguaçu ganham o primeiro lugar no Concurso *Jovens Pesquisadores*, realizado pela Casa das Artes de Educar, que aconteceu no Museu das Artes da Terra, na Urca – RJ.

5.4 JOVENS E AÇÃO SOCIAL: PROJETOS E A CONSTRUÇÃO DE OPORTUNIDADES (HÍBRIDOS E HIBRIDADORES)

Nova Iguaçu é uma cidade intensa em sua movimentação social, seja pelos movimentos sociais reivindicatórios, seja pela história cultural intensa. Portanto, torna-se importante a percepção de como - por mais que as políticas culturais tenham se desenvolvido e adquirido nova feição nos anos 2000 - a

força cultural da cidade vem de um momento anterior. Já existiam, portanto, sem muito rigor conceitual “energias sociais” que ganham força com a chegada dos denominados “forasteiros”.

O que existe de inovador é o foco na juventude que desconsidera a distinção social, ou seja, o caminho do jovem não está previamente definido. Existem elementos de estruturação simbólica que podem se dar nas margens e se afastam da compreensão de gostos e estilo de vida propostos por Bourdieu (1986), a reprodução social pode ser firmada em outras bases estruturantes, especialmente no caso brasileiro em que é perceptível em toda análise que se faça dos elementos desigualdade e diferença.

A grande questão talvez está colocada na percepção do que estes jovens estão fazendo e para onde estão indo. São jovens dentro de projetos de secretarias de governo em busca de oportunidades para expansão de seu conhecimento e com a esperança de inserção futura no mercado de trabalho. Tanto do lado dos gestores e formuladores da política como da juventude, existem contradições.

Primeiro não existe clareza com que o que se espera e se quer com o projeto. Aliás a própria ideia de projeto é problemática, foi comum nas entrevistas com os gestores a defesa do que estavam promovendo através da referencia aos princípios democráticos de participação. A democracia é apresentada como produtora automática da igualdade. No entanto, exagerando um pouco o exemplo, a democracia no caso apresentado é promotora de desigualdades, à medida que esses projetos aparecem filiados a políticas compensatórias ligadas a partidos políticos e gestões, sem que se pense, de fato, em desenvolvimento social e políticas amplas de Estado.

O projeto seria mais denso, se estivesse próximo da ação e longe da sua aura de atividade delimitada, com um fim necessariamente marcado, coeso, efetivo e produtivo. Neste percurso de pesquisa fica claro que os jovens foram qualificados, preparados para escrever sobre Nova Iguaçu e seu cotidiano. No entanto, estes mesmos atores tentaram expandir seu discurso suas redes, num efeito imprevisto da política e surgiram conflitos, já que começaram a aparecer no horizonte possibilidades de “fuga”:

[...] Surgiu muito conflito, porque as coisas, eles começaram a ver as coisas de fora com mais interesse do que as coisas de dentro do

município. E aí, muitos pararam de escrever e até os últimos escreveram coisas assim meio que afrontando mesmo o próprio município, a própria gestão do município, da secretaria por conta disso, porque eles estavam mudando de caminho. Eles falavam sobre isso porque gostavam. Então assim, foi um conflito muito grande, que eles se sentiram muito limitados, uma coisa que não havia antes e que passaram a ter [...]. (Camila Oliveira, Assessora especial da SEMCTUR e ex-Jovem Repórter e Jovem Pesquisadora em entrevista concedida ao autor)

[...] Eu entendo o discurso, eu entendo a ação, mas eu a leio dessa forma, assim, eu acho que eles querem aumentar cada vez mais a vitrine. Assim, a gente quer fazer muita coisa pra muita gente olhar, mas quem está fazendo não pode ser qualquer um. Mais ou menos isso, era o que o Julio falava, de certa forma ele como coordenador, ele era cobrado também pela produção do blog. Algo que antes, quando tinham 300, era para estimular a participação, o reconhecimento social, passou a ser uma espécie de trabalho visando o produto. Entendeu, entrou a cobrança, mais ou menos o ideário capitalista, sabe, uma coisa desse tipo[...]. (Jessica Ramos e Joaquim Tavares, ex e atual Jovem Repórter, entrevista concedida ao autor).

O estranhamento nesse movimento proposto pelos jovens em escrever sobre outros assuntos que não sejam exclusivamente Nova Iguaçu expõem fraturas/contradições na produção de sociabilidade nos projetos afeitos às políticas compensatórias. Apesar de no discurso o jovem ser considerado livre e sua produção libertária, ela está ligada ao pensamento dialógico, funcionalista, que não permite tocar a complexidade. Ao mesmo tempo em que o jovem tem o desejo legítimo de escrever sobre a sua cidade e é encorajado a fazer isso, quando tenta formular algo fora desse círculo isso é apreendido com alguma estranheza.

Especialmente hoje, quando vivemos como formulado por Ana Clara Torres Ribeiro (2006), uma Crise Societária que fragiliza “os processos de socialização e orientações institucionais relacionadas à tessitura das interações sociais” (RIBEIRO, 2006). A conexão desses jovens com outras bases culturais e o possível “choque” produtor de uma luta identitária por autonomia, fica menor quando o objetivo é falar sobre Nova Iguaçu e publicitar ações que ocorrem exclusivamente no município.

Não se trata aqui de culpabilizar os gestores dos projetos de Nova Iguaçu, até porque estes tentaram implementar um novo modo de enxergar e compreender o jovem na cidade. As ambigüidades e contradições estão no cerne da políticas, a “nova” ação social está cada vez mais próxima da

eficiência capitalista, que liga identidades à negócio e mercado. No entanto, a questão torna-se dramática, a medida que a possibilidade de surgimento de sujeitos propositivos, capazes de ação política é eclipsada. Existe um olhar, que de um lado valoriza a juventude, que estimula honestamente a imaginação do Outro, que logo é convertida em tentativas de enquadrá-lo e normatizá-lo.

Assumindo uma faceta esperançosa e pelo recorte de pesquisa já delineada no primeiro capítulo e na introdução, reconhecemos uma juventude que não se deixa prender pelos cortes propostos nos projetos e está do outro lado das contradições. Em sua produção textual e na sua fala, pude identificar elementos e reflexões que estavam longe do que foi pedido/sugerido. **Noblog CulturaNI**, os jovens foram além da divulgação dos projetos de ação da secretaria de cultura de cidade. Para além dessas questões, iam de encontro ao que os incomodava enquanto cidadãos metropolitanos, refletiram sobre arte, cultura, comunicação e apesar de formados e formatados pelas aulas de produção textual não abandonaram e aos poucos impuseram sua escrita e seus tópicos, como exemplificam os textos abaixo:

[...] Você já deve ter escutado muito bla,bla,bla dizendo que a leitura difunde informação, cultura, educação, valores democráticos e lazer, além de nos ajudar a desenvolver nossas capacidades criativas, de comunicação, de compreensão do mundo,melhora seu nível educativo e amplia nossos conhecimentos de forma agradável. Mas sei que, provavelmente, você deve achar isso um saco e prefere assistir um filme. Se esse for seu caso, isso provavelmente acontece porque você não teve incentivos para leitura. Talvez os seus pais não liam histórias pra você quando criança ou você era obrigado a ler os livros paradidáticos na escola. E tudo que é obrigatório, acaba se tornando chato [...] . (Extrato de “*O prazer em ler*”. Autoria de Raíze Souza).

[...] Dobre a perna, se apoie nos joelhos, vá até o chão e se erga sem cair. Levante a camisa, mostre a barriga e a trema ou a mecha em ondas como uma dança do ventre. Gire, bata os pés e tenha ritmo. Se você conseguir todos esses movimentos você está apto a participar da disputa que vem fervendo as comunidades pacificadas do Rio de Janeiro. Moleques da periferia do Rio de Janeiro não precisam de preparo. Como algo genético, os meninos já nascem sendo experts em misturar frevo e funk em passos incríveis que caíram na rede e podem ser vistos no canal do Youtube [...]. (Extrato de “*A Cultura do Passinho*”. Autoria de Joyce Pessanha).

[...] A esperança é o alimento que dá a energia suficiente para o homem cruzar novas fronteiras. É o caso das legiões de jovens que escrevem na proteção de seus quartos materializando ainda que amadoramente suas poesias, artigos ou letras de músicas.

Protegidos pelo resignado e ao mesmo tempo incomodo anonimato [...]. (Extrato de “*Novos Tempos*”. A autoria de Leandro Oliveira).

[...] É bem cedo. Há uma multidão se empurrando em busca de um valioso lugar sentado durante a sua viagem. Muitos se agridem de todas as formas possíveis, outros passam mal, choram e até desmaiam. O clima de revolta e descontentamento é geral. Sabe onde se passa esse filme? Isso mesmo, nos metrô e trens espalhados por todo o Rio de Janeiro e parece que não sairá de cartaz nunca! Com uma rotina que começa dessa forma, não há tranquilidade e bom-humor garantido. E esse é apenas o começo de um difícil dia na saga de vários trabalhadores e estudantes. Literalmente, é começar com o pé esquerdo, que, geralmente, é pisoteado[...]. (Extrato de “*Pânico nos trilhos*”. A autoria de Joaquim Tavares).

[...] Ao sair na rua você se liga que isso tudo é a América do Sul: os bares, a guerra civil e o calor. É aí que você entende que o sentimento é mais forte que qualquer barato. É complicado se encontrar como pensante nas questões sociais que envolvem viver no Rio. Vai além de sentir diariamente a miséria na pele – apesar de isso já ser mais que o bastante. É quase ter que escolher um lado: a polícia ou a guerrilha para militar, que já se tornou fatalmente ideológica. É um questionamento que envolve o jovem de uma maneira única. O funk, as drogas, a cultura marginal em suma... e aí? Em uma rápida troca de ideias com alguns jovens, percebe-se que as opiniões sobre a marginalia X maquiagem social carioca revelam um fator em comum: a cultura da violência[...]. (Extrato de “*O jovem frente à cultura bipolar carioca*”. A autoria de Vitória Tavares).

[...] Devo ressaltar também a relevância da cultura alternativa ou *underground* na vida da juventude da Baixada Fluminense. Que muita das vezes é desvalorizada pelo poder público, assim a taxando como inferior e sem importância. Mas essa adesão dos jovens a esse tipo de manifestação cultural não é uma negligência as “raízes brasileiras” e muito menos apenas um resultado de certa “soberania cultural” dos EUA. Mas uma necessidade de se encontrar como pessoa, indivíduo, único e singular. A música se torna um modo efetivo de expressar o que se sente. Tanto que a anos mobiliza paz, revoltas, risos e lágrimas. Por isso festivais de música, que sejam acessíveis, são totalmente necessários para a juventude da Baixada Fluminense. Que só consegue ter acesso a esse tipo de coisa saindo de sua cidade[...]. (Extrato de “*Funções do Rock*”. A autoria de Rodrigo Caetano).

Buscamos valorizar a produção da juventude periférica longe dos estereótipos que foram legados ao espaço da periferia. Essa produção encerra a percepção que os jovens de classe popular são tolos, mas que, sim, fazem parte da produção contemporânea da cultura. Dentro dessa “Geração Pontos de Cultura”, os jovens pesquisados e analisados em Nova Iguaçu conseguiram desenvolver suas próprias táticas e práticas para lidar com as oportunidades criadas a partir das políticas de cultura.

As oportunidades que aparecem hoje na periferia urbana, ainda descem como machados, recortando e definindo ações setorializadas. Nesse percurso, apesar da produção que se espera desse corte, percebemos também como nascem híbridos, em contato com particularidades e singularidades. Nos textos expostos, há um híbrido muito claro entre o que a forma e a estética que se espera que o jovem se enquadre e escreva; com a necessidade de falar sobre o que importa para eles enquanto jovens. Há uma clara mediação, exagerando a análise, entre dois mundos, um diálogo interclassista produtora desse híbrido. A diferença que agora o principal ator está na parte de baixo dessa escala.

Existem diversas análises sobre processos de hibridização cultural, entre a junção entre o novo e o moderno; a junção conflituosa (ou natural) entre bases culturais diversas. Nestor Canclini, no livro “A Globalização Imaginada” (2000), quando analisa cultura e política nos imaginários da globalização, se debruça na análise do hibridismo entre a cultura espanhola (europeia) e a anglo-saxã (americana) e seu impacto na América Latina. Piña Narváez (2007), na sua análise sobre o movimento hip-hop nos setores populares de Caracas (Venezuela), também procura analisar o hibridismo entre o hip-hop americano e o venezuelano e o rebatimento disto na juventude.

O que identificamos é que para análise dos processos de hibridização, sempre foi olhada a disputa identitária e seus resultados na cultura, ou seja o próprio híbrido. Tomando a perspectiva da ação social e através da produção textual e cultural desses jovens, se faz necessário olhar para o agente da hibridização. Para tal empreitada, propomos aqui a categoria político-filosófica do *Sujeito Híbrido*.

Esta categoria é proposta para compreensão do papel dos jovens na conjuntura em tela, é filiada a duas outras categorias criadas para entender a ação social em contextos populares: o *Homem Lento*, de Milton Santos e o *Sujeito Corporificado* de Ana Clara Torres Ribeiro.

O *Homem Lento* foi elaborado por Milton Santos (1994) em sua discussão sobre técnica, espaço e tempo. A categoria busca personificar o homem comum, pobre, do lugar, que, no ambiente das metrópoles dependentes, resiste às forças globalizantes, externas e verticais. O homem lento, que não domina o saber moderno, pode inventar outro território e

também levar à mudanças. O autor diz que “O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada classe social, cada indivíduo” (SANTOS, 1994, p. 83). O homem lento que conhece os lugares, que necessita deste conhecimento para a sobrevivência e que, portanto, constrói, em meio a todos os desafios, o período histórico que sucederá o que vivemos. De forma lúcida, Milton Santos (2000) nomeou este período, de período popular da História.

O sujeito corporificado aparece nas análises de Ana Clara Torres Ribeiro desenvolvidas no campo da saúde e se consolida a partir do contato com o urbanismo de face insurgente, tal como proposto por Paola Jacques e Lilian Vaz. O sujeito corporificado, portanto, aparece como o sujeito de direitos – figura clássica da sociologia marxista – materializado “em sangue, carne e cultura, permitindo a radical superação do idealismo e do materialismo objetivante” (RIBEIRO, 2000).

Para Ana Clara, a apresentação na cena política mundial do drama humano exigirá, a formulação de estratégias efetivas para a realização de um movimento de superação, ou seja, “o encontro de uma nova síntese que reúna corpo e espírito (valores e orientação ética) na construção da democracia” (RIBEIRO, 2000). A partir da interface com a temática cultural e o urbanismo, a definição do sujeito corporificado, passa a estar vinculado ao aparecimento propositivo na cidade, através da superação da individualidade, do silêncio e em ações possíveis:

[...] O sujeito corporificado, ao desafiar controles da experiência urbana e a burocratização da existência, alcança o direito à definição de sua forma de aparecer e acontecer. Nas palavras de Alain Badiou: “Um sujeito é primeiramente aquilo que fixa um evento indecível, porque assume o risco de decidí-lo” (1994:45). Esse sujeito transforma-se em acontecimento, onde e quando são esperados o seu silêncio e o apagamento da sua individualidade. O sujeito corporificado tomara, portanto, o teatro da vida nas suas mãos, opondo-se à sua desmaterialização em papéis repetitivos, em imagens reiterativas e em modelos de cidade (e de urbanidade) que o excluem. Esse sujeito – que emerge, de forma incidental, na cidade comandada pela espetacularização da vida coletiva – ensina que a procura da transcendência permanece latente nos encadeamentos do cotidiano [...]. (RIBEIRO, 2006, p. 32).

Nestes sentidos, o sujeito hibridador, aparece como o jovem de classe popular, que começa aos poucos a dialogar com a técnica dentro de uma perspectiva libertária e começam a tomar a cena, modificando visões sobre seu espaço de moradia e a maneira como se expressam – tentando achar brechas na cidade dominante.

Procuramos trabalhar como os jovens leem e se apropriam das oportunidades. Essas figuras parecem retóricas, mas na verdade condensam potencialidades que se manifestam em parte (e que permanecem também como potencialidades). Em outras palavras, existe uma força/energia de futuro que só podem ser referida, a partir de figuras que são categorias político-filosóficas.

Deste modo, o *sujeito hibridador*, pode ser uma figura para trabalhar com o jovem que não é repetitivamente isolado, não é carente necessariamente de informação. Na verdade, o jovem tem mais formação prática do que o formulador da política cultura. Afinal de contas não se aprende em bancos escolares os meandros da área de cultura. Isso significa que o jovem que pode ser uma potencia em grande parte desconhecida, principalmente na luta pelas oportunidades e aproveitamento do que já existe, em busca da realização do que deseja culturalmente.

Na análise de suas práticas, fica claro que esses jovens não são exatamente correspondentes a figura de jovem que delineiam e orientam as políticas culturais, isto é, a partir de entrevistas percebe-se que mais do que seguir as orientações propostas pelos diferentes projetos, apropriam-se dos diversos tipos de oportunidades ou não se apropriam.

O hibridador, portanto, é aquele que não abre mão dos recursos que aparecem no lugar mas o maneja do jeito que lhe é mais atrativo. Deste modo, o jovem entra nas políticas e vai tentando superar os limites que aquela política impõe. A face do hibridador é a juventude conectada a fluxos globais informacionais, mas que tenta, ao mesmo tempo, se aproximar da cidade. Se espera que ele preserve e publique a cultura e seu trabalho – ele até o faz - mas à sua maneira.

ANEXO IV

1 **Jovem Repórter** Siga Nosso TWITTER Favorite Feed

Home | Escola Agência de Comunicação | Autores | Contato

quinta-feira, 24 de setembro de 2009
Cidade dos jovens repórteres

Cultura NI

Olá, estamos trabalhando em um novo projeto, chamado **Cultura NI**. Lá estão as novas matérias e reportagens que estamos produzindo. Clique no nome em negrito ou na imagem e acesse o nosso novo blog! Mas o Jovem Repórter não vai acabar. Parafrazeando aquela personagem do filme Cidade de Deus, jovem repórter não para; jovem repórter dá um tempo.

15:22 3 comentários

sexta-feira, 4 de setembro de 2009
Uma kombi que resiste ao tempo

II IGUACINE

Exibido na sessão de homenagens do II Iguaçine, "Marcelo Zona Sul" continua encantando plateias 40 anos depois de sua estreia por Larissa Leodino

O homenageado da última noite do Iguaçine foi Xavier de Oliveira, diretor dos longas "Marcelo Zona Sul" (1970), "André, a cara e o coração" (1971), "O vampiro de Copacabana" (1976) e "Gargalhada Final" (1978). O diretor e roteirista, de 71 anos, conta um pouco sobre a infância de sua carreira, além de comentar a atualidade de suas filmes.

Durante o mês de agosto a equipe do Jovem Repórter irá fazer uma série de reportagens sobre a cultura audiovisual na cidade de Nova Iguaçu. Os jovens repórteres aquecerão os tambores para o maior evento de cinema já realizado na Baixada Fluminense, o Iguaçine - 2º Festival de Cinema de Nova Iguaçu. De 27 a 30 de agosto, realizadores de audiovisual de todo o país participarão de uma mostra competitiva de curtas-metragens aqui na cidade.

Clique aqui e confira a programação completa desse evento imperdível.

Edição Especial Iguaçine

IGUACINE
27 30
2009

2 **Cultura NI**

Edição: Bairro-Escola, Sylvio Monteiro, Baixada, Trocando Tiro, Mainstream, Moda, EncontrArte, É Nós

EM NOVA IGUAÇU TODO MUNDO É CULTURAL!

Mapa

Visualizar Mapa Ativo de Nova Iguaçu em um mapa maior

ULTIMAS MATERIAS
The gadget has been updated.
Please Reconfigure the Settings.
Sorry for the inconvenience.

ÚLTIMOS TWEETS
Um espetáculo teatral de criança para criança. <http://imga.me/11MU> 413 days ago
Sabe o que é uma "Piribole"? <http://imga.me/11P1N> 413 days ago
<http://imga.me/11Zra> Espetáculo teatral "Lábios do preconceito". Dois amigos se apaixonam. Dois lábios. Um amor reconhecido, sim

O Escritor da Sociedade Contemporânea
segunda-feira, 7 de novembro de 2011
por Jessica Oliveira

LANÇAMENTO
Convidamos para o lançamento do livro "Os Avessos da Sociedade Contemporânea", de Pedro Ferreira
11 de Novembro de 2011
SEXTA - 18h30
At. Comendador Pereira, 969 - Centro - Nova Iguaçu

AUTORES
Abrahão Andrade (10)
Albert Azenha (1)
Alberto Azenha (1)
Amanda Garcia (3)
Ana Carolina (4)
Brenner Oliveira (1)
Ereno Marques (2)
Bruno Fitme (4)
Bruno Moura (3)
Cátia Catarina (1)
Camilla Medeiros (14)
Carine Cattano (16)
Clara de Assis Santos (1)
Combatente Xavier (3)
Dandara Guerra (16)
Daniel Leardi (2)
Daniela Heringer (16)
Dariane Nogueira (16)
Desidre Ralain (3)

3 **Jovem Repórter**
REVISTA ELETRÔNICA DE CULTURA E COMUNICAÇÃO

HOME A REVISTA A EQUIPE ENTREVISTA PERFIL MUNDO JOVEM E EU COM ISSO? COISA NOSSA PATRIMÔNIO HISTÓRICO ETC.

ENTREVISTA: Nelson Freitas, o Secretário que Inaugurou a Casa de Cultura

Compras pela Internet: diferentes tipos de compradores

Lojas cheias, filas, cansaço. Definitivamente, ir às compras não é tarefa fácil. Até os mais consumistas vão concordar que ir aos centros comerciais é algo que necessita de uma boa dose de disposição e paciência. "É complicado. Ainda mais no verão", conta a fotógrafa Marina Rosa, de 22 anos, que cansou de gastar sola dos sapatos e resolveu fazer compras em casa, sentada...

LEIA MAIS

POSTAGENS POPULARES

Nelson Freitas: ex-secretário acredita que educação é cultura
Nascido e criado em Nova Iguaçu, Nelson Freitas conta sobre sua trajetória como artista, produtor e incentivador de cultura. Para ele, toda...

FIGURA 1. Fotos das três fases mencionadas do blog do projeto Jovem Repórter. A primeira versão, do início do projeto, onde os jovens ainda estavam constituindo sua maneira de escrever e o que retratar e priorizar na cobertura da cidade. A segunda versão, já mais madura, contava com os textos de cada um separadamente, um mapa afetivo no topo do site e o foco no cotidiano da cidade. A terceira versão tem a cara do projeto na secretaria atual, mais burocratizada e dedicada à divulgação dos eventos na cidade.



FIGURA 2. Jovens Pesquisadores em campo e na SEMCTUR com a coordenadora Marcella Camargo.



FIGURA 3. Reportagem do Jovem Repórter que relatava o cotidiano dos trabalhadores que utilizavam o trem diariamente, assim como os trabalhadores que dependem do trem para sua sobrevivência



FIGURA 4. Fotos retiradas no Iguacine e sua divulgação na imprensa, para produção de matérias sobre este pelo Jovem Repórter. O Iguacine foi o primeiro festival de cinema da Baixada Fluminense e contou com intensa adesão juvenil



FIGURA 5. Inauguração da biblioteca Cacá Diegues, com a presença do próprio, dos dois ex-secretários de Cultura de Nova Iguaçu (Marcus Faustini e Écio Salles) e do ex-secretário de Educação Jailson Souza. Além de Lindberg Farias



FIGURA 6. Foto tirada em uma sessão do cineclubes Buraco do Getúlio, uma iniciativa de jovens de Nova Iguaçu para a exibição de filmes fora do circuito comercial.



FIGURA 7. Dinâmica de grupo de Jovens Pesquisadores e Jovens Repórteres no início da gestão de Faustini. Nota-se que o espaço ainda não havia sido grafitado.

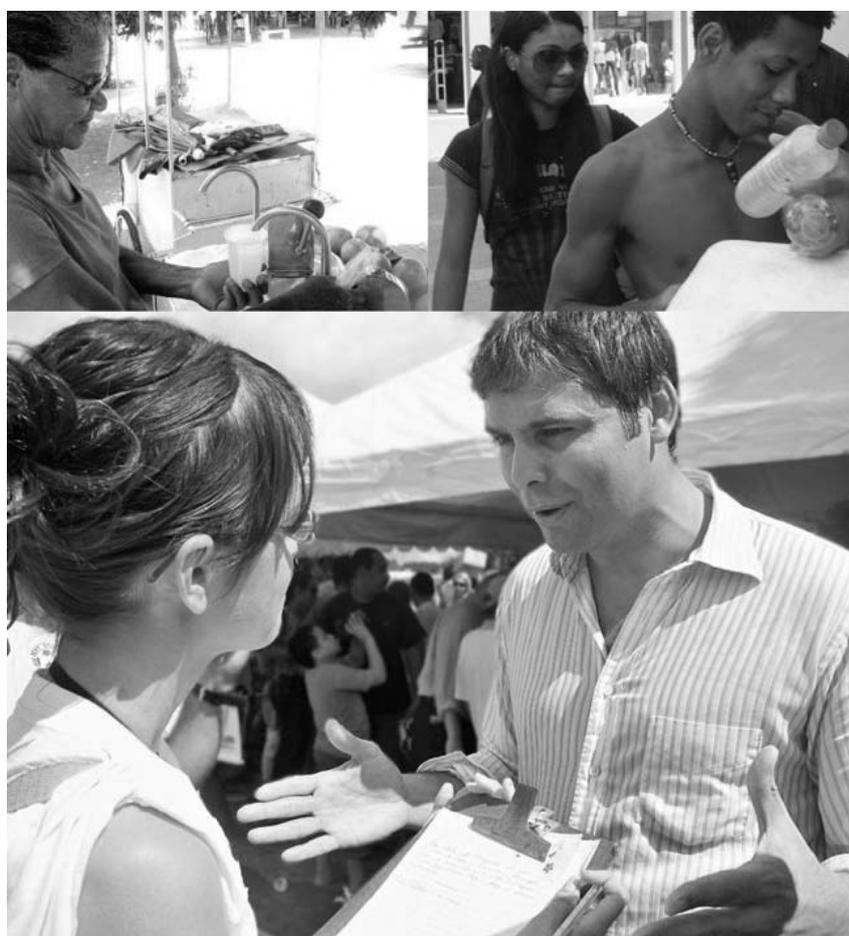


FIGURA 8. Exemplo da abrangência das pautas do Jovem Repórter. O mesmo espaço era dedicado a matérias sobre vendedores ambulantes, personagens marcantes da cidade e também acompanhava o prefeito em inaugurações de obras. Na foto de abaixo, entrevistando Lindberg vemos Jéssica Ramos



FIGURA 9. Reunião dos jovens com as mães dos alunos e com as mediadoras culturais, dentro do programa Bairro-Escola



FIGURA 10. Reunião de representantes da SEMCTUR com os jovens interessados a participar das iniciativas da secretaria. Nesta foto podemos ver Marcus Vinícius Faustini e Julio Ludemir (na primeira cadeira de camisa branca)





FIGURAS 11, 12, e 13. Reuniões de pauta do projeto Jovem Repórter e Jovens Pesquisador. As fotos foram retiradas dos sites dos respectivos projetos.

6 CONCLUSÃO: PERIFERIA E JUVENTUDE: EM BUSCA DE UM NOVO PROJETO

Para além de todas as análises possíveis com esta dissertação, talvez a que tenha maior importância seja demonstrar que a periferia sempre esteve viva.

Tem sido historicamente “fácil” considerar os sujeitos da periferia urbana brasileira como dominados - tanto na sua face docilizada (das cadeiras no portão, do churrasco no fim de semana, da malandragem, do sujeito “de bem com a vida”, entre tantos outros) quanto da face violenta que deve ser evitada e controlada (dos matadores, da vala, do “menor” delinquente) – que estão e estarão longe das disputas sobre este mesmo urbano.

Há uma atribuição de papéis ao Outro que é recorrente nas políticas sociais/culturais onde se define qual é a carência desse Outro, independentemente deste de maneira quase completa - determinado inclusive suas potencialidades. No entanto, este não é um processo construído sem resistências, como inicialmente pode-se supor.

Assim, jovens não necessariamente vinculados a regionalismos e localismos, podem desenvolver admiração pela cidade onde vivem e viver através dela, no mundo. E esta vivência, obtida através de mobilidades físicas e sociais, pode ser realizada através de um dos instrumentos mais antigos do mundo: a palavra.

A palavra, obviamente, sempre esteve presente nos espaços populares. Sempre esteve presente nas lutas e reivindicações urbanas por emprego, moradia, saúde, educação e saneamento que sempre estiveram na pauta da Baixada Fluminense. A diferença talvez esteja no uso da palavra como estratégia ou pelo menos potencialmente portadora de uma estratégia que se relaciona com as oportunidades que aparecem nesses espaços durante os anos 2000.

Chega de relacionar à periferia e as classes populares à negação de sentidos de realidade, existentes em toda relação social: não há inocência nessa relação, a dominação sempre foi perceptível e estratégias de rompimento com essas relação sempre tentadas.

As relações sociais colocadas em tela, entre os portadores/gestores de recursos culturais e os jovens da cidade não são simples. Acredito que nem todos jovens são hibridadores e que muitos aceitam a política cultural como ela é e chegou, sem a necessidade de rupturas. No entanto, como bem sempre nos ensinou Ana Clara, não cabe ao pesquisador propor interpretações dentro da ótica das classes dominantes. Não interessa considerar esse jovem como um ser “parado”, “improdutivo” e/ou “sem perspectivas”.

Nos interessa a identificação de hibridadores, principalmente e sobretudo, para a identificação de resistências sociais que não são abstratas, pela percepção e interpretação de gestos do Outro. A resistência e a denuncia da situação juvenil, sempre esteve nas ruas - está na luta pelo passe livre, pela luta de liberdade de expressão nas favelas cariocas, no “passinho do menor”, está nos arrastões de Londres, nos carros queimados em Paris – esse é o seu lugar mas óbvio, mas também pode estar (porque não?) em um texto.

Em Nova Iguaçu, o texto ajudou a juntar o tradicional e a hipermodernidade, conseguiu concretizar a resistência num espaço-tempo real. Esse híbrido está sendo feito hoje por uma juventude que ainda está nas sombras (CORDEIRO, 2009) e dentro de projetos específicos de governo, mas pode formar atores que qualificam ações tradicionais de reivindicação e protesto.

No entanto, talvez esse momento seja único no sentido que os jovens de origem popular, apesar das condições materiais nos quais estão postos, experimentaram processos de singularização que os movimentaram intelectualmente de várias maneiras: a partir do questionamento do que é sua cidade, as diferenças entre os espaços em que estão inseridos, a possibilidade de seguir estudando, entre outras. Como bem ressalta Denise Cordeiro (2009): “Do mesmo modo que se rendem as glórias do consumo, tentam escapar produzindo ações microscópicas de resistência, criando lugares de vida potentes”.

Deste modo, a tarefa do pesquisador é olhar para essas “ações microscópicas” e fomentar maneiras inovadoras de participação e atuação em busca de um projeto político que seja elaborado e idealizado por estes jovens a partir de suas experiências de vida concreta. Trata-se de romper com homogeneizações e considerar a juventude como diversa nas proposições de

ações que possam colocá-la como sujeitos que assumirão a história de suas cidades.

O envolvimento com as políticas culturais podem ser o início da construção desse projeto. Isso, no entanto, só o tempo nos dirá.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Cláudio Souza. Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio. In: IMPUNIDADE na Baixada Fluminense: relatório 2005. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006.

ALVIM, Maria Rosilene Barbosa (Org.). **Juventude Anos 90**: conceitos, imagens, contextos. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. v.1.

AMARAL, Alysson Felipe. Marcas da reforma do Estado no Brasil: uma genealogia das Políticas Públicas de Cultura Pós-redemocratização.. In: SEMINÁRIO POLÍTICAS CULTURAIS: teoria e práxis, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2009. 16 f.

ARIA, Vilmar. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Novos estudos**, Rio de Janeiro, n. 29, 1988.

BEGOSSI, Alpina. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciência**, Caracas, vo. 18, no. 3, may./jun. 1993. Disponível em: <http://www.interciencia.org/v18_03/art01/index.html>. Acesso em: 07/11/2011.

BERNARDES, Júlia Adão. **Espaço e movimentos reivindicatórios**: o caso de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Legislação do Sistema Nacional de Cultura**, 2009. Disponível em: <brasil.gov.br/sobre/cultura/legislacao/sistema-nacional-de-cultura>. Acesso em: 16 abr. 2011.

BRASIL. **Secretaria Nacional de Juventude**. Disponível em: <juventude.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2012.

CACCIAMALI, M. C. **Mercado de trabalho juvenil**: Argentina, Brasil e México. São Paulo, 2004. Disponível em: <fea.usp.br/feaecon//media/fck/File/trabalhojuvenil5B15D.pdf>. Acesso em: 18 maio 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Cultura da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: Senac, 2001.

CARRANO, Paulo. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará / FAPERJ, 2002.

CARRANO, Paulo; PEREGRINO, Mônica. **Jovens e escola**: compartilhando territórios e sentidos de presença: a escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões. São Paulo: Ação Educativa, 2003. (Série Em Questão, n. 1).

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, Elisa Guaraná. Sonhos, desejos e a realidade: educação e trabalho de jovens rurais. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania, 2004, Rio de Janeiro. **Anais/Resumos Simpósio Internacional sobre a juventude brasileira**: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania. Rio de Janeiro: NIPIAC/IP/UFRJ, 2004.

CHAMBOREDON, Jean-Claude; LEMAIRE, Madeleine. Proximité spatiale et distance sociale: les grands ensembles et leur peuplement. **Revue française de sociologie**, Paris, vo. 11, no.11/12, 1970.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub) urbanos: o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da faculdade de Letras**, Porto, v. 10/11, 1994/1995.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Juventude: diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano. **Estudos e Pesquisas**, São Paulo, v.11, set. 2005.

DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. In: _____. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ENNE, Ana Lúcia Silva. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.14, 2004. Disponível em: <uff.br/mestcii/enne1.htm>. Acesso em: 11 out. 2010.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. **Guia afetivo da periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006. (Coleção Tramas Urbanas).

FLITNER, A. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: BRITTO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1968. v. 1.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, 2005.

GERMANÁ C., César. **La racionalidad em ciencias sociales**. La Paz: Universidad Mayor da San Marcos, 2002.

GIL, Gilberto. Contra os privilegiados. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 2006. Entrevista concedida a Pedro Alexandre Sanches.

GOHN, Mária da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

IPEA. **Políticas sociais**: acompanhamento e análise. Brasília, 2008.

KAUARK, Giuliana. **Oportuna diversidade**: a participação do Ministério da cultura do Brasil durante a negociação da Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)–Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

LAGO, Luciana Correa do. A periferia metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 22, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A Reprodução das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. In: _____. Os Pensadores, v. 50, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LOPES, Ana Carolina Louback; SILVA, Juliana Lopes da. Arranjos contemporâneos da cultura nas cidades: arte, educação e requalificação urbana em Nova Iguaçu. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 2, n. 2, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. **Sexta-feira**, São Paulo, n. 8, 2006.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIGUEZ, Paulo. A Convenção da Unesco sobre diversidade cultural. In: LOPES, Antonio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). **Diversidade cultural brasileira**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clóvis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCIMENTO, Alexandre et al. **Manifesto a favor de Lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade**. 2006. Disponível em: <lpp-uerj.net/olped/documentos/1745.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. **Revista RUA**, Campinas, SP, n. 16, 2010.

OJIMA, R.; SILVA, R. B.; PEREIRA, R. H. A mobilidade pendular na definição das cidades-dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, 2007.

OLIVEIRA, Débora Santana. **Desigualdades sócio-espaciais e vulnerabilidade juvenil no contexto metropolitano fluminense**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais)–Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. **O Estado e o urbano no Brasil**. Espaços e Debates, São Paulo, n. 6, jun./set. 1982.

OLIVEIRA, Ivan Luiz de. **Reestruturação urbana e segregação sócio-espacial do município de Nova Iguaçu**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Juventude e Trabalho como Questão Pública no Brasil: há uma inflexão com as iniciativas recentes? **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 2, n. 1, jan./jun. 2012.

OZÓRIO, Elaine Cristina. **O processo de (re)produção do espaço urbano na cidade de Nova Iguaçu-RJ (1990-2007)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (Brasil). **A imaginação a serviço do Brasil**: Programa de Políticas Públicas de Cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

PAVIANI, Aldo. A lógica da periferização em áreas metropolitanas. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.
PERALVA, Angelina; SPOSITO, M. (Org.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5/6, 1997.

PIÑA NARVÁEZ, Yosjuan. **Construcción de identidades (identificaciones) juveniles urbanas: movimiento cultural underground: el hip-hop en sectores populares caraqueños**. In: MATO, Daniel; MALDONADO FERMÍN, Alejandro. **Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización: perspectivas latinoamericanas**. 2007. Disponible en: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/mato/Narvaez.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2012.

PINHEIRO, Paulo Sergio. **O conceito de sociedade civil**. Disponível em: <dbd.puc.rio.br/pergamum/tesesabertas/0310315_05_cap_04.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2012.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

_____. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo: Boitempo, 2001.

POLLI, Simone A. **Curitiba, metrópole corporativa: fronteiras da desigualdade**. 2006. Dissertação (Mestrado em planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. **Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, vo. 21, 2006.

_____. Dança de sentidos: em busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: ufba, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. A Luta pelo Lugar: os camelôs no centro do Rio de Janeiro. **Cadernos do CEAS**, Salvador, v. 1, n. 103, 1986.

_____. Movimentos, sujeitos sociais e política (elementos para a prática pedagógica). **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 1992.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 82-86, jan./abr. 2000.

_____. **Territórios jovens: técnica e modos de vida**. Niterói, RJ: UFF, 2011. Conferência no Ciclo de Debates “O Olhar das Pesquisas Sobre os Jovens” do Observatório Jovem.

_____. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres (Coord.). **Cartografia da ação social e análise de conjuntura: reivindicações e protestos em novos contextos metropolitanos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. **A centralidade popular: cultura e apropriação do espaço no centro histórico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **Vínculo Social: cartografia da ação em contextos metropolitanos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; AMARAL, Luis César Peruci do. A dinâmica do ‘espaço do meio’: dominação e resistência social na transformação da vida urbana. In: REUNIÃO DO GRUPO DE TRABALHO DESENVOLVIMENTO URBANO DO CLACSO, 7., 2007. **Anais...** Quito, 2007.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; LAGO, Luciana Correa do. **Reestruturação nas grandes cidades brasileiras: o modelo centro/periferia em questão**. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/reestruturacao_cidades.pdf. Acesso em: 16 set. 2011.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-1990): Economia e território em processo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento

Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Produção cultural no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BAYARDO, Rubens (Org.). **Políticas culturais na Ibero-América**. Salvador, BA: UFBA, 2008. Coleção Cult.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SADER, Emir. Os dilemas da diversidade cultural. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 15, 2005.

SALES, Rita de Cássia Carneiro. **Gestão local, saneamento e participação popular: Reflexões sobre o município de Duque de Caxias**. 1999. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira (Org.). **Quando a rua vira casa**. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Everaldo Lisboa dos. **Reorganização espacial na área central de Nova Iguaçu: o Centro Velho e o Centro Novo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Milton. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. A periferia está no pólo: o caso de Lima, Peru. In: _____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo, Hucitec, 1979.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Roselaine Oliveira dos. **Discutindo as periferias metropolitanas: um enfoque na heterogeneização sócio-espacial do Município de Nova Iguaçu**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SARAIVA, Camila Pereira. **A periferia consolidada em São Paulo: categoria e realidade em construção**. 2008. Dissertação (Mestrado em planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SARKOVAS, Yacoff Sarkovas. **Os caminhos e descaminhos culturais do governo FHC**. Portal Com Atitude, 2003. Disponível em: comatitude.com.br/2003/02/01/os-caminhos-e-descaminhos-culturais-do-governo-fhc/. Acesso em: 14 ago. 2011.

SILVA, Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da. **Bairro-Escola: educação e urbanismo em uma política pública integrada**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense**. Mesquita: Entorno, 2007.

SIMÕES, Janaína Machado et al. O processo de estruturação e de gestão dos Pontos de Cultura na Baixada Fluminense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, PR, 2011.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Movimentos sociais e autogestão em Nova Iguaçu**. 1993. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)–Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. Algumas palavras sobre a periferização carioca. In: BERNARDES, Júlia Adão (Org.). **Rio de Janeiro: painel de um espaço em crise**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do empoderamento juvenil**. Tese (Doutorado em Sociologia)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humans, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TOURAINÉ, Alain. Juventud y sociedad en Chile. **RICS**, London, n. 137, 1993.

UNESCO. **Anteprojeto da convenção sobre a proteção da diversidade de conteúdos culturais e expressões Artísticas**. CLT/CPD/2004/CONF.201/2, Paris: UNESCO, 2004.

UNESCO. **Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural**. Paris: UNESCO, 2001.

VIANNA, Hermano. **O mundo do funk carioca**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: Contra Capa : Gestão Comunitária : Instituto de Investigação e Ação Social, 1997.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

ANEXO V - ENTREVISTAS

No anexo V, optei por compilar as entrevistas com os agentes da cultura em Nova Iguaçu. Realizei 15 entrevistas ao longo do percurso, algumas não foram transcritas por falta de tempo e por considerá-las repetições do que já havia escutado antes.

Como dito no anexo metodológico, optei por entrevistar gestores das políticas culturais e jovens que participaram dos projetos da secretaria. Entrevistei também outros atores como produtores culturais, ex-funcionários da SEMCTUR e alunos da Escola Livre de Cinema.

De modo geral, as entrevistas com os gestores foram difíceis de conseguir e demandaram dias de negociação com estes (através de redes comuns, e-mails e telefone), chá de cadeira nas instituições e recusa de muitos deles. Não sei o motivo dessas dificuldades, desconfio num misto de “medo do pesquisador” – na busca de uma análise crítica e honesta da conjuntura – com “tarefas múltiplas” – os gestores de Nova Iguaçu passaram a ocupar cargos importantes da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro e gestar projetos pessoais bem sucedidos em sua maioria.

Nota-se neste grupo de atores um discurso justificatório, seja ressaltando o trabalho que realizaram e consideram bom ou o pouco tempo, interrupção do trabalho e falta de recursos para desenvolvê-lo. Essas entrevistas foram muito boas para perceber que projeto estava sendo montado para Nova Iguaçu, a influência do governo federal e a institucionalização efetiva da secretaria.

Já os jovens estavam sempre disponíveis para conversar, todos os jovens que entrei em contato se colocaram à disposição para as entrevistas. Opostamente aos gestores, os jovens, de maneira geral, foram abertos aos questionamentos, revelando livremente o cotidiano da SEMCTUR e o que consideraram como suas atribuições, dilemas e avanços. Por duas vezes entrevistei-os em grupo o que conformou grupos focais, já que os jovens por vezes desenvolviam outros questionamentos e debates a partir do meu questionamento inicial.

Esclarecimentos realizados, partimos agora para as entrevistas transcritas.

ENTREVISTA 1

ENTREVISTADOS: Jessica de Oliveira Ramos, Joaquim Tavares Júnior e Vinícius Freitas Thomás.

LOCAL: Top Shopping

DATA: 25-01-12

MOTIVAÇÃO / CLIMA: A entrevista foi realizada com esses três jovens por terem participado do projeto Jovem Repórter. O contato foi realizado através de Jéssica Ramos por email, que muito solicita atendeu ao chamado e levou dois companheiros de Jovem Repórter. A entrevista foi realizada no Shopping lotado numa quarta-feira de férias, procurei seguir meu roteiro original de perguntas. No entanto, ao logo do caminho, eles começaram a discutir/refletir entre eles mesmos sobre os projetos onde foram inseridos e a cultura em Nova Iguaçu.

Jéssica: Eu comecei a circular pela cidade, comecei em 2008, com 16. Então no final mesmo, eu lembro que quando eu comecei, por exemplo, no jovem repórter, a galera falava muito em reeleger o Lindberg, entendeu? Na prefeitura falava-se muito disso. Mas vá lá, eu só estou pontuando que eu tenho uma... Por exemplo, eu acho que o Egeu, o Écio e outros falam até bem mais disso do que eu. Eu to mais assim, é...eu to mais no quem viveu, quem está dentro, quem criou, quem tem uma visão mais crítica.

Vinícius: Mas eu quero justamente quem viveu, na verdade eu estou trabalhando com essas duas perspectivas: a do jovem que participou e a outra dos gestores que fizeram. Mas o que me interessa na realidade são os jovens mesmo. Ai assim, tem esse roteirinho aqui.

J: Esse é o roteirinho básico?

V: É. E assim, como eu te falei a sua resposta é livre, o que vier na sua cabeça, sem pressão, do que você se lembra... Qual é o seu nome todo?

J: Meu nome é Jessica de Oliveira Ramos, eu tenho 19 anos.

V: Quais barros você mora e morou aqui em Nova Iguaçu?

J: Eu sempre morei em Comendador Soares né, que a galera conhece como Morro Agudo. Mas existe uma linha de divisão né. Do lado de cá é Morro Agudo e do lado de lá, Comendador. Mas eu moro por ali, no mesmo lugar.

V: E sua escolaridade? Ensino Médio, você está na universidade?

J: Eu estou na universidade, no terceiro período. Jornalismo

V: Na Rural, né? Jéssica, como se deu o seu primeiro contato no campo da cultura, das políticas culturais, onde e por quê?

J: Olha, assim como muitas outras pessoas acreditam, eu também acreditava que cultura é exatamente aquela coisa que a gente acha no cinema, que a gente acha no teatro, nas grandes casas de cultura. O que a pessoa que estuda, o que o sociólogo estuda e o povo recebe né. As pessoas criam e a gente recebe. E foi na escola, no Ensino Médio, eu acho que eu estava no segundo ano, e dois meninos que já conheciam o jovem repórter e o programa bairro escola pela Maria Antônia, que era a primeira dama, me convidaram participar porque acharam que eu me encaixaria no perfil. Aí eu comecei a frequentar as reuniões, quase uma seita. Aí eu conheci o Julio, você entrevistou ele né? Ele é ótimo. E a gente começou com um projeto chamado “minha rua tem história”, que eu como a figura do repórter iria para os bairros e ficaria lá anotando, fazendo matéria, provocando os jovens que participariam do pró-jovem trabalhador, contando suas histórias e que se tornaria matéria para serem postadas no meu blog. Ai esse projeto terminou e em cima vieram outros né. Ai começou o jovem repórter, e começou então uma nova roupagem nesse projeto. Eu comecei no minha rua tem história, onde a gente começou a circular um pouco mais. Eu circulei muito mais em Nova Iguaçu, aliás, eu comecei a circular em Nova Iguaçu, eu era nova, com 16 anos, pouquíssimo tempo atrás. Mas ai eu comecei a lidar com coisas que eu não via no Morro Agudo e Comendador Soares, onde eu moro. Eu comecei a ouvir gente que eu não costumava ouvir, como frequentar outros lugares ao passo também que eu comecei a identificar que cultura não é aquilo exatamente que a gente acha de não se ter um SESC em Nova Iguaçu. Cultura é aquilo que a tia do maracujá oferece para a gente, o que ela tem, o que ela vive. O que é o rapaz que mora sei lá, numa árvore. São histórias que a gente pode encontrar. O "jovem repórter" que eu conheci.

A tia do maracujá é uma piada interna do "jovem repórter", quando mudou a gestão, ligava muito pelo falar da cultura que está sendo feito pela secretaria, esquecer a cultura que rola no calçadão de Nova Iguaçu. Então começou a se dar esse contato com os sermões da montanha primordialmente do Julio né, que é o sentar, conversar e tentar olhar a comunicação e o jornalismo não como uma coisa trancadinha numa caixinha, aquela coisa que o parceiro do RJ faz, sabe? Que é falar o que? Falar do problema do bairro, falar do que qualquer um poderia falar. Mas olhar a cultura de uma maneira diferente, a cultura não vir da boca do Anderson Batata, mas vinda da boca do Vinícius. Então foi esse novo contato com a cultura, foi um estourar de bolha, viver naquela bolhuzinha, sabe? Foi isso, eu acho.

V: Você falou do jovem repórter. Foi o... Você só participou do "jovem repórter" lá? E como é que era a dinâmica do "jovem repórter"?

J: Nesse meio tempo eu fiz muitas outras coisas, o "jovem repórter" recentemente. A dinâmica era assim estágio bem liberal. No jovem repórter a gente apresentou várias coisas, conhecemos o “cidade cultura” do Rodrigo, entre muitos outros. A dinâmica era do falar como acontecia. Nas segundas-feiras a gente tinha uma reunião de pauta com o sermão da montanha, era quase como um combo do Mac lanche feliz, sabe? Você ia para a reunião e

ganhava um sermão da montanha. Ele discutia o que tinha sido feito na semana passada, via o que poderia ser feito na semana que estava começando, e acabava que rolava assim, como magia, alguma discussão, que ensinava não só para mim, mas para outros. As vezes 300, ou um número reduzido que chegava no final, uns 20, 30 jovens, um olhar diferente, uma discussão diferente, sabe? Traduzir o que acontecia nessa semana a partir de alguma vivência particular do Julio, ou de qualquer outra pessoa, enfim. É um projeto assim meio que particular, cada um tem a sua visão, entende? A minha é mais ou menos essa. E aí a gente, no começo, tinha meio que um quartel general que era na Nilo Peçanha e que na época tinham 300 jovens no "jovem repórter". Foi na época que começou, que tinha acabado de vir do "minha rua tem história", e como eram muitos bairros, precisava de muito repórter. E a Maria Antônia realmente pagava 300 jovens, e a maioria não trabalhava, e o Julio ficava louco. Todos aqueles cabelos brancos do Julio vieram daquela fase, antes disse ele era completamente de cabelo preto. E era assim inacreditável, sabe? Como aquela coisa era uma loucura e as coisas só foram melhorando, o "jovem repórter" só foi crescendo, ganhando até um pouco mais de credibilidade e respeito na cidade nesse cenário de cultura e tudo mais, quando ele foi peneirando a galera que tem interesse, a galera que teve iniciação em bolsa aqui do lado, e foi acontecendo isso né. A gente melhorou nossa estrutura, a gente tinha essas reuniões mais estruturadas, embora fosse no chão, o Silvio Monteiro quando nós fomos ver já estava sentado no chão. Durante a semana, a gente fazia isso. A gente fazia matéria, a gente ajudava naquele momento, entende? Tentando não fazer aquela coisa quadradinha né.

V: As políticas do Ministério da Cultura acabaram sendo uma inspiração aqui para Nova Iguaçu e sempre tem essa coisa quando falam de juventude, a coisa do empoderamento e valorização do seu lugar, do local. Te pergunto se isso foi pedido, ou foi sugerido a vocês? Ou se isso era uma...

J: Isso aconteceu. Eu falo por experiência própria e por muitos amigos meus que passaram por isso, particularmente nesse projeto. Eu estava falando agora do Joaquim, que ele participou do "jovem repórter" e já falando justamente disso: a galera que mais se envolveu, mais se deu bem com isso procurou outras coisas. Se sentiu empoderada e dono da cidade. A gente circula pela cidade, a gente sabe o que é nossa cidade, o que acontece na nossa cidade. Não foi pedido em momento algum, entende? Mas a gente precisa te provocar, ao passo de que a gente precisa se sentir dono o suficiente para poder entrar e entrevistar a pessoa e saber do que estava falando, sabe? No meio a gente tem uma sensibilidade (Vem cá, Joaquim!). A gente tava falando, Joaquim, de como era o "jovem repórter", apesar de que você está né, meio que envolvido... E o empoderamento do jovem, não é isso? E aí eu estava explicando pro Vinícius que a gente não era pedido para ser empoderado e para se envolver. A gente acabava se envolvendo, a gente acabava se sentindo empoderado na situação da cidade. Aí eu me perdi um pouquinho, o que foi que eu tava falando? Mas era isso, sabe, a gente se sentia, a gente se envolvia.

V: Não sei se vocês participaram no começo do "jovem repórter"?

J: Eu participei.

Joaquim: Antes de ser jovem repórter.

V: E aí tem assim o "jovem repórter", o "jovem pesquisador" e o blog. Quería te perguntar qual é a diferença entre os dois e como surgiu o blog também?

Jéssica: Eu lembro até do dia que isso aconteceu. Gente, é muito velho esse projeto, sabe. O Faustini era o secretário nessa época, e havia o "minha rua tem história", e aí acabou e virou o "jovem repórter" com os 300 e tantos jovens repórteres, que não dava assim... não tinha condições de acontecer. Então o Faustini pegou esse projeto e convidou - o Julio já estava - ele convidou a Marcela Camargo que é pesquisadora, e o Nike, que é ativista e produtor cultural. E o "jovem repórter" ficava com o blog com o Julio, que eu logo me soltei, porque eu gosto disso, eu gosto de escrever; a pesquisa foi com a Marcela, assim deu pra dividir bem essa galera e ficou mais ou menos 100 para cada um. E o Nike ficou com o Faustini e eles meio que tinha um grupo de elaboração de ideia, um grupo criativo. O nome era "grupo criativo". Então era isso, a gente dividia mais ou menos o horário naquele espaço que nós tínhamos na Nilo Peçanha, que era em cima do Unibanco, uma sala bem grande, que no começo era dividido com a secretaria de cultura, então era uma loucura. Eu ficava com pena deles, porque era aquela galera trabalhando naquele sistemazinho burocrático, de repartição pública e tudo mais, tendo que resolver cada problema da cidade e assim, seis jovens do lado sem parede para dividir, gritando, falando besteira, no msn, no orkut, um pandemônio.

Aí a secretaria saiu de lá e foi para a outra sala de baixo, e a gente ficou com aquele espaço. E assim é um espaço bem legal, muito quente, e a gente ficava dividindo: um dia ia ser para o "jovem repórter" um dia para a pesquisa e assim a gente ia lidando. A pesquisa ficava com isso né, de fazer pesquisas grandes, sabe? Encomendadas pela secretaria. Enquanto o "jovem repórter" era um sistema de dia-a-dia. Porque a pesquisa era uma parada muito complicada, muito demorada, assim que eu não tenho o menor saco. Eu lembro quando a Marcela foi apresentar, a galera super se interessou sobre a pesquisa, eu falei assim: "gente, o que vocês viram nisso?" de tão demorada. Eu gosto de coisa assim rápidas, eu gosto...

Joaquim: De algo temático assim. (**Jéssica:** O que?). Bem sistematizado a pesquisa, no caso o pessoal do "jovem repórter" tinha um poder bem maior no que diz respeito à criação e produção. É... o pessoal da pesquisa era de certa forma uma reprodução, sabe? Muito detalhada e muito bem feita por sinal, só que algo muito mais pronto, o trabalho deles – assim – seria uma espécie de tradução. Eles pesquisam e transformam todos aqueles dados em números. A gente faz uma recriação, talvez. A gente faz a nossa pesquisa e transforma aquilo numa outra coisa que vai dizer exatamente o que é aquilo. Mas de uma forma totalmente diferente.

Jéssica: Eles avaliavam assim em todos juntos e era inacreditável como a Marcela tinha esse domínio. Ela fazia... A Marcela é ótima. Ela fazia aquelas dinâmicas de grupo para... E era bem engraçado, a gente ficava satirizando muito a Marcela, coitada, sacaneava muito ela e a galera da pesquisa.

Joaquim: E dá para perceber que as vertentes são bem diferentes, assim, porque num certo momento, os projetos tentaram se aproximar para garantir a própria permanência durante a troca de comando da secretaria e tudo mais. E então ficaram os dois grupos muito mais reduzidos do que nessa época, mas ainda assim grandes, para dizer umas 40 pessoas assim. E os dois coordenadores. Era engraçado que o nosso grupo já tinha todo o perfil de novos coordenadores, o Julio, o grupo dela tem todo o perfil dela. Então ficava mais ou menos assim, a gente não se sentia confortável com ela e o grupo deles não se sentia confortável com o Julio. Não dava muito, entendeu? Chamaram a Sandra Mônica (**Jéssica:** Era realmente... A Sandra Mônica... era pedagoga) para tentar ser uma que encaminhasse os dois lados, fizesse a junção. Foi um período meio complicado.

V: Bom, pela experiência de vocês, o que vocês vivenciaram, o que vocês acham que é possível viver de cultura, ou como artista ou como gestor na baixada ou na periferia urbana hoje?

Jéssica: Olha, depende do que você espera, entende? Porque isso existe muito. Nova Iguaçu tem um cenário cultural muito aquecido e todo mundo é produtor de cultura, sabe? A gente tem uma brincadeira até de fotógrafo. Que existe mais pessoas fotografando, existe mais movimento de fotografia, do que gente para ser fotografada. Então a gente tem muitos grupos culturais, a gente tem muito ativista, a gente tem muito produtor cultural. A gente tem uma galera muito forte então, sabe? Mas aí eu já não sei como eles lidariam. Por exemplo a Claudina. A Claudina é uma mulher fantástica, não sei se você conseguiu entrevistá-la? Ela é super militante, ela me liga e a gente fica duas horas em pé num ônibus, sobre o plano municipal de cultura sabe? Mas eu não sei quais são as expectativas dela e como elas são atendidas. Viver de cultura é muito complicado, assim como viver como pedagogo. Entendeu, tipo como jornalista. Depende muito do que você busca, depende muito do que você se envolve. É muito fácil viver de cultura quando você é secretário. Agora é muito difícil se viver de cultura quando você é o produtorzinho pequeno que não tem nenhum espaçozinho, mas você tem uma vontade.

Joaquim: Eu ainda destacaria o seguinte, eu acho que vem ocorrendo uma ascensão muito grande desse espaço, e ainda assim é um espaço muito pouco – não [é não] respeitado – mas muito pouco – também não é [não] valorizado – eu ainda vou achar a palavra. O que eu quero dizer é o seguinte: antes de eu me integrar ao grupo, eu tinha muito pouco conhecimento das ações culturais que aconteciam aqui. Eu acho que é algo muito abafado, sabe? Eu acho que seria mais ou menos isso. Só está nesse meio, só consegue saber o que está acontecendo, participar ativamente disso quem está ali e quem faz alguma coisa no meio da cultura. É muito pouco – de certa forma chega ser até irônico – mas é muito pouco divulgado. Vamos supor fazer as ações culturais (**Jéssica:** É verdade). Tanto que quando você vai ao espaço o tempo inteiro, no dia de um evento e tudo mais - durante um período aí de seis meses, meio ano – todos os eventos que estiverem acontecendo ali - é claro que não vai ser sempre fotografia, de dança, de música - são variados, alternados. Mas se você perder, você vai lá e você começa a perceber quem está participando.

São sempre as mesmas pessoas. Eu acho que é algo ao mesmo tempo, é meio paradoxal. Porque a cultura é algo muito... mas o espaço profissional da cultura está restrito. Não sei porque, não sei denominar isso, não sei se só eu enxergo...

Jéssica: Você acha então que eu só vejo esse movimento porque eu estou por dentro?

Joaquim: De certa forma sim. Eu tiro isso pela minha visão do próprio “jovem repórter” e de todo o resto. Eu via a prefeitura, e tudo bem. Eu não via a casa de cultura, do lado pobre popularmente da cidade, ou seja, o rico. Se eu visse eu não sabia nada do que era aquilo, eu acho que é muito pouco difundido. Agora, nem tanto, principalmente com redes sociais você tem os aventureiros de Nova Iguaçu lá, você tem a Secretaria de Cultura lá, a prefeitura, divulgando todas essas ações, turismo, educação, tudo lá. E isso de certa forma já deu uma acentuada no número de participantes mesmo. Porque antes de eu entrar, eu não tinha nada disso para mim, era algo estranho. Eu não sabia da existência, sabe?

Jéssica: O que você acha então que a secretaria quer, o que os aventureiros querem, que como o secretário querem... com a divulgação nas redes sociais?

Joaquim: Eu venho pensando muito nisso. Ah, com a divulgação nas redes sociais? Eu acho que é aumentar o público, sei lá, que está ali prestando a atenção nisso, está se aproximando e fazer... porque assim a divulgação só é feita por quem está participando, então quanto mais gente participando, maior é a divulgação, logo mais participantes novos e por aí vai. Só que em contrapartida, eu estava pensando o quanto daria um jovem, nesse período que eu fui lá deixar a chave e voltar. Eu falei, vou ter que falar alguma coisa, o que eu vou falar? No começo, era uma carreta de gente, sabe? Muita gente, todos com muita vontade. Quase ninguém com um potencial técnico específico ali. Hoje não, hoje é inversamente proporcional a coisa, são pouquíssimos. E os poucos que estão lá tem uma formação assim, se comparada com todos os demais, a grande massa aqui da cidade, de formação privilegiada, estão concluindo alguma graduação, jornalistas, enfim. E a análise que eu tive disso tudo é que assim, hoje pra falar do Julio, a gente tem que tornar isso aqui de todo mundo e tudo mais. E por mais que a divulgação tente isso, e de certa forma mais pessoas se aproximem, assim, as pessoas que mais se envolvem a meu ver são as privilegiadas. Cada vez mais eles tentam chamar a participação de muita gente, mas o aproveitamento é pouco. É um funil muito grande, e na ponta estão sempre digamos os... a elite da educação, sabe? Você vê poucos lá dentro assim é... que não tem uma formação específica, algum contato importante e direto com a cultura desde o início, desde o começo, antes de ser bem difundido. E o discurso é o contrário, sempre tenta popularizar mais, tornar cada vez mais público. Mas eu não tenho visto isso, sabe? Eu não fui muito claro, eu me confundi muito, mas assim é mais ou menos isso.

Jéssica: Deixa eu te perguntar. Voltando, então. Ele entendeu, mas é porque a gente fez uma caminhada, assim a gente deu um salto na linha do tempo.

Então para que que serve essa divulgação, essa... sabe, vamos espalhar o que está acontecendo, se na hora de pensar a política pública, é reduzido?

Joaquim: Eu acho que seria mais ou menos assim, aumentar a vitrine, sabe? Aumentar o número de espectadores, mas talvez sem querer acaba-se restringindo o número de participantes, de criadores desenvolvidos. O nosso projeto vamos tratar sei lá, do modelo 2.0 (dois ponto zero), agora é o 2.1. No modelo 2.0 que era com o Julio ainda, ele fazia questão de falar que ele estava trabalhando com a peneira, ele selecionou os melhores para estarem ali. Só isso, e ele reconhecia isso, só isso de certa forma é cortar uma parte daqueles participantes, restringir. Seria quase como uma cota, sabe? Já era um número pequeno: 20, 25. Agora, o mesmo projeto, é claro que contentando dar uma vestimenta nova, mas com os mesmos fundamentos básicos, temos 9 ou 10. Sei lá, isso pra mim quer dizer alguma coisa. Eu entendo o discurso, eu entendo a ação, mas eu a leio dessa forma, assim, eu acho que eles querem aumentar cada vez mais a vitrine. Assim, a gente quer fazer muita coisa pra muita gente olhar, mas quem está fazendo não pode ser qualquer um. Eles são super selecionados. (**Jéssica:** O discurso mudou de inclusão para produção. Esses 9 produzem mais). Mais ou menos isso, era o que o Julio falava, de certa forma ele como coordenador, ele era cobrado também pela produção do blog. Algo que antes, quando tinham 300, era para estimular a participação, o reconhecimento social, passou a ser uma espécie de trabalho visando o produto. Entendeu, entrou a cobrança, mais ou menos o ideário capitalista, sabe, uma coisa desse tipo. Eu enxergo assim, então ficam muitas ironias, muitas coisas inversamente atuantes atuando ao mesmo tempo. Tipo, essa coisa para mim que é paradoxal, que assim a cultura tem aumentado muito: a sua vitrine. E divulga, e chama, e muita gente participando. E tem aumentado mesmo, duvido que um evento, uma casa de cultura há dez anos atrás atraísse tantas pessoas como hoje. Mas é aí que está, essas pessoas que são atrás participam, mas elas não são aproveitadas ao máximo, não são tidas como produtoras de fato. (**Jéssica:** Elas não são convidadas a pensar..). É... principalmente assim pensando no que diz respeito à secretaria, políticas públicas para aproveitarem, sabe? O aproveitamento que fazem delas é muito pouco. E esse aproveitamento é totalmente específico, é selecionado, sabe? Eles escolhem os que eles querem com diversos tipos de avaliações. Isso é o que eu vejo, eu acho que eu estou falando um pouco mal das estruturas aqui mas...sei lá, eu nunca tinha parado para pensar isso, eu pensei só nesse momento que eu saí e voltei. Porque de fato lá dentro a gente vivenciou esse discurso de [que] a cultura está se abrindo. E está se abrindo, mas não para tudo, sabe? Setores delas estão se abrindo. Você vê isso nesses editais de cultura, e tudo mais. E sempre quem está conseguindo alguma coisa é do meio, é gente com indicação: “faz mais ou menos assim”. Lembra daquele lance do coronelismo que o Julio falou daquela vez? Foi no que? (**Jéssica:** O que que era eu não lembro, mas eu lembro dele falando isso. Foi na última edição do edital que cancelaram). É, ele usava o termo “coronelismo”, “coronéis da cultura”, seriam aqueles que reconhecem e divulgam, mas que querem ter o controle da produção cultural, mais ou menos isso. E é como eu continuo vendo.

Jéssica: A gente está pulando muita coisa?

Vinícius: Não, é melhor para mim que vocês falem, sem problemas. Eu ia até falar isso agora, que tipo não é uma entrevista assim tipo Marília Gabriela, sabe? Que eu vá ficar instigando vocês a toda hora. É ótimo o que vocês estão fazendo, falando. Mas assim, você falou assim uma coisa do fechamento (o número de pessoas vai diminuindo, o número de pessoas que produzem, selecionando cada vez mais, criando um corpo de pessoas qualificadas) dessa produção, e aí te pergunto se percebe isso como uma oposição entre o primeiro momento em que vocês foram selecionados e esse agora? Se tinha esse discurso de mais chamamento, e agora vai diminuindo, e aí se percebe que é melhor trabalhar de uma forma menor, com pouca gente?

Joaquim: É, assim, quando eu falei que isso de certa forma é a metáfora do ideário capitalista, a gente reproduziu e eu lembrei da idéia de fábrica, indústria que é muita gente trabalhando, eles mandavam metade embora e essa metade que ficou fazia o trabalho dobrado e tinham que fazer. Visando a produção. Antes eram muitos, a oportunidade era muito maior, e isso intensificava a participação e o conhecimento social. Eles faziam parte dos projetos. Hoje isso ainda existe, mas cada vez mais existem os privilegiados. Se você for pegar lá no nosso projeto todos deveriam estar cursando o ensino superior ou o curso normal, regular, Ensino Médio. Hoje você só vê graduandos lá. Se você for parar para pensar... (**Jéssica:** Não, tem o Vinícius). Só ele. Mas o que eu quis dizer que todos praticamente... Se você for parar para pensar até na própria massa jovem de Nova Iguaçu, quantos tem ensino superior? Quantos tem acesso ao ensino superior? Já é um número bem reduzido. Então a tendência daqueles 300, eles vão afunilando mesmo, e de certa forma, assim selecionando aqueles que estariam talvez... Estariam dando um retorno produtivo maior. Então foi o que eu falei, o foco para mim mudou: se antes era oportunizar, agora é objetivar. Isso para mim é algo bem negativo, porque você só visa a produção em si, você não visa o caminho, sabe? O crescimento que você poderia estar acarretando para a massa jovem se você oportunizasse, se o número fosse maior de pessoas aproveitadas nesse meio, sabe? E não apenas uma restrita faixa, um restrito perfil e tudo mais.

Jéssica: Mas você não acha que talvez aquela primeira peneira cortou os 300 que não faziam nada - 300 não, porque depois dividiu com o grupo da Marcela - uns 100. Esse grupo, a maioria saiu mais por não se relacionar bem com o projeto, não se dedicou, mais por dedicação do que produção? Porque um discurso que eu ouvia muito era: "Embora você não faça bem, continue fazendo, que você se envolva".

Joaquim: Mas aí é que está, o nome disse para mim é oportunidade, entendeu? E é acho que natural isso. Seria quase que como a lei da selva: vamos colocar 300, sabendo que a gente não vai aproveitar os 300, mesmo que a gente queira aproveitar, mas que muitos iam deixar. Tipo, num primeiro momento não se sentiam atraídos e não iam estar participando, mas depois não se reconheceram no projeto, "ah, eu não quero isso, não vai me levar a lugar nenhum..." porque é pouco valorizado, e tudo mais, e saíram. Então tá, ficou um pessoal legal ainda, e até certo momento, houve um incentivo de

envolvimento, participação. Eu acho que foi quase como um pré-vestibular esse período, sabe? Foi um momento em que...vamos incentivá-los e em cima disso a gente vai estar estudando quais são os melhores. Porque sempre “houveram” os melhores, sabe, odioso, infernal. Sempre “houveram” os melhores. Exemplo disso são os outros que ficaram: oito, nove, dez, e estão até hoje. É, e aí é o que eu estou falando, tudo bem...

Jéssica: Mas eu acho que hoje o discurso é diferente mesmo. Hoje não é o discurso da oportunidade, de aprender. Até porque o estágio que acontece hoje não tem como ser formado. Isso não faz sentido, entende?

Joaquim: Quer ver uma coisa, eu acho que é uma palavra-chave que eu ouvi na reunião hoje umas três vezes. É: Qual é o nosso produto? Produto soa muito, de uma forma geral, como algo feito para ser vendido. Qual é o nosso produto? É isso. Eu entendo que seja feito uma peneira dos 300 que chegaram, saindo muita gente e ficando muita gente. Eu entendo essa peneira, como natural, vale a pena ressaltar. Só que essa segunda peneira, sabe, dos 25, dos 30 que estão agora, eu já acho algo mais visando um aproveitamento maior, no sentido de po, vamos objetivar e trabalhar com esses aqui porque esses são os melhores. Seria mais ou menos elitizar o processo, como eu tinha dito. É muito ruim assim não conseguir fugir disso tudo. Porque o que eu vejo do projeto cultural seria envolvimento, participação, reconhecimento, o entendimento do que é aquilo a troco de nada. Não a troco de: “ah, você tem que fazer isso, você tem que fazer isso”. A gente está te dando essa oportunidade, mas você tem que fazer isso, isso e isso, se não você não vai estar aqui, aí sua oportunidade vai ser fechada. Seria acho que uma obrigação, sabe? Pessoas no mestrado assim, em alguns cursos, em algumas faculdades. Tem, sei lá, uma restrição na sua bolsa de produtividade. Os cursos de mestrado – pelo menos lá na UERJ – eles recebem de acordo com a produtividade. Seria mais ou menos isso, sabe? Fazer a qualquer preço, a qualquer custo, porque eu tenho que fazer - e não uma coisa livre, vamos chamar uns jovens para trabalhar a cultura, como aquele projeto que a gente iniciou. Vamos chegar, vamos conversar. Sei lá, a gente vai pegar 100, tenho certeza que pelo menos a gente vai ter de retorno uns 10 que vão seguir, que vão estar aumentando a produção cultural, sabe? Não a vitrine cultural, do ponto de vista de que está olhando para a vitrine. Eu acho que isso não é o que acontece hoje.

Jéssica: Eu acho que também um lado de interesse, porque a gente agora também tem o nosso próprio interesse. Eu me sinto menos interessada porque? Porque agora é céu unicamente de produção, eu trabalho e produzo, eu trabalho e produzo, eu trabalho e produzo. Ao contrário do que existia noutras gestões, que a gente aprendia, a gente entendia, a gente de certa forma estudava o que era a cultura, entende? Qual era a relação da comunicação, o papel do jornalismo naquilo tudo, para que a gente produzisse alguma coisa de forma até mesmo livre e espontânea. Não era uma coisa de que a gente vai ter que fazer a cobertura do desfile, a gente vai ter que fazer alguma coisa que seja uma produção política, não feita por um produtor cultural, mas feita pela secretaria, sabe? Acho que é uma coisa assim que desestimula, porque acho que a gente trabalha melhor quando a gente se vê

envolvido. Acho que o mestrando pesquisa melhor quando ele se sente envolvido, quando ele pesquisa alguma coisa que ele se está interessado. É o que me desestimula, porque eu estou num estágio, eu só estou no estágio, eu preciso ter alguém pra me ensinar. O estágio é uma fase de transição que você aprende, então eu acho que é aí que entra. Eu acho que “houveram” motivos para fazer aqueles jovens terem saído do projeto, aquele motivo porque “eu não gosto de jornalismo, eu gosto de engenharia, então eu não tenho que ficar escrevendo”, entendeu? Outro não, eu gosto disso, eu me interessar mesmo que eu não saiba escrever, eu gosto de discutir, porque nós temos muito disso. A galera não sabe escrever, a galera não sabe produzir. Mas você sabe fazer uma foto? A gente descobriu vários fotografos legais, entende? Você é um bom produtor? Você pensa, sabe? Muita gente não sabe escrever, mas tem gente que tem ideias geniais. Um produtor cultural aqui da cidade, o Fulano⁸⁶ (**Joaquim:** É, eu tocar...é uma exceção, sabe?) é incredivelmente tosco, sabe? Assim, você não consegue entender o email que ele fala, mas ele é brilhante, do jeito dele. Ele não é um bom gestor, ele não é um bom administrador, ele não escreve bem. Mas ele é um bom articulador. (**Joaquim:** Qual é a formação dele?) O dia-a-dia, a formação dele é o dia-a-dia. (**Joaquim:** Talvez começando hoje, ele não seria aproveitado como produtor cultural) Porque ele tem que...porque hoje é essa sistematização. Você tem que ser graduando, você tem que estar na faculdade, você tem que ser alguém, sabe?

Joaquim: Você de certa forma tem que ter uma credencial. Mal comparando, o meu tio trabalha na parte de iluminação, de áudio, se eu não me engano na Rede Globo. E ele era da antiga. Ele me fala que hoje está havendo uma alteração no nível de contratação. Antes, eram aqueles que sabiam desenvolver o trabalho e tudo mais, hoje é com a formação. Aí ele fala: “com isso acontecendo, o que eu mais vejo é um monte de moleque que acabou de se formar, não sabem nada do que acontece aqui dentro, falando várias besteiras, e a gente sendo obrigado a ouvir. É uma palestra. Em contrapartida, um monte de cara cascudo que se deixar faz toda a produção sozinho, sendo mandado embora por falta de formação. Sei lá, seria isso. (**Jéssica:** Isso é verdade) Eu estava conversando hoje com uns meninos lá e eu falei que, cara, o que falta é falta de...fugiu a palavra...de estima, sabe? E não porque ah, a gente está nessa há muito tempo, porque a gente ficou muito tempo antes dessa...desse estágio do projeto, e era super divertido, sabe? Em algum momento cansativo e tudo mais, mas super proveitoso, te instigava. Agora não. E o que você tinha falado, usando um pouco das suas palavras, para explicar essa diferenciação da fase atual com a fase anterior. Eu acho que antes se ouviam mais os interessados, foi o que ela falou, tinha muita gente ali, que nós mesmo de certa forma em algum momento, acabavam meio que tratando como forma de preconceito, sabe? O cara que entrou agora vai pegar isso, vai escrever e não vai sair nada. Mas ainda assim a gente reconhecia, eram momentos isolados. A gente reconhecia que o interesse era muito importante. Porque não era o interesse de alguém para participar de algum projeto, era o interesse de alguém que estivesse disposto a participar da cultura da cidade. Muitas vezes, reconheceu que vive, e isso é auxiliar imensamente na própria formação dessa pessoa, sem dúvida. E depois desses interessados que eram

⁸⁶Troquei aqui o nome do produtor cultural, a pedido dos entrevistados.

vistos e ouvidos, se passou para o momento atual onde os interessados não têm mais vez. E ao invés de a preocupação ser os interessados, é o interesse. O que ele vai poder estar fazendo para a gente, de retorno, deste projeto. Cada vez mais querem ter menos trabalho, então já pegam – de certa forma – o profissional pronto. Sabe, alguém que já atua nisso há muito tempo, já saiba fazer, sei lá, mais da metade do trabalho. Para a gente vai ficar muito mais fácil. A prioridade mudou.

Vinicius: Assim, dentro daquela ideia que você falou da visibilidade da cultura. De alguma forma, esse retorno é isso, de dar essa diferença entre o interesse e o interessado. Tipo o que que o cara vai dar de contrapartida em termos de visibilidade aqui.

Joaquim: Se antes a preocupação era para os interessados estarem sendo incluídos, agora a preocupação é atrair pessoas que vão favorecer interesses, que é qual? A produção, mas a produção não é qualquer produção, a produção é vinculada ao interesse mesmo daqueles detentores dessas oportunidades, no caso a Secretaria de Cultura. A Secretaria de Cultura vai pensar em contratar quem já está familiarizado com essa área, com essa produção. Quem já vai de...assim...já vai entrar e já vai dar uma resposta positiva ao que eles entendem como a resposta positiva, ou seja, o trabalho que eles querem. Já prontinho, porque não vão dar trabalho de...ah, eu vou ter que iniciá-lo, explicá-lo, indicá-lo, fazer sei lá, talvez toda a preparação dele para depois ele por si só estar preparando. Eu não vou ter que ensiná-lo a pescar, eu vou chamar e ele vai estar pescando por si só.

Jéssica: Olha, eu acho importante pensar também como que o projeto nasceu. Não sei se o Julio te contou, mas o projeto foi organizado pelo Anderson, o Anderson Feti. Ele é jornalista, e resolveu criar depois da chacina que teve aqui em Nova Iguaçu. E estava no período da...acho que era alguma coisa de educação, você lembra? Semana da Educação, Congresso da Educação da cidade?... O Fórum Mundial da Educação. Todas as notícias que estavam ocorrendo sobre Nova Iguaçu eram da chacina, não foi falado sobre o fórum mundial. Não era falado sobre o Tinguá, não se falava sobre as políticas de cultura, não se falava sobre nada. Então ele, junto com mais alguns amigos tiraram de algum bolso e fizeram um panfleto como um guia de Nova Iguaçu, um guia cultural de Nova Iguaçu. E depois ele apresentou o projeto “jovem repórter” que ele escreveu para a Maria Antônia, que tinha o projeto “bairro escola”, né. O “bairro escola” você sabe do que é? Naquele momento o interesse do Anderson Feti era isso. Ele queria criar um projeto que tratasse de Nova Iguaçu da maneira que, como ela é, além das tragédias. Por isso que a gente falava: “mas não fala do buraco que está atrás da sua casa porque o parceiro do RJ vai falar”. A gente vai falar da sua mãe, que é uma excelente confeitadeira e que faz bolo para todas as crianças. A gente vai falar de coisas que fujam desse cotidiano de tragédia. E não só isso, a gente pensa em convidar o jovem a pensar a cultura em Nova Iguaçu. Nesse momento era isso, nesse momento era agregar jovem, vamos chamar os jovens para ir aos bairros, e escrever sobre a árvore, histórias de árvores, que você tinha, que você deu do dia que você engravidou debaixo da árvore, do dia que você caiu e quebrou o pescoço debaixo da árvore, entende? De individualizar essas

histórias. Então era isso que estimulava você, porque a gente como jovem repórter era provocado a ... que engraçado, que interessante essa sua história. Isso vira notícia, pelo contrário muito mais do que a gente tem agora qual o produto que vai vender bem a cidade? Quem está interessado na tia do maracujá? A gente está interessado na inauguração do centro poliesportivo, que têm atividades esportivas e culturais em Nova Iguaçu. Está entendendo? São momentos diferentes. Naquele momento, eu percebo isso, que a gente era convidado a pensar, que era convidado a refletir e produzir uma coisa diferente daquela que o jornal quadrado, fechadinho oferece. O secretário fazia isso, vocês têm que sustentar-se por si próprios, estimular as pessoas e dizer: “vocês são produtores de cultura”, entende? E falam não é uma inclusão – é inclusão – mas se não estão deixando você entrar, você força a porta e entra. Eu acho que essa relação de vamos mostrar para todo mundo o que nós estamos fazendo. É inegável que um Silvio Monteiro, ele começou a ficar badalado a partir de pouco tempo. Como por exemplo o “Quarta Cult”. O “Quarta Cult” é um evento que tem toda quarta-feira o happy hour em Nova Iguaçu. O cara vai, arruma a tenda linda no Silvio Monteiro, chama os artistas, o cara toca, o pessoal toma uma cervejinha, se diverte, e vai embora. A crítica que eu tenho feito a isso é: o que fica de legado, que projeto permanece no “Quarta Cult”? Nenhum. É apenas um dinheiro gasto, investido em que? Esses nove repórteres que existem hoje na Secretaria de Cultura, eles estão fazendo exatamente isso, sabe? Eles estão sendo convidados a produzir. Produzir o que? A gente senta, a gente tenta torcer um pouquinho, mas dá força para ver o que de beleza que sai dessas histórias, sabe? Não, não vamos falar sobre o engarrafamento, vamos falar sobre o Morro do Cruzeiro, vamos falar sobre as histórias lindas que aconteceram no Morro do Cruzeiro.

Joaquim: Eu acho que o grande embate, assim, teórico sobre o projeto seria: mas vale a pena ser falado este ou aquele assunto? Porque isso não é cultura. Eu acho que em cima disso surgiu até a própria frase do blog: “Em Nova Iguaçu tudo é cultura.” Porque de certa forma, retratando o que a gente retratava havia ali uma valorização da história da cidade. (**Jéssica:** Os personagens da cidade) Exatamente, que assim, e nunca sairiam em jornal nenhum. E saem que... e fazem sentir o pessoal daqui, sabe? E eu tenho certeza que o pessoal da Baixada inteira ouvindo aquela história ia pensar assim: “po, tem uma pessoa assim na minha rua e nunca falam nada dela, e seria tão legal falar dela.”

Jéssica: Ou se não, não é importante para ele o Vinícius, mas é importante para você como um ativista que tem um projetinho minúsculo, entende? Ou se não você é apenas uma personalidade no seu bairro. Daqui a pouco eu tenho uma história incrível para contar. Nesse meu período de jovem repórter, no começo, eu digo eu conheci muita coisa, muita gente e eu fiquei assim de cara com histórias que eu nunca pensaria que daria matéria. Isso acabou por mudar a minha visão de jornalista, sabe, como estudante. Quando eu vejo a galera querendo trabalhar na Globo, e eu quero trabalhar nas favelas. Porque é particularizar a história, sabe? É o que eu acho uma questão de base, como é que ele começou? Ele começou para isso. Naquela época, ele foi vendido para a Maria Antônia, ele foi assinado pela primeira dama e pelo prefeito como isso, entende? Hoje não, hoje ele é tratado como uma coisa mais profissional.

Não há espaço para 300 jovens. Não há espaço para uma pessoa que embora não seja formada em jornalismo tenha muito o que ensinar. Não há espaço. O espaço é para uma produção, vamos lá, vamos lá! Vamos produzir, vamos fazer uma revista eletrônica. Existe sim o seu valor, sabe, mas deixa de ser tipo repórter. Acho que a política pública para a juventude muda a partir daí, entende? O jovem pode ler, mas ele não pode produzir. A galera pode ir no Quarta Cult, mas ele não pode falar: “tá, mas porque que esse dinheiro está sendo investido aqui”, entende? É ótimo, eu acho maravilhoso em todos os eventos de Nova Iguaçu tem que ter pelo menos um artista local. Acho isso ótimo, mas ok, e cadê então o reconhecimento daquele artistazinho? Cadê a história da criança do “bairro escola”? Se é para contar história, a gente conta bem. Nove pessoas não contam as mesmas histórias que vinte, que não contam as mesmas histórias que trezentas. Um secretário formado em direito não lida da mesma forma do que o jornalista e o escritor. São fases diferentes, as fases mudaram mesmo. Nessa época eu via que a gente tinha muito mais a acrescentar do que hoje, eu tava falando isso com a Osana e com o Rômulo, outro dia no carro, voltando lá da colônia de férias. Que uma galera nova chegando que meio que fica desorientada, entende? Que só pode se encaixar se ela for estagiária, estagiária de ensino superior. Eu não vou sentar num chão, numa roda e discutir, nossa, como está quente aqui. Discutir e falar sobre a sua cidade, sobre o seu bairro. O que tem de particular no seu bairro, Vinícius? Que história teria para contar? Que história te emocionava contar, que você acha que vale a pena ser contada e que não é mostrada no jornal?

Joaquim: A ADES - assim muito porcamente falando, sem muitos detalhes – nesse processo, a privatização da cultura, sabe? Está acontecendo “n” coisas interessantes da cultura para Nova Iguaçu, para a juventude daqui. Só que o que é importante não é isso, sabe? É isso, isso e isso que interessa a esses detentores da cultura, por assim dizer, restrito clã, vamos dizer assim. Então é como ela tinha dito: falar essas coisas, muitos falam, e a gente vem perdendo chance de dizer coisas que seriam muito positivas, sabe, iriam acrescentar muito para Nova Iguaçu, para a Baixada, sabe? E porque não pro Rio, assim? Porque eu sou da UERJ – Maracanã e faço questão de levantar a bandeira de Nova Iguaçu lá. Todos que me conhecem sabem que eu moro em Nova Iguaçu, porque eu trato até de uma maneira muito positiva de Nova Iguaçu. Chegou um texto muito saudosista e até romântico sobre Nova Iguaçu, mas é muito aquilo, sabe? Tem gente que ia vê e falar: ah, é um exagero. Tá, mas é um exagero que eu faria. Eu quero fazer uma tatuagem da bandeira de Nova Iguaçu. Eu tenho essas coisas assim, que seriam quase que como um grito contra a maioria, sabe? Andar contra a multidão. Porque o que você vê sendo noticiado, sendo valorizado é o que uma minoria quer, enquanto o que uma maioria faz e quer, e trabalha, e interessa...tudo isso é meio abafado, sabe? E o “jovem repórter” era uma fuga excelente para esse tipo de coisa, era uma saída extraordinária para esse interesse, o interesse do povão, sabe? Que tem tanta coisa que...eu sei até que ponto é importante uma guerra no Iraque, o que isso vai mexer com o foco mundial, até que ponto vai alterar alguma coisa aqui no Brasil. Eu sei. Só que isso tem uma hipervalorização tremenda, enquanto algo que seria super útil - até no sentido pedagógico mesmo da coisa – poderia ser tratado aqui dentro, ou então sei lá, numa escala estadual assim, representando Nova Iguaçu, não é. Tapavam muita coisa que eles não queriam

que não acontecesse. E estas começavam assim a aparecer um pouco mais a partir do “jovem repórter”.

Vinícius: Qual é a ...o que você acha que mais se modificou, que foi modificado na tua vida a partir da iniciação nesses projetos? Vocês tatearam um pouco isso, mas assim...

Jéssica: O Vinícius, o meu namorado, ele também foi do “jovem repórter” e estuda jornalismo. E eu juro que eu não armei esse circo todo, eu encontrei o Joaquim... (**Vinícius:** Então, o que você acha que foi modificado?). Pessoalmente? Olha, antes eu vivia numa bolhazinha, sabe?, lá em Morro Agudo e estava em Nova Iguaçu e era isso, sabe? Para mim o que era importante não tinha nada, de importante não tinha nada. O mesmo discurso que ouço muito, sabe? “O que tem em Nova Iguaçu? Nada. Nova Iguaçu tem o Top Shopping, tem aquele cinema horrível que só passa filme dublado, tem a Rio Sampa, tem uns bairrozinhos só, o Silvio Monteiro não faz guerra a muito tempo, embora exista lá. E aí, eu percebi que não. Nova Iguaçu é muito grande. Nova Iguaçu vai muito além de certos eixos, quando você circula tanto. Então primeiramente eu estourei essa bolazinha e circulei pela cidade, entende? Coisas que eu não fazia, poxa vida. Eu estudava de manhã, chegava em casa à tarde e dormia, e pronto, sabe? Era essa vidazinha de estudante, entende? Aí eu passei a circular, bem louca, porque eu ia para cada canto de Nova Iguaçu que a gente nunca tinha ouvido falar, entende? Comecei a ter contato com muita gente, [que dizia] que olha não é só isso, presta a atenção, que tinha um olhar...eram donas de outros discursos, acabou me enchendo de muitas perspectivas. Eu acho que a partir desse momento, eu vi: peraí, não é só isso. O que passa sobre a minha cidade no jornal da Globo, no jornal do SBT, não é o único lado da moeda, não é a única coisa. Eu tenho a oportunidade de fazer outro tipo de jornalismo. Eu posso enxergar nas pessoas histórias, que talvez você não reconheça como importante, uma pessoa produtora de cultura que talvez você mesmo não se reconheça, entende? Eu acho que me foi dado um novo olhar, uma nova maneira de enxergar as coisas, de pensar, de criticar e principalmente de ouvir bastante, sabe? Talvez deixe de criar uma própria opinião porque eu me misturo muito com a opinião dos outros, sabe? O importante as vezes não é nem falar, o importante as vezes é deixar os outros falarem. Acho que isso foi muito incitado em mim, estimulado. Pessoalmente é essa...

Vinícius: Mas, você já tinha uma inclinação natural ao jornalismo antes de participar?

Não sei, olha eu tenho o jornalismo... é aquele ponto: eu gosto de ler e escrever, eu vou fazer o que? Jornalismo, né. Ai eu conheci isso e adorei, e o Julio sempre falou que eu nasci para escrever, né, aquela coisa. Eu sempre me dei muito bem, até os meninos que me indicaram acharam que eu me encaixaria bem nesse perfil. Mas eu tenho uma teoria assim de conspiração dos outros contra mim, que a gente que vem de escola pública de Nova Iguaçu é muito tendenciado às humanas. Porque eu nunca participei de projetos, uma vez no ensino fundamental, dos projetos de exatas. Eu nunca tive feira de ciências na minha escola, entende? Eu estudo em escola pública desde a

quarta série, vou te dar uma noção, tem uma escola particular do lado da minha casa, e era ali onde eu estudava. Eu achava um saco estudar do lado de casa. Eu não podia ir para escola de bicicleta, não pegava ônibus, sabe? Não podia dar migué na mãe. Aí na terceira série eu falei: mãe eu vou sair dessa escola e eu vou para Nova Iguaçu. Ela [disse] nem que você vá por cima do meu cadáver, se tu “for”, você vai ver. Aí fez maior auê. Meu pai que sempre me deu maior apoio, sabe? Circula mesmo, invade mesmo, desobedece a sua mãe mesmo e vai. E aí eu fui, mas eu nunca tinha tido projetos de estímulos às exatas, sabe? Eu sempre participei de projetos de leitura aqui na escola, projetos de escrita aqui na escola, sabe? De interpretação. Mas de qualquer forma, eu nunca me daria bem com exatas, porque eu acredito que seja uma...o que se chama de costume: quanto mais você faz aquilo, melhor você vai ficando. Se a minha vida inteira eu fiquei tendenciada a isso, a projetos de humanas, não tinha como eu fazer engenharia. Eu tinha que fazer alguma coisa das humanas. Lendo do jeito que eu lia na escola, escrevendo do jeito que eu escrevia, participando de concursos de escrita, era isso o que eu ia fazer. Eu fui tendenciada a isso. Me botaram nessa profissão de pobre!

Vinícius: Não sei se tem uma teoria da conspiração, mas acho que fez sentido o que você falou. Não sei, a minha percepção é de que assim, quando a gente começa a circular noutros lugares eu acho que a gente percebe o quanto é pouca a idade que a gente tem e quanto imaturo somos... A humanas faz mais sentido, de ter uma observação e...aguçar a sua percepção sobre as coisas.

Jéssica: É, exatamente. Eu até estava conversando isso com um amigo que eu tenho uma implicância muito grande, mas é pura brincadeira, com um amigo químico que estuda na Rural. A gente fica um implicando com o outro né. E a gente brincando de...e chegamos a conclusão de que não...ele gosta de exatas pela magia de ser exato e eu gosto de humanas pelas milhares de possibilidades, sabe? O que você falar para mim vão haver várias perspectivas, várias percepções. A minha leitura sobre como eu cheguei até aqui percorre inúmeros caminhos. Essa é a percepção que eu tenho. Eu adoro, sabe, fazer tudo isso. Eu até agradeço às pessoas que conspiraram para que eu estivesse aqui, eu acho isso sensacional. Mas eu não deixo de pensar nisso, sabe? Que na minha escola, na minha formação eu passei por isso. Tinha esse caminho, não tinha outras opções. Por exemplo, eu fui semestre passado com a amiga que faz ciências sociais na UFRJ no PET. Eu acho que era uma amostra do PET, não sei, e tinha um menino que era do Pedro II, eu acho, aqueles colégios de elite. E ele contando a saga dele né, e as meninas fizeram a pesquisa de que os jovens – chegam a uma certa idade – que eles sofrem muito com as escolhas que eles têm que fazer. E o menino no depoimento tinha 16 anos, dando o depoimento de que quando ele chegou na escola e teve que escolher qual projeto curricular ele ia se integrar, ele ficou muito perturbado, por que? Porque ele tinha projetos da UFRJ, ele tinha projetos da Petrobrás, da Fiocruz. E eu olhei assim: você está sofrendo por isso, meu filho? Lá em Morro Agudo, as únicas oportunidades que têm é de handball. No máximo que tem é o governo do estado dá um suporte para fazer um projeto para a interpretação de textos. Aí a gente começa a observar tudo isso, sabe?

De como as pessoas estão sendo encaminhadas, sendo tendenciadas. Estão sendo tendenciadas por esse ponto.

Vinícius: **Você já falou também um pouco disso, mas a sua participação nos projetos, as iniciativas dessas gestões que passaram aqui pela cultura, elas te permitiram conhecer melhor a cidade? E como foi isso? Essa experiência para você. Assim, você foi a lugares que você nunca foi, e...**

Jéssica: De qualquer forma é sempre teve meio entrelaçado. Mas, por exemplo, eu estou no projeto agora da colônia de férias, eu conheci o Rômulo, que eu conheci o Rômulo no “jovem repórter”. Ele começou no “bairro escola” mais ou menos na mesma fase que eu, ele já era do ensino superior, quase formando, e eu era do ensino médio. Começou como estagiário, movimentando um monte de coisas no “bairro escola”, ele era da Globo, trabalhando com a Maria Antônia e tudo mais, aí ele foi crescendo, crescendo... Aí saiu por um tempo para tocar os projetos dele. Mas várias portas que se abriram, vários caminhos que influenciam estão enraizados. Mas por exemplo, enraizados aqui naquela ONG é sensacional. O Dumontt é namorado da minha prima, todo mundo está muito junto. Mas muita coisa que eu circulei, muita coisa que eu conheci, muita gente fantástica que eu conheci, gente que pensa a cultura na cidade de maneira bem peculiar e bem interessante que só ama muito, a partir daí. Mas outros projetos também foram acontecendo, eu não sei muito bem se foi o destino, se foi o acaso, ou foi porque Deus quis.

Vinícius: **Quando você começou no projeto - porque assim, quando a gente sai daqui da Baixada ou quando a gente chega a uma idade avançada na periferia, tem sempre a lógica do trabalho que é muito forte - então, a gente sempre é cobrado: por que não está trabalhando? Por que não está fazendo...? No meu caso por exemplo, por que você tem bolsa de mestrado, isso é o que? Quais foram as mudanças – se tiveram – em relação a percepção da sua família, em relação ao que você faz, e assim, se vocês acham que conseguiram atingir outros moradores de Nova Iguaçu?**

Olha, eu comecei nessa bagunça toda com 16 anos, eu estava no ensino médio, e eu lembro que eu tive uma discussão muito séria com uma amiga que não queria que eu me envolvesse nisso. Porque eu saía para a escola de manhã; eu almoçava; ficava aqui em Nova Iguaçu, no Silvio Monteiro; fazia reunião. Aí durante a semana - nessa época eu estava muito envolvida, estava no maior gás né, ouvindo o Julio [dizendo que] eu nasci para escrever, então eu vou fazer isso. Eu vou escrever. Aí eu ficava muito nisso, e à noite eu chegava em casa e morria, eu apagava que nem eu vou fazer agora quando chegar em casa. E meu pai achava aquilo um absurdo, meu pai por mais que quisesse que eu me envolvesse, que eu circulasse, ele achava assim que eu não tinha idade para fazer isso. Aí eu batia perna que não, que não sei o que, que não queria. Ele falou... eu caguei pra ele, que nem quando a minha mãe falou que eu não ia estudar em escola pública eu caguei pra ela. Eu vivo cagando pras pessoas. Mas assim, a minha família super entende, eu tento explicar, se não entende, finge que entende e apóia, entendeu? E super

respeita o fato de eu não trabalhar numa loja no shopping, porque eu preciso ter o estágio ou algum projeto que eu esteja envolvida, ou trabalhar, sabe...ralar com aquelas crianças endemoniadas, o Piscinão de Ramos, que eu adoro. Porque durante o ano, eu estou estudando. E se não entender também, fazer o quê? Paciência, sabe? São as minhas escolhas. É isso que eu gosto, a minha mãe super acha maior barato a filha dela ficar falando besteira por ai, tira foto, falando e gritando com as pessoas. Não sei se eles entendem não, mas fingem que entendem.

Vinícius: Você participou de algum modo do projeto “Pontinhos de Cultura”

Jéssica: “Pontinhos de Cultura”? Se eu participei?

Vinícius: É, se fez aquelas visitas às escolas, ao bairros e tal?

Jéssica: Não, essa galera que fez... Isso quem fez foi a galera da gestão mesmo, assim da Mônica. Se eu não te passei o contato dela, o nome dela é Júlia, anota ai. A Júlia que trabalha com a Mônica, trabalho que é excelente! O melhor sotaque de pernambuco do mundo é o sotaque da Mônica. Mas eu lembro que eu ouvia muito disso né, ela tipo foi... eu estava no ano já do “jovem repóter”, o Nike, o Rafael Soares, ele foi contemplado com o “pontinho de cultura” lá na encolha e eu não me lembro de ter me envolvido muito não. Eu fiz algumas matérias sim, mas eu não me lembro muito não. Vamos pular essa pergunta.

Vinícius: Com essa experiência que você teve em Nova Iguaçu, e a experiência que você tem agora na Rural, e no Piscinão, e nesses lugares espalhados... Essas diferentes inserções na cidade. Você percebe que a sua vida, ela teria possibilidade de ser melhor na cidade, fora da cidade de Nova Iguaçu, ou seria possível batalhar por alguma coisa dentro dela?

Jéssica: Você já foi na Rural? A Rural é o sonho americano: aquela faculdade linda, aquele campo verde maravilhoso, você mora na faculdade, você mora numa cidadzinha bem próxima e vai de bicicleta. Você ocupa bem o espaço da faculdade com maior conforto, sabe? Porque você almoça na faculdade, você dorme lá, faz as coisas todas... Por exemplo, eu estudo à noite, o meu curso é feito pra gente que trabalha, então todas as minhas matérias são de noite. Mas se eu quiser fazer algum outro projeto, algum laboratório, é de tarde. Se eu quiser puxar matéria de belas artes, de economia, etc., é de tarde. Eu só não faço isso, eu só não ocupo esse espaço – esse sonho americano, ter um cachorro e passear com ele na Rural – por conta disso. Porque se eu for pra lá morar naquele lugar maravilhoso, ter contato com pessoas e doutores incríveis, sabe, estudar com gente super inteligente, eu não sei como vai estar a minha cidade. Eu não vou pro Piscinão conhecer a galera de lá. Eu não vou ter esse contato. Talvez me inserindo lá, eu perca – possivelmente – esse feeling de o que que eu estou [fazendo lá]... o que que é notícia para mim? O que que é informação para mim? E o a galera né, se vê além de tragédia, sabe? Lá em não sei da onde. Porque mal ou bem, os meus professores são do mercado, entende? A galera saiu do mercado agora foi fazer doutorado... As pessoas

passaram pelo mercado, então assim, o que eu aprendo em relação a jornalismo técnico é isso: é tirar foto da cara da mãe, porque a mãe te dá uma excelente foto, vai dar uma frase linda, sabe? Mas poxa vida, quantas possibilidades a gente não tem de um menino? Quantas possibilidades a gente não tem de matéria? Eu sei que estando aqui eu não vou aprender muita coisa, eu não vou aprender sociologia aqui como eu aprenderia lá. Semestre passado...no primeiro semestre, eu tava muito aqui, então meio sem ritmo, eu passei que por promessa, sabe? Eu te dou o meu cabelo, eu vou ficar 2 anos e meio sem pintar o meu cabelo. Eu fiz promessa de ficar sem pintar o meu cabelo por 2 anos e meio pra passar no vestibular. Eu sou dessas: eu não estudo, faço promessas e passo. To brincando, eu fiz pré-vestibular. Aí eu estava muito aqui e pouco lá. O meu CR foi pra 6.5, olha que vergonha. Eu sou a primeira filha do meu pai a ir pra faculdade e ter CR 6.5? Sacanagem. Ai semestre passado, eu [falei] galera, não to aqui... O Julio brigando muito comigo, o Nike, porque tinham vários projetos não só daqui de Nova Iguaçu mas de circulação pelo estado, pelo resto da cidade e tudo mais, que eu falava que não, entende? Que a menina dos meus olhos é a minha graduação, foi naquele momento, e o meu CR subiu. Então eu fiquei desproporcional, ao passo que se eu ficar lá e viver tudo aquilo, conseguir meu desenvolvimento excelente e entrar pro mestrado, doutorado, etc., eu não circulo, sacou? Eu fico nessa, nesse impasse de concre[tizar] minha primeira faculdade e de aprender aqui. Porque uma vez eu estava conversando muito com o Nike e ele falou isso pra mim, que a gente está aqui numa conversa séria sobre isso e ele falou que formada ou não eu poderia estar naquele lugar, se eu estivesse criando redes. Talvez seja isso que me diferencie da galera que está se formando comigo. Muita gente vem de outro estado, ai vai estudar e fica só na faculdade, que não circula, e quando sair da faculdade, meio que vai sair ao Deus dará. Eu tenho realmente medo disso: sair ao Deus dará. Porque além de querer fazer mestrado sim, querer dar aula e ser rica, eu quero circular, eu quero conhecer o garotinho do Piscinão de Ramos, saber qual a história que ele tem pra contar. Eu quero discutir política pública na minha cidade. Eu to nesse impasse: eu quero tudo.

Vinícius: Bom, você enxerga então essa coisa de circular aqui pela cidade, você enxerga como possibilidade de trabalho e desenvolvimento pessoal sem essa sua saída física da periferia urbana, ou da cidade de Nova Iguaçu?

Jéssica: Periferia está na moda, Vinícius, que bom que a gente enxerga isso. Falar de periferia é o que a academia está fazendo. A gente tem um ditado que o centro vai virar periferia e a periferia vai virar centro. E eu vejo que não apenas como talvez produtora cultural, como eu adoro fazer produção, como eu adoro escrever projeto, como escrever projeto, caraca! Não apenas como isso, mas como figura da comunicação, da mídia, entende? O Joaquim e eu, o Vinícius – o meu namorado que está chegando – e mais uns amigos que também passaram pelo “jovem repórter”, a gente tem um projeto que é mais ou menos isso: são estímulos criativos para a comunicação, que é botar a galera pra pensar, para criar e transformar o seu meio. Sabe, o que é a comunicação pra você, talvez o que seja – não apenas o jornalismo – mas o que seja ou até mesmo o design para você, entende? Porque são formas diferentes. Então eu

acho que está muito interligado, eu acho que a periferia está sendo palco para isso. Talvez eu faça muita ligação com essa coisa de UPP social. Eu tenho uma visão assim muito particular da UPP social. Para mim, quem se dá bem com a UPP social sou eu, não é o morador. O morador vai sofrer na mão de policial. Eu vou me dar bem porque eu vou fazer projeto lá dentro e vou ganhar dinheiro, gostando o garoto ou não. O garoto pode não gostar de canto coral, mas se eu vou organizar, eu vou mostrar ali porque eu vou estar gastando dinheiro, tá entendendo? A minha visão é mais ou menos assim, eu acho que a periferia está sendo palco pra isso. Quer mandar projeto? É não pode ser uma na Barra, tem que ser projetos em Nova Iguaçu, em Austin, na Rocinha, no Piscinão de Ramos, entende? Tinha uma galera esperta, talvez o conteúdo não seja importante, talvez o dispositivo seja importante, de que forma você está trabalhando? Não pra que você está trabalhando o produto. Como exemplo o “jovem repórter”. O importante do “jovem repórter” não era o que saia, mas o dispositivo criado: eram jovens que foram criados ali, entendeu? Era a galera que estava pensando. Produzir, seja lá o que fosse. Respondi bem, ou enrolei muito?

Vinícius: Você participou dos projetos de gestões anteriores a essa que está agora, e assim, eu notei na fala de vocês uma certa crítica à gestão que está agora. Te pergunto se aqueles projetos – dentro do que vocês falaram também do “jovem repórter” – que foram iniciados por outras gestões, eles chegaram ao ápice deles, ou...eles foram descontinuados na sua tentativa inicial, ou vocês acham que podem voltar a ser o que era, ou ainda é o que era, ou...é preciso criar novas coisas que ainda não existem?

Jéssica: Ah, sempre né, sempre. Existem milhares de coisas que precisam ser criadas. Mas elas foram descontinuadas sim, sabe. O secretário atual não reconhece o grupo de pesquisa como uma coisa válida, você acredita nisso? Embora eu não me dê bem com pesquisa, talvez eu não me desse bem com 16 anos e hoje eu vejo a importância da pesquisa. Ele não vê o grupo de pesquisa como um grupo interessante. Ele chegou a perguntar: “o que esse grupo vai trazer de bom pra mim?”; “O que uma exposição, de pessoas que vêm de fora de Nova Iguaçu pra cá vai trazer de bom pra mim?” Ele chegou a perguntar isso, entende? E a pesquisa é um projeto riquíssimo, feito pela Marcela que é uma pessoa cheia de contatos, que tem escola britânica, que tem...que veio do Instituto de... , qual é o nome daquele negócio, gente? ...do IBGE, o famoso IBGE, poxa vida. Entende? A galera super que avançada, super interessada, super coesa, ele não reconhece como grupo. Porque ele não reconhece a importância de um grupo de jovens não apenas que produz, mas que pensa? Porque o fato, por exemplo, da Danis não escrever não quer dizer que ela seja uma produtora incredivelmente genial. Que o ensaio do “jovem repórter” embora tivesse textos ruins, produzindo eventos de rock maravilhosos em Mesquita. Porque não consegue, sabe, identificar essas coisas? É uma crítica assim que sinceramente eu não tenho resposta. Mas eu fico perguntando, sabe? Por que, por que, por que? Existem milhares de coisas para serem feitas, sabe. A Daniele, ela possivelmente tem excelentes projetos, o Joaquim e eu temos excelentes projetos juntos. Um dia a gente vai colocar em prática, amém! Mas porque que não é visto como, sabe, importante, como

se lidar com essa galera. Talvez a gente não precise apenas de apoio financeiro, mas apenas a pessoa dizendo, sabe? Dando aquele apoio moral, vamos trabalhar! A gente não quer apenas curtir no facebook, a gente quer escrever o que aconteceu pra gente curtir. Acho que essa é a crítica que fica. Talvez, eu estou falando pra ele, o Batata não reconhece o grupo de pesquisa como importante. O grupo de pesquisa já fez coisas maravilhosas: eles já foram pra fora do país, fizeram pesquisas internacionais. A galera brilhou muito, sabe? A Camila é sensacional. Você conseguiu falar com a Camila?

Joaquim: Ele falou hoje o que ele sempre fala, que ele gosta muito da idéia do projeto “jovem repórter”, só por isso ele está levando o projeto até agora.

Jéssica: Ele não gosta da ideia do projeto da pesquisa?

Joaquim: Não. O que e acho que o “jovem repórter” pode fazer muito mais pelos interesses dele do que o grupo de pesquisa. Acho que é isso.

Jéssica: É um jogo de interesses?

Joaquim: Talvez. Sempre tem né, só não sei até que ponto maldoso.

V: Vou perguntar pra vocês uma pergunta que sei que tem até um cunho mais cultural assim, do que político. Mas o que vocês conseguem enxergar de mais relevante na produção cultural da cidade? Assim, o que foi feito antes, o que aconteceu? Assim em termos de manifestação artística mesmo?

Joaquim: Precisa ser artístico? Não? Então eu vou te falar o que culturalmente, assim, eu vejo como o mais bacana, sabe, da cidade de Nova Iguaçu. Tem muito disso no texto que eu escrevi, que eu estava te falando. Se quiser, depois eu te mando. É a diversidade ali em ação ao mesmo tempo, sabe? Em ação, em comunicação, em interação. Eu a todo momento me deparava com um engravatado, sabe, de maletinha, e eu descalço, jogando bola, sabe? É quando eu vejo muita gente diferente no mesmo lugar. Eu não sei se já falei com você, eu lembro quando aquela francesa, a Angeli veio lá da França e estava estudando cultura também, só que... Eu falei: po, cara, tenta reproduzir isso que eu vou te falar lá, que eu acho sensacional. Que assim, eu acho que tudo isso que eu estou falando, que eu admiro tanto essa mescla cultural que torna Nova Iguaçu, sabe, algo único, gosto de apresentar em uma única imagem, cara, que eu nunca vou esquecer. Que está lá, para quem quiser olhar, que é uma igreja que é vizinha de parede com um puteiro, sabe, eu acho isso sensacional. No Saionará, no meu texto eu falo. O puteiro é mais antigo, entendeu? Mas a igreja aos poucos está tentando roubar a clientela e tal. É mais antigo e mais famoso. O nome da igreja eu não sei. Mas é, cara. Mas assim, é uma brincadéria, óbvio, mas Nova Iguaçu tem muito disso. Muita gente reclama, assim é o que tu mais “vê” reclamando no calçadão, sabe : “Porra, é um inferno, muita gente” e tal. Mas isso me dá uma alegria tão grande, sabe?

Eu falei, gente, é a classe “C”. O inferno da classe “C”.

Não, mas isso me dá uma alegria tão grande, sabe? Porque é claro que tem a massa ali, popular, e tudo mais. Só que tem gente de, me arrisco a falar de todas as classes, porque o outro lado de Nova Iguaçu é riquíssimo né: os imóveis são comparados com os imóveis da Barra. E do outro lado é super rico então, mas todo mundo do outro lado tem que fazer algumas coisas aqui, sabe? Ficam lá pra ir em uma academia e tudo mais, mas “ah, eu quero ir pra algum lugar, eu tenho que passar por aqui”. Então é maneiro, sabe? Tem sempre esse choque de realidade, esse contato bem direto, sabe? Entre os diferentes, assim, que por mais que sejam diferentes, em muitas ocasiões são vistos como iguais. Isso pra mim é o mais bacana de Nova Iguaçu, assim. E eu sempre tento vir aqui porque de certa forma é bem duro pra você, por exemplo... projetos que poderiam andar em qualquer outro município, outra cidade no Rio de Janeiro, aqui em Nova Iguaçu eles caminham com um pouco mais de dificuldade. Quando você está, sei lá, no centro do Rio de Janeiro, quando você fala que é de Nova Iguaçu, instantaneamente alguém vai te olhar com uma cara meio de reprovação, sabe? Isso é ruim por um lado, mas de certa forma também é muito bom, porque quando você faz alguma coisa... Não deveria ser bom desse jeito que eu vou explicar, mas quando você faz alguma coisa assim, você alcança alguma fama em qualquer cenário e po, o cara é lá de Nova Iguaçu, né. O pessoal tá querendo falar tipo assim, que ele é cego, não fala, não ouve e não tem as duas pernas. (**V:** Mas você conseguiu, né?). É, tudo que é feito aqui, de certa forma, pelo menos deveria ser um pouco mais valorizado, porque pra ser feito deu muito mais trabalho. Nova Iguaçu merecia uma cota única, por assim dizer. Eu pretendo...

Jéssica: Como assim cota única?

Joaquim: Assim, qual a ideia geral da cota... Você, o cara mais brilhante que eu conheço vai poder me ajudar. (**Jéssica:** Só se for a ser playboy) A ideia da cota é tornar igual as possibilidades para que se alcance o objetivo em comum. No caso da faculdade, quem tem uma educação mais precária se equiparar com as chances de quem tem uma educação majoritária elitista. Nova Iguaçu vai ser algo assim, sabe? Concurso: tem cota, Nova Iguaçu... é uma brincadeira, mas assim, a Baixada, a Baixada de uma maneira geral é muito sofrida. É claro que Nova Iguaçu o outro lado é burguês. (**Jéssica:** Coloca pra vestibular: pra negros, carentes, deficientes e baixadenses). Filhos de militares e tal, e baixadenses. Eu acho que pelo menos assim... Eu pelo menos estou envolvido diretamente com estudo de futebol e as ações sociais que interagem com ele. Todos os jogadores de futebol que são nascidos ou tem uma história aqui em Nova Iguaçu eu sei. Porque eu olho pra eles com um olhar diferente, tipo assim: caralho ele nasceu em Nova Iguaçu e ainda assim conseguiu alguma porra na vida. (**Jéssica:** Sério, Joaquim?)

Vinícius (namorado da Jéssica): Tinha que ter uma cota de horário, cara. Por que a gente demora tanto pra chegar? Eu demorei duas horas e meia para vir da Glória pra cá.

Joaquim: Tem isso também, tem isso. Eu tenho certeza que eu sou super qualificado pra muitos estágios os quais eu já tentei participar e tudo mais, eu

moro em Nova Iguaçu. (**Jéssica:** Não, ele mora em Copacabana, sabia? Ele só conseguiu estágio porque ele falou que mora em Copacabana.). Pois é, é um preconceito disparado, sabe? De qualquer jeito... Eu não digo só com Nova Iguaçu, eu lembro que eu fui participar de um... Quando eu era moleque, queria tirar um dinheiro, e eu tava muito vagabundo ainda na minha vida, eu fui tentar trabalhar na C&A lá do Nova América. E eu lembro clara e perfeitamente que o cara perguntou assim: “Alguém aqui mora em comunidade? Que a gente não está pensando em aproveitar ninguém que more em comunidade não.” (**Jéssica:** Eita porra!). Assim, porque lá tem o Alemão, que é próximo, e várias outras. Eu olhei assim... Eu era jovem demais, não era um jovem repórter. Ai eu olhei e falei: nossa, assim? E tinha uma pessoa [disse] “não, eu sou assim, poxa me desculpe” na entrevista. Hoje, eu levantaria e daria um tapa na cara da pessoa, ia processá-la obviamente... Mas enfim, Nova Iguaçu é isso: é mescla cultural. Eu falo assim, Rio de Janeiro já tem isso... poxa, o Brasil: tem isso por si só. Rio de Janeiro também, Rio de Janeiro eu acho muito isso. Nova Iguaçu seria proporcionalmente a mesma coisa, sabe? É um lugar minúsculo se comparado com o Brasil, mas que serviria de um exemplo, sabe, bem prático da miscigenação que envolve todo o país, assim. Eu acho que isso é o que eu mais levo de positivo. (**Jéssica:** Mas ser pobre está na moda). Não, eu adorei ser uma criança pobre, cara. Eu acho que uma das melhores coisas da minha vida foi ter sido uma criança pobre. Eu já reconheço que eu posso ser rico. (**Jéssica:** Mas você não sabe como seria se você fosse rico, cara). Cara, ser pobre influenciou muito a minha vida positivamente, muito mais do que se eu fosse uma criança rica, de verdade. Não só em termos de... (**Jéssica:** Será?) Sem dúvida. Cara, eu sei que parece também uma forma de preconceito, mas com relação aos valores que eu recebi como criança pobre, eu não trocaria pelos valores que eu sei uma criança rica recebeu. Não dizendo que todo o rico é safado e pisa em cima de todo mundo (**Jéssica:** Está dizendo isso sim). Não estou. Mas dentre um e outro, eu prefiro muito mais a educação de uma família humilde, sabe? Eu acho que vai passar muito mais da vida cotidiana, da coisa de enxergar o outro, do que nas camadas de elite. (**Jéssica:** Eu acho isso relativo). Tá, agora fala do que é bom culturalmente em Nova Iguaçu pra você.

V: Uma coisa que não está aqui no roteiro, mas eu vi vocês falando bastante: sobre a questão dos editais e a questão de fazer um projeto e entrar neles efetivamente. E aí você até falou que tem uma... essa coisa do contato, do artista, entra a pessoa que já está mais tempo, e assim...

Joaquim: Não, é claro que elas são beneficiadas por já conhecerem o meio, conhecerem pessoas que trabalham lá, e essas pessoas darem um auxílio. Por exemplo, tenta fazer mais ou menos assim, que entendeu... (**Jéssica:** É, não é porque assim...você vai passar por que eu te conheço, não é isso; **Vinícius:** Em relação ao fundo?). Não, em relação aos editais de cultura. (**Vinícius:** Os editais que chegam em Nova Iguaçu, eles oferecem (*?) e as oficinas pra quem quer...os editais são pros caras que querem ir lá e assistir). (**Jéssica:** Mas você não liga pra Verônica como eu ligo.)

V: Então, a pergunta é mais ou menos nesse sentido. Assim do que ele está falando, porque assim, tem uma vertente que considera os editais

como uma fração do que seria uma democracia radicalizada. Porque afinal os recursos são divididos, aí todo mundo pode participar democraticamente. Mas aí tem um outra corrente que também diz que não é bem assim, porque tem gente que acha que é uma coisa meio complicada e não se tem a prática de se fazer projetos e tal. Queria saber, a percepção de vocês e se vocês foram ensinados a fazer os projetos e tal, e como? E qual a visão de vocês, a percepção sobre isso?

Jéssica: Eu comecei a escrever projeto [em] uma ONG. Com o Fulano, aquilo que eu falei, o Fulano apoiava qualquer projeto, assim, estando dentro de todos os requisitos. (**Joaquim:** Aquele, quase analfabeto). É! Você não entende um e-mail que ele escreve, quiçá um projeto. (**Vinícius:** Mas ele é esperto, é diferente). Não, óbvio, ele merece. Ele tem uma lista telefônica maravilhosa. Ele liga pra Verônica: coloca isso, papo em off. Ele liga pra galera e pede ajuda, entendeu? Ele chegava a copiar e colar trechos de projetos e emendava o dele, sabe? Aí eu escrevia projeto né, bonitinho com textos próprios, enrolava, fazia o tempo todo. Ele não ganhava nada. Aliás, ele ganhava do Ministério da Cultura, tá? (**Jéssica:** Vitória). Eu só consegui mandar o documento. Aí eu aprendi assim: (chando que a galera vai me ensinar. Mas hoje o Joaquim, que por exemplo, ele não teve essa mesma influência que eu. Ele pode começar a rabiscar, existem oficinas gratuitas que é meio assim boca-a-boca né, uma divulgação bem precária. Eu participei de vários projetos, de cursos assim, de graça. Ficava sabendo, ia lá, fazia. Dia tal era introdução, orçamento, outro dia era objetivo, público alvo, enfim ia. Mas tinha uma galera que participava, é precário, existe sim um agendamento que a secretaria de estado faz. Não sei se a do município fazia, e fez no último edital. Você agendava e tirava suas dúvidas, e a pessoa te ajudava a escrever o seu projeto. Não escrever seu projeto, mas ah, a minha dúvida é essa, essa, essa e essa, como eu posso apresentar bem? O que eu preciso pra fazer isso daqui, sabe?

Eu acho que eu entendi o que você quis dizer, que o Freitas falou disso. É, o mínimo de suporte eles são obrigados a dar, até pra passar a ideia do: tá vendo, isso aqui é totalmente democrático. E realmente é democrático quando você encara da forma de que qualquer um pode participar e ganhar. Mas o vestibular também então seria democrático dessa forma. Acontece que, o que que você acha? A pessoa que está ali, interage diariamente com a cultura – o próprio Faustini – que foi secretário e tudo mais, sabe, que respira e tem uma naturalidade no meio cultural muito grande. Não seria mais fácil ele, com toda essa carga, conseguir alcançar uma resposta positiva de um projeto, ou eu, por exemplo? E eu, de certa forma, sou um privilegiado por assim dizer. Porque eu tenho proximidade com esses projetos de cultura, com a prefeitura, com contatos importantes. O Nike sempre falava: “cara, eu tenho certeza, corram atrás e escrevam...tentem edital de funk, cultura, vocês conseguem. Vocês sabem muita coisa.” Tenho certeza que muitos lá tem ideias que, po, tocadas pra frente alcançariam um sucesso num edital desses. Só que falta a base, entendeu? Mas não é a base de: ah, estão oportunizando um espaço para se tirar as dúvidas. Não, é a base pra auxiliar na formação desses produtores. Aí entra aquela primeira discussão: o que que querem? Querem representantes culturais ou produtores culturais? Seria isso. Eu encaro dessa forma. Eu

consigo ver que é democrático: tá, até certo ponto. Comparando assim, tanto quanto o vestibular. Pelo menos o vestibular ainda tem cota.

Jéssica: Talvez seja por isso que houve uma discussão dos coronéis da cultura. Porque existia uma galera que já tinha o seu palquinho, desenvolvia o seu trabalho, sabe? E quando viu que abriu, sabe? Então olha só, Vinícius, você tem uma idéia legal? Você pode produzir seu projeto. Manda pra gente e divide tudo com a gente. Quando essa galera de fora começou a ser aprovada, começou assim, a não serem as mesmas cara sempre, a serem aprovadas com verbas de fora, a galera começou a ficar enfurecida, sabe? Eram os coronéis da cultura loucos, porque você pode participar mas você não pode competir comigo. Entende?

Vinícius: Essa pergunta surgiu também um pouco por isso. Eu tenho entrevistado uma galera, sei lá, do movimento social que surgiu aqui dos anos 80, por exemplo, e aí tem essa coisa do agitador cultural que trabalha aqui há maior tempão e é formado por um outro tipo de (Jéssica: de pensamento) diálogo com o poder público e com a política, eu percebo que há um ressentimento. Sabe assim? Entre esse cara e uma juventude nova que domina isso e esses mecanismos de alguma forma. (Jéssica: Isso.). Então eu vejo que a galera perde um pouco o espaço e também tem essa coisa de não querer se adaptar, que também é bastante séria. Assim, sei lá, não vou falar isso porque eu não conheço as pessoas à fundo, mas assim, a pergunta começou por isso. Eu noto um certo ressentimento da relação que tinha antes e agora passa a não existir mais. Vocês percebem isso também?

Jéssica: Sim, muito. Essa dito coronelismo, entende? Essa galera que está... que desrespeita a galera que levou tapa na cara de estrutura pra poder fazer um bar pra galera se reunir. Essa galera que levou tapa na cara da ditadura porque não podia escrever poesia que queria, sabe? Existia um bar que foi o primeiro centro cultural. Então essa galera que está há muito tempo aqui... quantas vezes esses marrentinhos chegando e falam não, a gente também tem um espaço, a gente também quer ganhar edital; a gente também quer escrever o nosso projeto; a gente sabe escrever; a gente tem qualificação; a gente tem os telefones certos; a gente ganha projetos... Mas sabe, isso cansa porque é dinheiro que ele poderia estar ganhando e não está ganhando. Talvez não perceba que o importante é que a cidade ganhe. Não, o importante é o que coloca no bolso, entende? E entendo eles, mas é aquele negócio...

Joaquim: Rapaz, e o “com amor”. Se a representação cultural de Nova Iguaçu tivesse que estar atrelada aos interesses desses que sempre estiveram ali, entendeu? Ainda que haja uma mudança no cenário de produção cultural aqui de Nova Iguaçu, esses coronéis acham que: não, tá havendo, tudo bem, eu respeito mas eu não quero aqui. Seria mais ou menos como a força que tentava abafar o funk nos morros cariocas. No começo era: Funk, não! Depois, não, funk sim, acontece. Mas isso aqui é o que realmente nós realmente queremos passar, seria mais ou menos esse espaço, sabe? Eles podem estar chegando lá com muito mais dificuldade que os outros, mas podem estar chegando porque lá eles estão lutando para estarem passando essa

representatividade cultural deles, sem está atrelada a nenhum interesse, a nenhum coronelismo por assim dizer.

V: Falando um pouco mais de participação da população nas iniciativas e projetos que foram levados para Secretaria de Cultura. Como é que vocês sentem isso? Havia uma participação da população nesse projetos que foram levados, das iniciativas culturais? Porque a gente sabe que aqui em Nova Iguaçu tem essa divisão da linha do trem, tem uma classe média, uma elite, uma oligarquia, assim, de classe média mesmo, e talvez de direita mesmo.

Joaquim: Talvez não, com certeza. E vai piorar, o Bornier vai vir ai. (**Jéssica:** Cara, a gente não tem como melhorar não, cara. É Bornier(*?), Sheila Gama(?*) e Neguinho da Beija-Flor. Vai ficar bom pra quem?)...

Jéssica: Olha, sobre isso, direita [x] esquerda, frente e verso, quem fala é o Joaquim. Eu vou falar assim mais de, sei lá, o que eu vi por exemplo na ONG. Quem escrevia projeto era aquela galera que tinha formação, e a assistente social. A função do povo era se inscrever e participar, quando acabava o patrocínio ia embora, entendeu? Eu sinto uma coisa que há assim: enquanto está havendo a gente vai participar; e quando parar, “ih, parou? Nem percebi”. Tem uma galera que sim, que quando para sente. Mas eu acho que quando o projeto lá dentro de Austin, desse nova era, eu percebo isso, sabe? Que a galera, cultura a gente... a função dela é participar de projeto, ir lá, sentar, aprender uma oficina, botar um pontinho, fazer e ir embora. Não é pensar o projeto, não é correr atrás e brigar: “Olha só, dona Sheila Gama, libera essa verba pra minha escola pra gente fazer o segundo turno cultural. Você libera a verba lá pro meu projeto porque lá tem mulher querendo fazer artesanato pra ganhar dinheiro e não está rolando nada, entendeu?” Eu passei muito disso, sabe? São sempre as mesmas pessoas que brigam pela verba, são sempre as mesmas pessoas que estão lutando, entende? E é compreensível que quando nos é tirado existe uma bagunça, um barulho.

V: São sempre as mesmas pessoas que fazem, mas assim, quando a coisa se efetivo, o projeto, ou alguma coisa da secretaria. São essas pessoas que participam também da iniciativa? Só elas ou tem algum tipo de contato?

Jéssica: Olha... – **Vinicius:** Posso me intrometer? É... tinha alguns eventos da prefeitura que eram bancados, eram projetos, eram montados para a Secretaria de Cultura, principalmente na casa, que acabava que iam sempre as mesmas figurinhas, sabe? É sempre o mesmo pessoal, não atinge um público novo. Mas tem o outro lado, de um tempo pra cá, depois de quando eu fui me inserir nessa história, há alguns anos, uns dois, eu vi que multiplicou as figurinhas carimbadas. Sempre a mesma galera, mas é mais a mesma galera, mais gente, sabe? Mas demora pra renovar, sabe? mas a galera que ganha o projeto é a mesma, a galera que tem... que aponta são os enraizados. Quem tem projeto patrocinado pela Petrobrás e a Escola Livre de Cinema. Existe uma galera que vai se enfiando, não é que seja convidado, é porque é “intrusão social”, o nome é esse, dado pelo Faustini, não é uma expressão minha, é

“intrusão social”. Mas é muito disso, Vinícius, sabe? A galera que tá, a galera que continua, a galera que chega. Sei lá, porque forçou a porta, ou porque o “Vinícius” é meu amigo, porque o “Joaquim” é meu amigo, vamos lá! E eles se reconhecem e eles começam a se envolver.

Joaquim: E assim, só dando um corte. E é nessa que vem o discurso neoliberal de que: “Ta vendo, a cultura é um espaço totalmente democrático. Olha lá o Fulano que não tem formação nem nada, ele participa, ele ganha edital e tudo mais. Claro, um ou outro vai ganhar, agora estímulo para que todos possam competir de igual pra igual, desde o major não sei das quantas que entrou não sei quando, até a mim, que sou um estudante da cidade só. Tem um abismo muito grande, sabe? É por isso que eu tomo cuidado ao falar que é um processo totalmente democrático. Totalmente eu tenho certeza que não é.

Jéssica: Um parêntese. O Fulano ganhou respeito na secretaria, na prefeitura. Porque ele não começou aqui não. Ele é um guia do Afroreage, começou a ONG dele num quartinho, arrumando a ajuda do Zuenir Ventura, que era conhecido. Isso começou há muito tempo. A prefeitura falou assim: “olha, eu acho que ele tem potencial, vamos respeitar o cara.”

V: **Mas vocês tiveram diferentes gestões aqui da cultura. Vocês acham, assim, que os caras que estavam aqui antes, que eram os líderes, os secretários tinham um poder maior de articulação do que aqueles que estão agora? Ou mais entradas políticas, ou o quer que seja que vocês quiserem entender como articulação.**

Joaquim: Eu acompanhei bem pouco disso tudo, assim. Na verdade, eu não tenho nem tanto a acrescentar, a não ser que, assim, a cultura. Se hoje eu vejo a cultura ainda como algo bem abafado, se pegar a população de Nova Iguaçu como um todo, quiça antigamente. Então só isso eu acho que já facilita em muito esse tipo de articulação dessas oligarquias, desse autoritarismo, desse eu vou fazer e pronto, sabe? Eu não posso te dar dados profundos apontando isso ou aquilo, mas... Eu não sou nem fã do cara, do Lindberg por exemplo, mas a partir do momento que a Saga Bournieu está chegando ao fim, essas coisas foram se tornando um pouco mais popularizadas, sabe? Eram um pouco mais abertas e ainda assim muito fechadas. E eu tenho certeza que ainda hoje há muita desigualdade no que diz respeito ao pensar a cultura, alcançar essa oportunidade. Então antigamente, com isso ainda mais, não escondido, mas ainda mais pouco divulgado, eu acho que se aproveitavam de certa forma para fazerem o que eles achassem prudente; ninguém vai poder me criticar mesmo, serão poucos, quase ninguém sabe disso; quando eles perceberem a gente já vai estar lá e pronto, já foi aprovado. Eu acho que é isso, eu tive pouco contato com todas essas gestões. Como eu te falei, antes do projeto em sí, com participação incisiva, era tudo muito distante para mim, mas eu tiro pelo que eu acho, sabe? Se agora eu enxergo isso, antigamente que era tudo – não mascarado – mas tudo mais abafado ainda, deviam se aproveitar muito mais.

Jéssica: Em relação à articulação. Se você for avaliar, o Faustinp é um menino, um rapaz pobre, que começou no teatro e veio pro cinema. O Faustini

é cineasta, ou é... veio do Afroreggae. Ele tem uma relação muito íntima com a leitura. A Silvia é do teatro, entende? Então, assim, ao passo que o Faustini criou a Escola Livre de Cinema, abraçou projetos em que o jovem protagoniza, o jovem é empoderado. O Écio falou [que] a gente precisa prover progressos com leitura, ele fez o Livro Livre né... Então a gente foi em cadeia, Vinícius, pra distribuir livro pra preso e isso pra mim foi assustador.

Vinícius: O Écio ia na cadeia, o secretário ia na carceragem (**Jéssica:** Pra falar o que era aquilo, porque eles precisavam fazer aquilo, entendeu? - **Joaquim:** Eu não vejo o Batata lá).

Jéssica: A Silvia foi uma lady, agora 6 meses, sabe, cuidando de várias coisas porque “houveram” problemas nos editais. Ela cuidou de muitas coisas assim... O Silvio Monteiro é a casa da Silvia, ela trata com maior carinho. O Silvio Monteiro foi, sabe... a casa bombou. O Batata é advogado, ele é político, a articulação dele é política. Se você chegar no Silvio Monteiro agora – isso é uma coisa que eu falo com tristeza – tem muito cara lá à toa. Porque é guerra de político. (**Vinícius:** E as salas que tinham lá, que antes eram usadas pra cursos e exposições viraram repartições públicas). Ele está revoltado.

Vinícius: Não, não estou revoltado não. Viraram repartições públicas, sabe? (**Joaquim:** Perdeu a cara de centro cultural). Aquela sala que a gente tinha reunião, botaram mesas de computadores e impressoras (**Joaquim:** exatamente.) e sentaram quatro secretárias lá, sabe? (**Joaquim:** Engraçado também que assim, nunca teve cadeiras suficientes, aparelhagem, computadores... agora virou repartição pública, entende?) Nunca teve cadeira, a gente sentava no chão. (**Joaquim:** E tenho certeza que é muito menos produtivo do que quando a gente que fazia)

Jéssica: Culturalmente para ele é importante a organização dele. Ele pagou (**Joaquim:** Vem da formação dele também, ele tem esse perfil de...). Ele é assim, é um cara que gosta de tecnologia, então tem que ter muito computador, até no “jovem repórter” tem que ter muito computador, equipamento sim, entendeu? Menos ir pra rua e mais...sabe? (**Joaquim:** Isso tem o lado positivo, mas quando você não deixa de olha para as demais necessidades).

Vinícius: Cara o que eu acho que a vinda do Lindberg, não do Lindberg em si, mas da Secretaria de Cultura que ele implantou, po sacudiu as coisas, sabe? Uma visão de pessoas vindas de fora foi muito bom pra Nova Iguaçu. Ai eu acho que pelo menos na cultura, o Faustini, o Écio, o Lindberg, o Julio, eles pensaram Nova Iguaçu como cidade grande que Nova Iguaçu é. E quanto a administração de cultura tem uma mentalidade provinciana em relação à cidade, que é uma cidade de 1 milhão de habitantes, po!

V: Bom, gente, agora uma percepção mais do que eu li no blog cultura n.i. O que eu percebi ali que é, assim, minha leitura inicial e meio tosca até, que é uma juventude que valoriza muito o fato de ser da Baixada e de ser de Nova Iguaçu e escreve sobre isso, mas é uma juventude que está ao mesmo tempo ligada ao mundo. Queria perguntar pra vocês se houveram

conflitos com relação a isso? Se alguns não queriam falar sobre Nova Iguaçu, ou tipo, eu não quero falar só sobre isso e tal?

Joaquim: No período Julio, a prioridade era Nova Iguaçu. A prioridade sempre foi Nova Iguaçu e Baixada, tanto que tinham alguns eventos muito interessantes: ah, lá na UERJ, está tendo isso lá no Maracanã. Não, peraí, tem muita coisa acontecendo aqui. (**Jéssica:** Sempre arrumava um espacinho pra falar da Rural e da UERJ). Não, tinha eu sei, mas a prioridade nunca foi essa. Foi tratar de coisas que estavam ali entre a gente. Eu acho que o “Cultura N.I.” é legal porque assim, a gente sempre ouve alguém de fora falando de Nova Iguaçu, e ainda quando eu vou falar da UERJ, e tudo mais, é alguém de Nova Iguaçu falando de fora. Então, o que está sendo discutido é diferente. E a gente pode falar, a gente podia falar, isso era extraordinário. Porque eu falava o que eu conseguia enxergar, da forma que eu enxergava e que eu tenho certeza que grande parte dos habitantes de Nova Iguaçu enxergavam também e iam se identificar. A leitura que a gente fazia sobre esse fato, aquele evento, era uma leitura local, ainda que o evento não fosse.

Jéssica: Esse negócio do jovem não querer falar as vezes de um novo assunto. A gente queria falar de Nova Iguaçu, entende? Porque primeiro, a gente se sentia o poder de falar de Nova Iguaçu, porque, um: nós somos a cidade, nós conhecemos a nossa cidade. Nós somos instigados a conhecer a nossa cidade, para depois falar dela. Então a gente queria falar segundo o nosso ponto de vista, porque a gente já cansou de ouvir quem falava de fora. Isso que você falou, entendeu? E era o tempo todo que a gente era estimulado a: Vinícius, o que que tem no seu bairro? ; o que que você vê de interessante?; o que que você acha que merece muito ser falado, ou assim, o que você acha que o shopping está apresentando de legal, que você quer que seu vizinho participe e você quer escrever? O tempo inteiro isso. A gente é dono da cidade, fala sobre com muito prazer.

Joaquim: É claro que assim, eu conheço aos milhares jogando muito pro alto. Pessoas que falam horrores de Nova Iguaçu, sabe? Tipo, parece que você está falando de uma madrasta, sabe? “Não, não aguento Nova Iguaçu e tal”. Quer dizer, eu acho que isso tem em todo lugar. E eu acho que assim, não é qualquer um, e eu falei isso em algum texto meu, não é qualquer um que consegue enxergar a importância cultural do cenário nacional que Nova Iguaçu tem. Então é um universo de coisas acontecendo ali, todas ao mesmo tempo, e a pessoa critica tudo em Nova Iguaçu, talvez algo engendrado culturalmente, sabe? E não sabe que está acontecendo nada. “Ah, Nova Iguaçu é isso, isso, isso”. Mas aqui, você sabe se está acontecendo isso, isso e isso lá na Secretaria de Cultura? Estão fazendo tal projeto, você sabia? [respondem] “Não, não sei”. Você sabia que Nova Iguaçu tem um projeto de preservação ambiental? ... Então acho que também é aquela coisa do velho e bom preconceito, assim. Tipo, Baixada Fluminense que soe como algo pejorativo. Não sei se é negro e tal, mas baixada... sei lá, já me lembra algo inferior. E eu acho que muita gente, por estar sempre se relacionando com outras cidade, com o centro e tudo mais, acabam se deixando levar pelo ideário que corre por lá, entendeu? E eles só se preocupam com Nova Iguaçu com é através do foco

de quem está lá fora. E poucas as vezes se deu, se fez o favor de tentar enxergar Nova Iguaçu para os iguaçuanos, sabe? Eu acho que é isso.

V: Então, gente, era isso. Só vou perguntar o nome do Vinícius todo.

Vinícius: Vinícius Freitas Thomás .

V: Tua idade?

Vinícius: Tenho 25 anos.

V: E assim, o teu nível de escolaridade, o que você fez? Ensino Médio, está fazendo faculdade?

Vinícius: Eu estou fazendo faculdade de jornalismo.

V: Em qual universidade?

Vinícius: Na FACHA, lá em Botafogo

V: Fala ai, Joaquim, seu nome completo...?

Joaquim: Pode ser o artístico? Joaquim Tavares Júnior. Tenho 22 anos. (**Jéssica:** Vascaíno). Exatamente, graduando de pedagogia, estou no sétimo período, me formo em 2012.2. Estou a procura de estágios, empregos, então... Tenho dois blogs e um site. Mentira. Eu sempre falo isso, um blog, já fechou um trabalho, outro site não foi nem inaugurado, fico só com o blog, há 3 meses.

ENTREVISTA 2

ENTREVISTADO: Julio Ludemir e Rafael “Nike” Soares.

LOCAL: Estação Gourmet (Restaurante em Botafogo/RJ)

DATA: 10-01-2012

MOTIVAÇÃO / CLIMA: Julio Ludemir, foi coordenador do Projeto Jovem Repórter, era um ator-chave para a pesquisa. A entrevista foi realizada através de combinação por email e por telefone. Julio sempre esteve disponível para entrevista. Neste dia estava com ideias frescas por conta do assassinato de

Gambá (vencedor da batalha do passinho do menor) e o ato que pretendia realizar para homenageá-lo.

Outro entrevistado que apareceu justamente pela organização do ato foi Rafael “Nike Soares” que participou desde o início das iniciativas da SEMCTUR

Vínicius: Então, Julio, eu estou fazendo um trabalho lá em Nova Iguaçu. Queria que você falasse um pouco sobre o processo o que ocorreu entre 2004 a 2008 e como eu estou te entrevistando, mais especificamente o Jovem Repórter.

Julio: Eu acho assim que o Jovem Repórter, existe, acho que houve duas coisas antes é que foram fundamentais para isso. Acho que uma delas é a própria história do Lindberg, que é um cara que vem do movimento estudantil, e desde que ele assume o governo ele tem um claro desenho de falar para a juventude. Ele tem uma clara percepção da importância de falar para esse ator social chamado juventude. Principalmente a juventude da periferia, que era uma coisa meio desconhecida naquele momento. Eu acho que naquele momento o que se tinha de visão de juventude, eu acho que naquele momento as pessoas estavam propondo projetos para mudar uma juventude, é, e que não reconhecia – por exemplo – a potência de um cara como você, não reconhecia a potência de uma pessoa como a Jéssica. Talvez até não identificasse e não desse a menor importância, a começar pelo fato de que você é branco, e de que talvez você seja católico, de estimar não previsão, entende, dessa coisa que vai gerar um negócio que eu chamo de geração prouni. Que é um pessoal que já começa a dialogar com nós, os cascudos, que criamos esse diálogo, o poder público com a juventude, primeiro de favelas, aquilo no Rio de Janeiro mais com favelas e menos com Baixada Fluminense. A Baixada Fluminense é o não lugar. De alguma forma, a Baixada Fluminense inveja as favelas, ao mesmo do que ela não quer ser favela, tudo que ela não quer ser favela. Só que não existe política para a Baixada Fluminense. Então assim, este privilégio da Baixada Fluminense a leva a ter um disprivilégio, que é uma desatenção do poder público. Mas assim, acho que naquele momento, o que o máximo que se podia/existia muito uma leitura da juventude, de uma juventude carente que precisava da interferência do outro para que ela pudesse protagonizar os eventos em torno dela, protagonizar a sua própria história. Eu acho, assim, existia a igreja para catequizar os jovens, ou existe o crime, ou existe a ONG. Sempre existe alguém vai cuidar do jovem. Não existe a menor sensibilidade, não existe o menor reconhecimento de que este jovem, por si só, independentemente de qualquer política, de qualquer instituição ou de qualquer coisa – como é que eu categorizaria? – o crime, poderia construir a sua própria história. A gente fala sempre de um jovem dependente de alguma forma, e um jovem que se ele estiver sozinho, ele vai fazer merda. Se o jovem não tiver a proteção do crime, ele vai fazer merda; vai cheirar muito na “boca”, vai produzir a morte dele; ou pra ele sair disso, vai ter que se proteger na igreja; ou ele vai ter que se proteger na ONG. Alguém vai ter que cuidar dele. Em momento algum a gente percebe a potência que pode emergir de um movimento jovem, com as características daquilo que aconteceu nos Estados Unidos, daquilo que aconteceu na década de [19]60 principalmente, ou na

década de 70-80 com o movimento “punk”. O jovem de periferia ele é visto como um motivo de preocupação. Na verdade, você pode ser tudo menos jovem, pobre, da periferia. Isso é no mundo inteiro. O mundo não sabe o que fazer com esse jovem pobre da periferia. E vai o tempo inteiro estar estigmatizando e enchendo de... e rotulando

Isso, é sempre... ou ele é o terrorista, ou ele é o traficante, ou ele é o evangélico limitado. Ele nunca...eu vou sempre precisar cuidar dele. “Coitadinho do Vinícius”, a você mora na Baixada Fluminense, eu nunca vou acreditar, eu nunca vou dialogar com você partindo da possibilidade de que você tem um celular melhor do que o meu. E se eu for admitir que você tem o celular melhor do que o meu, talvez seja o celular do “pai de santo”, ou talvez seja o celular comprado em milhares de prestações. Nunca porque você, por intermédio das suas articulações. E não pela coisa idiota de ter um celular marca, entende. Não, você tem um bom celular porque precisa de um bom celular, porque ele está gravando bem aqui essa entrevista, vai poder fotografar. Não é pra tirar onda, sacou? Então assim, e isso é em todo lugar do mundo, por exemplo, esses movimentos recentes que não foram compreendidos na Europa, mas foram compreendidos no Oriente Médio. Foi uma juventude de periferia que fez um “francesasso”, um “parisasso”, foi uma juventude de periferia que fez um “londrisasso”. Mas, assim, existe uma leitura muito limitada de que: “eu quero consumir, eu quero coisas, eu tenho meu lugar no mundo, eu tenho uma potência”. Isso é o jovem no mundo. E o mundo, no Brasil, na Baixada principalmente, ... e aí chega o Lindberg, no começo do governo Lula, no momento em que o Lula não tinha uma percepção do Brasil, cometendo gafes espantosas como a do “fome zero”, que revelava um desconhecimento do país. Uma não-força de uma classe “C”, que já naquele momento estava emergindo e não foi à toa que o “fome zero” foi aquele fracasso todo. E que aí teve que mudar e ser substituído por “bolsa família”. Havia um desconhecimento do país, havia um do que era ser povo. Na verdade o Brasil, ele historicamente por conta do consumo, da perspectiva do consumo, só existiram duas classes. Só havia o interesse em duas classes, que era uma “A” e “B”. Essas duas classes eram o suficiente para gerir toda a economia brasileira. Então quando você, naquele momento discutia qualquer possibilidade de ampliação das camadas médias da população, você sempre associava isso ao risco inflacionário. O Brasil era um “stop and go, stop and go...” porque nos esforços de expansão dessas classes médias, dessas classes com acesso ao consumo, sempre se gerou processos inflacionários. Não sei se você tem idade ou leitura suficiente para saber o que foi o “Plano Cruzado”, na década de 80, as tentativas que se fizeram de equacionar a inflação, e todas elas tiveram respostas imediatas da população, grandes “booms” econômicos que tinham que ser interrompidos imediatamente porque elas geravam inflação. Então você ampliar a faixa de consumo no Brasil, para os grandes economistas, para os grandes planejadores da economia, gerava a temida inflação. O próprio governo Fernando Henrique, que eu não acho tão ruim como se diz, ele esbarrou nesse enigma, no dragão da inflação. Ele não pôde ampliar mais as políticas públicas de expansão de consumo, por conta do receio da inflação. Você incluir o pobre na economia, e na economia em todos os sentidos, sempre representava este risco para a própria economia. Então o Brasil viveu sempre de “A & B, A & B, A & B”. O Brasil chegou ao ponto de,

você não reconhecia como local, a favela. Ela não tinha endereço. O próprio Google, aquele google maps, ele não reconhece aquele lugar. Então o pobre é o ser não visto, fonte de problemas, “burro”, “estúpido”, etc. e tal, eles fundamentalmente desconhecidos. Os primeiros livros sobre as favelas cariocas, você não tem na literatura brasileira, você tem um ou dois casos como Roniwalter Jatobá, que é um grande escritor paulista que escreveu sobre o “ABC [paulista]”, sobre os filhos dos operários e os operários. O (Luis Rufato?*) tenta resgatar essa tradição de escrever sobre esse operariado. Essa narrativa, até mesmo quando o jornalismo vai fazer isso, ele tem muito mais um ar antropológico do que... Quando o Zuenir, eu li as matérias do “cidade partida”, quando ele vai até Vigário Geral é quase como se ele tivesse indo para a África. É quase como se ele tivesse indo para outro país, ela não está indo para uma favela ali na esquina, a meia hora de carro daqui. É mais uma experiência antropológica...

V: É o estranhamento, uma marca disso não parece. A cidade é partida para ele.

J: Aí não é uma cidade partida, é um mundo desconhecido, é pior do que uma cidade partida, entende? Até mesmo recentemente, com as coisas maravilhosas da Regina Casé... Eu tenho um grande amigo branco, filho de português, favelado, mas que por ser branco, não é reconhecido como tal, que ele tinha uma implicância com a Regina Casé porque ela ia de vez em quando de safari na favela, com aquela... Tem um símbolo ai, um símbolo ai. Obviamente eu respeito ela, admiro, invejo, mas alguém devia ter dito: porra bicho, você não está indo para África né... Mas isso era o pobre no Brasil. Por que esse pobre era desconhecido? Porque não importava economicamente. Com as políticas do governo Lula, que na verdade acho que ele herda do governo Fernando Henrique, eu acho que há um diálogo, há uma continuidade que o pessoal que está no poder tende a não reconhecer. Você começa a ver a emergência desse povo, mas não só uma emergência do ponto de vista econômico, você começa a querer entender e perceber a potência dele. Ao mesmo tempo que surge a Cidade de Deus, ao mesmo tempo que surge a CUFA. Começam a surgir manifestações e interlocutores que permitam uma investigação do que é essa coisa chamada povo, que o Brasil desconhecia. O próprio Lula, o próprio PT com a generosidade histórica dele não sabia. E quando o Lindberg começa com aquelas políticas dele, ele começa tateando, começa na generosidade e nos emblemas do que ele tateou é que no começo do governo dele, achava que governar era receber e ouvir as demandas das pessoas. Ele passava dias inteiros ali, ouvindo, fazendo filas numerosas, e não hierárquicas, que eram atendidas por ordem de chegada. Então se chegasse Dona Maria com problema de dengue do seu filho, querendo um hospital que atendesse ele, iria ser atendido com a mesma hierarquia que um empresário que pudesse gerar 100 mil empregos. E nesse primeiro período, o Lindberg vai administrar aquilo, mas com o carisma dele, e com a linha direta que ele criou com o Lula. Ele na verdade com a campanha do impeachment do Collor, ele vai se tornar um grande parceiro do Lula. A eleição do Lindberg surpreende o Lula. O Lula acharia que ele [Lindberg] concorreria cinco vezes antes de se tornar um político com um cargo de expressão executiva. E aí o Lula começa a jogar coisas pra cá, começa a atrair por conta dos vínculos dele com o José Dirceu. O José Dirceu chega a ter um homem diretamente representante

dentro da prefeitura e vão redesenhar Nova Iguaçu. Nova Iguaçu é uma cidade totalmente diferente da que existia antes do Lindberg, e depois do Lindberg. Tanto do ponto de vista dos asfaltos, tanto do ponto de vista do que é o centro – aquela coisa ali prédios e mais prédios, aquela Via Light – enlouquecida, engarrafamento. Essas instituições da contemporaneidade caótica brasileira, e que chega a Nova Iguaçu. Mas chega isso ao mesmo tempo que chegam também políticas para a juventude. Que nesse bojo, também eram desconhecidas. E o máximo que você conseguiria prever, é aquele preto hip-hop, e inicia todas essas políticas que existem... existe uma cartela de serviços para a juventude, que só prevê a existência do que a Regina Casé chamaria da “juventude colorida da periferia”. Você tem que ter o cabelo de trançinha, você tem que dançar rebolandinho. Você é preto, você vai fazer hip-hop, vai fazer beat-box. Existe um manual de ser pobre-jovem no Brasil, e eu vou te enquadrar aqui, eu vou te transformar em hip-hop. Que não percebe os diálogos que a juventude tem intersectorial. Por exemplo eu tenho um livro que eu to publicando agora, do qual eu gosto muito assim, eu tenho até pessoas que navegam nesse circuito e são críticas dele. Mas eu gosto, por que que eu gosto desse livro? Porque é um menino que ao mesmo tempo que ele é evangélico, ele está no projeto hip-hop, ele está no pré-vestibular, ele está na lan-house. Ele está dialogando e se apropriando de tudo, que é oferecido para ele. Ele não é exatamente assim. A tendência nossa é dizer: “Aquele menino é um menino evangélico”, ele vai dizer: “Amém, senhor”, entende? E este menino evangélico [sua tendência estereotipada] não pode gostar de hip-hop, ele é enquadrado em uma coisa ali. Então esse menino desconhecido, começa a se oferecer políticas para ele. E quando eu cheguei lá, eu cheguei lá e o governo já estava bem adiantado. Eu cheguei lá em 2008. Chega muito pró-jovem, era uma festa aquela prefeitura! existia uma característica que era uma coisa que eu dizia o tempo inteiro, para todo o mundo, para aquela molecada toda, mas era anterior à da marrentinha. Acho que tem que se entender bem o que é essa primeira geração e o que é que se produziu de ser social desta geração, eu acho que você deveria entrevistar a Flávia Ferreira. Não sei se você sabe quem é Flávia Ferreira? Ela está no meio da favela hoje em dia, está estudando jornalismo e ela é da primeiríssima geração e não existiria jovem repórter se ela não abraçasse aquilo. Quando eu comecei a editar o jovem repórter, na verdade eu editava as matérias da Flávia. Era um bonde de 400 jovens com acesso direto à Maria Antônia, que era (*?). Eles batiam na porta da Maria Antônia, dizia: “O que você está querendo”. De repente aquele povo da periferia tinha uma entrada direta na sala da principal gestora das políticas sociais do governo Lindberg. Eles tinham mais acesso a ela do que eu. Tanto é que no primeiro dia quando eu cheguei, quando se definiu que eu iria trabalhar com essa juventude – como eu tive dois ou três papos, e eu achei que o papo tinha funcionado, e eles foram canalhas comigo o papo não tinha funcionado – houve um dia que meu chefe tinha pressionado e eu dei um esporro nele: “Porra, bicho, estão querendo te foder aqui”. Eles escreveram uma carta para a Maria Antonia dizendo que não queriam. E foi preciso uma coragem da Maria Antônia de impor guela a baixo deles, e depois disso fazer o trabalho de conquista e de sedução. Mas quando a gente começa um trabalho, eu começo um trabalho, eles têm mais força. Eu era um ser que nunca tinha trabalhado com juventude, eu era um escritor... Eles tinham mais poder do que eu. Um outro cara super importante para você entrevistar, eu estava vendo aqui agora,

agora eu vou ter uma reunião aqui e eu vou ser o mais generoso que eu puder, eu tenho um celular detestável [...] Eles tinha mais acesso à Maria Antônia do que eu. Eu, por uma coisa hierárquica assim, respeitosa em relação ao meu chefe, esse sim chegou com muito poder lá dentro por conta do trabalho que ele fez na Escola Livre de Cinema, que eu acho que é um outro marco decisivo em Nova Iguaçu, que vai criar um público de cinema, que vai criar um público que vai a cinema e começa a fazer cinema. E várias outras coisas que ele redesenha a cidade, e o cara, por conta desse projeto, ele chega com muita poder dentro da secretaria, e eu em respeito a esse cara não ia à Maria Antônia. Eu tentei me impor aos jovens na minha própria relação. Mas naquele primeiro momento, a primeira pessoa que percebe a grandeza daquele projeto é a Flávia, que resolveu dizer “eu sou jornalista”. Porque era um projeto que a Maria Antônia tinha, chamado “Agência (não sei o que) de comunicação”. Era como se as ações de comunicação, ela previa a possibilidade visionária de integrar nas ações de comunicação. Da prefeitura para que (?*) então ela queria uma ação formadora daquela molecada, e ela criou um blog chamado “jovem repórter”, o Nike que vai estar aqui agora e o Fred, que foi uma outra pessoa também, que me precederam. E tinham uma relação maravilhosa com os jovens, muito acolhedora, mas era meio mamãezada. Era meio o que o jovem escrevesse estava bom, e eu não. Jornalismo é jornalismo, entende? A pessoa que percebeu isso foi a Flávia, que cresceu, que cresceu, que cresceu, me enfrentou o tempo inteiro, e (adoradíssima*) pela Maria Antônia. Com mais acesso à Maria Antônia, o tempo inteiro, e hoje em dia está muito bem e eu acho que é um dos grandes produtos que a gente teve, no sentido de formar jovens para o mercado. E isso foi uma coisa que eu digo o tempo inteiro, eu trabalho com a marretinha, eu digo para essa juventude: eu não faço esses jovens para serem meus, eu faço esses jovens para que pensem por si próprios. Não é como Nike e Vinícius, e você vai ter que entrevistar ele também. Porque esse trabalho foi precedido por ele. Quando eu cheguei, eu herdei a agência de comunicação. Nesse processo de formação ele criaram um negócio chamado ESPOCC (Escola Popular de Comunicação Crítica), que é do observatório de favelas, que reunia bondes espetaculares de 200 jovens e na antessala da prefeitura. (Chegavam a 80 diariamente, né?) Eram bondes assim, maravilhosos. Jovens vindos de longe. Você de Nova Iguaçu, né? Vindos da periferia de Nova Iguaçu, ou seja, da periferia de periferia. (Só para dar um paralelo 80 novos, tá?). Era um negócio assim, era uma multidão de jovens, que invadiram a sala. Se batessem na porta da Maria Antônia, ela ia abrir, “pois não, o que você deseja?”. Tinha o orkut da Maria Antônia, era um negócio que eu morria de medo era o orkut da Maria Antônia, sabe como é que é? Porque ele iam lá e me deduravam, eles iam pra mãeinha. Mas ai era uma linha direta, e uma outra coisa que eu acho sensacional, que ele aprendem a utilizar a internet. Transforma tudo numa grande lan-house, um grande encontro jovem e muito (*?). Eu acho que o Faustini tem uma importância central, e não é à toa que ele está tão bem nesse momento, mas eu acho que ele vai redesenhar Nova Iguaçu. Acho que não existia cinema quase em Nova Iguaçu, no momento em que ele surge. E ele vai produzir uma geração de cinecubista, de cinéfilos, que discute cinema, e a partir disso ai passa a se reunir. E ai aquele Silvio Monteiro vai se tornar um espaço não só de você ver o filme, ai tem essa festa que o Bion faz hoje em dia que mistura cinema com não sei o que e não sei o que lá. E ai o jovem quando ele entra vai produzindo

essas modificações. O primeiro iguacine, os primeiros iguacines, eu não sei se você sabe o que foi o iguacine. Os primeiro filmes da baixada tinha uma mostra da Baixada, ou seja, você precisava criar a cota “Baixada”, entende? Era o momento dos filmes ruins. Eram horrorosos os filmes. Eram horrorosos, documentais, primários. Mas dois anos depois, aquilo evolui, e evolui a um ponto tal que eles vão começar a produzir ficção. Eu tendo a pensar que a um determinado momento da história das populações mais primárias, mais populares, que o máximo que ele tem direito é a memória. Existe um esforço de resgate da memória que não vai produzir a ficção. Só depois que você consegue resgatar essa memória, organizar essa memória, e hierarquizar esta memória é que você vai começar a produzir ficção. No caso do iguacine era didático. Você começa a produzir uma memória de um modo muito tosco, e hoje em dia você tem uma geração de produtores já de média metragem, partindo para o longa metragem. Eu o tempo inteiro, era uma coisa que eu citava, e eu achava que o Faustini tinha uma importância para um outro marcos, que existia em Pernambuco, lá em Olinda. Que era um cara que no meio da ditadura militar, no meio daquele breu político, o cara entrou e começou a dar um curso de teatro. E toda essa cena pernambucana, ela dos herdeiros desse curso de teatro. Em que você começa a discutir teatro, e a partir desse discutir teatro se discutir política, a partir de se discutir política, se discutir comportamento, a partir de você discutir comportamento, a comer boceta, a dar o cu, a dar não sei o que, e aí começa a misturar isso tudo com... Ai isso volta para a política, isso volta para o teatro, e produziu essa cena maravilhosa pernambucana. São todos eles filhos desse cargo. Como eu acho que essa cena iguaçuana que está se tornando cada vez mais potente. Acho que esse edital agora de funk foi uma coisa maravilhosa, cheio de projetos de Nova Iguaçu, projetos potentes, projetos que não chegaram ali na cota Nova Iguaçu, Entende? Não existe uma cota Baixada Fluminense. Chegaram como potência, com respeito. E eram pessoas falando de ante de um... Ele foi um dos caras que defendeu um projeto com [coragem?], sem medo, sem peidar, diante de intelectuais... O Guth Fraga, a Adriana Fascina, Écio (*?). Aqueles medalhões dessa cultura que gira em torno do universo popular, e ninguém peidando. Está todo mundo falando. Meu parceiro – entende como é? – meu igual. Acho que o complexo de “vira lata” de Nova Iguaçu, acho que no pós-Lindberg, ele vai se resolver. Ele começa a se resolver, acho que Nova Iguaçu, principalmente Nova Iguaçu, passa pretensões de diálogo com a contemporaneidade muito mais ambicioso, inclusive no sentido de que você tem uma Nova Iguaçu que começa a olha para si própria como ela, o próprio mercado. Acho que assim, dois símbolos da Baixada Fluminense – e de Nova Iguaçu, toda a Baixada Fluminense, ela gira em torno de Nova Iguaçu, são a Via Dutra e a linha de ferro. Ou seja, para você sobreviver – se você não fosse filho do dono do laranjal – você ia ter que pegar a Dutra engarrafada, ou você ia ter que pegar o trem da central super lotado. E hoje em dia, você cada vez mais tem possibilidade de sobrevivência aqui dentro. O sonho não é mais como aquele ator meio carequinha assim, de Nova Iguaçu que foi pra Globo, um fortão...

V: Humberto Martins

J: É, o sonho do iguaçuíno era esse, entende? Vou trabalhar na globo ali... Eu vou para o Rio. O horizonte do iguaçuano era a Dutra ou a Central, seja pra trabalhar como empregada doméstica...

V: Não necessariamente sair...

J: E hoje em dia você vê aquela molecada... por exemplo, para esse cabra vir aqui discutir... ele não vem... ele quer que o mundo dele... porque hoje em dia é possível. Existe uma cena iguaçuana, como existe uma cena recifence, com existe uma cena soteropolitana, que permite que você sobreviva dentro dela. Nova Iguaçu ganha o status de metrópole, que está muito próxima de ser independente, inclusive esteticamente. No próprio processo desses editais... A Osana é uma menina talentosíssima, entende como é que é? A marrentinha é uma menina talentosíssima. Um dos conceitos, ultimamente, com o qual eu tenho tentado trabalhar com esta molecada é o conceito da antropofagia. Mas a antropofagia não mais no sentido modernista de tropicalista. Porque a gente não está mais falando daquilo que vem de fora do Brasil, e que eu boto no meu liquidificador e processo. A gente está falando daquilo que vem de um fora, que é um fora Julio Ludemir ligado ao poder público, a essa ONG, a esse terceiro setor em diálogo constante com o poder público, levando coisas para aquela menina de Jardim Ouro Preto. Cujo pai queria que ele fosse para a Igreja Católica, cujo pai não quer que ela vá para o funk, cujo pai quer botar o cinto de castidade nela. E ao mesmo tempo, dá um computador para prendê-la em casa. Só que ao prendê-la em casa, a liberta para o mundo. Quando a Osana vem falar comigo, ela já chega antenada, ela chega muito articulada com o mundo, e ai sim no sentido antropofágico da coisa, porque ela foi buscar o mundo via computador. Ela foi procurar informações via computador. Mas como é que ela vai processar aquilo que eu vou organizar para ela? E ai o que eu acho muito interessante, é o que eu gosto quando eles discordam de mim. Quando eles partem para a briga, cara, eu fiz o meu trabalho. Porque esse cara está produzindo discursos. Discursos estéticos, discursos éticos. Obviamente que eu vou para o embate, eu vou para a porrada mesmo, e obviamente que existe um respeito. Mas assim, eu não tenho a menor dúvida de que todo esse mundo que eu levei para eles dos famosos sermões da montanha, duraram horas. E eu ia processando aquilo que eu estava... que estava me alimentando, as minhas leituras, os meus filmes, as minhas discussões, as minhas pesquisas, eu estava levando para eles. Mas eles não processavam tal qual eu queria. Eles processavam à maneira deles. Tem um projeto que eu estou fazendo nesse momento, que eu to fazendo com o Écio, que é um dos caras fundamentais dessa cena, Faustini, etc. É na verdade o grande parceiro do Faustini, que é o Écio Sales. E eu estou fazendo com ele um negócio chamado "FLU" (Festa Literária das UPPs). Um dos projetos que a gente têm é de fazer uma espécie de reality literário para percorrer a periferia, juventude da periferia. E ele tem um momento que cara, isso não vai resultar em nada, isso não vai resultar em autores potentes. Se eu botar Rufato, se eu botar autores importantes, e eu botar uma banca para problematizar aquilo que o Rufato falou durante duas horas para eles, e ali para um embate de como aquela fala com alguém de qualidade, que vai trazer um mundo sensacional para eles. Não estamos mais virgens. O Vinícius não é virgem. O Vinícius não precisa que eu leve um projetinho porque senão ele vai para a boca de fumo,

ou, ele vai virar um evangélico. Eu vou te potencializar. Acho que esse reality, que é a nossa provocação à FLIP. A primeira FLIP, ela produziu um livro do qual saíram o Nazarian e o [Cuencan*?], que eu acho que você sabe quem sejam. Que eram autores contemporâneos de uma classe média. A primeira FLIP ela vem com este livro. Eu quero que a primeira FLIP produza o livro que vai revelar o Cuencan daqui há três ou quatro anos. Eu vou achar, entre esse produtores de blogs, entre esses frequentadores do clube, esses caras que estão sendo acessados por todas essas políticas públicas, pessoas que já estão produzindo discursos estéticos. Acho que é basicamente isso.

V:Júlio, você falou um monte de coisas que eu estava pensando na sua fala. Eu queria te perguntar, primeiro tem essa coisa de pressupor o que o jovem precisa e o que o jovem é, e o que eu tenho verificado na minha leitura de políticas culturais, formulados pelo Ministério da Cultura é justamente uma valorização do regional e do local, e que se espera isso dos jovens que participam da política, ou dos pontos de cultura, ou do que quer que seja. E você falou que gosta quando os jovens brigam com você, e dos embates. E quando eu leio o blog o jovem repórter, e o Cultura NI, me parece que são jovens que valorizam o fato de ser da baixada, de serem baixada.

J: É um grande esforço que eu fiz para que eles se sentissem pertencentes a aquele lugar e reconhecessem potência naquilo.

V:É, e aí você citou também o exemplo da jovem que está dentro de casa, mas se abre para o mundo pela internet. Vocês tiveram embate nesse sentido? Uma coisa do tipo “eu não quero falar sobre Nova Iguaçu”, eu quero...

J:O tempo inteiro era uma dificuldade de falar daquela realidade, que ela era importante. Particularmente o jornalismo, acha que o mundo, acha que tudo aquilo que eu falei de que o importante é a classe “A” e “B”. O jornalismo, ele gira em torno do castelo. O Maracanã é um castelo, por isso existe matéria sobre o castelo. O palácio do governo é um castelo, por isso existe matéria sobre o palácio. As ONGs são castelos dentro das favelas, na periferia, por isso existem matérias sobre as ONGs, nunca sobre aquilo que está na rua. Nunca sobre o preto metido a playboy que está aqui sentado ao meu lado. Isso é a história do jornalismo brasileiro. É muito engraçado que essa molecada quando entrou na faculdade – vários deles entraram na faculdade – que é uma outra coisa que vai ser marcante nesse governo, dessa passagem nossa, que a Jéssica entra ali virgem, católica, anti-funkeira... Mudou isso, já está na universidade, e ao estar na universidade de jornalismo, ela vai ver um professor dizendo para ela que faça uma matéria sobre alguém importante da sua rua. E ela disse: “tá, e o que é ser importante na minha rua?”. Não, tem que ser o presidente da associação de moradores, tem que ser alguém que se destacou por um feito. Este é o jornalismo. É sempre o jornalismo baseado em uma relação hierárquica, de alguém que se destaca em um nível e um campo extraordinário e nunca no campo do ordinário. E aquilo que acontecia na rua nunca foi notícia. Aquele cara que era o dono de um cachorro-quente ali na Via Light, que por intermédio daquele cachorro-quente – construiu três casas,

botou um filho na faculdade. Isso não era notícia para eles. Notícia para eles era alguma coisa, Rio de Janeiro, era o fora, era a Dutra, era o central, era... O importante era aquele artista que chegava. Houve duas coisas, na verdade houve três coisas que aconteceram nesse edital aqui agora, de três projetos que foram defendidos por moleques que participaram desse projeto. Tem um que é o (flash móbil passinho*?), que é proposto pela Osana, e ela – em primeiro lugar – era anti-funkeira. O funk representava para ela uma possibilidade de não ascender socialmente. Se identificar com o funk significava identificar-se com a menina, com a prima dela que era puta. E ela rejeitou isso, historicamente. Até o momento em que ela vai descobrir o passinho do menor da favela, em um projeto que nós dois fizemos no ano passado, que bombou. E ela vai perceber a potência daquele menino e vai se identificar com aquele menino, que descobriu o mundo. E o modo como eles apresentaram isso... Por exemplo, o momento em que a Osana... ela fala dela como professora, que ela era normalista. E quando ela vai dar aula, ela vai dar aula para meninos que estão fazendo o passinho na escola. A tendência natural dela seria reprimir aquele menino que está fazendo o passinho. Como ela tem acesso a essas informações, à essa nova leitura sobre o que é a potência da periferia, ela passa a respeitar o menino do passinho. Em vez de reprimir, ela passa a valorizar. E quando ela dialoga com esse menino, quando ela descobre quem é o menino do passinho, lá do Salgueiro, do mix de estilos que ele faz, com aquela dança dele, absorvendo isso por intermédio da internet, ela começa a se identificar com ele. A única coisa que ela não tinha era aquele ritmo, aquele batidão. O trajeto que ela vai fazer, dela para ela própria, no fundo é um trajeto dela para ela própria, só que isso implicou o que eu diria que é alguma coisa assim... Eu tenho um amigo que ele é da macumba, e ele quer porque quer que eu seja da macumba. E toda vez que eu vou nele, eu vou desesperado. E eu digo para ele o seguinte, quando eu vou fazer os búzios com a mãe de santo dele, eu tenho medo porque ele diz: “você vai ter que raspar a cabeça”. E eu digo: “para mim isso é tão desesperador como eu tenha que admitir que eu sou veado”, entende? Ou você é veado, ou você não tem alternativa de dizer deixa, eu sou veado, entende como é que é? Quando você não tem alternativa, a não ser perceber o que você de fato é. Por exemplo assim, tem um grande embate que eu tenho com a minha mulher quando eu digo para ela – bicho, eu sou escritor – e eu não posso fazer nada. Eu vivo pobre, eu vivo fodido, eu vivo não sei o que. Eu sou um escritor, eu sou um criador, e eu seria um canceroso se eu não fosse isso. Como eu acho que o gay que não se assume ele deve ser de uma infelicidade profunda. Acho que no fundo, o que a gente fez foi apresentar esse ser a ele próprio, e que isso tem valor. É como dizer assim, solta a sua franga. É o soltar uma franga cultural. Assume quem você é, bicho. Tenho um vizinho, e um outro vizinho evangélico, o outro é bandido, o outro é não sei o que. Agora assim, por que eu vou acreditar e dar mais importância àquilo que está no jornal e não àquilo que eu estou vendo? O que que eu vou produzir a partir de que... Eu paro de rejeitar a existência do Vinícius. Eu tirei o Vinícius daquele enquadramento, o que você tem além daquele funk, o que tem além daquilo, etc. e tal. E acho que foi isso assim. Produzindo o jornalismo fora do campo do estranho.

V:Nesse primeiro momento do Lindberg e do Faustine, a secretaria ganhou uma institucionalidade, e agora, depois que o Écio saiu, a coisa

desandou um pouco e agora está retomando aos pouquinhos. Queria assim perguntar qual é a importância dessas pessoas. Se esses projetos, se não houvesse essas pessoas...

J: Acho que esses projetos são fundamentais, eu acho que a história de Nova Iguaçu e aí, mais uma vez, para a Dutra e para a Central. Porque Nova Iguaçu sempre foi receptiva, sempre foi hospitaleira, ela sempre acolheu o estrangeiro. Até porque o desejo dele era ser estrangeiro. Então quando chegar o estrangeiro lá, ele sempre acolheu. Eu acho assim, que eles vão redesenhar a cidade, eles vão resignificar a cidade. Os forasteiros como um todo – do Lindberg ao Faustini, ao Écio, a eu, ao cara lá da secretaria de obras. O Lindberg levou um bonde, ele não levou só na cultura. Ele impôs a Nova Iguaçu um bonde de forasteiros, que desprovincianizou Nova Iguaçu. Mesmo nesse momento, em que de alguma forma, as políticas implantadas tenham perdido a herança, tenham perdido a continuidade... A Camila está lá, a Jéssica está lá. A Jéssica é de Nova Iguaçu, entende? O Nike está lá, o Fec está lá. As pessoas foram sensibilizadas, elas foram tocadas. A gente deixou de ter uma Nova Iguaçu dos barões da laranja. A grande herança disso é que nesse momento Nova Iguaçu pode consolidar sua vocação cosmopolita sem precisar de um estrangeiro. Aprendeu o caminho. O próprio Batata, com a obtusidade dele, ele tem uma coisa que é totalmente iguaçuana, que é totalmente política clientelista, é um toma lá da cá, não sei o que, não sei o que lá. Mas em primeiro lugar, ele está dialogando com a rapaziada que herdou isso, e ele já não é o personagem obtuso. Ele já foi sensibilizado. Um discurso que ele apresenta como dele, não vem dele. Esse negócio 1% para a cultura, não é dele, ele pegou a bandeira e foi, entende? E mesmo que, com esse governo agora que não é nada cosmopolita, que não é nada... Ficou uma herança. Nova Iguaçu hoje ambiciona mais. Você ser intelectual em Nova Iguaçu não é mais ser o professor Nei, que era um emblema, um ícone da intelectualidade iguaçoana. Não é mais esse o ícone. O ícone é Bion. Ninguém vai interromper a herança que o Bion percebeu. E o Bion está atuando ali. A escola... A Jose está atuando ali, a Marina está atuando ali. O emprego que a Marina teve nos últimos três ou quatro anos foi na escola dele de cinema. E ela não estava pedindo emprego em outro lugar, ela estava feliz ali. Como ela perdeu o emprego agora, ela está começando a procurar outras pessoas, entende? Mas ela estava feliz na escola de cinema. Então assim, é uma herança de globalização... uma herança cosmopolita, que não vai ser interrompida com esta possível geração que está agora no poder. O Bion, O Nike, o Feti foram expostos ao mundo – eu terminaria meio Moacyr Franco – “Ao mundo bem maior”. E deixou de ser aquela coisa assim, olha, se você não foi isso aqui em Nova Iguaçu, você vai ter que ir – como ele fez – para o centro, em um determinado momento. Esse momento talvez não seja exatamente o caso dele. Ou eu o vejo querendo ter projetos para uma grande ONG, para atuar na Baixada Fluminense. Uma das brigas que eu tenho, o cara ia para Austin. Existe... O Rômulo, que é um desses caras, que era um estagiariãozinho, que ao ser exposto a isso tudo, cresceu fantasticamente, hoje em dia, um empresário importante, atuando nessa área. O grande projeto dele é em Austin, e ele é totalmente sensibilizado e totalmente antenado para a coisa. Ser antenado... Ele está dialogando com o Rio de Janeiro, mas ele não deixou, ele não largou o pezinho dele de lá de Aushim. E esse cara em algum

momento vai travar um embate porque ele vai ser mais importante do que o Batata. Porque o Batata não foi exposto a... O Batata já era um cara formado naquele momento, entende? Ele não era um jovem. O pró-jovem era coisas assim de 2 mil, 3 mil jovens, e esses as pessoas foram todas sensibilizadas.

V:Você participou também do jovem repórter lá?

J: Participei, cara. Na verdade foi um projeto que saiu da minha cabeça, da cabeça do Feti que ele citou, junto com a Maria Antônia. Ela na verdade queria criar uma grande agência. A ideia era ter uma agência que comunicasse, que criasse produtos de publicidade ao mesmo tempo, uma coisa meio, sei lá, mas que funcionasse com as atividades. Não era uma secretaria ali, era uma coordenação do programa bairro escola”, programa que estava latente, isso foi em 2007. E era um filho que estava com força, dado momento, e ela queria que a agência publicisasse as atividades pertinentes ao programa à cidade, às secretarias amigas, secretarias mais próximas para aquele momento. Então a gente – porra, cara - vamos criar cada comunicação, e na época o Feti tinha acabado de se formar, estava fazendo faculdade de letras, e faço letras também. Um entra e sai do caramba. Cara, foi isso. Foi maneiríssimo. Eu fazia muito parte da produção disso tudo, então eu ficava muito ligado a quem estava entrando, saindo, gente nova o tempo inteiro. A gente recebia cerca de 75, 80 jovens diariamente, novos jovens. Um frenesi total. Tinha um projeto chamado “Juventude Cidadã” que estava um pouco, um pouco não, totalmente inabilitado, estava meio eficaz. A vista do Lindberg e à vista da Maria Antônia. Com ela eu falei, cara, vou pegar o canal desse projeto e vou despejar esses jovens ai. Então a gente meio que criou uma comissão para receber esses jovens e a gente meio que separava por oficinas. Essa de comunicação era uma oficina que bombou muito. Então ficou muito inflado, e a gente foi separar os melhores, daí a agência de comunicação.

V:Mas como vocês selecionaram?

J: Porra, cara, que tinha... Era muito trash porque, meu irmão, de oitenta, dois tinham traços para a escrita, desenvoltura para, conteúdo para... É era o que a gente queria. A gente queria ter um grupo para fotografar, um grupo para produzir escrita de fato, um grupo para... Cara, agora está até brotando na minha cabeça. Tinha o grupo de apuração. Então esse da apuração era meio que estratégico para a gente. “Ah, vai lá ver se ‘tu acha’ alguma coisa”. Se o cara fosse de fato sagaz ali, a gente, bom, ‘vamos’ ter um apurador. Sim, cara, era maior frenesi, era uma loucura. Não tinha como ter controle, é lógico que não era todo dia que chegavam oitenta, mas a média era essa. Era muito bacana, foi desafiador, está até hoje – aos trancos e barrancos – nada contra lá a gestão do Batata até... Mas... A minha leitura que eu faço de alguma gestão do cara, acho que não tem tanta preocupação assim, enquanto isso tudo que o Julio falou, desses forasteiros que entram e acharam maravilhosos e supervalorizaram o que de fato acontecia com a agência. Eu quero dizer que, hoje de grupo de sei lá, nove estagiários, é ao que se resume a agência, entendeu? O que acho que funciona, acho que também tem que admitir, são nove estagiários. São universitários de jornalismo, mas acho que tinha uma galera, talvez, que podia ser... A gente podia encontrar mais dez que

chegaram, que ficaram sabendo desse legado e que queriam participar. E que não tem uma porta, não tem uma janela para entrar, porque o grupo é fechado. São nove que têm uma história, enfim, não sei, é o que eu...

V: Não. Era uma coisa que tinha um outro perfil?

J: Sem dúvida, sei que não tinha controle, o que tornava a coisa, para quem estava chegando – num primeiro momento - era caótico. Mas porra, acho que poderia ter nove jovens mais na ponta, mas a gente podia receber hoje, como era antigamente menos, ter um controle maior e ter um grupo maior funcionando daqui há seis meses, o próprio Julio funcionando. Ficou muito reduzido, cara.

V: É, o que me colocaram – quando eu fiz entrevista lá – foi justamente isto: a dificuldade de gestão, e assim, uma coisa que achei também, eu não sei, eu fiquei um pouco ansioso é essa coisa do ter o jovem que necessariamente tem uma conexão com Nova Iguaçu, entende? Eu não estou sabendo formular, mas que mostre um comprometimento necessariamente...

J: Você diz no momento de agora? (**V:** É) Você diz que o perfil para integrar esse grupo da agência de hoje, ele teria que ter... Politicamente é importante até um cara que tem, de repente, que consegue desenvolver dentro de uma... alguma bandeira política. Não digo nem o jornalismo propriamente dito, mas alguma função talvez ele tenha o canal, que para mim não justifica muito. Eu prefiro ter aí os nove deixados, assim... Os nove que têm os poros abertos para o próprio jornalismo, que vêm do legado. Não é... Para mim não justifica... ver... Tudo bem, eu posso ter o artista, eu posso ter o produtor cultural e ter um viés ali dentro. Até tem uma justificativa, mas eu vejo... Eu acabei de sair da Secretaria de Cultura, eu saí essa semana, cara, porra desde 2007 lá. Para integrar a equipe do Rômulo, que ele falou e tal... Nem bota isso, cara se você for... Está muito fresco ainda, mas enfim, acho que a proposta para mim, a perspectiva é infinitamente mais confortável para o que me sugestiono, que me proponho a trabalhar, mas é como você falou, acho que se tiver comprometimento, tudo é... Tento, mas as vezes o comprometimento não quer dizer, sei lá, eu tenho uma coisa que eu acho que os gênios não vêm de um perfil comprometido com alguma coisa, nem mesmo àquela coisa que eles se propõem a ser bandeira deles. Eu acho que justamente o gênio está em se desdobrar, em criar (*?) para outras coisas. Você pode ser um puta de um sociólogo, mas se tiver emerso na tua sociologia. Quando ele fala, vou criar um link... como que o mundo tem para te oferecer – caralho tu vai ficar, meu irmão - a mercê dos cérebros da sociologia, da tua academia, sabe? Acho que se o sociólogo tiver poesia para cozinhar, vai criar aí alguma coisa, um parêntese novo. Não sei se você entende o que eu estou querendo dizer. Acho que comprometimento não justifica, para mim, se aproximar de um projeto daquele.

V: Mas então o que você acha que seria?

J: Ah, tá. Eu acho que, bacana ter já um flerte com alguma coisa, seja mero repórter, ou algum olhar já para o jornalismo que é muito bacana isso, e a pessoa que estiver ali de frente, como foi a história do Julio, que eu acho teve

maior... Foi um cara que paternalizou muito, mas que não foi problema. É um jornalista, o cara que estiver ali na frente e tiver sensibilidade para sacar esse comprometimento, mas com um personagem que vá – porra, esse cara vai mergulhar ali, vai inflar – eu acho que é o grande futuro do projeto. Me perguntou aqui qual, o papo está desdobrado em cima do eixo que ele propôs aqui, que dialoga com a gestão nova em relação ao projeto hoje. Da vida que o jovem repórter tem hoje. O cara está... O perfil perfeito para a gestão hoje, que serve de plataforma para o jovem repórter é o comprometimento. Eu falei para ele que isso é muito injusto, porque eu posso querer só aquela bolsa de trezentas pratas e ficar um cordeiro, e não criar laços com o jornalismo, e com as coisas maravilhosas que o jornalismo tem: a escrita, a reportagem, ser um desbravador ali dentro. Eu posso simplesmente botar o meu corpo dócil, sabe, que para mim não justifica.

Era uma das coisas que eu dizia. É um privilégio muito grande para eles. Sem modéstia alguma, ele está convivendo comigo e com a minha generosidade. Mas eu tive muito daqueles moleques que não perceberam, que estavam ali burocraticamente me enganando e no mesmo ponto em que eles começavam, eles terminavam. Existia uma relação protocolar comigo. Você pode estar ali, ir todos os dias, a todas as reuniões, fazendo todas as matérias, e não desfrutar dessa coisa que era conviver comigo. Este ser, que está aqui a sua frente. Mas tem uma molecada ali que cresceu, cara, que coisa bonita! E isso vai ficar... Não tem Batata que interrompa isso, não tem Sheila que interrompa. Obviamente que Nova Iguaçu retomou sua origem, só que você tem... Essa coisa vai ter que dialogar com a emergência desses novos atores. “Você devia ser um bosta”, entende como é que é, mas agora você está fazendo um mestrado, e onde é que você vai operar? Você vai operar aqui, você vai operar lá, você vai... onde é que você vai operar? E você pode querer fazer mestrado em Paris, e quando você voltar? Voltar para onde? Então um cara produzindo saber aqui de Nova Iguaçu. E é um saber que não é, por exemplo, eu tenho um menino que eu adoro, que foi fazer uma coisa sobre Nilópolis, a escola de samba. Mas, é um tradicional. [Já] Você está exatamente se perguntando qual é a herança desse momento na história em que Nova Iguaçu foi cosmopolita, globalizada, em que pela primeira vez na história, Nova Iguaçu teve uma linha direta com fontes de financiamento de Brasília. Papo de Lindberg, ele ligava: “Meu amigo, Luís Inácio”, entende? O filho do Lindberg se chama Lula. Nova Iguaçu nunca teve tanto acesso ao poder, ela nunca dialogou tanto com o centro em todas as suas instâncias. E isso deixou uma herança, um legado, que ele não pode ser interrompido, como por exemplo o legado das ruas. Aquele arruamento, a relação de Nova Iguaçu com as chuvas. Tudo isso deixou um legado de uma reconstrução da cidade, mas também de uma reconstrução cultural e de uma reconstrução política. Porque você produziu atores novos, cheios de marra, e vai apitar o jogo ali dentro, e vai encarar a dona Sheila em algum momento. O Rômulo, que foi um outro cara que... Ele vai interagir com essa velharia da política com mesinha – toma lá, dá cá.

V: Vocês enfrentaram... você disse, os forasteiros. Isso era um termo usado? Me lembro muito da campanha política, porque a partir de 2005, quando eu entrei na UFRJ, eu ficava nessa coisa da viagem diária, da linha do trem, indo para o Centro e voltando todo dia para a casa,

exausto. Então perdi os forasteiros lá. Por isso eu estou tentando recuperar a minha história enquanto morador da baixada também. Era uma coisa que vocês ouviam? E como se dá esse embate na cidade? Principalmente porque tem o movimento social, mesmo que seja capturado ou não, o movimento social antigo e forte na Baixada e em Nova Iguaçu. Mas só que é um movimento que sempre bateu na trave, sempre no quase, sempre esperando. E como vocês foram recebido?

J: Na porrada, quase na porrada braçal mesmo. No dia que o Faustini, que é marrento para caralho, tem umas coisas nele, qualidades inegável. Aquele cantor que eu acho maravilhoso, o Gabiru... Só faltou chamar para a porrada. “Não estou aqui para ser apresentado a secretário de cultura, estou aqui para, estou aqui para inquietar o secretário de cultura”. De alguma forma está coberto de razão, está legitimando a história pregressa dele, do campo do movimento social. E o próprio Faustini foi inábil, a gente chegou e o Lindberg foi rôdo, foi passar o rôdo no provincianismo de Nova Iguaçu, do raciocínio comezinho de Nova Iguaçu. E na verdade era passar o rôdo nessa geração caduca, que ia pastar. Com que o Faustini tentou se associar? Era com ele, foi com o Feti, com a juventude. A juventude não é a desses movimentos sociais, que se encastelaram ali. Não é, não é deles. Ele não tem a menor fala para essa molecada. E é essa molecada vai emergir, e vai ter o embate com eles. Você vai ter o embate com o Jorge, você vai ter o embate com o Gabiru – que eu acho um artista sensacional – mas está ali, fumando maconha, tomando cachaça, naquele negócio muito limitado ali para conseguir produzir nada além daquele disco dele, ele tem um repertório de quinze músicas sensacionais. Não se renovou, não se reciclou e sinto muito, meu amigo. A Jéssica está se renovando, está se reciclando; a Jose é de uma sofisticação; a Iasmin, a Tainá... A não sei quem... (A Flávia Ferreira) foi a primeira que eu citei para ele. Foi rôdo, entende? Teve dois ou três interlocutores que foram comprados por dois ou três cargos. Quando o Faustini saiu, eles não reconheceram a potência do Écio... Para tomar o cargo. O Faustini está dentro, o Écio teve que ser habilidoso, não sei o que. Quando a Silvia então, que seria uma herdeira do... partiram para derrubar um edital. O edital fracassou, eles botaram na justiça, e não é meu, não é teu e não é de ninguém. Porque eles não foram contemplados, porque a turma que fez o ... não contemplou, porque eles criaram uma política cultural para beneficiá-los. Porque só quem fazia cultura em Nova Iguaçu era um grupo de vinte pessoas. E o que é que foi feito ao longo desse tempo? Atraíu os jovens, jovem você está sempre falando de multidão. Atraía a periferia. A periferia você está sempre falando de multidão. Então aquilo que antes qualquer editalzinho, qualquer programa passava por Jorge, Silvio... dez ou quinze, de alguma fora era como as elites canavieras pernambucanas. Isso aqui existe para me servir. A Secretaria de Cultura existe para servir esse grupo, esse movimento social que está aqui há trinta anos atuando nisso. Ok, mas como é que você vai se renovar? Como é que você vai se reciclar? Foi esse o grande trabalho feito. Da mesma forma como as elites políticas de Nova Iguaçu vão ser engolidas de rôdo, vai ser rôdo, porque se potencializou uma série de atores fora desse universo comezinho, fez o pacto com esse pessoal, mas potencializou outro. A mesma coisa foi feita com esses atores da cultura.

V: Você falou de duas coisa também que me interessam bastante. Primeiro é a ligação direta que Nova Iguaçu teve com o governo federal. Queria te perguntar primeiro, quanto isso ajudou e foi importante na cultura e de que modo vocês tiveram acesso, puderam trabalhar de uma forma “mais tranquila”. Tendo em consideração que outros municípios da Baixada têm conselhos de cultura muito fracos, as secretarias muito fracas. E você falou também dessa coisa do edital. Tem pessoas que acham, tem corrente que acha que o edital é um tipo de democracia radicalizada, no sentido de todos tem acesso e podem participar. Mas tem as pessoas que criticam o edital por conta dos seus termos técnicos e ai os movimentos sociais antigos não...

J: Você tem que institucionalizar para você lidar com o mundo. Eu sou um bosta no campo da institucionalização, para fazer um projeto, entende? Mas, o mundo é isso, bicho. No mundo eu não posso ser sempre um ator, um personagem não qualificado, que não sei formular um projeto, defender o meu projeto, botar o meu projeto no papel e depois comprovar que eu fiz aquele projeto. O mundo é assim, isto é a República. Então eles não quiseram se impoderar e se foderam. E se foderam porque a língua que o poder público fala – e é irreversível esse processo – é a língua dos editais. É a linha do financiamento público. E a turma pegou os 20 mil reais e foi tomar cachaça no botequim e ninguém comprovou, entende? Ninguém comprovou as coisas. E, melhor ainda para os novos atores. A marrentinha faz um projeto maravilhoso, a Roberta faz um projeto maravilhoso, e vai dominar tudo e comprovar. Ela já dominou esta língua, que é uma língua universal, é como falar inglês. Você tem que falar inglês para falar com o mundo. Não vai dar do nacionalismo, do militar brasileiro que dizia que era nacionalista, mas não era nacionalista também, ele era ignorante. Ele não sabia falar inglês. Ai dizia para o americano: “Não quero aprender a sua língua não”. Isso é obtuso, isso é reacionário e é burro. Acima de tudo é burro. Então os caras não quiseram se institucionalizar, não quiseram criar uma ONG, uma instituição. Tem que ir, velho, porque o mundo é assim. E depois você tem que comprovar, demonstrar. Olha, eu ganhei 20 mil reais e gastei dessa e dessa fora, estão aqui as notas fiscais. Está aqui a demonstração do que eu fiz, e assim funciona o mundo. Melhor ainda, porque todos eles se foderam e não vão poder concorrer a editais. E ai o que é que eles estão querendo, é voltar para a política do balcão. Qual é a política do balcão? “Ô, ministro, meu amigo, meu vizinho!”, entende como é que é? “Meu amigo de cachaça, me dê dinheiro para eu fazer o meu projeto”. Não, não é isso. Não funciona assim. O mundo republicano não funciona assim. Republicano, cosmopolita, globalizado. E esse é o grande legado desta geração. Você diz ai, meu amigo, acabou a política da laranja, velho. Na política da laranja é uma relação da Casa Grande, entende, eu conheço o cara da senzala. Então se eu tenho acesso à senzala, se eu sou da casa eu tenho acesso ali, é a política do balcão, que tem que acabar. E que maravilha que eles não se institucionalizaram e mais ainda, não prestaram conta. Todos os editais agora, quem vai é ele. Tu prestou conta? Tu estás institucionalizado? Mas você tem parceiros ali, tu não prestas conta, tu estás devendo, seu nome está sujo. É esse legado que você quer que o Gabiru... Ô bicho, não paga a tua conta, não aprende a falar inglês... Vão levar de vinte, de trinta, de quarenta a zero dessa meninada que está vindo ai.

V: E essa coisa da relação do Lindberg e Lula? Porque assim, há um claro espelhamento das políticas do ministério no município.

J: Não, porque ele teve... Foi pela primeira vez em Nova Iguaçu não precisou vir ao Rio de Janeiro para ir, não sei o que, entende? É o Lindberg ligado ao Lula. Ele vivia em Brasília, bicho. Ele em Brasília não precisava se apresentar para ninguém não. É a velha imagem que o Lula dizia para ele, da época que ele botava o plástico para poder andar nas ruas de barro de Nova Iguaçu, o caralho a quatro. É a imagem que o Lula contou, tomando cachaça, para ele. Se Nova Iguaçu ainda não entendeu que ele, pela primeira vez, cresceu mais do que o país, velho. No grande ritmo de desenvolvimento do país na era Lula, que crescia não sei quantos por cento ao ano, Nova Iguaçu crescia mais. E chegou muito dinheiro, bicho. Se modificou uma cidade inteira, se reestuturou uma cidade inteira. O asfalto ia até onde? O asfalto ia até a tua esquina, bicho. Não ia além de Vila Nova. O asfalto vai, bicho. O negócio do asfalto é uma coisa determinante na história. Se diz que se começou a enfrentar o Robin Hood na época em que se construíram estradas em Sherwood. Porque você pode ir atrás do bandido, você pode levar progresso, você pode... Asfaltar aquilo... São legados irreversíveis. É uma geração que dizia: “terminei meus estudos”, “vou terminar meus estudos no próximo ano”, você sabe o que é terminar meus estudos? É terminar o Ensino Médio. E essa molecada está toda na universidade, estimulada pelo Lindberg, estimulada pelo Faustini, estimulada pelos forasteiros. Você chegou à universidade por um outro caminho, mas não foi o caminho do seu vizinho. É irreversível o legado. Eu me lembro que quando eu fui criado em Olinda, eu era elite olindense. E a minha mãe tinha ódio disso, entende? Todos aqueles vizinhos, ignorantes, analfabetos, eles ascenderam socialmente a partir de que entraram na universidade com o grande projeto da ditadura militar, que foi botar gente dentro da universidade. Que modificou Olinda definitivamente. Ela nunca mais voltou a ser a mesma, ela nunca mais voltou a ser aquela bosta provinciana, entende? Aconteceu isso com Nova Iguaçu. Eu o tempo inteiro que olhava para Nova Iguaçu, eu lembrava de Olinda. E foi o mesmo processo. O Pernambuco hoje em dia, é um estado muito potente. O último presidente da república é pernambucano, meu amigo e o próximo vai ser pernambucano também. Não é mais uma elite que esta pensando, produzindo ali no mundo, até o quilômetro 32, não. Existe um projeto de Nova Iguaçu agora que não termina no km 32. [...] Eu vou desmontar o teu roteiro, eu não penso linear, estou aqui para te confundir, para te provocar, para te sacanear... E essa foi a minha postura ali o tempo inteiro com aquela molecada, era desmontar o roteiro da molecada. Foi isso que eu fiz ali. Eles chegaram evangélicos... cara, era muito divertido quando eu falava do funk. Foi uma maravilha, o Fernando, a Jéssica e a Osana defendendo o projeto do funk. E eu brincava, rebolava a bundinha assim para eles, entende? Vocês fumam maconha e eu que sou jovem e eu que fico doído.

V: Eu vejo sempre o Faustini falando da periferia como potência. O o que eu vi lá, principalmente no blog, na conversa que eu tenho com alguns jovens é. Acho que hoje se criou uma ânsia de falar de você, da sua história... (J: Você, Julio?) Não, você jovem. Te pergunto onde é que essa potência está? Eu, por exemplo, faço parte de uma geração que meio que

batalhou para entrar em uma universidade, lá pelos meios que tinham para aparecer, para tentar chegar à universidade. Me parece que esses jovens, do ponto de vista do jornalismo – no caso o jovem repórter – e da expressão cultural, e para mim hoje há uma geração dois pontos de cultura, por exemplo, ela tem outras possibilidades além dessa coisa da universidade. Então, eu queria te perguntar o seguinte, se há caminhos realmente para esse potência aparecer sem ser o caminho tradicional que se dele.

J: Brother... Óbvio. Nesse mundo... Em primeiro lugar, eu não sou da universidade. Não fiz universidade. Fui fumar uma maconha na época em que a molecada estava indo para a faculdade. Eu pude ir para a faculdade, não fui porque fui fumar maconha, por problemas meus, não é problemas sociais. Enquanto problemas meus, eu terminei percebendo que é possível desenvolver discursos, desenvolver potências sem estar na faculdade. E no caso melhora ainda porque você vai fazer isso tudo diferente. É roteiro, velho, e eu vou dar porrada no seu roteiro, eu vou amassar o seu roteiro, eu vou jogar o seu roteiro fora. Porque não me deram roteiro, não tem professor que me disse “faz assim, faz assim, faz assim, faz assado. Pergunta isso, pergunta aquilo”. Não é roteiro, é criação

V: Eu te pergunto isso porque durante muito tempo se consolidou isso. Por exemplo, a minha família: eu sou a segunda pessoa na universidade. Eu não estaria se não fosse a minha mãe, se ela não tivesse feito antes. Meus avós são da classe proletária da Baixada Fluminense.

J: Eu não vou negar o teu esforço, nem o esforço da tua mãe, agora é preciso construir uma sociedade generosa que nos dê outros caminhos. Até porque essa sociedade que você está falando, particularmente no campo dos meios de comunicação, era uma sociedade preparada para trabalhar no globo, na Rede Globo, no Jornal do Brasil, no Jornal Extra. Em meios de comunicação que eram dominados por famílias, por propriedades, etc. e tal. Hoje em dia para eu produzir comunicação, para eu produzir inclusive comunicação eu não preciso mais do meio de produção. O que significa que para universidade existir ela tem que ser muito mais interessante do que foi antes. Mas assim, isto vai ter que reproduzir uma rede de discussão sobre a importância da universidade. Esse tipo de saber e do porque... o saber que a universidade te oferece é um saber da construção do roteiro: “Qual é a pergunta certinha que eu vou fazer para o doido do Julio”. A Jéssica pode ser a jornalista mais importante do Brasil, sem entrar em na universidade. Ela entrou na universidade, e viva viva que ela entrou na universidade! Seja por cota, seja por ENEM, se pelo que for, porque o saber tem que ser disponibilizado para todos. Mas assim, isso foi uma coisa que eu briguei o tempo inteiro, bicho. Eu não vou negar minha trajetória, não foi uma trajetória da universidade, não é o único caminho de você produzir saber. Tenho vários livros escritos, tenho muitas matérias, matérias boas para caralho. Eu sou de uma macheza, de uma valentia com o jornalismo que a rapaziada se caga no meio da calça, e eu estou lá no meio da cena, no meio do baile funk investigando a morte do gambá. Sabe por que eu estou monopolizando o discurso? Porque ninguém foi. Eu entrei no meio do baile, tropecei em um fuzil maior do que eu. O jornalismo que você aprende dentro da

universidade é o do cara que baixou o celular hoje, tocou, não parava de tocar. Mas ninguém foi na favela, bicho, ninguém foi no baile funk, ninguém tem acesso à molecada do passinho. E eu do meu facebook só dei porrada na cidade. Do facebook, não tinha meio de produção. Eu to no facebook, eu botei o ... o cara que me ligou aqui agora foi o editor do “Fantástico”. O passinho que era um negócio de preto do baile, do não sei o que. Saber usar o facebook, o twitter, o blog, o flashmobile como instrumento de comunicação. Quer ver um flashmobile de verdade? Não é esse flashmobile de playboy carioca não. Quer ver 3 mil pretos, quer ver gente bombar, vamos lá na balada. Não é coisinha de jogar travesseiro não. Não é bichice de jogar travesseiro não, é mobilização de verdade. É Primavera do Passinho, Primavera Árabe, dialogando com ela. Quer ver... estou te dizendo o seguinte, “Domingo é nós na fita”. Tudo isso não é uma produção de universidade. Então assim, é que nem comer boceta, entende? Existem outras formas de você ter prazer. É possível ter prazer com dedo no cu e isso não significa que você é veado.

V: Não te perguntei isso assim principalmente porque a juventude que... Não sei se sou jovem demais para falar isso, mas a minha geração, por exemplo, foi uma que lutou para entrar em uma universidade pública, gratuita, mas que sofre muito com a família principalmente, pela lógica do trabalho. Você está estudando, não está produzindo nada. Eu te perguntei isso porque me parece que é o momento em que o jovem pode minimamente planejar alguma coisa.

J: A juventude, o direito de ser jovem, de fruir a juventude é um embate cultural que eu tenho tido com a marrentinha que é descobrir o que é ser jovem, entende? Porque no horizonte dela não existia a possibilidade de ser jovem. Porque ela ia do terminal do estudo do Ensino Médio era uma entrada, uma linha direta para o mundo do trabalho. O trabalho é o mundo dos homens sérios, é o mundo dos adultos, não tem juventude. Foi o mesmo embate que o Rock’n Roll travou na década de 60, que os punks travaram na década de 70 que é o direito a uma juventude, que é o direito a fazer diferente. O pai do dotadão, o pai dessa molecada toda dizia: “O que você ta fazendo naquele negócio? Isso não dá futuro a ninguém”. Mas no fundo, sabe o que acontece? Minha mulher está questionado muito o tempo inteiro, quanto é que você está ganhando nessa merda toda? Porra nenhuma, estou duro para caralho. É a mesma pergunta que... é o mundo do trabalho, bicho, e é o mundo adulto. Afirma o poder popular que deu o direito da juventude, e da periferia também ter juventude. Que era proibido, não estava no horizonte. O pai do dotadão estava... “que isso? Vai trabalhar, bicho. Tem que trabalhar, vagabundo”. E você é jovem, você não está aqui em um escritório ganhando três salários mínimos, para gastar um salário mínimo de passagem, e aquilo que sobre você vai botar para complementar a renda familiar.

V: Mas isso é uma coisa também muito problemática. Estou colocando aqui uma dimensão pessoal e, por exemplo, minha família custa a entender:: “Você ganha 1200 reais em uma bolsa de mestrado, e aí, cadê o trabalho disso?” Imagino que esses meninos também sejam questionados por isso.

J: Sim, ele não enxerga o trabalho. Mas assim, o meu professor de yoga... O pai dele é professor de yoga e ele é músico. Isso não é só um problema da periferia. A minha aula de yoga, que eu deixei hoje por sua culpa... Ele é músico, professor de yoga. E o pai dele perguntou assim: “Quando é que você vai trabalhar?”. Toca música, não é reconhecido como trabalho, a yoga não é reconhecida como trabalho. O saber não é reconhecido então. O mestrado não é reconhecido como trabalho. Entendeu? Mas isso é um drama muito maior na periferia, mas ele não é exclusivo da periferia. Estou prestes a me separar da minha mulher porque ela não reconhece o que eu estou fazendo como trabalho. E está sendo insuportável conviver com ela dessa forma. Diariamente perguntando quanto é que você ganhou com isso aí? É humilhante, entende? E isso vai gerar uma separação, porque mesmo na hora que isso gerar dinheiro eu vou estar recalcado.

V: Você vai às forras.

LOCAL: Escola Livre da Palavra (Lapa/RJ)

DATA: 09/02/2012

MOTIVAÇÃO / CLIMA: Marcus Vinícius Faustini criou a Escola Livre de Cinema e deu o starte às iniciativas mais importantes da SEMCTUR, foi meu alvo desde o começo da pesquisa. O processo para conseguir esta entrevista foi difícil, tentei de várias maneiras e por vários interlocutores em comum, até que Faustini topou me receber na Escola Livre da Palavra com tempo pré-estipulado e vista das perguntas. Na Escola Livre da Palavra ele me recebeu atentamente por mais de uma hora e respondeu todas às perguntas. Nessa entrevista contei com a ajuda de Felipe Araújo, bolsista do LASTRO interessado nas ações de Faustini pela cidade.

Faustini: Eu não vou ter muito tempo, então eu vou ser... Nem acho que eu vou colaborar muito, o que eu tenho a dizer não é relevante, é mais do mesmo. Mas vamos lá. Deixa só eu me localizar aqui que eu vou abrir seu e-mail. Dei só uma passada.

Vinícius: Qual o seu nome completo?

F: Marcus Vinicius Alves Faustini

V: Tua idade?

F: 40 anos

V: Tua escolaridade?

F: Superior incompleto

V: Partindo para as perguntas mais sobre Nova Iguaçu (NI). Como a cidade apareceu na sua vida?

F: Eu já tinha uma vida de relação com NI desde o movimento estudantil, na época que eu tinha uma vida de movimento estudantil eu tinha uma atuação lá. Não presente, mas de contatos e de pessoas que eu conhecia do movimento cultural. É... e aí eu acabei fazendo um projeto de cinema dentro das escolas, quando o Lindberg foi prefeito, ele chamou várias organizações tanto de dentro NI quanto de fora de NI, para contribuir dentro do processo do Bairro-Escola, o Bairro-Escola tinha, como uma das linhas estratégicas essa aproximação entre atores sociais com diversas experiências, e quando eu cheguei lá, no Lindberg, ele já conhecia meu trabalho, me chamou, me telefonou pra ir lá, eu não conhecia ele nesse momento. Eu já tinha alguns parceiros de teatro, que moravam lá, e trabalhos mais na rede, não de atuação territorial.

Aí o Lindberg me apresentou e eu falei: - Olha, antes de qualquer parceria eu quero poder conhecer. E o que eu fiz? Sozinho, fui pra dentro da escola pública, de algumas escolas públicas, principalmente de Miguel Couto, pra dar aula de cinema na hora do recreio. Queria ver se a minha hipótese em relação

a trabalhar elementos da vida junto com a linguagem cinematográfica, poderia dar certo como metodologia. Aí eu passei uns três meses visitando as escolas publicas dando aula de cinema, eu e uma câmera, para as crianças na hora do recreio, então essa foi primeira chegada antes de ter um projeto.

Aí a gente começou a fazer uma participação dentro do programa Bairro-escola, pequena, umas oficinas de cinema que aconteciam numa sala pequena, e dentro das escolas. E depois disso, que eu propus pro Lindberg criar uma estratégia do cinema dentro da sala de aula, o cinema que pensasse o território, que ajudasse as crianças a descobrir o bairro. Como a centralidade do bairro-escola era a educação dentro do território, a gente ficou... Nosso trabalho já era esse, nossa história já era essa, de buscar uma representação contemporânea da periferia e uma metodologia que misture linguagem, vida, território, memória. Aí a gente começou a fazer umas oficinas, de cinema, já um pouco mais estruturadas, já com pensamento de inicio, meio e fim, é...

Aí um dia eu acabei... Vendo um prédio que tava lá pra alugar e disse, aqui vai ser a Escola de Cinema. Aí a gente entrou nessa aventura, a prefeitura nem tinha topado, eu já tinha começado a ver outros arranjos, o SESC sendo parceiro, nessa época a gente fazia um projeto chamado "Coletores de Imagens", que são jovens filmando idosos na periferia, como os idosos colecionam as suas fotografias, porque tem uma idéia difundida que dentro da periferia as pessoas não se relacionam com imagem, e a gente mostrar que as pessoas colecionam imagens, que pensam a imagem como um espaço de fruição, e a gente alugou aquele prédio, e o Lindberg decidiu entrar como parceiro, a Secretaria de Educação a Prefeitura, e a gente virou parceiro do Bairro-Escola, criando a "**Escola Livre de Cinema**". Que trabalhava com professoras, trabalhava com território, trazia pessoas da academia, gente que aprendeu na pratica, é um modelo um pouco que depois você pode ver na Internet como era.

A partir do trabalho da Escola de cinema que a agente comprou, vestiu a camisa do Bairro-escola, o Lindberg viu esse trabalho, e acabou me chamando pra ser **Secretario de Cultura**, lá de NI. Por conta do trabalho da Escola de Cinema e por ele achar que a secretaria não tava dando conta da percepção dele como gestor de pra onde tinha que ir. Aí eu topei e me afastei da Escola de Cinema, da gestão da Escola de Cinema e fui pra secretaria, e aí na secretaria a gente estabeleceu uma relação, de cara, dialógica com a sociedade civil, mesmo que em alguns momentos conflituosa, a gente, "não vamos discutir, vamos negociar" e como entendimento central da gestão, de que deveria reconhecer os atores sociais como seres culturais, então a centralidade era, todo mundo é cultura, então misturara a rezadeira, junto com o grafiteiro, junto com a professora, junto com a mãe e aí a gente partiu pra ir atrás da juventude de NI que ainda não tava incluída e reconhecida como um agente cultural, ela era só uma receptora, então a gente queria fazer esse corte, sentamos com a sociedade civil que já era organizada, mais histórica, e pactuamos a realização do fundo de cultura que era uma reivindicação histórica de um lado, e de outro lado começamos a criar programas de envolver a juventude e de participação da cultura dentro da educação, eram as linhas principais pra entender que a cultura pode ser esse lugar... Por entender que a cultura pode ser esse lugar

que inventa uma ação estética dentro do território, que inventa uma ação de mobilização, de metodologia.

Então, essa foi um pouco a minha passagem... Eu me orgulho dessa passagem como secretário, em pouco tempo, dois anos, a gente conseguiu fazer fundo de cultura, estabelecemos uma cena cultural de juventude perto da secretaria, a secretaria era cheia de jovem, a gente não tinha sala, nossa, a gente acabou um pouco com aquela cultura de balcão, fizemos os pontinho de cultura. Acho que deu uma mexida ali na cena cultural, pelo menos no arranjo do que era reconhecido como cena cultural, e com visibilidade pra cidade. Respondido ?

V: Tem algumas coisas, alguns projetos e iniciativas lá em NI como o Jovem-repórter e Jovem-pesquisador, queria te perguntar como aconteceram, como se formaram essas idéias, o desenvolvimento delas.

F: Tá. O Jovem-repórter já tava ali um pouco dentro da secretaria, mas ele não era um projeto, ele era uma ação, e quando eu entrei, eu entrei com essa perspectiva de que tem que envolver a juventude, tem que envolver a juventude e tem que reconhecer que os atores sociais diferentes são cultura. Cultura não é só o artista. A mãe que canta, que faz a hora do funk no chuveiro pra menina tomar banho na escola, é cultura, ela é um agente cultural, ela precisa ser reconhecida. Esse jovem não pode ser só um receptor, então a gente começou a pensar em projetos pra poder incorporar isso, e NI tinha um problema que os territórios da periferia de NI, que foi onde eu joguei a principal ação, - uma parte da classe média de NI me faz críticas a minha gestão por eu ter ido muito mais pra periferia do que ter ficado naquela coisa das exposições, e eu acho que esse é o ponto alto.

A gente entendia que a gente tinha que gerar uma sensação de pertencimento à cidade, às vezes o cara de Tinguá não reconhecia que ele era de NI, ele dizia: "Vou ir á Nova Iguaçu", então a idéia de criar um projeto, um grande portal que passou a ser a ser o **CulturaNI**, com esses jovens que estavam ali, que na verdade começou dentro do **IguaCine**, a gente conseguiu que o Itaú Cultural bancasse a cobertura do IguaCine, pelos jovens, e daí a gente começou a transformar isso no CulturaNI, para que essa juventude construísse essa nova imagem da cidade, uma cidade como potência e não como carência, o jovem descobrir a potência dos camelôs, dos eventos de juventude, do Cine Clube.

Esse reconhecimento que a gente fez pela cena de juventude de NI com o Cine Clube, com ação dentro do território, com funkeiro que dava oficina, a gente foi reconhecendo esse jovem como um agente, e não esse jovem que não tem... que não faz nada, que só tem que receber, que vai lá ser civilizado, a gente já via a potência de juventude, e a gente fez um projeto que era o "**Minha Rua tem História**", onde esse jovem repórter, o que acontecia no Minha rua ... Tinha o Pró Jovem, e os jovens do Pró Jovem tinham que fazer uma ação cidadã, ação cidadã geralmente é o cara distribuir panfleto, invés disso a gente criou o Minha Rua Tem História, onde os meninos contavam memórias de suas ruas dentro do território de NI, essas memórias iam para um *blog*, e elas

viravam filme, quadrinho, e as professoras usavam, e a gente usava as *lan houses*. Foi engraçado que nessa época o ministério publico foi a atrás da gente dizendo que a gente não podia usar a *lan house* como parceiro de um projeto cultural. Uma idiotice. Porque a potência da *lan house* é essa.

O Jovem pesquisador também foi porque eu precisava mostrar que a cultura gerava impacto e precisava criar uma cultura de que a juventude também precisava entender aquela cidade. A cidade de NI, é uma cidade com muitas contradições, muito diversa. Ela não é uma coisa só, não é só a elite que vem fruto e que sobrou das fazenda de laranja, ela tem uma diversidade enorme de famílias, combinações; japoneses, paraibanos, maranhenses... É uma potência cosmopolita ali. Muita história de árvore, na minha rua tem história a gente descobriu uma macondo tupiniquim meio fantasmagórica, historia de arvore grávida então tinha um imaginário ali, a gente precisava criar uma cultura, as únicas pesquisas que era realizadas em Nova Iguaçu eram pesquisas políticas, então a idéia era criar uma cultura de interesse e entender a sua cidade, e de agir na sua cidade, então, era isso que a gente propunha para o jovem quando chegava ali dentro da secretaria, e a secretaria foi grafitada dentro da própria prefeitura porque a gente queria deixar muito claro pra quem tava acostumado a um outro tipo de relação com a secretaria de cultura que aquilo ali era um espaço de cultura.

Tinha gente que reclamava que tinha muito jovem e a gente achava que esse era o espaço da secretaria, então, esses projetos mais os pontinho de cultura onde a gente via algumas organizações nascerem que hoje são importantes - como o laboratório cultural, que faz coisas inclusive na cidade do Rio de Janeiro - a gente viu nascer ali naquele momento. Há o trabalho de leitura dentro da carceragem, é muita coisa foi feita em pouco tempo, foi uma passagem de pouco tempo, é então esses projetos ...

... dentro da escola, os grafiteiros eram parceiros que grafitavam os muros e eu queria muito deixar marcado que dentro de um palácio de prefeito pode ter a presença estética da cultura. A cultura não precisa ser tímida dentro de um governo. Às vezes, numa cidade de periferia, a cultura é sempre mais tímida ou só aparece nos monumentos mais institucionalizados, históricos. A gente queria deixar a marca da presença dessa juventude, dessa cultura de juventude ali dentro. E a Baixada tem uma potência de grafite, realmente era pra marcar um território. E muita gente não gostava dizendo que era uma heresia fazer isso dentro de um palácio da prefeitura.

V: Uma linguagem aristocrática...

F: É, né? Eu digo que, pelo contrário, é um espaço que se torna mais acolhedor... para juventude que a gente queria trabalhar. Mostrar que ali é um espaço disso. Mas eu acho, olhando hoje assim, que a gente foi muito bem recebido. Pela juventude que topou, pelos artistas que toparam. Os debates sempre foram muito francos... Eu sempre me coloquei a disposição de debates francos, tanto no conselho... Primeira coisa que eu fiz quando eu me tornei secretário foi chamar a classe pra discutir, fui pra uma reunião e dizer: ó, tamo entrando, vamos ficar tanto tempo, a nossa intenção é essa. Porque a conversa ali era meio difusa antes de a gente chegar e a gente foi tentando

estabelecer metas. Deixando claro que era um artista que tava de passagem por ali.

V: Como você enxerga Nova Iguaçu dentro desse processo de consolidação das políticas culturais e na Baixada? Porque você até falou, no caso de Nova Iguaçu, se tem uma elite, uma classe média que é resistente a essa ida pra periferia da cidade. Eu acho que isso de alguma maneira se repete nas outras cidades, da Baixada. Queria te perguntar como você vê Nova Iguaçu, se você vê avanços...

F: Eu vejo avanços, eu acho que Nova Iguaçu tem uma história muito bonita de resistência. Nova Iguaçu foi um pólo central de resistência na ditadura militar, resistência à escravidão. Tem muito quilombo em Nova Iguaçu, essa história não é contada. É uma resistência cultural nos anos 70, também ali presente. Movimento cineclubista, movimento de TV popular aconteceu ali. E eu acho que Nova Iguaçu tem essa potência, sempre teve. Nós não fizemos novidade nenhuma. Talvez a gente tenha dado uma estratégia e uma metodologia de gestão, de dizer: é por aqui, por aqui e por aqui.

Porque às vezes na disputa política se perdia essa estratégia. Eu vejo Nova Iguaçu como um farol importante pra Baixada, todo mundo sempre olha pra Nova Iguaçu... Você tem hip hop, movimento de hip hop Enraizados, você tem muitas organizações sociais presentes em Nova Iguaçu. Acho que tem uma desarticulação. Essa proximidade com o poder público, às vezes faz a coisa se confundir ali e faltar continuidade. Eu sinto que se tem uma fragilidade é a falta de continuidade. Eu sinto falta disso, de continuidade. É então, às vezes você tem coisas boas que acontecem dois anos, depois no outro ano acontece uma outra. Como que acaba com essa descontinuidade? Com a participação permanente da sociedade civil. A gente tentou dialogar com o Conselho, tudo. Mas eu acho que... eu vejo, eu sempre que olho pra Nova Iguaçu pra mim a maior cena de cineclubes hoje no Rio de Janeiro é em Nova Iguaçu e Caxias. São os melhores cineclubes no Rio de Janeiro hoje. Eu gosto de brincar em alguns debates aqui que a principal cena indie é na Baixada. Que são nesses cineclubes que tocam música, essas bandinhas... Mesma coisa, nos anos 80, a principal cena heavy metal não era na Zona Sul, não era no Caverna, era na Baixada Fluminense. Por uma mistura de hippies que estavam ali, só que a maneira que se representava a Baixada era uma maneira de violências, estigmatizada. Eu acho que isso ainda acontece. O problema, não é que não tenha ação, a ação acontece. Tem pouca visibilidade e continuidade. E às vezes a relação do poder público com o movimento social é muito misturada. Esse limite é um limite que a gente ainda não aprendeu.

V: Você falou do movimento da década de 70, de 80, a luta contra a ditadura, e também tinha movimento cultural ao lado disso...

F: Sim, os movimentos cineclubes, TV Maxambomba, Teatro Arcádia, muita coisa.

V: Mas eu te pergunto...

F: Os poetas...

V: ...por esse problema que você falou da relação entre o poder público e os movimentos. Vocês tiveram algum tipo de dificuldade, por exemplo, isso se apresentou em algum tipo de debate assim? Porque às vezes eu vejo há um ressentimento entre essa galera que participava do movimento da década de 1970, 1980 com... eu não sei nem se com a juventude que produz hoje, mas assim, com as políticas que apareceram nesses últimos 10 anos na cidade. Você acha que houve algum tipo de fratura ou algum tipo de conflito?

F: Não, eu acho que concretamente a gente estabeleceu que todo mundo é cultura. E que a cultura não é um direito pré-adquirido. Que não adianta chegar e dizer: eu sou artista aqui há 200 anos e tenho direito, tenho um pedaço desse latifúndio. Isso aí é meu por direito, é dinheiro público. Acho que realmente há uma disputa de entendimento. Mas todo mundo participou dos editais, todo mundo entrou, mas na disputa de entendimento eu acho que tem sim, claro que tem, em todo canto cultural tem disputa. E a gente fez uma opção clara por ir atrás de distribuir o direito cultural. É a mesma coisa assim, eu que estou nessa luta há muito tempo, começar a dizer que eu tenho o direito de tudo, compreende? Ah não, naturalmente se vai acontecer alguma coisa na área social e cultural tem que me chamar, porque senão, se não me chamar não existe. E aí eu fico olhando só pro meu umbigo e achando que eu sou o centro do mundo. E a gente tem que se policiar como artista com isso.

O que eu faço, aos 40 anos? Eu tento inventar projetos já pra botar a molecada, ao invés de ficar ressentido, brigando, não, vamos inventar coisa pras pessoas fazerem seus projetos! O papel do artista é esse, é o entendimento do que é o artista. É uma disputa de concepção da cultura. A cultura não é um campo dado, parado, que você chegou na cultura e estabeleceu o que é cultura. A cultura é uma invenção, a cultura é o que você fala, se eu falar que o meu modo de estar no computador é cultura, passa a ser cultura. Porque eu passei a estabelecer uma relação expressiva sobre isso aqui. Então é uma disputa, a gente realmente fez uma opção de ir pros territórios, de reconhecer grupos culturais que não eram reconhecidos, reconhecer agentes como agentes culturais, o funkeiro, o menino, a mãe, a rezadeira, jovem... E, eu não me sinto atacado por isso, não, porque ali tinha ressentimentos com a prefeitura, com as relações, não era comigo, entendeu? Que talvez tenha acabado com o modo do cara chegar com um projeto na mão e ganhar seu apoio, e a gente estabeleceu o edital.

V: E necessariamente vai ter problemas, não é?

F: Vai ter disputa, que é do campo democrático ter disputa de ideias, né? Disputa de concepção. Agora a gente sempre dialogou sobre isso, com isso eu fico muito tranquilo.

Vinicius: Você já falou um pouco sobre isso, qual que você considera que foi o papel da juventude na tua gestão?

F: Eu acho que o papel da juventude na minha gestão foi decisivo. Eu acho que eles fizeram a gestão, não a gente. A gente organizou, eles agiram, eles transformaram aquilo num negócio potente. E a prova disso é que muitos que passaram por ali estão em vários lugares. Eu vejo, de vez em quando, um bando em um bando de lugar. E o projeto do Lindberg era um projeto de juventude, levar a faculdade pra Nova Iguaçu, a clareza de que o jovem, filho do trabalhador tinha que ter acesso aos bens imateriais como cultura pra você poder ter um lugar na sociedade, não é? Então eu acho que foi, foi decisivo o lugar da juventude, foi... A gente tinha muito poucos recursos materiais, no meio da gestão do Lindberg a gente teve corte. Na verdade, a gente chegou e já tinha um monte de coisas armadas e a gente teve que mudar em torno disso.

V: **Você falou dessa coisa do pertencimento, do empoderamento. Vocês tiveram, trabalharam isso de alguma maneira específica? Toda vez que eu leio aquele *blog*, Cultura NI, eu vejo que são meninos que são moradores da Baixada, são moradores de Nova Iguaçu, tem prazer de falar sobre aquilo, sobre o seu lugar... Mas ao mesmo tempo é uma juventude que está conectada também a outros fluxos...**

F: Que ali começou a se conectar, não era tão conectada. Mesmo de classe média de Nova Iguaçu, que ali no Cultura NI tinha jovem de classe média de Nova Iguaçu, tinha jovem de origem popular de Nova Iguaçu e ali as conexões começaram. Ali eu acho que foi o irradiador, um ou outro já podia ter outra vontade pequena. Ali a gente deu, é como se a gente tivesse esquentado, a gente discutia muito a questão da potência, ver o lado potente ao invés de entrevistar o camelô como um cara da desordem, ver a invenção que ele fez o modo de vender, o modo de falar. É, descobrir a cidade pelos modos inventados da sua cultura. Reconhecer isso. Isso era muito discutido na pesquisa, no monitoramento, nas reuniões de formação. Eu fazia reunião, Júlio, fazia reunião, e eu colocava às vezes algumas matérias: ó vamos fazer matéria sobre a coisa da rua, do cineclubes, a gente criava e eles inventavam coisas. Depois virou mapa, que eles colocavam as memórias. A ideia era justamente disputar essa memória da cidade, que tenta esconder a memória do povo trabalhador e dizer que Nova Iguaçu é uma cidade de laranjais. Historicamente, ela era uma cidade de experimentação. Quando você exclui uma coisa da história você acaba tirando... Nova Iguaçu é uma cidade de lutas, de movimentos sociais. E nós apoiamos muitos movimentos sociais ali. Escola de samba, a política cultural do Lindberg apoiou o carnaval, ciganos, a gente apoiou dentro da nossa secretaria.

Quer dizer, a gente tirou da ótica só do artista especial: “Eu sou artista nessa cidade há 25 anos e tu vai ter que me dar algum, está aqui o meu projeto que eu acho que eu tenho que fazer”. Eu como gestor eu tenho que pensar no bem, de como a parada vai radicalizar. Então, eu acho que essa disputa teve. Acho que ali também tiveram, que eu vejo hoje a distância, é que o Lindberg foi tentando, né? Não sei se você sabe, começou com um grupo de quatro secretários, a gestão do Lindberg. Lara, Lino, tinham quatro pessoas parece. Aí depois a gente veio. Quer dizer, foi tentando achar uma maneira ali, né? De como fazer isso. Acho que teve muita disputa porque também tinha muita expectativa em torno do governo do Lindberg ser um momento.

V: Você falou uma coisa que eu achei muito interessante, que eu noto também, que é essa disputa da imagem da cidade, da imagem dos laranjais e da imagem da luta popular.

F: Isso, eu fiz um documentário, até antes de entrar pra secretaria... Esse aqui ô, eu fiz antes de virar secretário. Que eu fiz, eu fui atrás de imagens de arquivo e peguei os dois historiadores, o Lacerda e o Nei Alberto pra gente discutir o que é cidade, aí eu achei uns vídeos, tem imagens aí do Getúlio inaugurando casa em Nova Iguaçu, e a gente distribuiu isso para as professoras da rede pública. O que é bacana? A secretaria também, cara, a gente na época trabalhou com muito universitário. A gente criou lá o programa Bairro-Escola e os universitários, a gente formava eles pra eles fazerem ação cultural dentro das escolas. Então a cultura não virou só o extraordinário do final de semana, a cultura começou a estar presente ali. Claro que tinha problemas, era a primeira vez que uma secretaria em Nova Iguaçu tava fazendo isso, o próprio Bairro-Escola era experimental, mas a gente começou a levar movimentos. Enfim, sei lá, você tava falando de...

V: Então, tava falando dessa luta e das imagens.

F: Aqui a gente fala muito disso, de como tem a imagem do povo trabalhador, né? Nova Iguaçu é uma cidade de negros, que são invisíveis na sua representação da cidade, invisíveis. Nova Iguaçu é uma cidade de quilombos, importante. E isso não aparece porque essa cultura de uma elite. A elite de Nova Iguaçu dos laranjais mandava seus filhos pra Europa. Eu não sei se você percebe, o centro de Nova Iguaçu é a única cidade da Baixada Fluminense que tem outdoor da Fórum, que é um tipo de calça bem característica de uma elite que procura distinção no modo de vestir. Caxias não tem comercial da Fórum, quer dizer, é uma elite que ta acostumada com as negociações com as coisas do mundo há muito tempo, e que segurava muito e a entrada do Lindberg embaralhou isso. Embaralhou isso porque trouxe pra cena um outro tipo de cara.

Muita gente dizia, muita gente da elite ficou surpresa com a reeleição do Lindberg com 67% dos votos, porque dizia que o Lindberg não fazia nada, claro, a elite que não sai do centro da cidade. Agora, você andava pela cidade você via ruas asfaltadas e isso e aquilo. E foi engraçado porque o Lindberg, no primeiro dia de governo já tinha passeata contra ele. Quer dizer, uma elite esperta, já bota alguém pra poder fazer oposição, esse cara vai passar.

V: E tinha aquela coisa do forasteiro...

F: Sim, sim, sim. E que foi aplicada a mim, essa estratégia do forasteiro. Enfim, eu não me sinto forasteiro não. Pra mim aquilo ali é muito parecido com aquele subúrbio, Caxias. Fiquei com muita vontade, com muita vontade assim, montamos uma equipe, a gente fez o que tava colocado ali pra gente, né? O poder público nunca é exatamente ideal, porque ele é um campo de invenção e de disputa. Mas tentamos fazer essas coisas ligadas a educação, cultura, território, novas representações, aproximar essa juventude de um fluxo de oportunidades da cultura contemporânea, levamos os meninos para o Itaú

Cultural, fizemos conexões em São Paulo, isso e aquilo, pra trazer conexões e esse discurso do nós, aqui, tem que ter fluxo. A favela não pode ser o outro do mundo, uma cidade não pode ser o outro do mundo. É, né. Todo mundo é cultura. Que mais?

V: A gente falou aqui bem, assim, dessa pressão que essa... até uma pressão...

F: A tua tese é focada nisso? Nas oposições à prefeitura...

V: Não, é que é uma coisa que você falou e me incomoda... Essa visão dessa classe média, da elite, sabe, assim, que não respeita...

F: A democracia.

V: A democracia ou, sei lá, o espaço popular de Nova Iguaçu, essa coisa de ficar encastelada no centro. Isso é uma coisa que sempre me incomodou, então você está falando aí e eu to até te perguntando em cima. Você nota que houve uma participação da sociedade civil nas políticas da cultura a partir do Lindberg, você acha que isso aumentou?

Faustini: Não sei se aumentou, eu acho que já existia a qualidade do ator social da cultura de Nova Iguaçu, é interessante, não existe só esse... o que você tinha? Você tinha artistas que se consideravam os donos da cidade e você tinha os artistas políticos. E esses caras ficavam brigando por espaço. O que a gente fez? Vamos trazer uma galera agora, de verdade, pra acabar com essa briga aqui, com essa centralidade. Trazer um bando de jovem pra empoderar. Trazer um bando de novos grupos, pra empoderar. A cidade sempre foi muito politizada, essa disputa sempre existiu. Talvez o que a gente tenha dado é um gás maior pra ter visibilidade com a juventude e embaralhado esse jogo, entendeu? Deixando um pouco tímida essa galera. Podia falar mal, mas não podia destruir uma gestão que incluiu uma porrada de gente. Eu lembro que: ah, pô, não reconhece a cidade. Mas pô, o cara tá incluindo o jovem, não, isso e aquilo.

É, eu acho que a participação continua até hoje, o problema é a continuidade, volto a dizer. É o gestor principal, porque o secretário não é o gestor principal. O secretário executa coisas do gestor principal da cidade, que é o prefeito, né? O cargo é do prefeito. Então se o gestor principal não tiver norte... Nova Iguaçu fez conferência de cultura, a gente debateu dentro dos bairros. Claro que não foi um mar de rosas, deixamos muita coisa por fazer. Mas dentro do que a gente tinha ali, no tempo-espaço dos instrumentos colocados, acho que a gente deu uma pequena contribuição. Além de tudo, Nova Iguaçu entrou no debate da cena do estado, né? A Baixada, dentro da conferência de cultura estadual teve uma importante presença. Acho que você devia conversar com o Jorge Cardoso, que é um cara que está ali há muitos anos, que tem uma visão.

V: Você falou um pouco disso anteriormente, e, está dentro daquela coisa da disputa de grupos antigos e mais novos. E hoje, está consolidada, no campo da cultura, a política dos editais. E aí assim, tem uma parte das

peças que vê o edital como um instrumento da democracia radicalizada e tem...

F: Isso, uma tentativa de criar um instrumento mais claro, acabar com o balcão. O edital não é perfeito. O edital não é uma política pública perfeita, mas ele é minimamente um instrumento que pode ser questionado. Quando você tem as negociações só no balcão, você não tem onde questionar. A partir do momento que tem um edital você força o Estado a ter critério, alguém vai ler, você força a ter comissão. Por isso que tem reclamação, porque passa a ter um instrumento. O que é a democracia? São instrumentos de controle, instrumentos de visibilidade pra qualquer um poder questionar, debater, aperfeiçoar. A superação da coisa de chegar perto do secretário e dizer: apóia meu projeto aqui? Que aí só vai chegar perto do secretário quem? Quem tem poder, quem está próximo do poder. Com o edital a possibilidade de você ter mais gente que não é ligado e que não é próximo a estruturas de poder podendo ser beneficiada é maior.

O edital é um avanço e não um fim. Não é um fim, ele não constitui uma política pública, só ele. Mas ele é um avanço a política de balcão, que na política de balcão o cara: tô aqui há vinte anos! Aí o cara conhece o ex-prefeito, ou isso e aquilo e ele vai ter mais possibilidade de pressionar. Aí chega uma senhora, faz um trabalho lá no final da cidade, como é que ela vai chegar perto do prefeito, secretário, disso e daquilo. Com o edital ela pode pelo menos... Porque com o edital obriga você a ter parte da comissão de fora do governo. Então você dá a possibilidade, o Rancière vai dizer que a democracia é a possibilidade de qualquer poder fazer a diferença. Eu acredito nisso. Você criar instrumentos para que qualquer um faça a diferença. Se só aqueles que tiverem perto do poder fizerem a diferença não é democracia. Então é importante entender o edital como um avanço, e não é o fim de uma política pública. Uma política pública é comissão, é programa de desenvolvimento, é uma série de coisas. É, entendeu?

V: Mas aí, te pergunto, você notou que havia uma resistência dessa galera do balcão?

F: Não acho que não, não houve uma resistência, não. Acho que houve ruído. Houve ruído, resistência acho que não. Houve ruído e não entendimento. E acho que qualquer um que tivesse ali fazendo qualquer coisa as pessoas seriam contra, porque não era alguém que elas tivessem próximas. Se eu estou acostumado com uma cultura de proximidade aí mudou... Vi disputa. Disputa por ideia de cultura. Resistência não teve não, acho que teve diferenças. Eu colocaria assim, que faz parte da democracia, alguém propor uma coisa e eu dizer: acho que tem que ser pelo outro lado. Qual o papel do gestor? Ouvir, aperfeiçoar, agora, na época que a gente passou lá, a gente sentou com todo mundo várias vezes. Às vezes só pra ouvir.

V: Mas assim, resistência, que eu digo assim em relação a... não sei se eu me expressei bem... Mas, por exemplo, se reclama muito que aquilo é difícil termos de leitura.

Faustini: Ah edital, edital é difícil. O que a gente fez? Edital é difícil, porque? Porque a gente não tem proximidade dos instrumentos do Estado. É assim que o Estado deixa de fora os pobres, o empresário sabe lidar com os instrumentos do Estado, porque ele já lidava há muito tempo. As camadas mais populares não tem intimidade com a política pública. O que a gente fez, que eu acho que foi o marco da gestão realmente: Caravana. A gente foi em 67 pontinhos de cultura, que resistência foi essa?

Felipe: Como assim Caravana?

F: Caravana. Bairro a bairro, pra ensinar a escrever no edital. Sentar, escrever. Tivemos 67 pontos de cultura aprovados. 40 novas organizações, que resistência foi essa? Então, pegamos no colo. É difícil o processo de inventar esse novo lugar de intimidade. Agora, na minha passagem pela secretaria de cultura no edital do funk não adiantava, lancei o edital do funk, mas não adiantava lançar só o edital. Tinha que fazer caravana bairro a bairro pras pessoas aprenderem. Fizemos um edital de perguntas, lá em Nova Iguaçu.

Porque o Estado, cara, ele é feito pra dizer não. Então você tem que ir entendendo e pô: vamos dar um jeito disso aqui falar assim. Não basta só lançar um edital, por isso que o edital não é o fim. Porque tu lança um edital, bota na internet, só vai se aproximar quem tem internet. Quem não tem não vai ficar nem sabendo, então você tem que buscar outras formas. Quem não se inscreve... Podia se inscrever pessoa física, depois disso arrumava uma organização. A gente tentou criar várias estratégias, e deu um resultado expressivo de novas organizações na cidade. Então, é difícil mesmo fazer edital, mas ainda é o melhor instrumento. Se não for edital vai ser o que? Me diga um instrumento, pra que tenha.

É que as pessoas às vezes na cultura durante muito tempo nos anos 80, que aí ta ligado a uma ideia do que que é o artista, o artista foi vendido com um ser especial. Um ser do outro mundo que a gente precisa cuidar. O artista é um cara, mais um dos seres que existem aqui nessa parada, né? O artista também tem que responder as questões públicas. O Estado ta ali e é dinheiro público, a gente tem que discutir pra onde vai e isso e aquilo. E durante muito tempo a gente foi acostumado a achar que o dinheiro tinha que ir pra grande arte, pra grande cultura. É uma maneira, é um discurso, é um mantra que foi difundido. E aí não se considera o que é produzido dentro da periferia cultura. Mas isso é uma invenção que a gente pode inventar uma outra coisa. E acho que no Brasil nós estamos no meio do caminho. Eu acho que é importante salientar que a minha passagem por Nova Iguaçu não é uma coisa do outro mundo, faz parte de um movimento que o Brasil tava vivendo no campo da cultura. Que o Ministério tava vivendo, né? E que isso tudo influenciou essa coisa de Nova Iguaçu viver isso também. É uma mudança no paradigma da ideia de cultura no país em disputa nesse momento. E que agora pra mim, na minha avaliação, teve um retrocesso e ...

V: Você diz em termos de Ministério...

F: Exatamente. Por isso que a gente foi pra secretaria e lá: vamos fazer o edital do funk e da *lan house* no Rio de Janeiro pra mostrar qual é o nosso campo.

Felipe: Uma pergunta Faustini, uma coisa que eu quero ouvir o que você tem a dizer. Uma coisa que eu observo, que talvez possa ser um ponto que eu qualifico como delicado, talvez perigoso da questão é... Eu moro em favela então é um lugar com o qual mais me identifico, porém a minha principal área de atuação é o centro da cidade, ou seja, não é periferia propriamente dita como um local isolado, mas se apropriando dessas periferias que circulam e utilizam-se do centro da cidade. Uma coisa que eu tenho impressão e que eu observo nos centros culturais, que, acaba que essa valorização da periferia que eu acho, que eu tô em pleno acordo obviamente, ela cria um preconceito com aquilo que é de fora. No sentido, em especial a Zona Sul, mas também com outros locais.

F: Sim, a gente tem que defender encontros mas o encontro não pode ser jesuítico. O encontro já foi jesuítico, a Zona Sul chega lá pra dizer como é a cultura. O encontro tem que ser troca. Porque ali na periferia tem cultura. Não tem a cultura do museu, da sala de espetáculo, mas tem outra coisa que é cultura e que tem que ser reconhecida como cultura, a partir do momento que você tiver reconhecido o que você faz como cultura, você tá em pé de igualdade pra dialogar quem tem acesso a máquinas expressivas. Você tá entendendo? Bate bola. Não tinha política pública para bate bola. Você vai dizer que aquilo é só manifestação espontânea? Aquilo é cultura, então tem que dar apoio para aquilo. E eu acho que a gente deve defender os fluxos e a cidade como o lugar do encontro, só que o encontro não pode ser jesuítico. E periferia hoje é um movimento cultural. **Periferia hoje não é a favela, é um posicionamento diante da cidade.**

Eu acho que o que junta todos esses grupos do Brasil, que são gerados como cultura de periferia, é que esse artista de periferia, esse agitador cultural de periferia, ele não está só preocupado em fazer a sua obra. O artista desse campo da cultura no Brasil anterior era um artista especial que fazia obra pra gente ir assistir e ele revelar o mundo dele pra gente. Ou na sala de espetáculo ou num disco, né? Esse artista de periferia é um cara que está se apresentando de noite e no outro dia ele tá no ativismo cultural. A oficina que ele dá, a ação que ele faz é tão importante quanto o momento dele de se apresentar na banda, ou num sarau ou fazendo filme. É uma mistura que eu chamo de linguagem vida. Por quê? Porque não tinha palco, então tudo começou assim: ah vou me apresentar aqui mesmo. E isso gerou um artista que pensa em interferir no território, que pensa em interferir na vida, que faz uma poesia dentro do banheiro da escola, que faz um... Isso liga todos esses movimentos culturais de periferia hoje. Essa vontade de usar a cultura como uma metodologia pra intervir na vida. Minha rua tem história, inventar um ambiente onde as pessoas contem histórias.

V: O próprio Enraizados...

F: O Enraizados é um grande exemplo disso. Sim, sim. Grande exemplo, perfeito exemplo. E que não é enraizado, né? Pelo contrário, enraizado é

conectado. É... cultura é caminho, cultura são as decisões que você vai tomando e falando quem é você. É que tu inventa. Eu prefiro a ideia de invenção do que criatividade. De criativo o mundo tá cheio, você precisa inventar coisas novas, campos novos pra remisturar, pra reoperar. E às vezes os grupos têm que assumir discursos radicais pra poder conquistar um espaço político, entende o que eu tô dizendo? O que eu defendo é fluxos de sujeitos na cidade. A cidade tem que ter circulação, a favela não pode ser o outro do mundo. Aqui é a cidade, ali é a favela. Favela é a cidade também, ela é a cidade. Tem que ter fluxo. Vamos lá!

V: Você do fato da tua experiência em Nova Iguaçu não ser uma coisa isolada e que está conectada também às políticas de ministério, a um momento de cultura. Eu te pergunto assim, qual era a influência, por exemplo, do Lindberg ser alguém próximo do Lula, ou do PT...

F: Em que?

V: Nessa refratagem das políticas.

F: Ué, total. Não ser amigo do Lula, mas ser um político de expressão popular. Lindberg é um dos maiores políticos desse estado, né? Popular. Que nem o Brizola, o cara que anda na rua e as pessoas param. Então... ele que montou o plano estratégico da cidade, ele que foi atrás de captar dinheiro pra todas aquelas obras todas que aconteceram. O problema ali é que eu acho que se pretendeu fazer muita coisa e não tinha tanto dinheiro. A máquina é muito presa e teve muita oposição. Um pouquinho que se fazia se criava uma coisa pra não acontecer. E mesmo assim o Lindberg conseguiu ser reeleito com 67% dos votos e no campo do asfalto, asfaltou mais de 40% da cidade, 20 % da cidade parece que era asfaltado, 20 e pouco. Aumentou isso pra 60%. Então ele montou o plano, ele sentou com o Juca e conversou antes de eu estar lá. E é uma figura que compreendia o papel da cultura na transformação da sociedade. Senão não teria optado por isso. Veja bem, eu não venho de partido, eu não tinha nada a oferecer ao Lindberg, a não ser o meu trabalho, minha paixão, minha equipe, que talvez eu monte bem equipes. Então é culpa dele, que disse: esse cara aí que tá fazendo a Escola de Cinema, eu quero ele aqui porque ele vai... é isso aí! Fui conversar com ele.

V: Eu te pergunto, a gestão dele tem mais a ver, por exemplo, com o trabalho do que com, por exemplo, recursos do governo federal ou...

Faustini: Como assim? É uma mistura das duas coisas. Mas não é porque o Lula botou dinheiro lá, que ele não teve que ir atrás. Lindberg quando entrou, ele montou uma boa equipe e num escritório, com Sérgio Magalhães, com arquitetos. Nova Iguaçu foi uma das primeiras cidades a entregar o projeto do PAC. Para conseguir dinheiro do PAC era difícil. Tanto é que poucos municípios do Brasil conseguiram. E ele montou, ele trabalhou pra cacete dia e noite. O cara é um obcecado, entendeu?

V: Então de alguma forma teve uma busca também por isso.

F: Teve, concreto, não tenha dúvidas disso. Não é assim tão... Darth Vader e Lula estavam lá e dando dinheiro pro Lindberg ali, não é assim. Tem processos.

V: Então você acha que, por exemplo, Nova Iguaçu se diferenciou nesse sentido?

F: Acho que sim. Porque a cidade cresceu.

V: E no campo da cultura, por exemplo, tinha uma equipe dessa ou foi formada...

F: Eu levei uma equipe, eu levei Cezar Migliorin, né? O próprio Ecio Salles, fui levando e ao mesmo tempo compondo com gente que já tava na cidade. E botando jovens, misturando. A Marcela... Tive essas pessoas, botei antropólogo. Quer dizer, eu tentei fazer que na secretaria também não tivesse só produtor cultural, que tivesse uma equipe mista pra pensar aquela questão.

V: O que você enxerga de mais relevante, na cultura, na produção cultural de Nova Iguaçu, o que você acha que foi mais modificado. Se tiver uma coisa que você pode apontar...

F: Como assim?

V: Algum grupo que tenha se desenvolvido ou grupo de outros jovens, de outros lugares...

F: Acho que o cineclube. Os cineclubes ali da Baixada, de um modo geral, acho que a cena do cineclube da Baixada é muito potente, cena de hip hop também é muito potente. Os movimentos comunitários também. Acho isso.

V: A última pergunta, o que você acha, que você e sua equipe deixaram lá como "legado" pra cidade e o que você acha que ficou faltando fazer ou era a tua intenção fazer e enfim, não rolou...

F: Faltou estabelecer um sistema de cultura ali, né? Com a territorialização do orçamento, deixar isso mais estruturado, faltou isso. Que a gente iniciou fazendo as conferências bairro a bairro, né? A gente precisava de mais tempo, foi muito pouco tempo. Então faltou isso. O que a gente deixou? Não sei, não sei o que a gente deixou. Você talvez que possa responder a essa questão, aí com as perguntas que você tá fazendo com as pessoas e tentando entender.... Não sei o que a gente deixou...

V: Não sei se você pegou essa época ou se já tinha deixado de ser secretário, mas aquela coisa dos pontinhos de cultura...

F: Foi pra descontinuidade.

V: É, teve uma previsão de continuidade, né? Mas não rolou...

F: É, não rolou porque a prefeitura não quer que role. Porque ela segurou. Aí é uma decisão do gestor, entendeu? O problema é que enquanto a gente tiver dependendo do gestor é... isso é foda. Tem que ser mais estruturado, só que isso leva tempo, isso leva tempo. Não sei, que que você acha que a gente deixou lá?

V: O que eu acho?

F: É, você acha que a gente deixou alguma coisa?

V: Cara, eu não sei. Não parei ainda pra refletir isso não, estou no caminho. Mas eu acho que o principal problema é o que você falou anteriormente da continuidade.

F: É, isso é da secretaria com a prefeitura dizendo que ia dar continuidade.

V: Eu acho que isso é, primeiro que eu acho que, é um fato novo que você me falou agora que, por exemplo, ele te chamou, você não era de partido. Eu acho que o cargo de secretário volta a ser alvo de uma disputa político-partidária, por exemplo.... entendeu?

F: Mas isso também a sociedade civil tem que comprar essa briga, né?

V: Mas, eu não vi boa parte de como eram antes as conferências municipais de cultura eram por uma questão de que eu tava fazendo o curso, então indo pro fundão e centro. E assim, fui ver as últimas...

F: Só gente de partido.

V: Sim, também de partido, mas assim, a galera querendo: ó, a gente vai ter o plano de cultura? Legal! Mas e o meu projeto como fica, sabe? Isso eu acho preocupante, entende?

F: Aí de novo essa cultura. Olha cara, a gente fez o que pode, né? E eu me orgulho dessa passagem por Nova Iguaçu. Principalmente por essa relação com o jovem de ir pros bairros, trabalhar com os grupos, fazer edital, a gente dialogar. Agora, o problema central é a descontinuidade. Enquanto for uma política de governo e não de estado vai ter descontinuidade de governo. A Sheila e o Lindberg são pessoas completamente diferentes. Ela tem outras prioridades. A questão é conseguir estruturar uma política que com um sistema de cultura, mas nenhum ministério conseguiu fazer ainda isso. É uma luta da cultura. É uma luta. Se você for pensar também, está começando agora essa coisa da cultura no país. É muito recente, até o ministério teve uma descontinuidade. Até o ministério teve uma descontinuidade.

V: E assim, eu não sei, essa coisa de política de estado é fundamental que em algum momento a cultura vê isso, porque assim, eu não sou um cara de direita não, mas, tenho os meus problemas com o PT, por exemplo, entendeu? Acho que tem algumas coisas que eu não concordo, mas, por

exemplo, se a Dilma sair hoje do governo é um problema para as políticas de cultura, eu acho, por exemplo, se ela não vir...

F: Ela estar lá é um problema já. As políticas paralisaram, a Dilma tem uma outra visão desenvolvimentista, que é uma visão de levar a cultura para os pobres e não ver uma cultura que eles podem produzir também. É uma disputa, é uma disputa, gente. O país é uma disputa.

V: Mas aí, por exemplo, se ela sai hoje a gente vai ficar chorando essa pitanga, entende? Tipo que a gente não vai ter política de cultura mais

F: A saída é sociedade civil se organizar. Talvez esse seja um elemento ainda para se amadurecer não só Nova Iguaçu, como, acho que de um modo geral. Criar instrumentos da sociedade civil de pressão, de pressão legítima, não é só pressionar para ter o seu projeto e depois abandonar. Eu continuo fazendo exatamente o que eu fiz em Nova Iguaçu. Acreditando na cultura como um elemento de radicalização da democracia. Tenho imenso orgulho dessa trajetória, porque acredito. Eu não pretendo ser político, nada disso. Quer dizer, sou político, fazer arte é uma maneira de fazer política. E eu acho que é assim mesmo, cara. Cada gestão vai deixando um pouquinho. O próprio edital do funk, pode ser que tenha uma descontinuidade, e aí? É hora da sociedade reclamar, você entendeu? Os pontinhos de cultura não se organizaram pra ir lá pressionar a prefeita.

V: Mas assim, isso também depende de uma articulação política que você não acha que fica difícil fora de um partido, não?

F: Eu acho que a gente deve inventar essa cultura de não necessariamente a participação política ser só através de partido. É preciso que os partidos trabalhem com as ONGs, trabalhem com as organizações sociais não só como instrumento de execução de projetos. Hoje, o estado trabalha com as ONGs como executora de projetos. É preciso escutar as ONGs na formulação de políticas. Na formulação de políticas. Na formulação de pensamento. É preciso criar maneiras também de o ator social, que não é organizado também possa participar de formulação de política. Mas é uma grande disputa.

V: Eu não sou defensor de partido, não. Mas, por exemplo, num lugar, a cena... vamos dizer, cultural de Nova Iguaçu, você acha que o nível de articulação permitiria uma cobrança direta à prefeita?

F: Eu acho que se toda cultura se organizasse sim. Não fizeram isso com o Lindberg? Lindberg é um gestor mais sensível, escutava. Política de cultura do Lindberg, isso é importante ressaltar, ela não se restringiu à secretaria de cultura. Ele apoiava o carnaval, ele apoiava na educação ações, ele tinha um conjunto de coisas assim. Agora, com a Sheila Gama voltou a ser uma política de evento cívico. A árvore de natal reciclado. Eu li em algum lugar que tem 8 milhões pra cultura. Agora, tem que ver se esses 8 milhões não são salários. Se é investimento e não custeio. Se for custeio não adianta.

Vinicius: Não, isso é uma questão, que eu também fiquei me perguntando quando participei da conferência. Achei o plano de cultura muito pouco discutido, entende? E *an passant*, sabe? No *Power Point*, rápido, e eu acho que o grande problema é tentar pensar aquilo em termos da construção de uma gestão realmente democrática.

F: A gestão do democrático é uma gestão do conflito. Conflito sempre vai ter. Mas não dá pra não achar que não vai ter conflito, a questão é como media o conflito... Conflito sempre vai ter.

Vinicius: Isso que eu estou querendo dizer. Eu acho que precisa um - eu odeio falar isso porque parece o sociólogo que está fora da questão - mas, falta também qualificar a galera, entendeu? Eu acho que o sistema...

F: Falta. Mas também a galera tem que querer se qualificar, né? Entendeu? Porque se o papel do estado também for ensinar a galera como ser sociedade civil aí é realismo socialista. Aí pode virar totalitarismo, que é o estado dizendo inclusive como você deve ser sociedade civil, você está me entendendo? Isso foi o realismo socialista. O estado dizendo como...

V: É mas isso acaba tendo reflexos. Eu acho que, por exemplo, o plano nacional de cultura, o sistema nacional de cultura são super lindos, na prática e no papel. Acho super lindo, mas em termos de gestão democrática, eu não sei como isso se dá.

F: Isso está sendo descoberto. Aí entra uma parte importante, isso tudo ainda está sendo descoberto no Brasil inteiro. Nesse sentido, eu acho que Nova Iguaçu está privilegiada porque tem uma sociedade civil que discute. As pessoas discutem, conversam. Isso é importante, cara. Sempre tão preocupadas. Mesmo aqueles que se opuseram ao que a gente ensaiou fazer lá, né? Eu acho que tava no direito disso. A democracia é o espaço do conflito. Sabe o que que é democracia? Democracia é o lugar onde eu quero te matar mas eu não te mato. Se não tivesse democracia eu te mataria. Se tivesse totalitarismo ou tivesse completamente sem estado eu ficava puto com você por alguma razão... Na democracia eu to puto contigo, vou te processar, vou te chamar pra uma conferência, vou te chamar, entende? Vou debater, vou pra mídia ou vou criar uma tese pra poder influenciar. Vou pra educação, vou me organizar, vou formar uma associação. Democracia é esse lugar. A questão é como os conflitos podem... a questão é como a gente trabalha na diferença, nós sempre vamos ser diferentes. E é bom que tenha diferença. Como garantir que tenha o direito a diferença. Pode ser que tenha um que pense a cultura como uma exaltação da sua história, o outro não, para transformar. Então como é que você junta isso tudo pra conviver? Esse é um aprendizado que o país ta vivendo. Ta longe ainda, mas eu acho que nós vamos ter aos poucos as experiências, as gerações. É muito novo. Secretaria de cultura é uma coisa muito nova, né? E esse é um grande avanço.

V: E também descolado do que tradicionalmente é uma Secretaria de Cultura

F: Que foi da sociedade civil. Exatamente. Quando chegava evento lá a gente mandava pra secretaria de governo. Dizia: não, evento eu não faço. Faço cultura.

V: **Mas o que eu sinto na discussão assim, quando a minha percepção lá nas conferências foi, por exemplo, que o cara do Minc, que foi lá com essa coisa dos planos e as pessoas “e o meu projeto como fica”, que te eu falei. É muito mais fácil para o cara do MinC ir encampando o debate, sabe assim?**

F: Sim claro! E não ir pro debate, não gerar conflito. Assim, aí entra a política.

V: **E aí, é por isso que assim, parece uma coisa que é chauvinista pra caramba, mas essa coisa da qualificação faz uma falta imensa, entendeu?**

F: Faz, mas a qualificação só vai vir com a convivência, cara. Não se iluda. Quando você vira um atuante da cultura com outros, leva tempo. E com a possibilidade, e aí eu acho que foi uma contribuição que a gente deixou. A possibilidade de qualquer um poder fazer a diferença. No momento que minimamente a gente botou novos atores no campo da cultura, que o moleque passa a dizer: eu quero entrar nesse conselho aí! E que antes era uma coisa só pra... entende? São pequenos avanços, não deu tempo de fazer tudo. Não deu tempo. O Lindberg saiu e mudou. Essa é a merda, muda o gestor, muda a política. Esse é o desafio.

V: **Você acha por exemplo que o plano de cultura da cidade é um caminho?**

F: Acho que é um caminho. Desde que ele seja, desde que seja criados instrumentos concretos que o prefeito respeite. Votado na Câmara. O fundo de cultura precisa ser votado na Câmara. Nova Iguaçu tem uma fundação cultural. Tem instrumentos ali.

V: **Essa coisa por exemplo, de dinheiro, essa coisa dos 8 milhões já... Mas por exemplo, “porque que a gente vai oferecer 8 milhões pra cultura?”. Existe esse tipo de questionamento.**

F: Tem, tem. Tem gente que não acredita. Porque talvez não veja a cultura como uma mobilizadora. A cultura também precisa disputar esse lugar. Tem gente que fica puta com a Agência. Vai dar 10 mil pro moleque da periferia fazer seu projeto. Ele não sabe lidar com 10 mil reais. É uma disputa, mas é o mesmo cara que aceita que o estado dê dinheiro pra construir navio. Porque que pra construir navio tem que ter naturalmente dinheiro do estado? E financiar a vida não, que pode trazer soluções para o território. É uma disputa, o estado é uma disputa. O estado não é algo monolítico, é algo que você vai disputar, que você vai inventar. É igual a cultura. Porque se diz que a tropicália foi o grande momento da cultura brasileira? Porque que o funk não tinha edital? Porque entrar e produzir um edital do funk, pra dizer que isso é cultura. Isso não é fenômeno social das classes marginalizadas, aqui tem estética. Enquanto é fenômeno só sociológico não ganha verba pra se desenvolver. Não

é considerado agente protagonista, entende? Então, cada um contribui, né, com as suas estratégias, fazendo uma tese, criando um projeto, montando um edital. Agora, não há dúvidas que é um grande avanço no Brasil. A gente tem uma quantidade de atores muito maior. Se há quinze anos atrás eram pequenos grupos, hoje você tem uma juventude chegando, você tem uma diversidade muito maior. Há quinze anos atrás era isso. E só a elite tinha acesso às máquinas expressivas da cultura. Só a elite fazia cinema. Um ou outro do samba era o personagem que conseguia, entende isso assim? Hoje você tem uma diversidade maior e isso é política de governo Lula. Isso é bolsa-família, isso é Pró Uni, isso é ponto de cultura, isso é política que inventa um outro lugar. Os caras aqui são agentes culturais. E ali eu me sentia como um cara de... bom, a minha é essa, porque afinal de contas eu sou massa de manobra. Fui massa de manobra do Brizola e depois passei a ser massa de manobra do Lula. O que o Lula mandava eu fazia. Fazia porque....porque é muito perverso você viver numa sociedade em que as pessoas não tem direitos iguais. Isso que pra mim é a questão central. Porque uns e não outros? Porque uns tem os seus direitos reconhecidos como artistas e outros não? O que me significa inventar coisas com a arte pra dar uma aumentada nisso, entendeu? Vai ter momentos mais bem sucedidos, menos sucedidos, mas a gente vai aprendendo. A gente vai aprendendo, melhorando, sofisticando. Acho que a Agência é a sofisticação máxima disso até agora. De inventar um lugar novo, de mobilidade, de invenção. Enfim, acho que você tem que conversar com mais gente também, você já conversou, né?

V: Eu conversei com o Júlio, com o Ecio...

F: Legal.

Felipe: Eu tenho uma pergunta Faustini.

F: Vamos lá! Pode ser a última?

Felipe: Você falou em duas ocasiões agora de ser artista e que a sua participação, você tem uma participação política no sentido de cargo político de legenda, mas de atuação política. A pergunta é: em que, se for pra se enquadrar, em que... que artista você?

F: Eu sou um cameloturgo.

Felipe: O que seria?

F: Um camelô que inventa uma dramaturgia do seu jeito de ser camelô. Eu sou um cameloturgo, sou de uma geração de jovens de periferia do Rio de Janeiro, que tiveram que inventar uma maneira... eu sou da época da intrusão social. Então a gente era meio intruso, não tinha política pública, Pró Uni, essas porra pra manter a gente na universidade. E a gente, eu, Júnior do AfroReggae, Celso Athayde, Júnior Perim... O que junta essa galera toda? Celso Athayde dormia debaixo do viaduto de Madureira, Júnior do AfroReggae vivia na Lapa ali fudido. Essa galera teve que inventar uma maneira de significar sua vida e transformar sua realidade. Queria ser artista, tinha dor artística estética, mas

não bastava só isso. Tinha que inventar alguma coisa pra interferir na realidade. E eu às vezes escolho escrever um livro, às vezes escolho... agora eu vou fazer um filme. Depende de cada obra. Eu não tenho essa preocupação, cada obra pra mim é uma linguagem.

ENTREVISTA 4

ENTREVISTADO: Camila de Oliveira Silva

LOCAL: Secretaria de Cultura e Turismo de Nova Iguaçu (SEMCTUR)/Espaço Sylvio Monteiro

DATA: 07/12/11

MOTIVAÇÃO / CLIMA: Camila Oliveira é assessora especial da SEMCTUR e coordenadora do projeto Jovem Pesquisador. A entrevista de Camila foi fundamental para entender o Jovem Pesquisador e Repórter, além do cotidiano e disputas no interior da Secretaria. Camila participou também dos dois projetos e tornou-se coordenadora do Jovem Pesquisador.

Camila: Então eu passei por algumas etapas secretaria e as políticas públicas para a juventude esse ano foram mais efetivas, porque mudou de gestão e a agora a gente tá na gestão do Anderson Ávila, ele entrou esse ano e a gente

tinha como secretário o Ecio Salles que saiu da secretaria e foi chamado para atuar na Secretaria de Estado e aí foi e ficou no lugar dele como interino a Sílvia Regina, que ficou durante um tempo e depois a prefeita designou o Anderson. Na gestão do Anderson já aconteceu a conferência juventude, que foi a segunda conferência municipal de juventude.

A primeira aconteceu eu não me lembro o ano, mas eu acho se eu não me engano foi em 1998/99 alguma coisa assim. E aí nessa agora, eu que organizei a conferência juventude e a gente reuniu cerca de 150 jovens pra discutir política pública e o que os jovens esperavam pro município de Nova Iguaçu, o que eles achavam que tinha de bom para valorizar e daqui saíram delegados para discutir essas políticas no governo do Estado na conferência Estadual de juventude, pra então Nacional.

É, algumas coisas que nós temos que funcionam aqui dentro, porque eu direciono com a juventude aqui, e o que nós temos aqui é, direção pra juventude são dois núcleos, que é o Jovem Repórter e a Escola de Pesquisa é que tudo virou Agência Cultural Juventude. E aí na, na agência existe o pessoal da comunicação que cobrem os eventos que acontecem pela casa de cultura e outros eventos na cidade, então assim todas as atividades culturais eles estão participando. A pouco tempo aconteceu no Rio a batalha do passinho que foi organizada pelo Rafael Soares, O Nike, né? e o grupo dele, que é o da comunicação estava cobrindo esse evento.

E a Escola de Pesquisa, ela tem outro projeto que é o mapeamento cultural da cidade de Nova Iguaçu. Que é ir aos pontos históricos de Nova Iguaçu, e não só os pontos históricos, mas os pontos mais badalados de Nova Iguaçu e fazer o mapeamento pra criar um catálogo mesmo sabe? Onde a pessoa possa acessar e aí saber o que tem em Nova Iguaçu: “Poxa, estou procurando hoje, um lugar que tenha cachoeira pra eu me divertir” e entra lá e tem um link já no blog que te direciona, diz onde é, o que você precisa, os contatos as fotos tudo. A gente está nesse processo de construção do mapa. E brevemente nos juntaremos com o novo coordenador de turismo porque a gente até então é uma secretária de cultura e turismo que até então efetivamente só trabalha com cultura e agora nós vamos começar esse trabalho com turismo e nós vamos estar nos associando a ele pra construir um catálogo, mais do que um catálogo é um legado mesmo de turismo na cidade de Nova Iguaçu, já que existem muitas coisas aqui, mas muitas pessoas não conhecem do próprio município, porque não são divulgadas, não são exploradas. E aí esses são os trabalhos dos jovens.

Foram lançadas algumas outras atividades, agora a casa de cultura, onde só funcionava o espaço onde haviam as exposições, os teatros, as apresentações artísticas continua tendo isso só que o gabinete na secretaria de cultura querem uma outra sede agora passou para cá. Então assim, todas as ações da secretaria de cultura saem daqui e se expandem, o que é melhor, porque se você já tá dentro do meio artístico aqui, aqui já é o foco. Então, aqui é mais fácil de você entender o que acontece, do que você tá de fora e administrar uma coisa que acontece aqui, então a gente já veio pra cá mesmo, se instalou aqui pra poder administrar.

Esse ano, existiram vários encontros artísticos, houve o “Encontrarte” que é um evento de teatro que acontece todo ano na cidade de Nova Iguaçu. E o último lançamento da casa de cultura foi o “Quarta Cult” que é um evento que dá oportunidade a bandas, a cantores de virem mostrar o seu trabalho com o objetivo é de criar algo de entretenimento para população de Nova Iguaçu, algo que seja acessível e de qualidade, que não basta só você fornecer algo que seja gratuito e esse algo gratuito não ser algo bom.

Vinícius: Mas então você falou que teve uma conferência de juventude e que foi perguntado, pedido aos jovens o que eles achavam ou não...

C: Isso! Eu, eu até posso te encaminhar o nosso projeto, é porque eu acho que eu não tenho aqui impresso, eu acho que eu tenho o regimento interno sim. Que aí dentro dessa conferência a gente recebe algumas diretrizes já do Estado. O principal objetivo é a gente se juntar, a juventude daquele município se juntar, pra reconhecer as demandas daquele município, e aí, são levantadas discussões e propostas pra atender essas demandas. A partir do ponto de vista da juventude, das necessidades da juventude.

Então foi levantada a questão do transporte para estudante universitário, muitos colocaram que acham que o transporte deveria ser gratuito para as universidades públicas; acessibilidade a certos lugares, porque o transporte é muito escasso, então só tem um único meio de transporte, às vezes acaba cedo, e a pessoa não tem como retornar pra casa; políticas voltadas pra juventude dentro da cidade, espaços de debates, discussões. Então assim, tudo que o jovem necessita para ter uma boa uma formação e que o município em si não oferece por uma falta de recurso e eles são obrigados a sair daqui e procurar em outras localidades. Então foram essas as questões levantadas pra serem abordadas na estadual e na nacional para que a gente consiga efetivamente uma verba que atenda a essas necessidades.

E aí, a gente formou 5 grupos de debate aí eu olho ali para você quais foram os eixos discutidos e cada grupo ficou responsável por discutir, uma diretriz daquela. Depois nós fomos para plenária final, onde todas as propostas de todas as diretrizes foram levadas e aí, chegou-se no consenso da produção da carta final: o que nós levaríamos pro estado para ser discutido. E aí foi assim, é a primeira da nova gestão, foi a primeira ação efetiva de mobilização da juventude de Nova Iguaçu que é muito parada, é muito dispersa. É uma juventude que se reúne para se divertir, para o entretenimento, mas não se reúne a fim de discutir uma melhoria dentro da sociedade, então a proposta dessa conferência é isso: mobilizar, pra que a juventude comece a ter a noção dos direitos que tem, dos deveres e como brigar por eles, como, obtê-los. Então é assim, essa foi a proposta da Conferência Juventude aqui. E aí, tem algumas etapas agora que a gente tem que respeitar. Agora próxima e última é a nacional, pra gente ter um resultado final do que se conseguiu com isso.

V: E esse documento que vocês fizeram, tinha essa, essa coisa que você falou dos transportes né?

C: Tinha! A gente faz uma carta final contendo todas as propostas retiradas da conferência e essa carta é levada na íntegra na estadual pra ser debatida lá, entendeu? Porque aí vem outros municípios debater suas prioridades também. Então, lá a discussão é: o quê é mais importante pra onde? Pra onde direcionar essa verba? Mas aí eu também posso disponibilizar pra você essa carta que foi enviada.

V: Vou te perguntar aqui as coisas então, primeiro, se você tá fazendo agora ensino superior ou médio

C: Eu faço Gestão de Recursos Humanos! Na Estácio de Sá.

V: No começo do meu roteiro, tenho um conjunto de perguntas um pouco mais pessoais. Como você se deu seu primeiro contato com a secretaria de cultura, com o campo das políticas culturais?

C: Então, em 2007, eu estava no meu último ano de formação de professores. E aí, eu comecei a participar de um projeto, do governo Lindberg que se chamou: “Juventude Cidadã”. E no “Juventude Cidadã”, eu trabalhava dentro da escola, como estagiária da escola e trabalhando com educação infantil e reforço escolar. Então a gente tinha toda uma preparação, tinha as oficinas que a gente vinha para saber como lidar com os alunos na escola. E eles ficavam em tempo integral na escola e a gente ficava com, com esses alunos após a aula no reforço escolar. Depois foram desenvolvidas também, oficinas culturais e aí, a gente trabalhava, fazia trabalhos manuais com esses alunos na escola, atividades culturais, pintura, tinham jogos também. E aí, a gente recebia essa formação pra atuar na escola com esses alunos. Só que aí esse projeto ele acabou.

E aí em seguida houve um outro projeto, também da secretaria de cultura, que foi o projeto “Jovem Repórter”, que nasceu mais ou menos assim: a gente tinha aula de comunicação na Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) - que era aqui em Nova Iguaçu na gestão do Faustini - e aí, nessa escola a gente tinha aula de fotografia, produção textual, edição de imagens, português... acho que era só isso. E aí, dentro dessa escola, a gente se preparava pra escrever matérias. E aí, surgiu a ideia junto com o Júlio Ludemir que era o coordenador do “Jovem Repórter” – o Júlio é um jornalista conceituadíssimo – e junto com o Faustini que nasceu essa ideia do “Jovem Repórter” que era, pegar esses, esses meninos que tinha saído do “Juventude Cidadã” e outros meninos mais que vinham chegando e formá-los para que eles, a partir de uma formação básica, tivessem a capacidade de olhar alguma coisa e produzir um texto dali e aquele texto ser aprimorado pra virar uma matéria jornalística e ser publicado no blog.

E esse foi o meu trabalho lá. Entrei para o “Jovem Repórter”, nessa época a gente ia pra rua e a gente fazia matérias com o povo. A gente entrevistava todo mundo, mas o foco era o cotidiano, então assim, na porta da agência onde a gente trabalhava tinha um cara que vendia churros e a gente ia lá conversar com o cara do churros. Porque o cara do churros ele tá ali, mas ele chegou ali de alguma maneira. Então, por quê que você é o cara do churros? Por quê que

você tá vendendo churros? Por quê que você tá vendendo churros aqui? E... por quê churros!? E aí, a gente descobria que por trás, por trás da história do cara que vende churros existe toda uma outra história, que o cara tem uma família enorme, e que não tem condições de criar seus filhos, e que a única coisa que ele sabe fazer é churros, e que aí alguém uma vez teve a ideia de patrocinar o churros dele. E aí, são, eram essas histórias comuns, do cotidiano das pessoas que moravam em Nova Iguaçu que a gente narrava. A gente transformava isso em matéria, e publicava no blog do “Jovem Repórter”. E aí, dentro desse blog a gente foi construindo as memórias de Nova Iguaçu. Que durou muito tempo nessa linha e a gente foi se aperfeiçoando com o tempo.

Com a produção daqueles tipos de texto a gente vai se aprimorando e aí vai fazendo coisas para além de só entrevistar o cotidiano. E aí começamos a cobrir os eventos que aconteciam na cidade. Quando vinha um cantor de fora a gente tinha a oportunidade de ir lá entrevistar esse cantor. Os eventos culturais que aconteciam a gente estava em todos. A prefeitura de Nova Iguaçu tem dentro da prefeitura o setor de comunicação, que cobre os eventos da cidade, o diferencial dos jovens é porque a gente cobria os eventos com o olhar do jovem sobre aquilo e não com o olhar jornalístico de produção de matéria. Então era muito interessante, porque era um jovem relatando, e a história ficava mais interessante. E a gente teve uma repercussão muito grande, e aí, esse projeto foi se estendendo. A gente tinha uma quantidade muito grande de jovens atuando. A gente chegou aqui cerca de 50 jovens trabalhando assiduamente, sem receber, porque a gente era voluntário na época. E aí, depois de muito tempo trabalhando já quase um ano, trabalhando como voluntária a gente começou a ganhar uma bolsa de R\$150,00, que não dava pra nada, mal dava pra passagem, porque a gente ia, mas não tinha dinheiro para voltar. Mas mesmo assim a gente continuou produzindo isso.

E aí, num evento, o então secretário, Faustini, conheceu a Marcela Camargo, que é uma antropóloga, fundadora do grupo ICA (Informação, Conhecimento e Atitude) que é uma ONG e ele sabia que ela fazia trabalho de pesquisa com jovens lá da Urca e convidou ela pra vir fazer esse projeto aqui. Pra tentar, pelo menos fazer um protótipo. E aí, quando ela chegou, ela chegou apresentando o projeto dela, que ela tinha um projeto de formar jovens em pesquisa para que esses jovens usassem a pesquisa como instrumento de empoderamento juvenil. E aí, aqueles que foram se interessando, foram migrando, desse grupo do “Jovem Repórter” para o grupo da pesquisa e aí eu fui uma delas também, porque eu já tava passando por tantas... e já tinha passado por tantas modificações ali e eu queria aprimorar mais, eu queria conhecer o outro lado. Já conhecia essa ferramenta da escrita, já dominava isso muito bem e aí fui trabalhar com pesquisa.

Aí a Marcela montou esse grupo de pesquisa, e o grupo do “Jovem Repórter” continuou trabalhando, a gente só foi dividido, mas aí entraram outras pessoas no grupo de lá e no grupo da pesquisa. E aí, a gente tinha formação de metodologia de pesquisa: é como que se produz a elaboração de um projeto, aplicação de questionário, análise dos dados. Ela ensinou a gente a mexer com um programa chamado SPSS, que é um programa próprio, né, de instituto de pesquisa. E aí, a gente começou a elaborar pesquisas de opinião, nos eventos

que aconteciam, e aí eu ia junto com o grupo, em todos esses projetos que a Secretaria de Cultura desenvolvia, em todas as ações que a secretaria desenvolvia, nos bairros, ações na própria praça, intervenções culturais, a gente ia aplicava os questionários para fazer pesquisa de opinião e de qualidade eventualmente.

A gente ficou um tempo nessa linha, aí a gente participou de um projeto que era do “ProJovem”. Esse projeto dentro do “ProJovem” chamava-se: “Minha rua tem história”. E a intenção do projeto era a seguinte - e aí trabalhavam os dois grupos unidos - pegar os adolescentes, os jovens do “ProJovem” e esses adolescentes contavam suas histórias de vida. Todo mundo tem uma história que já passou, que foi marcante, então todo mundo ia pra lá e contava sua história. E a história mais interessante daquele grupo ali, da sala de aula, era produzida de alguma forma, ela era ilustrada, a melhor história virava grafite nas paredes da cidade. Se olhar tem muitas ruas grafitadas e a gente foi pra cobrir isso.

Depois que acabou o projeto “Minha rua tem história”, o grupo de pesquisa voltou para avaliar como tinha sido esse projeto, como tinha sido a participação, como é que tinha sido a atuação dos oficinairos, como tinha sido, a quantidade de histórias que tinham sido produzidas, as histórias que foram mais interessantes. Então, a gente fez duas etapas, uma de cobrir a outra de avaliar. E aí, a gente mudou de linha que começou a avaliar os projetos envolvidos. E aí, entrou os pontinhos de cultura, aonde a gente começou também a se envolver pra monitorar os pontinhos de cultura, quais eram os pontinhos que estavam atuando e quais que tinham maior repercussão. Os que não estavam, porque não estavam... e quais eram as dificuldades apresentadas dentro das escolas para que esses projetos acontecessem.

Muito do que a gente notou também era a dificuldade de se ter, se ter um local pra desenvolver as atividades, porque tinham escolas que não tinham recursos nenhum, e nem estrutura para receber o projeto. Então precisava a gente às vezes o espaço parceiro que é que a gente chama que espaço parceiro aquele vizinho que cede o quintal da sua casa, galpão, alguma coisa que tenha para que ali seja realizada uma oficina. Só que, acontecia que alguns desses eram longe da escola e aí, os pais não deixavam os filhos percorrerem aquele caminho da escola até o espaço e aí, as oficinas ficavam defasadas. Então assim, alguns foram para frente e outros não, por conta das dificuldades apresentadas. E aí, nossa função ali, era avaliar esses pontinhos. O quanto pesquisa a gente também criou um cadastro, um banco de artistas da cidade. Que a gente chama hoje de “Portal dos Agentes Culturais”, a gente tem cerca de 300 cadastros de artistas locais é uma espécie de currículo. Alguém que esteja procurando por um artista, vai ali que você vai encontrar a especialidade daquele artista, como encontrar ele Mas só para a gente fazer o álbum dos artistas da nossa cidade, mas a gente também para que a gente exportasse pra outros municípios, porque Nova Iguaçu tem muito aquela coisa de valorizar artistas de fora, chamar artistas de fora e aí essa foi uma estratégia pra valorizar o artista de dentro da cidade. O artista ele não tem que sair daqui pra fazer sucesso, ele tem que começar a fazer sucesso aqui, pro sucesso dele

crescer e atingir outros lugares. E a gente criou esse arquivo e ele é online pra qualquer pessoa acessar.

Nessa época do cadastro eu já era universitária, e por isso eu tive algumas dificuldades para continuar no projeto, porque a mensalidade da faculdade era cara eu estava correndo um sério risco de deixar o projeto apesar de estado de 2007/2009 trabalhando, e muitas vezes de graça, porque eu gostava do que fazia mesmo, gosto. E aí, foi quando eu sentei com a minha coordenadora (que era a Marcela) e falei que ia sair, que não dava mais pra ficar, porque estava em busca de um emprego, o chefe de gabinete da época, que era o Raul, me pediu que esperasse, esperei um mês ainda, pra decidir o que eu ia fazer da minha vida, se eu continuava ou saía. Porque eu fiquei naquela, eu já tinha outras propostas de emprego, de emprego de verdade, porque o que eu fazia era estágio e aí eu fiquei esperando, e aí, ele veio pra mim e falou assim que tinha surgido uma vaga no administrativo, porque o rapaz que trabalhava junto a ele no administrativo tido ido para uma outra vaga e dele estava disponível. E ele me perguntou se eu não gostaria de trabalhar com ele, porque como eu já estava fazendo uma área administrativa, eu ia unir o útil ao agradável e não precisaria sair do grupo de pesquisa. Porque o que a gente fazia era, eram atividades fora dali. Então dentro do meu horário de trabalho eu trabalhava no administrativo e fora dali, do meu horário de trabalho, eu fazia as pesquisas, porque a pesquisa eu podia fazer a qualquer hora, de qualquer lugar eu podia fazer. Então eu fiquei nesses dois.

E aí, alguns meses, 6 meses depois mais ou menos, a Marcela foi convidada para ir pro Estado também pra secretaria de cultura e foi quando ela me convidou pra substituir ela, porque eu fui uma das primeiras pessoas que entrou para o grupo e eu era uma das pessoas que mais a acompanhava nos trabalhos e que tinha tido um, um melhor desenvolvimento, porque nem tudo de pesquisa eu vou dizer para você que eu domino completamente, mas eu tenho uma certa facilidade em produzir pesquisa, mais de elaborar o projeto do que efetivamente tá na ponta fazendo. Que eu acho que é uma tarefa super e uma das mais importantes da pesquisa que é o entrevistador, que é aquele que tá na ponta. E... por conta disso ela me pediu, se eu não poderia ficar responsável como coordenadora do projeto já que ela estava se ausentando. Eu já conhecia o grupo, eu tinha um bom relacionamento com o grupo e sabia que eu podia repassar. E mesmo assim eu ainda tinha formações com ela na escola britânica, porque as formações em pesquisa começaram a acontecer com o grupo da escola britânica, junto com o grupo do morro do Babilônia, do Chapéu Mangueira e mais o grupo aqui da Baixada Fluminense. Então, todo mundo se deslocava pra ir para lá. E aí, nessa formação eu fui me aprimorando, e virei coordenadora do grupo de pesquisa. E aí, eu comecei a dar as formações em pesquisa aqui.

E aí, a gente foi produzindo, continuou produzindo a pesquisa dos pontinhos de cultura, mas aí, foi aquele período de troca de gestão que eu te falei que aí passou pro Anderson, que pensou assim: "é muito bom o trabalho que vocês fazem, porém tem uma coisa, vocês trabalham muito pro interno, porque são pesquisas que o resultado quem recebe é a secretaria de cultura para tomada de decisões, mas aqui, quem tá aqui fora, não sabe... é o que vocês fazem. Vê

um bando de jovem entrando aqui, passa o dia todo aqui ou sai na rua e volta, porque vocês tão produzindo suas coisas, mas aí quando chegam ninguém sabe o que esses jovens fazem aqui dentro. Porque não é uma coisa que tenha visibilidade”. E assim, a chave da gestão dele assim que ele entrou, era a visibilidade.

Então assim, vamos produzir pra fora, vamos expandir esse conhecimento, não vamos reter! E aí, foi quando ele, pediu que a gente traçasse um projeto que tivesse uma repercussão maior. E aí, ele me pediu para fazer um mapa cultural da cidade. Só que, os moldes do mapa, é uma coisa muito maior que envolve não só a cultura. Quando você fala de cultura é tudo dentro de uma sociedade, cultura não é só evento. Não é só festa, não é só isso, cultura é trabalho, lazer, educação, é tudo! E aí, a gente não tinha e estão tentando construir isso agora, meios, mecanismos de fazer esse mapeamento todo. Porque a gente tinha um grupo limitado, que durante toda essa trajetória o grupo foi mudando, outras pessoas foram entrando, outras foram saindo. Então assim, nessa modificação toda vez que entra alguém novo a gente tem que formar, tem que treinar essa pessoa outra vez. Então, tudo isso demora um certo tempo e a gente não tinha estrutura, não tinha computador suficiente pra todo mundo, não tinha verba disponível, não tinha meio de transporte pra se locomover para locais mais distantes de Nova Iguaçu. Então não ficava viável fazer um mapeamento dessa dimensão. Então, eu fui estudar essa proposta, nós chegamos numa conclusão do que dava pra fazer e vamos fazer uma coisa mais limitada.

Já que nós somos secretarias de cultura, e a gente pretende fazer algo pela cultura, vamos focar em um outro aspecto. O que dá pra fazer que tá ao nosso alcance? Não dá pra mapear a cidade inteira com tudo que ela faz, que ela produz. Então vamos mapear o que já existe, de efetivo de concreto e que as pessoas já reconhecem. Então a gente começou a visitar os pontos histórico da cidade, a fazenda São Bernardino, os bares no entorno de Nova Iguaçu, os sítios, as igrejas. Aonde tenha possibilidade de contar alguma coisa nova de Nova Iguaçu. E a gente também, pegou alguma coisa do comércio, porque além do comércio ser uma parte importante para o crescimento de uma sociedade, tem a história por trás daquilo. Então a gente só focou aquele mapa, em vez da gente construir um mapa genérico, grandão que falasse tudo, a gente focou e é nele que a gente tá trabalhando hoje. Foi esse percurso que eu fiz até chegar aqui.

V: Você falou que começaram 50 jovens, hoje você acha que tem quantos?

C: Olha hoje, a gente diminuiu muito, a quantidade de jovens, porque nesse meio tempo, muitos deles trabalhavam com contrato, e ele é renovado de 6 em 6 meses. Então muitos deixaram o contrato vencer e não foram renovar, então perderam a bolsa e saíram. Outros o contrato venceu e já não havia possibilidade de renovar, porque já estavam a muito tempo. E aqui, algo também imprescindível pra você estar aqui dentro atuando como estudante, é você estar estudando! Então tem que tá no ensino médio ou então no curso superior. E aí muitos acabavam o ensino médio e não entravam num curso superior, eram desligados automaticamente. Então, por essas coisas, muitos

saíram. Alguns que ficaram também, a gente faz um processo seletivo, que é por rendimento, por trabalho, o interesse. E aí, a gente percebeu também, que dentro desses grupos, havia uma quantidade grande, mas na real poucos estavam interessados no que estavam fazendo, então alguns foram realocados em outros lugares, foram trabalhar no administrativo da secretaria, uns vieram pra pesquisa outros passaram pra repórter. E aí nesse processo seletivo foi, foi se desfazendo, e agora a gente tem um grupo muito enxuto, no meu grupo tem 12 pessoas, por aí, e no outro grupo de comunicação deve ter umas 8 ou 9 pessoas. Mas são esses grupos que efetivamente trabalham.

V: Outra coisa, você mencionou na época do Faustini uma escola de formação... a ESPOCC e depois você falou que vocês fazem esse trabalho hoje e que a escola não existe mais...

C: Não, a ESPOCC ela tinha sido uma iniciativa daquela gestão, e com o término da gestão a escola também terminou, tiveram remanescentes da escola, como eu que fui uma pessoa que estudou lá. Outras pessoas ficaram até pouco tempo, até 4/5 meses atrás ainda tinham pessoas que tiveram um contato com aquela escola. Mas hoje, aqui em Nova Iguaçu ela não existe, mas também é um projeto da secretaria retomar isso, entendeu? E nós estamos com um outro projeto que é a “Escola Popular de Arte”, que ainda é um projeto que efetivamente não acontece com esse nome, mas já acontece. Aqui dentro da casa a gente tem alguns cursos que são gratuitos - curso de dança, dança contemporânea, balé infantil, dança de salão, violão, jazz, canto coral e teatro - essa casa oferece esses cursos. A ideia é realmente estruturar um local que se constitua uma escola pra que eles sejam efetivos dessa escola.

V: A estruturação da secretaria, no governo Lindberg tem uma clara orientação do que foi feito no ministério da cultura, no âmbito federal. E aí, quando a gente olha pro que se pede à juventude, dentro da esfera das coisas culturais, o que se pede da juventude é se recupere a auto-estima, se empodere essa juventude de alguma maneira. E aí...isso aparece nos projetos do MinC, por uma valorização do local/regional. Aí eu te pergunto, se quando vocês entraram na escola e na órbita aqui da secretaria se, foi pedido, sugerido isso, e se foi, como foi realizado isso?

C: Lá no início, quando eu entrei uma coisa que era assim, fundamental pra você fazer parte do projeto era que você fosse de Nova Iguaçu. Justamente, para que você tivesse aquela noção de pertencimento do local. Que era aquilo de você se empoderar do local que você mora. E aí, esse trabalho que foi feito, das memórias, da produção de memória, era pra você sentir, para valorização do território em que você vive, conseqüentemente da sua própria... Quando você se apropria de algo você tem zelo por aquilo, né? E aí, em todas as etapas até o dia de hoje e isso foi muito trabalhado, que hoje é claro, que nós não aceitamos jovens só do território de Nova Iguaçu, mas tem que se ter aquela noção de pertencimento do território, de valorização.

E aí, uma coisa que a gente trabalha muito dentro do grupo de, de pesquisa é a questão da cidadania. É de pertencer, pra exercer. Então assim, essa valorização é muito exigida dos jovens, porque, foi então até que eu falei essas

peessoas, esses jovens que foram saindo do grupo, foram migrando, são jovens que não tem muito isso, sabe? É que, não tem essa visão de resgate, não tem essa, essa coisa de valorizar a si próprio, sabe? Da sua mão de obra, do seu trabalho, de entender a importância que você enquanto cidadã, você tem dentro dessa sociedade. São pessoas que não quiseram se apoderar. E a secretaria de cultura, pelo menos desde que eu estou aqui, desde 2007, a intenção foi sempre assim, procurar mecanismos que forneçam conhecimento para o jovem se empoderar. Essa foi a ideia principal da Marcela, quando ela veio para cá esse era o lema dela, que é o lema dela hoje na ONG, no ICA, que é o lema dela por onde ela vai: que é o empoderamento juvenil, que é encima dessa base que a gente trabalha até hoje.

Que é estou te dando subsídios, pra que você exerça alguma coisa, que você saiba, que você entenda a importância que você tem, é isso que a gente ensina, pelo menos o que eu tenho visto das gestões até hoje segue nessa linha. Porque, se especulou muito quando o novo gestor entrou, é o seguinte: “Vai acabar os projetos. Vai acabar com os jovens, não vai mais existir a escola, não vai mais existir comunicação, porque a gestão não sabe de como ele é de onde ele veio, nada!”. Só que o Anderson é um cara que veio de militância e juventude. Então, ele é de movimento estudantil, ele sempre brigou pelas causas da juventude. Então assim, muitos de nós desconhecíamos ele e a trajetória que ele tinha, a gente já ficou com aquele receio “Poxa, ele vai entrar a gente vai sair”. Só que ele veio com uma proposta diferente, como ele é de movimento estudantil, como ele é da juventude, ele é um cara jovem, ideia dele é totalmente o oposto. “Vamos só transformar o que vocês já produzem em uma outra coisa. Pra que vocês sobressaiam, para que vocês consigam se ampliar”. Para não ficar só aqui dentro da secretaria como durante todos esses anos a gente tem ficado.

Porque aquela questão a gente trabalha, todo mundo trabalha pra ter reconhecimento. Pra ter o seu trabalho valorizado. E a gente tinha o reconhecimento dos membros aqui da localidade. Mas a gente não atingia um âmbito maior do que isso, porque realmente a gente produzia muito pra gente. E aí ele veio com essa dimensão maior, ele deu essa maior visibilidade para gente, e é em cima disso que se tem trabalhado. Tanto que agora, dentro desses grupos que eu te falei a gente também tem o horário integral que são os estagiários que hoje atuam dentro das escolas. Funciona mais ou menos como o “Juventude Cidadã” funcionou. E aí, esses estagiários têm formação aqui na casa são cerca de 150 estagiários. Eles vêm as segundas feiras aqui, eles têm formação no teatro, é formação em cultura que antes também era trabalhada um pouco de forma superficial. Que era assim: “você vai fazer oficina decorte e colagem com a criança na escola isso é atividade cultural”. A diferença que você fazer uma oficina de corte e colagem tá no conceito. Você pode fazer oficina de corte e colagem, mas qual o conceito por trás daquele corte e colagem? E aí e os novos coordenadores do horário integral que fazem parte da cultura, eles bolaram uma coisa de, vamos trabalhar conceito, então vamos fazer corte e colagem? Vamos fazer corte e colagem com o quê? E o quê que isso representa? Então assim, esses 150 estagiários têm essa formação todas as segundas feiras, que é aquela coisa de serem multiplicadores, são agentes multiplicadores. Eu estou dentro da escola

disseminado uma cultura. Além de produzir cultura, disseminando uma cultura de pertencimento desde a infância. É um trabalho pra ser expandido. E aí, agora nesse final de ano, vai ser feita uma reciclagem dessas pessoas, muitas pessoas têm todo um histórico de quando elas trabalharam dentro dessas escolas, então muitas delas vão sair. Vão sair não por não apresentarem bom desempenho, vão sair por falta, por indisciplina. E aí vai ser feito uma nova seleção e aí, não é qualquer pessoa mais que entra, sabe? Assim, que muita gente quando sabe que tem lugar, que te dá uma bolsa remunerada, então eles vêm. Mas aí agora vai ser diferente, porque você vai ter agora algumas limitações pra entrar. Não é só você vir, você vem para trabalhar nisso aqui, especificamente! Então vai haver uma seleção pra quem realmente tem aptidão, e quem tem realmente força de vontade. Não basta só você se formar, estar se formando em artes plásticas e não ter a menor vontade de atuar com crianças. Então é assim que vai ser **ter** um nivelamento. Para que entrem pessoas mais capacitadas, jovens, estudantes mais capacitados, pra que a gente possa encontrar de uma forma mais eficaz e mais estruturada esse conceito de cultura dentro das escolas.

Se eu não me engano, também são 117 escolas no município. Escola... a rodo, né!

V: Você falou das pessoas que não se empoderaram e não tiveram essa noção do pertencimento que vocês tinham desde o começo. Te pergunto assim, a produção cultural deles existia, mas não tinha nada a ver com Nova Iguaçu ou eles achavam que tinham interesse de participar dos projetos e viram que não tinham... ou vieram pela bolsa. Qual a avaliação que você faz?

C: É porque houveram algumas mudanças que não agradaram a todos. Acontecia que como eu te falei, bem no começo o Júlio, que era o coordenador da época, deixava, deixava os jovens, de uma forma geral, muito a vontade pra fazerem a produção do que queriam. Então assim, você escolhe, o que é melhor pra você, o que você quer fazer, qual é tipo de matéria que você quer fazer hoje... Traz a sugestão! Só que, como a gente trabalha dentro de um órgão público, apesar de estar abrindo as suas portas pra que os jovens atuassem dentro da secretaria, a gente não pode esquecer que é uma secretaria de cultura e que precisa respeitar alguns limites, porque senão a gente foge muito do foco. Claro que cultura anda aliado com vários outros seguimentos, mas a gente tem que tá sempre voltando pro foco. E aí nessa nova gestão o quê que aconteceu, o foco foi direcionado. E aí as pessoas, os jovens, estavam muito acostumados com um tipo de atividade, com uma maneira de fazer as coisas. E quando foi colocado esse foco, esse direcionamento muitos deles não se adaptaram, porque aquela coisa do livremente ficou restrita. E aí, muitos resolveram sair, porque já não estavam mais se adaptando, porque, não estavam aqui para serem colocados, é como eles diziam: “eu não estou aqui pra ninguém mandar em mim”.

Mas só que a gente tem que entender que o dinheiro da bolsa sai, tem todo o conceito por trás disso, o dinheiro da bolsa da vem da secretaria, e essa secretaria é como qualquer outro trabalho. A gente como cultura, a gente produz pra fora, mas a gente tem que atender outros interesses. Então as nossas atividades precisam ter um direcionamento maior, alguns entenderam e

se deram muito bem, porque estão aqui se especializando. Porque coisas que antes eles não tinham, que a gente durante muitos e muitos trabalhou com nossos próprios recursos, que era: se eu preciso de uma máquina pra fotografar a máquina é minha. Sabe? Se eu preciso ir a tal lugar, é o meu dinheiro, que eu vou tirar do meu bolsinho e vou lá, pra fazer a minha matéria. Mas como a secretaria vem dae esse foco o quê que ela faz? Ela também fornece os meios pra você realizar o seu trabalho: se eu preciso ir pra quilômetro 32 eu não vou pegar o dinheiro do meu bolsinho e vou lá, porque a minha bolsa já é tão pouquinha. Então o carro vai me levar até quilômetro 32, porque a secretaria disponibiliza o meio de transporte para isso. Eu não tenho uma câmera? A secretaria ela me disponibiliza uma câmera e uma filmadora profissional, para que eu possa cobrir os meus eventos. Então é assim, reduz para melhorar.

Mas aí sabe, sempre tem aquilo, é aquela quebra de conceitos já enraizados que foi assim, é “eu faço assim, então tem que ser assim!” E tudo a gente vai moldando, como para gente também foi colocado: vocês têm que dar visibilidade ao trabalho de vocês, no caso da pesquisa. Vocês têm que dar visibilidade ao trabalho de vocês, a gente pode pegar e fazer qualquer coisa, num blog só pra todo mundo vê o quê que a gente faz. Mas vamos sentar primeiro, vamos estudar o melhor caminho? Porque eu acho assim, quando a gente produz alguma coisa, a gente tem algo de concreto, e isso a gente vem aprendendo nas formações que teve ao longo desse tempo.

Que quando você produz, você tem algo de concreto e você tem algo palpável pra apresentar para alguém, um produto final aí, você pode vender pra fora. Aí sim, você pode comprar a briga que você quiser. Mas quando você não se estrutura, não tem algo palpável pra dizer que “eu fiz isso de concreto!” Você só curte só, é só um hobbie aí você não se empodera daquilo. Então ninguém vai comprar a tua ideia. Então eu acho primeiro assim, esses são os mecanismos que a gente tem hoje? Isso é o que a secretaria tá oferecendo pra gente? Então vamos trabalhar com que a gente tem! Vamos trabalhar, tornar isso concreto, se empoderar disso, é o nosso nome que tá nesse trabalho, fomos nós que produzimos e agora sim, agora vamos abrir esse leque, agora vamos aumentar esse produto, vamos expandir os nossos conhecimentos, vamos aí valorizar, vamos mostrar pra outras pessoas, vamos buscar aliados/ Que é assim que a gente cresce, assim que a gente expande. Então assim, por ser juventude, eu só tenho 24 anos, também sou jovem, minha cabeça também ainda é de jovem. Então acho que é assim, eu também tinha esse pensamento assim: “po, eu sou jovem, estou aqui, preso, tenho que fazer desse jeito, mas eu aprendi a fazer desse jeito, então porquê que eu tenho que fazer desse jeito?” Então assim, a gente vai marretando, é difícil de entender, mas chega uma hora que a gente entende porque que tem que fazer desse jeito que é pra chegar naquele outro, entendeu? Algumas pessoas... se apropriaram dessa ideia e lutaram por isso. Outras pessoas desistiram no meio do caminho, porque simplesmente acha que...vai ser difícil fazer assim então “não quero fazer”, entendeu?

V: A acho que você já respondeu um pouco isso, mas eu vi que tem os “Jovens Pesquisadores” e os “Jovens Repórteres”, né? Se você pudesse

diferenciar os dois e falar um pouco do, do surgimento e o que vocês pretendiam fazer com aquele, o blog, Cultura NI

C: Então o “Cultura NI” primeiro, o “Jovem Repórter” e o “Jovem Pesquisador” . O “Jovem Repórter” trabalha especificamente com matéria prima: comunicação. Então é cobertura de eventos, produções de matérias, cobertura de intervenções socioculturais, esse é o lado deles. É aquele lado da reportagem mesmo, a produção de matéria, do áudio visual e da matéria escrita.

“Jovem Pesquisador” produz hoje, o mapa cultural. Então a elaboração do projeto, as entrevistas, eles vão a campo com esse foco. Apesar dos dois fazerem entrevistas as entrevistas têm focos diferentes e o tipo de metodologia empregada em cada um é diferente. O “Jovem Repórter” faz aquela entrevista mais de conversa, aquela coisa de coletar as informações de uma forma mais informal, a fim de produzir um texto. A pesquisa não, ela coleta as informações pra transformar essas informações em números. Porque tudo vira dado numérico, é quantidade. Essa é a maior diferença entre eles.

O “Cultura NI” é um projeto do “Jovem Repórter”, porque eles tinham um *blog* chamado “jovemreporter.blogspot.com” só que era um apesar dos milhares de acessos que esse *blog* recebeu a formatação dele, né, o Layout dele, a maneira como esse *blog* se apresentava ficou uma coisa ultrapassada. E aí já não tava mais tão legal, então a ideia na nova gestão era fazer um novo blog, com uma nova cara, pra dar uma melhorada, até assim para dar uma renovada no pessoal que já trabalhava, pra dar um gás, sabe? Porque aqui já tinha muitas entrevistas naquele outro blog. Então vamos começar do zero? Vamos uma nova etapa, vamos nos aperfeiçoar, vamos produzir alguma coisa melhor daqui pra frente? Então assim, foi uma repaginada e aí nessa repaginada eles mudaram tudo. Mudaram o nome, botaram um nome que caracterizasse mais o que eles estavam fazendo a partir daquele momento que já não era uma coisa mais tão solta era uma coisa mais direcionada, que era direcionada pra cultura. E aí eles fizeram uma repaginada daquele blog. E que é mantido por eles ainda hoje.

V:É, eu vejo sempre, visito sempre... Pela tua vivência aqui na secretaria e com trabalho desses jovens, incluindo você. Você acha que é possível hoje na Baixada, na periferia, se sustentar, viver de cultura e aí tem as duas possibilidades da cena cultural ou como gestor de cultura ou como artista . Você acha que é possível viver na periferia, em Nova Iguaçu como artista ou gestor de cultura?

C: Olha, viver é uma coisa muito difícil, porque a falta de reconhecimento do artista local ainda é muito pouca. Desde que eu vejo, desde que eu participo da cultura, eu percebo que isso aumentou muito. Digo que 70% de visibilidade os artistas tiveram, mas ainda falta muita gente reconhecer o trabalho do artista local. E por isso viver disso fica complicado. Porque quando não te olho como olho um artista da Zona Sul eu pago para você a metade do que eu pagaria pra um artista da Zona Sul. Então assim, a valorização é pouca ainda, mas aí eu acho que cabe aos gestores de cultura fazerem esse trabalho de

conscientização da cidade. Porque Nova Iguaçu não é só na questão cultural ou artística, Nova Iguaçu não valoriza o que tem. Eu acho que aquela ideia de que “eu moro na baixada e na baixada só tem coisa ruim, só tem bandido, só tem tráfico” ainda paira muito sobre o assunto. Apesar de ser baixada existe a elite da baixada, ainda paira muito sobre a elite da baixada.

Eu acho que essa conscientização tem que ser nos empresários locais, sabe? Tem que ser nos gestores de uma forma geral para que contribuam com isso. Porque a classe artística, ela tá muito preparada, sabe? Nós temos muitos e bons profissionais na cidade nessa área. O que acontece é a falta de investimento local. Porque eu acho que se não fosse isso Nova Iguaçu tinha desmanchado nessa área cultural já. Porque uma prova disso é a Casa de Cultura a gente tem espetáculo toda semana. E são espetáculos muito bons, sabe? Muito bons e são produzidos por artistas daqui. Que vão produzir alguma coisa aqui, hoje a gente tem feito um trabalho de mobilização e de divulgação muito maior do que era antes, porque antes praticamente não tinha divulgação nenhuma os trabalho.

Então assim, os colegas dos artistas chamavam outros colegas que vinham assistir. Hoje a gente já tem ido pra rua como os meninos hoje do estágio foram ajudar a panfletar, porque hoje vai ter o evento então foram divulgar. Mas aí, não havia isso então assim, poucas pessoas frequentavam a Casa de Cultura. Pouquíssimas pessoas em Nova Iguaçu sabiam da existência da Casa de Cultura e muito menos o que tem aqui dentro. Tem gente que não sabe que aqui dentro tem uma biblioteca. Nós temos uma biblioteca que é a melhor biblioteca, e sem medo de dizer, porque foi premiada a melhor da baixada fluminense é a que tem o acervo melhor administrado, sabe... Nossa biblioteca tem toda uma estrutura pra atender pessoas com deficiência. A gente agora tem o elevador que dá acesso aos portadores de deficiência física, a gente tem audioteca que é para os deficientes auditivos, tem um programa para deficiente visual. Então a gente tem toda uma coisa aqui. Mas eu acho que viver de cultura nessa cidade, na cidade é complicado. Tem muitos aqui que saem daqui, que não querem se apresentar aqui, querem se apresentar fora, querem se apresentar na cidade do Rio, que são melhor pagos lá. E a gente entende, mas agindo é complicado, mas acho também que esses últimos dois anos mais ou menos a gente avançou muito na questão cultural de valorização.

V: O que foi modificada na tua vida a partir da inserção dos projetos culturais?

C: Olha, eu entrei nessa onda aqui da cultura com 19 anos, hoje eu tenho 24. E eu acho que para o meu lado pessoal isso foi maravilha, porque eu ganhei uma consciência que eu acho que se eu não tivesse participado, se eu não tivesse entrado para esse meio cultural eu não teria. Que é de valorização do território mesmo. Eu não moro em Nova Iguaçu, moro em Mesquita. Eu tenho mais zelo pela cidade de Nova Iguaçu, que aonde eu trabalho, do que pela minha própria cidade. Porque eu tive muitas oportunidades de crescimento aqui. Eu tive muitas oportunidades de crescer como pessoa, eu tive muito conhecimento gratuito, me foi fornecido muitas coisas. Eu tive oportunidades que eu não teria estando em outros lugares. Por exemplo: eu fui premiada junto com o Grupo de Pesquisa pelo museu de artes lá na Urca quando nós apresentamos um projeto

lá, que falava sobre consciência ambiental, era um prêmio a nível nacional. Então assim, foram coisas que eu não teria participado se eu não tivesse me envolvido com a cultura. Porque eu fui sempre levada daqui, eu teria muito assim, se eu buscasse, mas as coisas me foram oferecidas aqui dentro. Então assim, é, hoje eu posso dizer que eu tenho conhecimento em diversas áreas que eu não imaginava até porque pela minha faculdade, eu sou de uma área totalmente administrativa, administração interna mesmo, porque eu mexo com RH, então RH é aquela coisa bem nos fundos da empresa. Que eu acho que é uma área que eu gosto, mas que não me proporcionaria viver tudo que eu vivi aqui. E essa área de cultura faz você crescer muito, porque você reflete muito, sabe? Você tem acho que é, a palavra é essa: experimentação.

Você tem a oportunidade de experimentar diversas coisas, sabe? Eu passei por aqui por muitos gestores, convivi com pessoas muito diferentes, conheci histórias muito diferentes, estive dos dois lados, fui voluntária, fui estagiária e virei funcionária. Então assim, que é um crescimento que para quem tá no poder público, quem não é concursado isso é uma coisa muito difícil de acontecer que é você fazer plano de carreira dentro de algum lugar. E na verdade, o que eu fiz foi isso: de voluntária eu fui a estagiária e não precisei bajular ninguém pra isso. Mas porque a própria secretaria foi me fornecendo meios, mecanismos, para o meu próprio crescimento e eu fui devolvendo isso pra cidade.

Que hoje a minha vontade, já morei em Nova Iguaçu, é de voltar pra cá, porque eu tenho sede de mudança por esse lugar. Eu tenho um carinho especial por essa cidade. Mas isso é aquela noção que eu te falo, de valorização. O que os gestores desse lugar me deram, coisas que os gestores da minha cidade nunca fizeram. Entendeu? Que não tem nada, que a juventude da minha cidade não se mobiliza para fazer nada, você não vê falar de nada. A não ser que a grande parte da juventude é envolvida com tráfico, com droga... Então assim, muita coisa mudou minha forma de pensar, sabe? Porque se ampliou muito. Eu venho de uma família tradicionalíssima, então assim, quando você convive no meio artístico isso amplia a tua visão de sociedade, de valorização do outro, do respeito ao próximo, da cidadania, do direito a cidadania que todo mundo tem, por questão do voto, porque que isso é tão importante, não é importante você trabalhar pra ninguém no ano de eleição o importante é você votar! Não você trabalhar para um candidato. Então assim, são coisas que me foram refletidas durante todos esses anos. Hoje eu estou me formando agora, me formo agora numa área administrativa, mas eu tenho muita vontade de fazer uma outra faculdade na área cultural, na área de produção cultural. Eu tenho muita vontade de fazer, mas isso quem me proporcionou foi esse ambiente. E não só de fazer, mas de fazer e produzir alguma ação efetiva pra minha cidade, sabe? Então assim, me proporcionou adquirir um conhecimento de vida que escola nenhuma oferece. Sabe? Eu sou muito grata a Deus por ter me dado a oportunidade de em 2007 ter procurado alguma coisa para ganhar dinheiro e pra ajudar uma escola, e hoje ter chegado aqui.

V: É a tua entrada na secretaria e nos projetos dela, você já disse que fica muito mais em Nova Iguaçu do que em Mesquita, te proporcionaram um conhecimento maior da cidade de Nova Iguaçu, de lugares da cidade que você nunca tinha ido antes. Porque parece que Nova Iguaçu é esse centro

aqui, que você disse também que é uma capsula da classe média da elite, e aí, quando a gente anda, sei lá, 10 minutos psra frente a gente vê outra cidade...

C: Não precisa ir muito longe. Eu conheço, acho que eu já transitei por todos os bairros de Nova Iguaçu até Km 34, que é depois do Km 32. E assim, fui aqui num lugar que é vizinho a Nova Iguaçu, que é a Lagoinha, sem a menor estrutura, menor saneamento, menor nada, sabe? São realidades muito diferentes que eu tive a oportunidade de transitar por elas. E, é isso que eu penso muito, porque aqui nós já tivemos jovens nesses projetos muito carentes, jovens que entraram aqui sem saber, mal sabendo escrever o próprio nome. Que você pedia para escrever um texto e aí sentia que a pessoa não queria escrever. “Mas escreve só pra eu ver como você escreve!” e você via, que não sabia mesmo, que estava terminando o ensino médio na escola, mas que a gente não faz a menor ideia de como chegou lá. Que vem de uma família muito carente, que não tem estrutura nenhuma e que vai pra escola e depois tem que ir pra casa cuidar dos irmãos. Enquanto dentro do mesmo grupo a gente vê gente que mora aqui do lado, na Califórnia que tem uma condição boa de vida, uma boa condição financeira, que não precisa da bolsa, que vem pelo conhecimento, não vem pelo dinheiro. Então eu tive a oportunidade de trabalhar com realidades muito diferentes, muito diferentes e ver como é o impacto na vida dessas duas realidades, entendeu? Porque é impactante tanto pra quem tem, quanto pra quem não tem.

Mais pra quem não tem mais ainda, porque começa a ter alguma coisa. Porque...aqui não ganha pra sustentar ninguém! Mas é o seu primeiro dinheirinho. E aí da vontade de ganhar mais. Então: “Como é que eu ganho mais? Vou me esforçar”; “O quê que eu tenho que fazer? Eu vou buscar”. Entendeu? Então assim, o grupo que a gente tem hoje eu vou falar dentro da pesquisa, porque o “Jovem Repórter” é outro coordenador então eu não posso nem te dizer muito da situação deles. Mas dentro da pesquisa é o grupo que ficou é um grupo de classe média baixa. É um grupo que permaneceu até o fim com todas as dificuldades que a gente teve até hoje, todas as barreiras que nos foram colocadas, mas que ficaram, por quê? Porque quando coloca no currículo, que eu trabalho com metodologia de pesquisa, algum lugar chama pra fazer entrevista. Então é uma oportunidade que dentro do meu município eu vou te falar, se me perguntar se eu conheço Mesquita eu vou te dizer: nada! Eu conheço as redondezas dali onde eu moro, dos bairros vizinhos. E assim, é uma circunferência muito pequena, não conheço nada, eu não conheço nada do outro lado de Mesquita que tem a estação que divide o município. Do outro lado de Mesquita eu não conheço nada, não sei nem qual é o nome dos bairros! Mas do lado de cá, eu conheço onde eu moro. E já em Nova Iguaçu não. Eu tive a oportunidade de transitar por todos esses bairros, porque eu visitei todas as escolas e aí as escolas tem o “Escola Aberta”, que é a comunidade dentro da escola e aí eu conversei com essa comunidade, sabe? E aí, desperta cada vez mais, que eu acho que alguém da cultura vai a um lugar desses, eu quero levar, quero trazer isso pra cá.

Eu acho que, claro, que saneamento básico é imprescindível é uma tarefa do, do município! Do governo fazer isso. Mas eu acho que mais do que o asfalto,

mais do que o saneamento básico eu preciso saber como é que eu vou chegar até ele. Qual é a ferramenta que eu vou utilizar? Então assim, tem muita gente desmotivada, tem muita gente ainda dentro do município que acomoda, porque acha que “Ah, isso a vida toda foi assim. Vai ser assim apara sempre. Não vou fazer nada, não vai adiantar!”. Mas é aquela relação de valorização do seu território que não acontece.

V: Você disse também que a tua família é bastante tradicional e que vocês conseguiram atingir outros moradores da cidade com a experiência.

Passou a existir algum tipo de troca a partir da inserção deles nos projetos da secretaria e assim, no teu caso, como é que a tua família vê o que você faz e o que você fez nesse teu percurso aí de 19 até os 24?

C: A minha família no início não aceitava que eu trabalhasse de graça pra ninguém. Então eu não tinha apoio nenhum não. A minha mãe não entendia, o meu pai não entendia, falavam que: “Tá se matando para quê? Isso aí vai te dar o quê? Sai disso pelo amor de Deus! Vai procurar um emprego! Você tem que entrar pra faculdade”. E quem é da antiga aqui que você pegar vai te falar a mesma coisa: como a gente foi questionado pelos pais. Porque era assim: “Você é muito burro! O que você tá fazendo aí trabalhando pro governo? Sem ganhar nada, só fica aí, fazendo as coisas para eles, sem ser remunerado, vocês são um bando de idiota!”. Porque a gente não tinha hora para trabalhar. A gente chegava aqui de manhã ia embora a noite. Então assim, era uma relação muito difícil. Com o tempo a gente foi avançando, outros caminhos foram se abrindo. Eu vou te dizer, eu recebi várias propostas fora daqui pra trabalhar em empresas particulares, mas eu não aceitei, porque o que eu gosto de fazer é aqui.

Eu gosto de trabalhar com isso, eu gosto de trabalhar com cultura, eu gosto de trabalhar com a juventude. E, durante esse tempo eu fui crescendo aqui dentro aí houve uma, uma valorização do meu trabalho dentro da minha casa. Aí eu comecei a receber apoio da minha mãe, porque eu comecei a ganhar dinheiro. Comecei a receber apoio do meu pai. E aí começa aquela coisa, “O que a sua filha faz? Ahh, minha filha trabalha na cultura, ela trabalha lá em Nova Iguaçu”. Então aquela coisa assim, reconhece o trabalho, que divulga o que você faz e isso aconteceu com muita gente aqui. E esses já que vinham, que também não trabalhavam receberam as mesmas críticas. “Você tá indo pra lá pra quê? Não tem mais o que fazer de casa não? Você não tá precisando procurar nada não? Vai caçar alguma coisa pra fazer! Vai ficar indo pra lá só gastando dinheiro?” E aí, eu tenho dois lados aí, eu tenho pessoas aqui da mesma família, que com a mesma condição social, que um a mãe não apoiava, achava que estava vindo aqui perder tempo e hoje não tá mais aqui, porque conseguiu um emprego maravilhoso, mas que diz que o que ajudou muito foi que no currículo ela pode colocar que ela trabalhou com metodologia de pesquisa e quando pediram pra que ela desenvolvesse isso ela fez de uma forma tão excelente que no próprio trabalho dela, as pessoas que trabalhavam com pesquisa não tinham uma audição tão correta desse trabalho quanto ela tinha.

Uma pessoa que já tá formada que arruma um trabalho, que eu digo, pessoa que trabalha lá que já tá formada, que já tinha um tempo trabalhando com

pesquisa, não tinha a noção que ela teve aqui. Porque aqui ela teve a oportunidade de utilizar um outro tipo de metodologia. Ela não foi só **teórica**, ela aprendeu isso principalmente na prática, que todo mundo que passou por aqui primeiro, pega na prática. Vai aprender na prática! Não adianta, a gente sentar aqui, botar no quadrinho pra você aprender não. Vai aprender na prática! Vai aprender fazendo. E isso, foi assim, hoje a mãe vira e fala assim: “ahh, graças a Deus que ela te conheceu”. Não graças a Deus que ela teve a iniciativa de procurar um grupo de juventude e que hoje abriu a cabeça dela pra isso. Então assim, a gente hoje é indicado por um monte de gente. “Vai lá na Casa de Cultura que tem isso, isso e isso!” E o outro também que era parente a mãe já obriga a vim para cá, que vem me procurar. “Não precisa da bolsa, não precisa de sei que. Vai fazer alguma coisa da sua vida, eu quero que você vá lá!” Aí uma vez chegaram pra mim e falaram assim: “A gente acha que vai sair” e comentaram com a mãe e a mãe me ligou e falou assim: “não! eles não vão sair daí não, são de menor, vão ficar aí que agora que eles estão aí, estão estudando. Que quando eles ficam aqui dentro de casa fazem nada! Ficam jogando videogame o dia todo. Fica na rua jogando bola, jogando basquete o dia inteiro. Vai pra lá que tão fazendo alguma coisa. Camila pode ficar com eles aí!” E eles vêm. Que é aquela coisa assim, varia muito, mas na maioria das vezes é sempre muito positivo, porque eles conseguem tirar algum proveito daqui e levar para dentro de casa.

É, o reflexo é natural, o que eles aprendem aqui é sempre tem aquele entusiasmo e que leva pra dentro de casa e os pais acabam interagindo com isso. Tanto eu conheço a família de todo mundo aqui, porque que me pediram pra me conhecer e que não é um trabalho meu, é deles. Como a gente aqui é todo mundo jovem é a maior diferença aqui é fazer a coisa chata ficar legal. Então vamos fazer de uma forma que todo mundo entenda e aprenda, porque pesquisa é chato! Estudar pesquisa é chato! Você fazer a pesquisa e transformar aquilo em número isso é chato! Sentar na frente de um computador e mexer num programa super doido que é o SPSS, que é horrível, mas vamos fazer de uma forma mais natural, vamos usar uma metodologia mais legal para fazer isso. E aí aqui a gente testa as habilidades também, você é exato pra isso. Você vai fazer isso! O reconhecimento vem com o tempo, mas há sempre a resistência no início, principalmente dos pais, mas ele vem.

V: É, agora assim um pouco sobre os pontinhos de cultura, como foram as visitas pelos os bairros pelas escolas e se vocês foram bem aceito, pelos professores e também pelos alunos

C: Então, eu só posso te falar da parte de avaliação desses projetos, porque a implantação não é feita pela cultura. É uma iniciativa da cultura que por meio da cultura é pago um valor aos pontinhos de cultura pra que eles produzam/façam suas atividades nessas escolas. Então assim, você deveria conversar com alguém mesmo que implantou. O que a gente fez na época foi ir a escola para abrir um caminho, pra preparar aquela escola, pra receber atividade e pela avaliação a gente percebeu que assim, de uma forma geral, os pontinhos, que eles levavam atividades como capoeira, dança, hip-hop, artes plásticas, musicalização. Então assim, a gente foi nas escolas para saber realmente como foram recebidos isso. E de uma forma muito geral foi um

grande sucesso, porque quase todas as escolas, que podiam recebê-los, abriram as portas para essas ONGs entrarem e permitiram que elas trabalhassem. As crianças receberam essas atividades muito bem, gostam, tanto que eles receberam uma verba do governo para realizar essas atividades. Só que aí tem aquele período de prestação de contas e depois da prestação de contas que vem a segunda parte dessa verba. E aí, muitos não conseguiram prestar contas, porque são muito artistas mesmo e aí se envolveram mais com a atividade artística do que com a própria prestação de contas. E aí não conseguiram prestar contas e portanto, não receberam a outra parcela. Mas em muitos lugares eles eram, isso era tão pedido pelas próprias crianças que eles executarem mesmo sem a ajuda financeira do governo. Eles continuaram produzindo essas atividades nas escolas.

V: É hoje na cidade há pontos de cultura do governo federal atuando? E assim, se você sabe de algum e de onde, se existem hoje...

C: Eu sei, eu posso te dar vários nomes, mas atuando nas escolas eles não estão. Porque tão naquele período de prestação de contas são encerradas as atividades, aí depois que recebem a próxima parcela, tem uns que continuaram por conta própria, mas aí como eles não prestam mais contas, porque tão por conta própria eu não sei te dizer se ainda estão atuando. Mas a gente tem muitos projetos que eram pontinhos, pontões. Tem o laboratório cultural, tem projeto enraizados, tem **Cisane**, tem Nova Era, Casa de **Aniê**, deixa eu ver...

V: Mas aí, em relação assim as ONGs e os pontos de cultura, você vê alguma diferença nessa coisa da prestação de contas, da gestão... Você vê que o ponto ele faz isso melhor? Tem alguma diferença?

C: De uma forma ele tem que servir a ONG ele tem que ter CNPJ pra receber isso. Só que eu acho que aí tá na maturidade dos pontos, porque tem aqueles que já exerciam aquelas atividades, mas eles só se estruturaram para poder fazer o trabalho de forma remunerada. E aí, eles tem mais facilidade de prestar contas. Porque pros novos que é tudo muito novo, eles pecaram mais. Porque deram um foco maior a atividade, que tem que dar maior mesmo, porque é início de projeto e tal, mas aí se esqueceram da prioridade que é você tá fazendo, você tá gastando um dinheiro público, lembra que tem que prestar conta desse dinheiro! E aí foi se fazendo forma muito... deixa levar e vamos lá, tem dinheiro pra fazer. E aí, não conseguiram prestar conta disso.

V: Você passou assim por diversas gestões na secretaria. Você vê que houve uma continuidade, ou assim, toda mudança que ocorreu teve alguma quebra significativa, ou seja, teve ou continuidade ou quebra? E você acha que nessa gestão atual, os projetos iniciados já chegaram ao seu ápice ou ainda... nessa nova postura, da coisa da visibilidade da produção cultural que você já mencionou, se abre um novo caminho?

C: Eu acho que até a gestão do Ecio, foram as duas gestões que foi Faustini e Ecio seguiu uma mesma linha. Porque os dois eram gestores, mas eram artistas. Então, sempre com foco na arte, entretanto o administrativo não era prioridade. Esse novo gestor que nós temos, ele é uma pessoas administrativa,

ele é um advogado formado. Então por ele ter essa coisa mais administrativa, foi se pensando em coisas assim pra se estruturar a longo prazo. “Eu não vou fazer o circo todo agora, pra todo mundo rir agora e amanhã eu ter que desmontar a lona”. “Eu hoje, vou chamar só os palhaços”, é uma coisa de pensar a longo prazo, ele feito isso começando a mexer pouquinho, mas pra que eu tenha segurança no final disso tudo, entendeu? Então assim, eu acho que a grande quebra foi aí: do artístico para o administrativo, sabe? Não é o artista, que era o gestor artista, né? E agora é o gestor administrativo que, que tem ingerido dessa forma e que eu acho assim, e com isso a gente até achava realmente que nossos grupos, eles tinham atingido o ápice e não. Que ali é o ponto e acabou. Mas pelo o que tem sido feito e pelo novo desenho desse projeto, eu acho que não a gente não chegou, a gente ainda tem muita coisa. Eu acho que a gente tem muito pra crescer e...de uma forma muito mais estruturada do que a gente achava que era.

V: Então essa coisa do, que eles trouxeram da arte, ela existe, mas vocês tão se preocupando mais em ingerir isso administrativamente, pelo menos nesse começo.

C: É, porque é uma coisa assim de sustentabilidade. Não é só fazer, por fazer. É uma arte sustentável. É se pautar em diretrizes que você sabe que isso vai perdurar pelo menos por mais alguns muitos anos.

V: É. Porque se, se uma coisa pouca que eu notei assim na pesquisa preliminar é que tem muitas iniciativas e foram abertos vários canais e aí tem essas coisas dos blogs que eu achei., tudo que eu acho que foi criado tem um blog. Mas aí quando você entra naquilo e tenta tirar alguma informação, vejo que o único que ficou foi o Cultura NI, mas ai eu acho que talvez essa seja a diferença, né? Entre um começo que é uma iniciativa artística mas dando continuidade, às vezes eu acho que...

C: Acaba se desgastando com o tempo e acaba se interrompendo aquele processo, mas tudo tem seu lado proveitoso, então a gente tirado o que dali é fundamental e vamos continuar com a essência daquilo, mas fazendo de uma outra forma, sabe? Pra que isso não se perca. Não morra, assim.

V: Falando agora da produção cultural da cidade. O quê que você enxerga de mais relevante nessa produção cultural, algum elemento, ou algum tipo de arte que acha que se desenvolveu mais e qual as principais mudanças nesse, nessas 3 gestões assim do Faustini, do Ecio e do novo secretário?

C: Eu acho de uma forma geral, o que mais tem cresceu dentro da cidade, em questão artística foi o teatro. Surgiram diversos outros grupos de teatro e formadores em teatro. A casa aqui tá vai fazer um ano que possui cursos de teatro e que daqui já saíram peças maravilhosas e que são produzidas por jovens, que a maioria da turma é de adolescente. Então assim, foi um lado que cresceu muito e tanto que nós tivemos muitas peças esse ano, aqui no teatro, é... e que tem sido mais reconhecidas e valorizadas então... é nesse sentido eu acho que foi o teatro que cresceu. E qual foi a outra pergunta?

V: É o que foi mais modificado nas 3 gestões você falou dessa coisa do artístico e agora é uma gestão mais forte na consolidação do que já foi feito. Mas assim, em termos de espaço, assim teve alguma mudança, em termos de representatividade da secretaria, se a secretaria ganhou é algum tipo de status e poder dentro do, do conjunto das outras secretarias?

C: Sim. Já foi cogitado por diversas vezes o fim dessa secretaria, porque eu passei por 3 gestores, e uma interina... No início o foco era no artístico mesmo, era produção de material artístico. O segundo já era foco na produção de material literário, com a criação do projeto do “Livro Livre” que é o livro na rua, né, que é você deixa livro num ponto pra alguém pegar. Mas assim, estruturalmente sempre foi a mesma coisa, foi assim... o que o primeiro gestor deixou pro segundo o segundo manteve. Então assim, tinha uma ação ou outra tinha destaque, tinha muito destaque, e as demais ações escolhia uma ação pra ter muito destaque. E agora por último eu acho que tem acontecido coisas muito curiosas nessa última fase agora, que em questão de visibilidade, assim porque estruturalmente como eu te falei que veio tudo pra cá que a gestão passou a sair daqui, então assim a casa foi melhor equipada, se eu não me engano fazia 8 anos, desde que eu estou aqui, que eu nunca vi esse elevador funcionar na verdade. Eu estou aqui desde 2007 eu nunca tinha visto o elevador da biblioteca funcionar. Então assim, o elevador funcionando, a estrutura da casa foi toda modificada, foi toda reforçada, houveram reformas na casa, porque a casa estava aos pedaços, ainda tem muito a se fazer e as salas, sabe, foram adaptadas, teatro que estava com uma iluminação muito precária e isso foi mudado também. E hoje, a gente não tem o foco específico pra cultura de produção artística, mas esse ano já está no ano de valorização das políticas para as pessoas com deficiência e tem a, as políticas do livro-livre.

Tudo que foi deixado desligado, não foi enfatizado uma única coisa. O que foi deixado desligado tudo isso foi, foi consolidado ali e tá se trabalhando tudo. Então assim, eu acho que a forma de organização melhorou e com isso é o que é produzido aqui se sobressai. Então a gente ganhou maior segurança, maior sustentabilidade, entendeu? Assim então é aquela coisa assim, a gente tá produzindo realmente coisas boas, de qualidade e de foco positivo para sociedade então a gente tá mais seguro agora. É uma das coisas que assim podem até parecer banais, mas que assim que eu nunca vi nesses anos foi o natal da Casa de Cultura, que a gente inaugurou as luzes da Casa de Cultura, (agora que vai escurecer você vai poder ver) a frente o jardim, ele tá sendo todo restaurado e é a primeira vez que o jardim dessa casa da iluminado, sabe? Tá todo iluminado. Aí ontem, houve uma apresentação de um coral na sacada ali da Casa de Cultura pra população que passava na rua poder ver, sabe? **E** houve uma cantata aqui nos fundos, então assim, foi a primeira vez que houve um Natal! Parece uma coisa assim, uma coisa boba, mas que tem um sentido, porque quem mora aqui no centro, que passa aqui todo dia, que nunca viu, que nem sabia o que era, hoje já descobriu! Já sabe, entendeu? Isso gerou um destaque.

V: Então, a posição hoje, da secretaria é uma posição confortável?

C: É! Relativamente confortável.

V: Não tem ameaça de, por exemplo, perder esse espaço para outra secretaria...

C: Não, a gente não tem, quanto a isso não! Nós estamos, esse não é patrimônio tombado. A gente está nessa luta de tombar isso como patrimônio histórico. Então acho assim, como esse o Anderson tá aqui desde maio. De maio pra cá ele faz muita coisa. Entendeu? Então eu acho assim, pelo pouco tempo de gestão que ele teve e pelo grande trabalho que ele mostrou, eu acredito que não há isso, esse medo de perder a secretaria não. Nem que ela se divida ou que vá pra uma outra.

V: É e essa coisa assim de secretaria de cultura e turismo isso gera algum tipo de problema pra você de divisão assim, de divisão de recursos entre uma coisa e outra? Os trabalhos conseguem se integrar?

C: É, na verdade tem cerca de 2 meses mais ou menos que a gente convidou um coordenador de turismo, um turismólogo formado, para atuar junto conosco aqui. Que inclusive essa mesa é dele e eu divido com ele. Então assim, a gente é parceiro no que faz. Mas como a verba né? Que vem o foco é destinado a cultura, então assim, turismo ele tem um foco menor. Ele traçou um plano, esse novo coordenador, ele acabou de traçar um plano e apresentou, isso ao secretário. Construir algo efetivo com relação ao turismo na cidade. Só que, foi algo que ainda não foi implantado, porque como é algo ainda muito recente, né? Tem aquela: “tem que se buscar verbas e equipamentos para a realização desse trabalho”. Mas acho que pela primeira vez assim, a gente vai ter realmente alguma política de turismo na cidade. Mas aí a gente sabe que vai levar um tempinho ainda...

V: E a participação popular nos eventos que vocês organizam? Você sente que há um tipo de adesão ou você vê sempre o mesmo tipo de pessoas? Nesse tempo das diferentes gestões, aumentou o público ou diminuiu a participação. Como você vê isso?

C: A gente teve lá, no início, logo na entrada, na mudança de gestão, houve aquele enfrentamento. Porque tudo que molda tem seu lado bom e tem o seu lado ruim. Então... houve algum enfrentamento por parte de alguns artistas que perderam privilégios. Que era que, por exemplo: tal artista tem livre arbítrio de fazer o que quiser aqui dentro e as apresentações são dele e quando ele quiser se apresentar ele vem. E a, coisas desse tipo foram, começaram a ser vetadas até pra poder dar oportunidades para outros, né? Então assim, como teve essa resistência por parte artística no início, porque por conta das mudanças, houve muita resistência. Logo no início a gente perdeu público. Não tinha muito, porque era um público conhecido daquele artista. Aquele artista já chega e já fala: “Olha, não vou mais lá, por causa disso, disso e disso” então a gente perdeu. Só que aí gente conseguiu resgatar um outro tipo de público que não frequentava a casa, entendeu? E os nossos eventos, eles têm resistido

bastante. Até porque a produção artística da casa, agora a gente realmente tem uma produtora, formada em produção cultural, é, então todas as produções agora são feitas por ela e trabalha-se muito na área de divulgação que não era antes. Antes era muito no boca à boca o artista que ia se apresentar ele mesmo chamava o grupinho dele vem. E agora, como a gente tá atingindo um público diferenciado que não é o público daquele artista mas sim o público da cidade de Nova Iguaçu tem vindo muitas pessoas e com perfis diferenciados do que vinha antes, porque o público era muito artístico, entendeu? E agora é um público comum, porque, até porque a gente tem oferecido muitos eventos gratuitos. Então assim, que facilita o acesso da população, principalmente daquela parte da população que não tem condições de pagar pra ver algo de qualidade.

V: Você falou que agora o secretário é advogado, agora vocês tem uma produtora cultural mesmo. Você sente que faz diferença ter especialistas nas áreas?

C: Muito. Até os nossos professores de teatro são professores de teatro, não são pessoas que fizeram teatro. A produtora cultural ela é formada. As oficinas são gratuitas alguns são voluntários não, são estagiários, porque eles recebem uma bolsa. Mas que não é uma bolsa que eles receberiam num estágio da área deles, né? É uma bolsa inferior. Mas são pessoas das áreas e aí o que acontece, as coisas se sustentam por mais tempo, porque quando você sabe o que tá fazendo é que dura mais. Você faz bem feito! Quando são pessoas que não são daquela área, mas querem fazer, fazem muito por conhecimento com outras pessoas, sabe? É aquilo assim, eu conheço fulano e fulano e eles me ajudam e vão fazendo, mas se fulano desaparecer aquilo morre junto. Agora assim com pessoas especializadas nessas áreas, a gente tem ações mais efetivas, que não precisa de fulano nenhum! Entendeu? Porque aquela pessoa ali tá fazendo um trabalho de qualidade então, isso faz uma diferença enorme! Tanto que a procura pelos cursos aqui é enorme e a gente abre já abre assim lista de espera, porque não tem. Turmas fecham não tem como entrar então, faço a lista de espera e a produção dos eventos também é muito diferente, sabe? Porque agora tem alguém que tá todo dia aqui participando de todo evento que acontece, então a casa não fica abandonada na mão do artista pro artista fazer o que quiser. Você tem hora para entrar, você tem hora pra sair, você tem um contrato pra assinar, você tem que zelar pelo patrimônio que é quando alguém pede o espaço, porque a gente não aluga, né, a gente cede o espaço, mas tem que fazer contrato. A pessoa tem que trazer o material de limpeza, tem que deixar pelo menos, mais ou menos do jeito que você encontrou o espaço. Então tem sempre uma pessoa aqui pra isso. E aí, a gente consegue também ter um controle sobre o espaço e a estrutura da casa. Que não fica mais igual era antigamente, de vandalismo. Porque a gente chegava aqui nessa sala, na segunda feira, e a sala estava um lixo. Porque tinha gente, artista que depois do espetáculo faz coquetel e aí deixa garrafa de bebida alcoólica aqui, e alguma, algumas vezes a gente encontrou outras coisas aqui, sabe? Isso não existe mais. Já há uma preocupação por parte do artista que tem um contrato assinado e que nas cláusulas está bem especificado o que ele pode e o que não pode fazer.

V: No começo da década assim, no ano de 2003/2004, não, na verdade eu acho que é mais quando o Faustini entrou, se teve ideia que a cultura aqui em Nova Iguaçu explodiu de alguma maneira. Você acha que já isso realmente aconteceu ou já tinha alguma coisa embrionária antes e aí foi o cara que deu esse start ou você acha que ele teve tantos recursos como os outros...

C: Eu acho que recurso na época o Faustini tinha até menos. Mas ele realmente era um agitador então eu acredito que todas as ideias surgiram da cabeça dele. Mas ele foi o cara que fez com que essas ideias acontecessem. E, quando eu cheguei, eu já cheguei na gestão Faustini. E ele era realmente um gestor que ele não queria saber de tá dentro da sala dele ingerindo aquelas questões administrativas. Ele queria era ir para rua. Então ele ia fazer na rua, ele era um artista, sabe? Então o negócio dele era o movimento social, era fazer mesmo. Ele era aquela coisa assim, é produzir em massa, sabe? Então ele foi e ele é ainda um grande agitador mesmo. Por isso ele ganhou muitos aliados no meio artístico, quando você tá dentro da cultura aliado no meio artístico é tudo que você quer. Que as coisas se tornam mais fáceis de eclodir. E aí eu acho que foi onde ele ganhou. Mas eu acho que com relação a recurso financeiro acho até que era menor do que, que nós temos hoje, mas com relação a explosão artística, com certeza foi ele! Foi muito maior na época dele.

V: É, há um ano atrás e eu participei da teia na baixada e lá eu conversei com muitas pessoas sobre o “Cine Iguaçu” também. Aí eu queria te perguntar se agora está num outro momento de rearticulação, se isso tem a ver com a saída do Faustini, mas por quê que esses eventos não foram feitos esse ano, teve uma diferença de articulação, de verba, o que é?

C: Eu acho que assim é, mas por parte de articulação mesmo, porque as pessoas que estavam a frente desse tipo de evento migraram todas para o Estado. Então, assim, dessa época na teia eu participei, estava lá fazendo pesquisa também, não tem ninguém. Então assim, foi aquilo que eu te falei fazer naquela hora sem pensar em deixar isso pra depois, porque o organizador do evento fez. Reuniu trocentos artistas aqui, mas ele foi embora e ele não disseminou isso para quem ficou, pra que isso pudesse ser feito novamente. Então eu acho que, que foi uma coisa assim que desarticulou na verdade mesmo. Mas por exemplo, com relação ao Cine Clube aqui hoje acontece, tem dia fixo, que é o “Cine Clube do Buraco do Getúlio”, né? Que acontece todas as terças feiras aqui. Então algumas ações isoladas que permaneceram, mas essa reunião dos artistas é que se perdeu um pouco.

V: Nova Iguaçu parece que está mais avançada e quando a gente vê assim o que Nova Iguaçu avançou realmente em termos da produção, do que se espera culturalmente do município, Nova Iguaçu avançou bastante e tem reuniões periódicas do conselho de cultura né? Tem um fundo municipal de cultura, o que a gente vê é bastante diferente em outras partes da Baixada. Você acha que tem a possibilidade de mudança na baixada, na juventude da Baixada, a partir das políticas de cultura?

C: Vem muitos jovens de outros municípios pra cá, nos projetos mesmo a gente recebe, muita gente de muito longe. É eu acho que não está sendo feita, no meu ponto de vista, mas que poderia e será feita uma articulação entre os gestores de cultura dos municípios da baixada, porque é uma política que está sendo implantada em Nova Iguaçu, mas que eu acho que qualquer município de condições de adotar. E a gente sabe que, tem alguns municípios que nem ala de cultura tem, mas uma boa parte e isso que eu visitei alguns municípios eu sei que tem casa de cultura, mas que não produz efetivamente nenhuma ação cultural. Então não chama, não é atrativo pra jovem, entendeu? Eu acho que cultura é um mecanismo muito eficiente de você tirar o jovem ocioso da rua e por ele pra fazer alguma coisa. Eu acho que assim, se houvesse um interesse dos municípios em fazer uma união para que essas políticas fossem adotadas por outros, mas isso é uma coisa muito complicada, porque aí envolve políticas partidárias e aí são coisas difíceis de acontecer, que fogem um pouco do nosso entendimento.

V: **Tem minhas duas últimas perguntas. Primeiro é com relação aos pontos de cultura e pontinhos, a gente já falou, mas é o que eu tenho lido e tenho visto é que os pontos/pontinhos de cultura tem problemas. O primeiro é a questão do edital, queria te perguntar, se houve algum tipo de auxílio as pessoas que quiseram participar do edital, não sei, entender o edital e formatar, outro problema que você já falou é o problema da gestão, da prestação de contas que foi uma coisa problemática. A pergunta é se tem algum outro tipo de problema de gestão que vocês notaram além da questão do dinheiro e da prestação de contas, essa coisa que também você já falou da participação da juventude. Primeiro assim, se há só jovens ou se há adultos, idosos ou qualquer grupo social que seja e se isso efetivamente é um problema: as pessoas começam e recebem a bolsa e vão embora assim o que vocês notam nesses 3 pontos. Na gestão, na participação e nos editais?**

C: Então, com relação aos editais havia sim uma equipe dentro da própria secretaria que estava de pronto atendimento para esclarecer qualquer dúvida em relação ao edital e até pra auxiliar da instituição do próprio projeto. Muitos procuraram. Outros não procuraram e fizeram por conta própria e depois isso acabou sendo um problema, porque esses que não entenderam e também não quiseram buscar ajuda pra entender melhor, questionaram coisas depois que não obtiveram e acharam porque tem uma história que é muito complicada nisso tudo que é a contrapartida. Que o município dá e em contrapartida que o projeto dá e aí isso assim, era uma briga interminável Porque tinham coisas que não eram contrapartida do município e que eles encaravam como se fosse e daí caía na prestação de contas. Não prestavam conta daquilo, porque jogaram na conta do município uma coisa que viria, que era parte deles prestar contas. Eu acho que o maior problema foi nisso. E que eles com relação a jovens assim, o público que eles atendem que você quer saber? Eles atendem um grupo juvenil, né? Que é da idade de criança a jovem. Criança, adolescente e jovem, né? Uma faixa etária de 12 a 18 anos que era o público alvo dessas instituições.

V: Quanto a gestão assim, você falou da coisa da prestação de contas. Tem alguma outra coisa que vocês notaram assim, que foi um problema ou foi só isso mesmo?

C: Ah, os problema, acho que eles tiveram foi com delimitação de idade né? Pra exercer isso, porque as vezes eles não conseguiam captar público para atividade dentro daquela faixa etária. E aí eles tinham também uma quantidade de alunos que eles tinham que atender e, e eles não conseguiam essa quantidade de alunos. E isso acabou sendo um problema. Porque aí isso inviabiliza o projeto e o projeto é obrigado a encerrar.

V: A última pergunta é sobre o blog “Cultura NI”. Quando eu leio aqueles textos, eu já li boa parte daquele blog, eu vejo que tem esse elemento do pertencimento e do empoderamento e valorizar a tua cidade, o teu lugar mas também aparecem aqueles textos dos jovens que tão conectados a coisas no mundo, não só a sua cidade. Te perguntar se vocês sentiram ou os meninos que participaram, sentiram algum conflito nisso assim: “Eu quero, amo a minha cidade, mas eu quero fazer outras coisas e quero talvez tentar uma vida fora dela” ou “Participar de atividades culturais fora dela”. E aí, como isso...se deu?

C: É, isso foi um grande impasse. Porque quando foi delimitado a eles o território de Nova Iguaçu houve muita especulação e muita briga, porque era aquilo que você falou, realmente eles querem participar de tudo! E aí, você pode participar de tudo, mas dentro de um blog que leva e é cara da secretaria de Nova Iguaçu você não pode escrever de tudo.

E aí, surgiu muito conflito, porque as coisas, eles começaram a ver as coisas de fora com mais interesse do que as coisas de dentro do município. E aí, muitos pararam de escrever e até os últimos escreveram coisas assim meio que afrontando mesmo o próprio município, a própria gestão do município, da secretaria por conta disso, porque eles estavam mudando de caminho. Eles falavam sobre isso porque gostavam. Então assim, foi um conflito muito grande, que eles se sentiram muito limitados, uma coisa que não havia antes e que passaram a ter.

Então assim, os que ficaram ainda brigam por esse espaço assim de, “mas eu posso fazer sobre tal aqui, porque eu acho que é interessante?” e aí a gente cai numa coisa que assim, de que com o novo gestor é assim, tudo, se você tiver um conceito você pode tudo! Então você pode, você pode escrever sobre... o que tá acontecendo no Complexo do Alemão, mas qual a ligação que isso tem com o município? Então assim, tem que ter um viés, sabe? Não pode só escrever por escrever, porque eu estive lá, entendeu? Então, você vai ter que fazer essa conexão. E aí nessa, alguns abandonaram as postagens. E aí, ele veio com uma nova ideia porque ele viu que a galera perdeu o gás. Muitos debandaram e aí resolveu criar um site, comprou um domínio então aí, trabalhando nesse site, pra que esse site vinha pro ar. Porque pra valorizar o trabalho deles, sabe? Saber que como delimitou, então vamos valorizar? Pra não, não acontecer, né, de criar mais essa polemica.

V: Mas assim tinha o espaço no blog e nas ideias de vocês, o espaço, por exemplo se eu quisesse falar sobre o Complexo do Alemão, você poderia escrever sobre o que você tá sentindo, mas ainda assim o existia um limite, mas era uma coisa que tinha que ter a ver com cidade?

C: Isso!

V: Bom, Camila, obrigado!

ENTREVISTA 5**ENTREVISTADO:** Carlos Rodrigo Avilez Andrade Bezerra da Silva**LOCAL:** IPPUR/UFRJ**DATA:** 24/01/12**MOTIVAÇÃO / CLIMA:** Carlos Rodrigo, atualmente doutorando no PROURB/UFRJ, trabalhou na SEMCTUR durante dois anos e realizou uma dissertação que versa sobre o programa mais famoso de Lindberg o “Bairro-Escola”, sua entrevista e dissertação foram fundamentais para entender como a SEMCTUR se institucionalizou e como se deu a busca de recursos junto ao governo federal.

Vinícius: Como se deu sua entrada no campo de trabalho com culturas, política de culturas, onde e por quê?

Carlos Rodrigo: No meu caso foi bem específico em Nova Iguaçu, foi bem por acaso, porque na época, 2005, já tinha cinco anos trabalhando como arquiteto, fora o período de estágio, antes de ter meu registro profissional. Eu sempre trabalhei como arquiteto, projetos, cheguei a fazer algumas reformas, fiz projeto de casas, acompanhei obras, minha vida era essa... Só na época da faculdade que eu fazia algumas disciplinas de urbanismo, geografia, pensava no mestrado, achava uma ideia muito interessante, mas pelo acaso, dos acasos, conheci um artista plástico que fazia trabalhos de interiores também. Ele é de Nova Iguaçu e é engajado no movimento artístico em Nova Iguaçu, e ele estava bem articulado com Lindberg, prefeito da época. Esse cara, o Raimundo Rodrigues, por essa articulação, conversando bastante com o prefeito e com a então secretária de desenvolvimento social e também primeira dama, Maria Antônia ele mostrou a necessidade... O prefeito já tinha algumas ideias, projetos e financiamento com o BID que estava chamando arquitetos para fazer projetos pra Nova Iguaçu, fazendo uma má comparação, o que seria o Rio Cidade, já sob o nome Bairro Escola, e ele conseguiu convencer o prefeito, ou o prefeito já tinha essa ideia, que esses projetos tinham que ter a cara da cidade e o prefeito incumbiu ele de ter uma proposta nesse sentido... Você é um artista local, você conhece a cultura local e...

Raimundo é artista plástico, também trabalha com interiores em trabalhos de arte e tal, eu conheci ele nisso. Um dos trabalhos que ele pegou, foi com um cliente que eu tinha, só que ele também “tava” trabalhando em um quiosque que esse cliente estava montando na Estácio de Sá e eu estava na casa do cliente. O Raimundo trabalha com artistas plásticos, eles estão fazendo um trabalho de intervenção visual dentro do quiosque... eles chamaram uma pessoa pra fazer um serviço de obra, de marcenaria e a pessoa da marcenaria fez um trabalho muito ruim e eu estava trabalhando com marceneiros muito

bons, aí esse cliente nos convidou a trabalhar juntos, nos convidou pra intervir lá e eu consegui o Raimundo, ou seja, uma situação nada a ver.

Por outro lado, o Raimundo tinha essa articulação em Nova Iguaçu com o Lindberg, com a Maria Antônia, dentro da prefeitura, é conhecido como artista de lá, artista plástico com uma certa projeção e ganhou essa oportunidade. Aí, dentro dos dinheiros que vieram do BID pra pagar esses projetos, ele ganhou a oportunidade de fazer um projeto setorial de arte e cultura e esse projeto tá interligado aos projetos de urbanização de Nova Iguaçu. Cada escritório e cada equipe de arquiteto ficou responsável por uma área, por um eixo: Via light, eixo do trem ou aquele eixo, estrada da posse... bairros, o Raimundo tinha que fazer uma proposta em cima daquilo tudo, seria um projeto transversal, tinha projetos transversais de infra estrutura, de sinalização, ele seria o de arte e cultura e ele precisava de uma interlocução com os escritórios. Como nosso trabalho tinha sido bom em outro aspecto, ele perguntou se eu queria fazer isso com ele. Eu achei ótimo, nessa época eu já estava fazendo pós-graduação porque queria realmente expandir horizontes, estava entrando em outras questões além simplesmente dos projetos de arquitetura e eu achei ótimo, falei “poxa que oportunidade, que coincidência”. Nessa brincadeira, nessa articulação com os escritórios, eu tomei contato com o projeto bairro escola. Tomei contato com a política de cultura de Nova Iguaçu, c/ algumas ações, fiquei sabendo do 1º conselho municipal de cultura, da agenda 21 de cultura de Nova Iguaçu, achei aquilo tudo muito interessante, trouxe uns discursos da pós que encaixavam muito bem com o que o Raimundo queria dar, com a proposta do bairro escola, e a gente montou um projeto setorial bem legal, chamado ‘Arte Cultura de inclusão’, e assim, uma das ideias que o Raimundo tinha na época era construir um museu a céu aberto, o projeto murais urbanos, tinha a casa do artista popular, que eu acho que era uma ideia que já existia e a sede do que seria o imaginário periférico, que é o coletivo de artistas do qual ele faz parte, que só atua na periferia e na baixada, quer dizer, é composto de artistas da periferia e da baixada... E assim saiu o primeiro trabalho propondo uma política pública. O resultado disso, é que o Raimundo foi chamado pra compor a secretaria de cultura de lá, e aí eu fui a primeira pessoa que entrou nisso, que o Raimundo em si, na época não poderia assumir porque ele tinha um contrato com a Globo que ia tomar muito do tempo dele e nesse meio tempo em que ele chamava outras pessoas para comprar a secretaria, eu entrei na coordenação do bairro escola, voltado pra secretaria de cultura para fazer essa articulação de tudo que “tava” sendo feito, do projeto, que basicamente quem trabalhou nele, fui eu e ele, mais a Bianca que depois veio trabalhar com a gente também e mais uma arquiteta, que só fez um trabalho e depois se afastou. A partir daí, a secretaria de cultura foi composta, eu fiquei nessa função, dentro da coordenação do bairro escola, ser da parte da cultura. Eu ia tocar o projeto murais urbanos que era mais voltado para outras intervenções urbanísticas... Fazendo essa ponte das pessoas q chegavam, eu preparava as pessoas pro trabalho junto com o Raimundo: “o bairro escola é isso, o prefeito tá trabalhando isso”, eu já tinha chegado há mais tempo, já “tava” me inteirando dos processos.

Com o tempo, nos primeiros meses, uma das pessoas no processo todo não deu certo, dessas que o Raimundo chamou, que foi o que era responsável

pelas oficinas de cultura no ensino de tempo integral, que é o projeto do bairro escola voltado para as escolas mesmo. E por eu ser uma pessoa - tem o secretário novo que é o Marcos Lontra - eu estabeleci uma relação com eles, nessa época a Bianca entrou como chefe de gabinete, e como eu fiquei sendo uma pessoa de confiança, tanto do Lontra e dentro da coordenação do bairro escola, junto ao prefeito, à Maria Antônia, eu acabei herdando também a coordenação das oficinas culturais, eu fiquei com a coordenação dos murais urbanos, das pinturas, que já não eram mais murais, viraram pinturas, mas já é outra história, e das oficinas de cultura no ensino em tempo integral, e enfim... Acabei ficando uma pessoa bem relacionada dentro da secretaria de cultura e acabei tendo outras demandas também, e assim começou meu processo lá em Nova Iguaçu.

V: Quais foram efetivamente os cargos e funções que você ocupou lá?

CR: Eu era subsecretário. O meu contrato era de subsecretário, com função de coordenador ligado ao gabinete do prefeito, porque eu era da coordenação do bairro escola. Então eu tinha essa função ligada à secretaria de cultura dos murais, mas até então eu não era oficialmente da secretaria de cultura. Quando eu herdei as oficinas culturais, eu até passei a frequentar mais a secretaria de cultura porque eu tinha que desenvolver o projeto das oficinas culturais, então eu frequentava mais a secretaria de cultura, mas eu ainda era do bairro escola, então eu tinha um pé na secretaria e um pé na coordenação. Depois de um tempo, passei a ficar mais ligado a secretaria de cultura porque a própria Maria Antônia entendeu que esses trabalhos já estavam amadurecidos o suficiente para não ter mais o controle direto de uma coordenação e essas pessoas que estavam exercendo funções, já podiam estar mais dentro da secretaria. Aí era ao contrário, eu passava mais tempo na secretaria de cultura e frequentava todas as reuniões da coordenação. O projeto já “tava” desenvolvendo, não era mais um projeto, era um programa. Eu fiquei como coordenador das oficinas culturais e coordenador desse projeto murais urbanos, durante um bom tempo, entre 2006 e 2007. No final de 2007 a coordenação das oficinas foi pra outra pessoa, foi pro Rômulo, a coordenação dos murais voltou pro Raimundo, mas pra uma pessoa q executava mais próxima, e a secretaria de cultura dava um “suporte artístico”, dava mais uma consultoria. Em 2007 eu passei a fazer parte dos conselhos de bairro escola, nós eramos um grupo de coordenação que fazia coletivo educadores dentro dos conselhos.

V: Quais foram as secretarias que você pegou, chegou a pegar a transição do Lontra pro Faustini?

CR: Não, foi assim: eu entrei junto com o Lontra, fiquei até 2008 junto com o Lontra, na época da cominação do Faustini, não só tivemos umas 2 ou 3 semanas pra passar trabalho, essas coisas, quem permaneceu depois da transição foi a Juliana Lopes, a Bianca, a Verônica, o Marcelo que já era administrativo, funcionário, essas pessoas que eram funcionários da prefeitura.. mas de gente de coordenação assim mesmo, foram essas que te falei, Juliana Lopes, a Bianca, a Verônica.

V: Eu não sei se isso te pegou de alguma forma lá, mas uma coisa que eu tenho percebido, lendo um pouco a história dos últimos oito, dez anos e das últimas gestões, que há um conflito entre as pessoas que o Lindberg trouxe e as pessoas de Nova Iguaçu. As pessoas falam que os que ele trouxe são forasteiros - tem uma inclinação muito forte nesse sentido. Você notou q havia isso de alguma forma, isso foi verbalizado, mostrado de alguma maneira?

CR: Tem dois aspectos nisso: sim, notei. Notei mais claramente quando o Raimundo voltou do projeto dele que estava lá na Globo e também notei nos bairros, nos lugares onde eu ia e dentro da prefeitura, porque realmente, as pessoas que compunham a secretaria de cultura, praticamente 90% não era de Nova Iguaçu... tinha o Jorge Cardoso, uma pessoa que vale a pena você conversar, tinha o Daniel Guerra, esse vale a pena porque é uma figura importante da cultura local, mas eles estavam lá e eram de Nova Iguaçu e da secretaria, fora eles, só tinha a Silvia, mas ela é funcionária da prefeitura, o Tiago, ele também “tava” lá, acho que também era funcionário e todos os outros são de fora. Eu sou de Jacarepaguá, o Lontra morava em Copacabana, ele foi morar em Nova Iguaçu, o Álvaro também não, a maioria era de fora mesmo. E essa secretaria de cultura entrou num momento de uma crise muito forte, que eu não vou dizer com certeza, mas muito tem a ver com a postura que o prefeito tomou com relação a eles. Parece que o secretário da época, antes do Lontra, era o Roberto Lara e por problemas ou divergências, que realmente isso eu não sei, porque passei muito longe, ele foi exonerado, e os três sub secretários na época eram: o Jorge Cardoso, o Daniel Guerra e o Lino Roca e ninguém quis assumir a secretaria, fazendo uma força política contrária a que o Lindberg tinha feito, exonerando o então secretário. Nesse sentido o Raimundo entra, compõe uma secretaria só com as pessoas de confiança dele, todos de fora, lógico, muitos membros de coletivos que ele já se relacionava, eu... o Marcos Lontra não era uma pessoa da relação dele, mas é o Marcos Lontra Costa q foi diretor do MAM, q ajudou a criação do MAMAM no Norte, Nordeste, acho que no Piauí, um cara de nome no meio da arte e tal, ele conseguiu articular e o Lontra aceitou a secretaria. O Raimundo foi muito forte na composição da secretaria, porque ele conversou com todas as pessoas, junto com o Lontra, e o Lontra achou por bem manter o Daniel Guerra e o Jorge Cardoso. O Lino não ficou, era um dos subsecretários antes da gente. No processo de trabalho eu tinha escutado algumas coisas, isso foi verbalizado sim, que a gente era de fora, principalmente no final, quando eu entrei nos conselhos de bairro escola q eu “tava” diretamente lhe dando com a população, conquistar a confiança dos bairros onde eu “tava” foi um processo, até o pessoal ver.... Porque os conselhos de bairro escola não eram assim “ah, você vai cuidar de nova era, você vai pra três corações. Você tem uma verba tal e vai negociar com eles o que vai ser feito c/ essa verba tal de acordo c/ o q for elabora conselho”, não, é: “a proposta do bairro escola é essa, verba é difícil, você sabe muito bem” e nós temos que trabalhar... Um dos discurso do bairro escola é que nós temos que fazer o máximo, mas trabalhar c/ a precariedade que é um fato na prefeitura, não só na de NI e pessoal dizendo “Ah vocês vieram aqui pra falar e tal, você não é daqui. Nós vamos continuar fazendo o que a gente faz, só que agora com o chamamento da cultura e do bairro

escola?” Aí eu dizia que não, que a gente vai desenvolver um trabalho em conjunto, que o que a gente puder dar de apoio da prefeitura, seja o que for, nem que seja pegar um ônibus da prefeitura, a gente vai fazer, e tá presente, tá junto. Então esse fato de ser de fora, é um fato e foi muito cobrado. Boa parte das vezes que a gente aparecia com o Daniel Guerra, que é uma figura conhecida em Nova Iguaçu, ou com o Jorge Cardoso, ou então com alguns dos amigos dele, que nos apoiavam, assim algumas entradas eram facilitadas, algumas conversas eram melhores, inclusive dentro da prefeitura.

V: Você ficou até antes do Faustini, ele implementou algumas políticas interessantes para Nova Iguaçu, o fundo municipal de cultura, o jovem pesquisador, os pontinhos de cultura...

CR: O Faustini lançou, mas o fundo municipal de cultura, o pontão de cultura, o desenvolvimento de política cultural, a segunda conferência de cultura, foi tudo elaborado, preparado, gestado, ainda na época do Lontra, aí na transição, edital sendo feito, o consultor que ajudou na elaboração do fundo, veio na época do Lontra também, aí assim, no momento de transição, as pessoas que ficaram inclusive, eram as pessoas que estavam tocando isso, a Bianca, Juliana e tal...

Eu não sei se dentro do que estava sendo gestado, se já tinha esse espelhamento claro com o ministério da cultura e tudo do Ministério da cultura que se fala sobre juventude, que foi tema da minha pesquisa, fala em ponderar o jovem e fazer com que ele valorize o local, o saber local, sua cidade...

V: Você já percebia isso, como era o trabalho com a juventude?

CR: Eu percebia isso no início, na época q eu “tava” lá, ainda um pouco distanciado da secretaria de cultura. Lá dentro, o nosso trabalho era muito voltado pra dentro das escolas, e os jovens que estavam trabalhando conosco, estavam também voltados pras oficinas culturais... tinha o jovem repórter já acontecendo, tinha alguma coisa acontecendo mais dentro da coordenação, c/ outras pessoas trabalhando nisso, agora não vou lembrar quem era.. tinha a secretaria de juventude, que eu também não lembro até que ponto estava dentro disso, então na época do Lontra, dentro da secretaria de cultura, essa questão da juventude, do jovem repórter, do jovem pesquisador, realmente ainda não tinha, eu lembro que o Faustini já estava lá, eu lembro que esse trabalho já era um que tinha a ver muito com as escolas de cinema, com as propostas q o Faustini tinha e com as outras pessoas que estavam entrando, o Nike, o Anderson, isso já “tava” tomando força naquela época sim... apesar de eu não ter ficado na secretaria depois que o Faustini entrou, eu mantive relação com algumas pessoas, dentre elas a Marcela, o Julio... Eu vi que essas coisas ganharam corpo e ficaram bem fundamentadas dentro da secretaria enquanto o desenvolvimento de uma política cultural tinha na gestão deles sim, que eu via que era um trabalho que eles estavam bem dentro.

V: Qual foi, eu fico meu confuso de perguntar isso, mas o que seriam, em termos de produção cultural da juventude, ou como a juventude aparecia

no ambiente da secretaria... Você falou q pegou bem o embrião do jovem repórter, o que você via de trabalho de juventude, tem alguma coisa que pode, consiga destacar?

CR: Na minha época, eu via o trabalho do jovem repórter, até por eu não tá dentro do processo realmente, eu não “tava” dentro daquele processo, eu “tava” vendo, agora vendo até de uma perspectiva mais temporal, eu via realmente um embrião do que ele é hoje. Alguns trabalhos tiveram articulação, por exemplo, com o bairro escola, com as oficinas, que era a história dos bairros, e que os jovens reporteres tiveram muito a ver com isso, eles tocaram isso... De ir lá e fazer a pesquisa da história dos bairros, de produção cultural da juventude, eu não me lembro de nada que tivesse realmente me chamado atenção de fato. As pessoas mais jovens que eu via realmente dentro do meio cultural, já eram artistas locais que tinham certa organização, ou que desenvolviam trabalhos locais e que tinham interesse de participar. Não era assim... muitos que vinham estavam próximo da prefeitura, mas que “tavam” desenvolvendo trabalho dentro de igreja e “tavam” desenvolvendo uma ação cultural, aí a gente ia lá, conhecia e fazia um mapeamento cultural dos bairros e procurando articular... Quando eu passei a fazer parte dos conselhos de bairro e dos coletivos cultura, esporte e lazer, eu pude ter uma noção melhor do que era feito dentro da parte de cultura e também de lazer dentro de cada bairro, então o que eu via eram mais iniciativas mesmo, mas de pessoas que militavam mesmo... Que já tinham um projeto anterior. Um dos grupos que eu tive mais contado, foi o Enraizados, por exemplo, especificamente com o Dudu e com o Dumont, que são extremamente articulados e têm um discurso, bem da época que conheci eles, em 2006, um discurso muito certo de onde queriam chegar e de que tipo de relação queriam ter com a prefeitura e até uma certa cobrança de que todas as tentativas de articular trabalhados em conjunto não tinham sido tão bem sucedidas na opinião deles... Eles queriam as coisas mais concretas, melhor desenvolvidas, mais interessantes, pra morro agudo, por exemplo, então “tava” nesse processo. Inicialmente eu não “tava” muito próximo e nos conselhos de bairros, eu passei a ver mais as coisas dos locais, onde eu “tava”.

V: Você falou de uma coisa que foi citada nas outras entrevistas que fiz, o mapeamento cultural da cidade. Como foi feito isso, o que vocês priorizaram e como fizeram?

CR: Isso foi feito com a Verônica, ela que começou isso. Ela já tinha tido uma experiência dessa, se não me engano com o SESC ou com o SESI e a gente já tinha esse interesse desse mapeamento cultural e quando a gente conheceu a Verônica, ela se tornou a pessoa perfeita pra fazer esse trabalho porque ela é super bem articulada na cidade e desenvolta. Esse mapeamento ficou ela e mais algumas pessoas fazendo que eu n vou lembrar, porque era um trabalho que envolvia essas pessoas e ela. Era assim, desde pegar listas na secretaria de comunicação a ver folhetos na rua a anúncios de festividades no jornal e boca- a- boca. Tem outra coisa, uma coisa boa da gestão da cultura a partir do momento em que a secretaria de cultura se consolidou, foi o que eu vi e pelo q eu entendo, depois conversando com o Jorge Cardoso, que eu fiquei amigo, sempre foi assim, o meio artístico da cidade, parece que realmente criou um

movimento forte de aproximação, então eles mesmos ajudaram muito. Eles mesmos falavam: tem fulano de tal, tem beltrano. Parece de alguma forma... o movimento cultural da cidade é articulado com a prefeitura, com vereadores, com gente que tá na secretaria, com amigos concursados, parece que o meio cultural tenta tá sempre articulado ali com as estruturas de governo, no sentido de incentivar, foi a visão q eu tive. Então isso tudo ajudou a fazer esse mapeamento que já vinha denso feito e era realmente garimpos. Tinham as grandes listas lógico, a secretaria de comunicação, articulação política... o próprio bairro escola quando “tava” começando tinha um mapeamento que era feito pra encontrar as potencialidades no bairro, então tinham várias listas que a secretaria conseguiu compilar na época..

V: Você falou que viu o processo de consolidação e institucionalização da secretaria...

CR: No caso depois que a secretaria, que era composta pelos membros de Nova Iguaçu foi exonerada. Então teve um processo de reestruturação na verdade...

V: Mas o que você diria que são os sintomas dessa institucionalização. O que você acha, depois que os membros de Nova Iguaçu, exclusivamente, saíram e os outros entraram, o que a se ganhou?

CR: Quando a secretaria começou e as pessoas estavam lá, “pronto, tá todo mundo aqui, vamos começar a trabalhar”, a gente trabalhava muito na nossa e inicialmente muito ligado ao bairro escola, totalmente ligada ao bairro escola, as coisas do bairro escola, tanto que a maioria dos trabalhos, dos projetos eram vinculados ao bairro escola, as oficinas de cultura eram relacionadas ao horário integral, os murais eram relacionados a horário integral, a uma adequação dos caminhos e, enfim, inicialmente foi muito isso. A medida que o Marcos Lontra, no caso que era o secretário, observou que já tinha um corpo de trabalho funcionando, mas que antes de qualquer coisa, ali era uma secretaria de cultura e, não, uma extensão do bairro escola, o mesmo processo em que as pessoas ligadas, no caso eu, Juliana, q nem era da secretaria de cultura na época, mas cobrava da gente atitudes ligadas ao bairro escola, fazíamos um movimento de consolidar nossas ações enquanto ações do bairro escola pela secretaria de cultura e pensar uma política de cultura, bairro escola também. O Lontra também começou a fazer essa articulação política dentro do meio cultural se utilizando, claro, da presença da figura do Jorge Cardoso e do Daniel Guerra e começou a ser apresentado as pessoas, a conversar com as pessoas, chamava as pessoas pra conversar com ele no gabinete, pra entender também um pouco do que tinha acontecido, no início eu via muito o Lontra em reunião, muita reunião, tanto com o Jorge quanto com o Daniel Guerra, juntos, individualmente, é, aí chegava uma pessoa que era da cidades... Ele chamava os grupos por pessoas individuais, pessoas que eram conhecidas no meio cultural, ele fez questão de conversar, de um por um, meio que dizer a que veio, dizer suas propostas, se apresentar, escutar as pessoas. O primeiro semestre, a secretaria de cultura voltou a ser frequentada pelas pessoas, pelo meio cultural, o que eu achava da secretaria tomar corpo, começar os trabalhos, não foi só os projetos irem pra rua, mas as pessoas

entrarem na secretaria, trazendo suas demandas, seus interesses, sua vontade de ajudar, enfim, participando, frequentando, entrando e saindo. Isso pra mim foi o que reestruturou, consolidou. E o ganho foi realmente ter uma visão própria da cidade. A secretaria de cultura tinha os óculos do Raimundo, depois tinha os óculos da Maria Antônia, do Lindberg, do bairro escola, passou a ter uma visão própria da cidade, e a desenvolver e ver o que ela precisava pra desenvolver políticas culturais.

V: Vou passar agora pra questões mais voltadas à gestão mesmo. As políticas de Nova Iguaçu foram pouco espelhadas nas políticas que foram pensadas no Ministério da Cultura, de certa forma, e na primeira fase do ministério da cultura, primeiro governo Lula, que iniciou em 2003. O ministério foi muito levado, principalmente, muito centrado nos projetos que o Gil tinha levado pro Minc. Queria te perguntar se em Nova Iguaçu você identifica isso também, se há uma relação desse tipo também? Por exemplo, o Lontra foi um cara importante, depois o Faustini, se há essa personalização, se isso foi importante nessa primeira fase de mudança nas políticas culturais?

CR: Olha, nesse sentido, eu acho que falar “Ah, a secretaria de cultura teve um papel importante”, sim, mas a resposta não é completa, porque isso realmente, eu posso falar, que essa gestão do Lindberg com a Maria Antônia, e essa ideia de articulação das secretarias e o bairro escola não ser uma secretaria, ser uma coordenação, sem verba, que trabalhava a verba das outras secretarias e tinha que se pensar muita coisa, e os projetos eram ambiciosos, extremamente ambiciosos, isso obrigou várias pessoas a dar varias soluções a problemas que Nova Iguaçu sozinha não daria conta. A primeira, que eu já cheguei, até por conta dela, foi o dinheiro que eles conseguiram do BID pra desenvolver projetos. Se saíram todas (as aulas) ou se não saíram, são outros quinhentos, mas foi-se movimentada verba que financiou uma massa pensante, a que fora que seja, mas uma massa profissional, competente a desenvolver projetos para a cidade. A secretaria de cultura e aí da parte da gestão acho que a Bianca vai falar muito melhor que eu, e a Juliana também, a gente comentava, isso passou por mim e eu pude observar, que um dos problemas muito grandes e muito sérios da secretaria de cultura, era que a gente não tinha verba. A nossa verba, era uma verba contingenciada, isso desde o histórico da secretaria de cultura era esse. E era uma verba contingenciada pra certas atividades muito específicas, ou pras atividades que eram ligadas às festividades da cidade. A secretaria meio que competia com a secretaria de comunicação, os eventos da cidade, então aquele q tinha muito caráter cultural, era da secretaria de cultura, os outros eram meio que uma briga. Então... a Bianca meio que falou isso, pra mim um tempo atrás, quando eu “tava” fazendo a minha dissertação, por isso que eu “to” falando, acho que ela vai te falar sobre isso muito melhor, mas o que eu percebia, era isso. Era a questão do dinheiro contingenciado que não dava pra fazer nada. O dinheiro que a gente tinha era das oficinas e das pinturas dos muros, que não era nosso, mas que a gente desenvolvia projeto, a verba saía da secretaria, da educação, saía do gabinete do prefeito, o Marcos Lontra já mais envolvido com o pessoal da cidade, da articulação da política de cultura local e eles cobrando mais política cultural e não tinha como dar uma resposta mais efetiva e de repente, em algum momento, que aí, eu já não sei te

precisar quando, a Maria Antônia teve, já em 2006 mesmo, passou a frequentar muito, o Minc, inclusive e levava o Marcos e de repente ia a Bianca como chefe de gabinete, articuladora também, a Bianca articulava muita coisa, muita coisa, então a Bianca começou a ir muito a Brasília e essas negociações começaram a acontecer e surgiu esse contato no caso com relação à educação, que via a possibilidade de editais e veio. Apareceu esse consultor pra falar pra prefeitura, pra mostrar a prefeitura a possibilidade de arrecadação de outras verbas, usando o fundo municipal e foi quando começou todo esse trabalho de participar de premiação, por exemplo, essas oficinas de cultura, a grana que ela ganhou no primeiro edital de pontinhos e que criou pontinhos de cultura que desenvolveriam trabalhos pro pessoal de 5 a 8 séries nas escolas municipais, foi fruto do prêmio escola viva e a gente ganhou com o projeto das oficinas de cultura, do bairro escola, das escolas municipais. Fomos contemplados, ganhamos, foi super legal e essa verba possibilitou a criação do primeiro edital e isso foi muito interessante e começamos a preparar material... e Bianca e Juliana dentro desse processo... ela vai poder falar sobre isso muito bem, porque elas tocaram isso e a partir de então todo esse trabalho de recolhimento de documento, melhorar o nosso projeto aí ia, voltava, o que a gente pôde melhorar, o que a gente pôde fazer... “como é essa articulação, quanto de dinheiro, como se dá contra partida?”. Segundo à conferência de cultura, e todos os documentos que se geram, conselho, como é o trabalho do conselho, como compõe o conselho. Eu lembro que isso assim, foi dentro da gestão da Lontra, tirando o bairro escola, que já era uma demanda, a gente já montou a secretaria com essa demanda. Dentro da administração do Lontra, entre outros trabalhos, a grande contribuição a partir daí e que teve sequência com o Faustini, porque ele também deu realmente um grande up grade na secretaria de cultura, foi esse realmente.

Foi essa maneira de observar como se dá essa articulação com as outras esferas, a esfera federal principalmente, com a sociedade civil, e de repente secretaria de cultura virar uma grande secretaria realmente. E essa experiência acabou servindo de aprendizado pras outras, que aí a secretaria de esportes começou a correr atrás disso, a seleção de estagiário passou a ser uma coisa única, a seleção de pessoas que trabalhariam dentro da parte educacional também passou a ser um mega edital de parcerias, então essa cultura de edital começou a ser explorada. Então a secretaria de cultura deu um grande passo nessa gestão. Tanto no início da gestão, quanto com a consolidação com o Faustini, na época do Faustini. Aí a secretaria de cultura, na minha opinião pessoal, da onde eu vi que “tava” e pra onde chegou, mesmo depois que eu saí, acompanhei à distância, deu um salto fabuloso.

V: Essa política de editais, consolidação de editais, tem uma polêmica nisso, tem um grupo que vê os editais como uma radicalização da democracia, porque na verdade todos têm direito a concorrer ao edital efetivamente, mas algumas pessoas veem problemas, principalmente porque isso de alguma forma excluiria grupos antigos da cidade, que não tem essa formação de edital e não puderam participar. Queria saber qual a sua percepção sobre isso, sobre essa dualidade e como isso se deu na prática.

CR: Eu não sei como isso se deu na prática, mas gostei de você ter usado a palavra percepção, porque realmente eu não tenho uma opinião formada, mas percebi o seguinte, que realmente lá tinha gente que era resistente a edital e eu conheço assim, um caso específico, por exemplo, que é o mestre Azulão, de capoeira, que é uma figura, eu não lidei diretamente com muitas pessoas, mas tem quatro indivíduos, pessoa/grupo que eu tive contato e eu adquiri profundo respeito lá dentro, que eu tive a oportunidade de conviver um pouquinho mais. As outras pessoas realmente não posso falar porque não consegui ter uma convivência grande, muitas eu tive uma convivência mediana e vi q são pessoas dedicadas, mas tem quatro grupos que eu pude tá um pouco mais perto, não só de trabalho, mas de convivência mesmo e que eu desenvolvi um profundo respeito.

O primeiro grupo é o *enraizados*, o primeiro dia que eu fui lá conversar com eles eu tinha uma demanda de conversar e eu fui assim, quase execrado pelo Dumont: “olha você não vem aqui pra me contar historinha, da carochinha, da prefeitura que eu tô vendo que tu é um cara novo, que tu não é daqui, então se tu quer conversar comigo de política cultura e de parceria, os termos são esses, esses... não volte a falar comigo se não for nesses termos”. E eu tive que cortar um dobrado pra mostrar pra ele que apesar de ser de fora eu era uma pessoa legal, do bem, que o projeto era legal e depois com o tempo eu vi o trabalho deles assim, e realmente hoje eu vejo que as conquistas que eles têm não são á toa, são fruto de um trabalho. Depois a Arlene bomba, a Arlene Catende, que tinha um trabalho muito forte junto com a prefeitura com parceiras, trabalhos que envolvem a cultura negra, afrodescendente, do candomblé inclusive, enfim, e outras... desenvolvia trabalhos sociais, sócio culturais e de repente teve uma queda, mas também é uma pessoa muito articulada e que quer muito fazer muita coisa lá, dentro da questão cultural e dentro desse nicho q eu te falei. O projeto bomba, também é um projeto fantástico.

Cara, outro é o mestre Azulão, agora não lembro o lugar dele, ali é Três Corações, Posse... Dentro do trabalho da capoeira ele fala da cultura, do gingado, da produção de instrumentos, se preocupa muito à ensinar a molecada a ganhar dinheiro fazendo aquilo, não só tocar berimbau, bater tambor. Ele faz daquilo um processo, como eu via na minha época de criança: “ah vai fazer karatê, vai fazer judô, porque judô te dá uma disciplina”. Ele tem esse discurso também, e tem o discurso da cultura. Aí por exemplo, o mestre Azulão, tinha dificuldade pra fazer edital. “Como eu vou fazer edital? Ô Rodrigo, tem como você me ajudar a fazer um edital?” – “Claro Azulão, chega aí. Não só eu posso te ajudar, como secretaria de cultura tá se dispondo a montar o edital, aqui junto com você. Vem pra secretaria que a gente vai escrever teu edital junto contigo. A gente vai te dar uma assessoria de graça.” Aí ele: “Poxa, muito obrigado”.

E isso eu acompanhei pessoalmente porque ele me ligava. Assim como ele, várias pessoas foram pra secretaria pra pedir ajuda pra escrever edital, porque não sabia escrever edital. Entre elas, apesar de ser uma pessoa que já escrevia edital, por exemplo, era o Edilson Maceó, do Cisane, lá de Nova Era,

que é outra pessoa que respeito profundamente. Não tenho uma relação pessoal com ele, eu até andava muito atrás dele lá em Nova Era. É uma pessoa super bacana, mas o trabalho que se desenvolve, e o comprometimento... O que me chama atenção nessas quatro figuras que eu pude conviver um pouco mais é o comprometimento e o interesse. Não importa: “Ah, você é daqui, ou é dali, mas a gente vai poder se ajudar mutuamente, então vamos construir juntos”. A postura do vamos lá.

Os *Enraizados* mais ou menos, a Arlene mais ou menos. Mas esses dois assim por outro lado, tem um grupo que eu fiquei sabendo depois que eu sai, que era de oficinairos nossos, que vieram de escolas pra dar oficina cultural e viram nessa questão dos editais, uma oportunidade grande de desenvolver um trabalho e que eles montaram uma ONG e conseguiram conquistar os editais, então assim... Como eu te falei, a minha percepção foi essa, das pessoas q tinham mais condições, porque já eram mais articuladas, que eu pude perceber como os *Enraizados*, eles já tinham esse hábito de correr atrás, de botar edital, eles já eram ponto de cultura, já tinham articulação com outros estados. O Azulão, não tinha a menor noção, ele ia lá, batia na porta da prefeitura: “Pô, o meu negócio de capoeira, como eu faço isso? Vem conhecer, o projeto é legal. Vamos lá.” E agente ia lá. E depois quando apareceu o edital, “Ah, eu quero entrar no edital, mas eu não sei escrever edital”. E a galera que era de fora, que começou a fazer oficina dentro de escola como estagiário e se uniu, “vamos montar um projeto”, ganhamos, “vamos montar uma ONG”, e tá desenvolvendo um trabalho cultural lá, se bobear, até hoje. Então a minha percepção é essa.

V: Tem uma coisa, principalmente, e no jovem repórter, acho que com o jovem pesquisador também, de ter feito um trabalho de formação com esse meninos, a cerca dos editais. Você chegou a ver alguma pessoa mais jovem ser de alguma coisa mais tradicional, ou alguma ONG mais consolidada, ganhar algum projeto?

CR: Eu não acompanhei isso exatamente, a questão das ONGs, mas eu tive um pouco de contato com os jovens pesquisadores e com o jovem reporter depois, porque de certa forma eu mantive contato com as pessoas individualmente e acabei conhecendo o trabalho deles. Tanto conheci, tanto achei interessante, a maneira, a formação deles e tal, que no cidade cultura, eu os convidei para ir lá, pra participar, e eles fizeram a presença. Não foi exatamente a presença deles foi super importante, eu adorei ter levado eles, mas não foi o tipo e participação que eu imaginei, mas enfim. Eu na época, como hoje, não sou a pessoa das que mais apito o que vai ser feito, mas eu não chamei assim pra passear lá. Eu tinha um propósito. Eu via no trabalho da Marcela, no trabalho do Julio e das pessoas individualmente, como a Jéssica, as Camilas, como eles eram bem articulados. Primeiro eu tinha ouvido falar, depois quando eu conheci essas pessoas individualmente, de bater papo, eu fiquei muito bem impressionado com o trabalho deles, mas foi só o que eu pude ver, e depois que eu saí. Antes realmente, eu “tava” afastado mesmo do trabalho deles, eu via uma coisa ou outra. Eu tinha mais contato com o Nike, que inclusive criou um espaço lá em Nova Iguaçu também, que se eu não me engano. Mas assim, de iniciativa jovem, que eu conheci lá, eram as pessoas

que eu articulava mais, que era a galera do grafite, galera mais votada pro hip hop, o Dante, o Nike, o Márcio, que não sei nem se ele faz muita coisa em Nova Iguaçu, mas ele tá articulado com a Jordana, o pessoal do cine clube *Donana*. Era mais esse pessoal, que circulava na secretaria de cultura, fazia parte das pessoas com quem eu batia papo, tomava cerveja e tal, e que tinha alguma coisa, que fazia algum trabalho. Era o que eu podia ver mais próximo, que eu consegui perceber lá

V: Você falou uma coisa agora que eu não sabia antes, que foi essa construção meio que uma política de busca por recursos e tal que foi capitaneado pela Bianca e pela Juliana né? Te pergunto: em outras entrevistas, as pessoas, nunca me disseram isso, nunca citaram você antes e sempre o que foi falado, foi uma certa facilidade que Nova Iguaçu teria por tá alinhado ao governo federal. Eu te pergunto, se nessa construção dessa política de busca por recursos, isso também contou de alguma forma ou não?

Carlos Rodrigo: Olha, nas conversas que tive com o Jorge Cardoso, e ele é uma pessoa importante pra você conversar sobre isso especificamente, porque ele é filiado ao PT, ele é frequentador das reuniões, e até onde eu pude perceber conversando com ele, ele é bem conceituado, as pessoas ouvem ele. Aparentemente sim, isso conta, o fato do Lindberg ser um expoente do PT, da Baixada Fluminense, poderia ajudar, pode ter sido, pode ter facilitado muita coisa, mas assim, o pessoal lá ralou muito, então não era uma coisa assim, não foi de mão beijada não, gastou-se um dinheiro contratando especialistas pra orientar o trabalho, e assim, o trabalho foi intenso... Se essa articulação com o governo, se essa facilitada ajudou em alguma coisa, pode ter ajudado nos contatos que favoreceram a gente adquirir as informações importantes pra isso, mas sinceramente, eu não sei te responder até que ponto isso foi determinante, porque as pessoas lá foram muito à Brasília, foram muito conversar com muita gente em Brasília e tinha muito trabalho de casa pra fazer.

V: Não é bem que eu pretendo trabalhar na dissertação, mas você trabalhou diretamente com o bairro escola. Queria te perguntar em termos de aplicação de políticas públicas... Já li sua dissertação, mas você falando é importante. O que você identificou que realmente funcionou, o que ficou pra trás enquanto proposta que você acha interessante destacar?

Carlos Rodrigo: Olha, o que funcionou no bairro escola, eu vou te falar que foi um dos pontos que tentei explorar na dissertação, é que o bairro escola é realmente uma proposta diferenciada, que não é uma proposta do governo, também não pesquisei tão a fundo a ponto de descobrir se era uma proposta ou se é um conjunto de ideias que já vem sendo formuladas e elaboradas há muito tempo, que vinculam políticas públicas, independente de serem governamentais, exclusivamente, visando outros propósitos além da eficácia e da eficiência, mas buscando efetividade, buscando resultados realmente melhores, mais voltados pra condição humana, pra melhoria da condição humana, mas além da mera questão do desenvolvimento econômico. Porque

dentro da política do bairro escola, se trata de valores e realmente, tratada a questão qualitativa, pra além da questão quantitativa, pra além do prover, é complicado. E você trabalhar... ai você pega uma proposta que vem do terceiro setor, que é o bairro escola, do Dimenstein, que é uma proposta do terceiro setor e de repente você transforma isso numa política pública e experimenta dentro de uma articulação de governo um modelo de gestão integrada, num ambiente político, que envolve disputa de poder, não é fácil. Então se tem uma coisa que realmente funcionou no bairro escola foi demonstrar uma nova cultura de gestão, voltada pra resultados mais amplos, assim, pelo menos no campo do... Não sei se vou saber me explicar, mas quando se elaborava um programa, se via a importância das secretarias e não adiantava por exemplo, vou fazer um exemplo bem pratico, porque eu funciono até melhor assim pra falar: tem que implantar o bairro escola em Miguel Couto, então a escola vai ter que receber obra, os professores vão ter que ser preparados, a rua vai ter que ser pintada, o asfalto vai ter que ser feito, calçada vai ter que tá boa, a sinalização vai ter que funcionar. Se só a sinalização funcionar, não adianta de nada, se só o asfalto chegar não adianta de nada, se só os professores estiverem preparados, também não adianta de nada, se a pintura tiver lá, também n adianta de nada. E se tudo isso for feito e as pessoas não articularem cada uma dessas coisas pra trabalhar em conjunto, também não adianta de nada. Então não adianta você ficar na tua secretaria de esportes, eu ficar na minha secretaria de cultura desenvolvendo meu trabalho, se a gente não tiver articulado em um contexto com a educação, entre a gente, porque lá dentro da escola, tudo isso tá junto e misturado. O estagiário de cultura, vai tá junto com o estagiário de esporte, junto com a menina que é do 2 grau normal, lá com uma orientadora pedagógica, e agora? “Vamos fazer aqui nosso projeto em horário integral.”

-“Ah eu só falo de cultura”,

-“Ah não porque tem que conversar com o coordenador de cultura”, que no caso é o Rodrigo que vai ter que tá presente em vinte escolas ao mesmo tempo, não vai..

Então essas pessoas eram capacitadas com a gente, e lá dentro das escolas eles tinham que dar o recadinho deles, porque tinha uma orientadora pedagógica. Inclusive, eu conheci algumas que sentavam com a equipe de estagiários: “tá vamos construir aqui juntos, e na hora de desenvolver uma atividade aqui, como a gente pode desenvolver junto... como o esporte integra com a cultura, como uma coisa integra com a outra, e essa era a cobrança o tempo todo... Então, o todo não funcionava sem as partes, e as partes não preenchiam o todo, e vários e vários modelos de reunião foram pensados e experimentados pra fazer esse negócio funcionar, até que chegou em um que passou a dar certo, que os secretários se encontravam, primeiro em grupos específicos, especializados, depois com um geral pra consolidar alguns compromissos, “eu vou entrar com isso, então na hora que eu tiver fazendo isso você vai fazer aquilo... e na minha escola tá assim, então eu tenho q fazer isso aqui também, mas então o q é prioridade”... elencar as prioridades comuns, então isso assim, no bairro escola foi... eu achei fantástico, porque eu vi esse processo, foi fantástico, eu gostei de ver. Mesmo as diferenças políticas e sociais, tinham que ser resolvidas pra algumas coisas funcionarem e tinham que ser resolvidas de alguma maneira, seja pelo argumento ou seja pelo “então tá, você não vai trabalhar aqui, então tchau, eu vou arrumar quem faça.”

Porque o trabalho tinha que andar. Então essa política, ela demandou isso, não ter, talvez, por eu ter ficado impregnado com aquilo lá, eu tenho uma certa dificuldade de imaginar o bairro escola sendo tocado numa gestão do que era antes, cada um na tua secretaria, “ah eu to fazendo aqui a minha parte, então a educação, o problema é dela.” A gente “tava” sempre o tempo todo conversando junto, era muita reunião pra resolver coisa e eu tinha um problema meu específico pra resolver... “olha eu vou tá na escola tal, dia tal”... o pessoal aproveitava das outras secretarias, pra tá lá junto pra aproveitar e ver a escola e ver o que tá indo bem, o que tá indo mal, vamos enquadrar a orientadora, vamos enquadrar as professoras, vamos entrevistar elas, vamos ver como tá indo, como não tá indo. Era assim, era tudo muito assim. Era uma cobrança, de vamos trabalhar junto, sabe, quando uma coisa dava errado, falava, “poxa, mas é que eu “tava” precisando de ajuda”, era uma coisa muito assim. Claro que também tinha muita hierarquia funcionando aí, lógico, não era tudo tão bonito. Mas isso pra mim foi o que mais me chamou atenção com relação ao bairro escola e, a possibilidade de fazer isso tudo com a articulação da população, junto com a população. E aí, o que não funcionou foram as metodologias escolhidas e que foram empregadas pra fazer essa articulação com a população, porque isso, na esfera q eu “tava”, eu consegui perceber que tinha muita gente envolvida no processo, não só do esporte, não só da educação, não só da cultura e não só do governo, tinha muita gente lá, realmente voluntária e que dava mais do que o pedido, que não precisava, pra fazer isso dar certo, que eu acreditava. Mas as metodologias empregadas, algumas foram falhas, outras não conseguiram dar conta das questões políticas da cidade, porque elas têm questões políticas fortes, a divisão do poder nos bairros em Nova Iguaçu e a disputa pelo poder em Nova Iguaçu, é um fato a ser considerado, porque dentro das reuniões você vê realmente pessoas tentando minar o processo, só pra invalidar uma política de um considerado adversário. Pessoas q deviam fazer seu trabalho, com uma certa má vontade, porque é legal que dê certo, mas pessoalmente, pra mim, vai ser legal também se não der. Então, isso não é exclusivo de Nova Iguaçu não, isso faz parte do jogo político.

Política é isso, e o que não deu certo em Nova Iguaçu, é que algumas pessoas desconsideravam isso em prol da eficácia e da eficiência, e algumas pessoas não acreditavam que isso poderia acontecer, as mais ingênuas, as que não tinham contato com a política então só processos participativos, foram caindo, levantando e caindo, a medida que forma lidando com essas questões, e fora as questões políticas partidárias e políticas de interesse de disputa de poder. Tinha as questões políticas das demandas populares: “você tem um bairro escola? Você quer pintar minha rua? Mas eu não moro exatamente naquela rua, eu moro na rua vizinha que tá toda esburacada”, que não sei o que, “e eu quero asfalto”. “Foi prometido fazer, botar manilha, e as manilhas estão lá, como é que vocês vão resolver isso?”

-Não, eu não vim pra resolver isso. Então, eu enfrentei isso nos conselhos de bairro. Os conselhos de bairro eram pra resolver problemas estritamente voltados a resolver problemas do bairro escola, das oficinas, das atividades de lazer, de esporte... as demandas de infra estrutura, as demandas...

- “Não, nós não viemos aqui pra resolver isso, não veio ninguém aqui pra resolver isso.”

- “Tá, mas vocês são da prefeitura, vocês não vieram aqui pra falar sobre isso? Não quero falar sobre mais nada, porque o meu problema é esse. Você quer organizar um jogo de vôlei aqui? Tá, mas eu já faço... eu já tenho meu vôlei, nem fico aqui final de semana, eu vou lá pra Nova Era, então se é pra resolver isso, eu não vou ficar nesse conselho, eu vou lá pra Nova Era, porque minha avó mora lá e eu fico lá com ela.”

Então, em algum momento, o bairro escola era uma experiência, com todo o investimento, principalmente os primeiros, depois desse momento passou a ser: “vamos transformar o bairro escola em uma política em escala”, e aí esses problemas que demandam uma participação... se a proposta é a construção conjunta de um projeto político pedagógico de educação envolvendo cultura, esporte, lazer, envolvendo os saberes locais e tal, infelizmente as pessoas locais tem que participar, porque se não, não funciona, não vinga. E pra mim, foi o ponto que mais me chamou a atenção. Muita coisa que acontecia lá, não vingou e não continuou mantendo a imagem que mantinha quando a gente chegava no bairro. Quando a gente chegava no bairro era um que, querendo ou não, as pessoas participavam, depois disso, que aí entrava na rotina dos trabalhos e os trabalhos não envolviam as pessoas.. “ah o bairro escola, ah n sei, tem umas crianças aí andando pelas ruas, pintaram a minha casa...”. Isso deixou bastante a desejar.

ENTREVISTA 6**ENTREVISTADO:**Écio Salles**LOCAL:** Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro (Centro/RJ)**DATA:** 18/01/12

MOTIVAÇÃO / CLIMA: Écio Salles foi secretário de Cultura, logo após Marcus Vinícius Faustini. Essa entrevista foi muito difícil de ser marcada, o entrevistador desmarcou várias vezes por motivos diversos, também fiquei esperando junto à secretaria no 12º andar do prédio do governo do estado por uma hora. Quando a entrevista finalmente se deu, o entrevistado foi cordial, mas pensava bastante sobre as respostas e de que maneira concedê-las.

Vinícius: Como se deu o seu primeiro contato com as políticas culturais, onde e por quê?

Écio: Do ponto de vista do poder público e na prática, ou seja, como gestor de políticas públicas a minha experiência começou em 2008, quando o Faustini me convidou para compor a equipe dele na secretaria de cultura de Nova Iguaçu, para qual ele, por sua vez, foi convidado pelo então prefeito Lindberg Farias, e pela primeira vez tive a experiência de ser Estado e foi uma experiência transformadora. Agora, com a questão cultural, desde muito cedo, já no início da década de 90, de uma maneira ainda pouco consistente, mas mesmo assim muito presente ali nas questões culturais, nas questões culturais do Rio de Janeiro, e a partir de 1996 de maneira mais efetiva, mais objetiva por conta dessa minha presença ali eu fui convidado para atuar no grupo cultural Afroreggae no jornalzinho que o grupo tinha ali nessa época, desde 93, que era o Jornal Afroreggae de notícias, então em 1996 eu começo a atuar no jornal, no final de 1997 eu já sou coordenador do jornal e no ano seguinte eu começo a produção de conteúdo, eu estava fazendo letras na UERJ, inclusive ter entrado para o Afroreggae foi o que me motivou a voltar para a academia e buscar o mestrado e o doutorado. No mestrado fiz uma pesquisa sobre o hip hop no Brasil, foi publicado em livro, depois fiz o doutorado na escola de comunicação e cultura da UFRJ. Então, na verdade, desde a metade, começo da década de 90 eu estou enfiado nas questões culturais do Rio de Janeiro, desde essa época, que foi uma época efervescente no Rio de Janeiro, foi quando eu objetivamente, não só como consumidor de cultura, mas também como alguém que atuava produzindo, articulando questões culturais na cidade. Evidentemente o Afroreggae é uma instituição que cresceu muito, que também se tornou alvo de políticas públicas, participando de editais, então eu na verdade, nesse período, construí uma trajetória que passou pelos três setores, porque de alguma maneira fui da academia, participei do intelectual e fui de ONG no terceiro setor, fui sociedade civil organizada e a partir de 2008 também fui Estado, além do que também trabalhei muito tempo no mercado formal em uma empresa de informática, mas aí não tem muito o que falar sobre isso. Já em 2010 a gente teve a experiência com a saída do Faustini, fui convidado pra continuar o trabalho, o que fizemos até o começo de 2011 e que foi uma

experiência bem bacana, tivemos essa experiência de estar na ação cultural na ponta, na ONG, está na reflexão sobre isso na universidade e ao mesmo tempo estar no primeiro setor como gestor público de cultura.

V: Como Nova Iguaçu efetivamente apareceu na sua vida?

É: Nova Iguaçu, quando eu tomei posse na secretaria de cultura, eu agradei primeiro por ser tão bem recebido numa cidade que me considerava como um estrangeiro, embora eu não me sentisse como tal, porque na verdade Nova Iguaçu estava presente na minha vida de múltiplas formas. Primeiro porque eu tenho parentes que moram em Miguel Couto, desde que eu me entendo por gente eles moram lá, então era um lugar que eu frequentava. Na minha infância o lugar preferido para veraneio, passeios da minha família era Guapimirim, então eu passei muitos dias da minha infância naqueles rios de Guapimirim com a minha família. Mais tarde eu embora não tenha uma crença religiosa tão intensa como gostaria, mas eu frequento o candomblé e a casa de santo que eu frequento já há muito tempo, mais de uma década, é em Nova Iguaçu. Por último, quase ao mesmo tempo em que fui convidado para ser secretário de cultura, eu e minha mulher adotamos uma criança que é recém nascida, que é hoje a nossa filha Maria Luiza, onde morava a mãe biológica da nossa filha em Nova Iguaçu, então eu já estava um pouco antes de entrar na secretaria, eu já estava indo a Nova Iguaçu com frequência, por conta de acompanhar a gravidez da que viria a ser a nossa filha adotiva. Então Nova Iguaçu já estava na minha vida de alguma maneira. Bom, aí o Faustini, é uma pessoa que eu conheço desde a década de 80, e na década de 80, embora eu tenha falado que a minha participação cultural foi mais efetiva na década de 90, a política já era forte na década de 80, participei de toda movimentação estudantil ali daquele momento e é claro que a gente já tinha uma pegada cultural, mas a motivação política era mais forte, então eu conheço o Faustini daquela época, a gente ficou um tempo sem se esbarrar de novo, ele foi fazer cinema, teatro e eu fui fazer universidade, trabalhar no Afroreggae e em 2007 a gente se reencontrou, fizemos algumas coisas juntos e em 2008 acabou que a gente foi convidado pelo então prefeito Lindberg Farias para assumir a secretaria de cultura lá, pelo turismo de Nova Iguaçu e me levou para compor a equipe. Foi uma experiência fascinante, foi claro que motivou a experiência do “bairro escola”, essa é uma cidade importante e toda essa minha ligação afetiva com Nova Iguaçu motivou bastante eu aceitar e, é claro, de eu saber que o Faustini tem uma proposta de vida, de gestão cultural que me interessava, que eu acho muito inventiva e transformadora, e isso tudo que me motivou a ir para Nova Iguaçu.

V: Quais os cargos e funções que você ocupou lá?

É: Eu fui secretário adjunto por quase três anos e depois fui secretário de cultura um ano.

V: Uma coisa que aparece recorrentemente nas entrevistas que eu faço com as pessoas que participaram dessa gestão de secretaria é que se

tinha uma acusação que vocês eram forasteiros, isso sempre aparece. Então, vocês sofreram alguma pressão por não serem especificamente da cidade e da baixada fluminense?

É: Eu acho assim, é obvio que houve aqui e ali, teve uma manifestação nesse sentido, mas assim, nós nunca sentimos, eu acho que o Faustini diria o mesmo, embora só ele possa falar por si, mas eu acho que a gente nunca sentiu com uma intensidade que fosse perturbadora. Da gestão que a gente fez lá, hostilidade pelo menos, óbvio que a gente era cobrado por não ser de Nova Iguaçu, mas ao mesmo tempo a gente deu demonstrações muito objetivas de que a gente queria entender a cidade e queria atuar no sentido de se comprometer com o que a cidade produziu e o que ela poderia produzir, que eu acho que nesse “poderia produzir” entrou um diferencial importante da gestão do Faustini. Então, a gente se empenhou muito fortemente nesse caminho, a gente não se preocupou, o que eu acho que foi um diferencial importante e que de alguma maneira também nos defendeu dessa outra argumentação, é que a gente não entrou na clivagem política meramente, a gente não era indicado pelo partido A, B ou C, a gente não estava comprometido com uma facção A ou facção B ou o quer que seja. A gente tinha uma proposta de ação na cultura e tinha uma proposta para a cidade, e eu acho que essa proposta que a gente fez com a cidade foi aceita, ela foi entendida e foi aceita, eu acho que por isso possa se dizer que a gestão do Faustini foi uma grande gestão de cultura na cidade por dois motivos, primeiro porque eu acho que a gente tinha sim uma proposta diferenciada, interessante, bem maturada e por outro porque a gente chegou na cidade num momento certo, em que a cidade precisava de um sacolejo do tipo do que a gente tentou provocar lá. Então eu acho que essas duas coisas se combinaram. É claro que houve outras gestões anteriores que pavimentaram um pouco o caminho que a gente consolidou, e aí a gente tentou fazer os avanços que achávamos necessários, mas sobre uma plataforma que vinha sendo construída, e vinha sendo construída pelos gestores que passaram por ali, e dos quais muitos deles eram oriundos, digamos assim, era moradores da cidade e também pelos próprios agentes culturais da cidade, a gente tinha uma compreensão muito forte de que Nova Iguaçu já tinha uma dinâmica cultural muito intensa, e que não nos cabia apresentar uma nova dinâmica, mas potencializar essa que já estava presente ali, talvez colocando um reforço que a gente não percebeu, de outras (inaudível) numa geração muito nova e que não estava tendo espaço e que a gente tentou criar um espaço para essa outra geração sem negligenciar em nenhum momento as gerações que já estavam, já eram históricas em Nova Iguaçu e que continuam atuantes na cidade.

V: Você disse que houve um momento de perceber quais eram as manifestações culturais da cidade, o que já tinham percebido. Como se deu essa exploração?

É: Tem uma prática nossa que a gente compartilha com o Faustini e que o Faustini efetivou de maneira muito objetiva. Primeiro é evidente que a gente já trazia um conhecimento sobre a baixada fluminense, a gente sabe o que é Caxias, o que é Belford Roxo, o que é Nova Iguaçu, o que é Mesquita, a gente acompanha mesmo de longe, a gente vinha acompanhando desde muito tempo as movimentações culturais das bandas de reggae de Belford Roxo, de outros

lugares da baixada, a força do teatro em Caxias, em Nova Iguaçu e enfim, eu não vou aqui listar um elenco enorme de experiências no campo da cultura que a gente sabia que existiam e que existem que são muito fortes nessa localidade que a gente convencionou em chamar baixada fluminense e que Nova Iguaçu é parte disso. Mas a gente sabe também que tem demandas históricas, tem questões políticas que são importantes e que você só consegue mais ou menos compreender na medida em que você conversa. Então qual foi a primeira medida que a gente teve quando assumiu? A gente óbvio tomou pé da situação, qual era o recurso que a gente tinha, quais os projetos que estavam colocados, o secretário anterior, o Lontra, fez uma transição bacana, suave, nos ajudou muito, parte da equipe que ficou foi fundamental, pessoas como Juliana Lopez, que até hoje nos acompanha e que já vinha de antes e que continuou, o Jorge Cardoso, o Daniel Guerra, o Thiago, enfim, a Silvia, são pessoas que já são atuantes na cultura e que estavam naquele momento na secretaria de cultura e que foram determinantes, também eles, no êxito da nossa gestão, porque a gente pode com eles entender a complexidade da cidade, entender a complexidade daquele governo e entender a complexidade da própria secretaria. É claro que com a informação deles e com o que a gente percebia, o que eles percebiam, a soma disso foi o que a gente fez. Então uma vez entendendo todo esse contexto, o nosso primeiro movimento foi o de chamar os agentes culturais da cidade para a gente conversar. Então, fizemos grandes reuniões com o pessoal do teatro, com o pessoal da música, com o pessoal da dança, com o pessoal das artes plásticas. A gente passou as primeiras semanas numa agenda frenética de conversas com grupos, e que foi na maioria das vezes, o de teatro então, quase encheu o “Silvia Monteiro”, e ao mesmo tempo buscando localizar a nova geração que a gente sabia que estava produzindo ali, que estava pulsante ali e que precisava de canais para se expressar. Então nessa conversa a gente percebeu que tinha questões que pra gente pareciam bobagem, mas que eram muito sérias para alguns setores da produção cultural, como por exemplo, o fato do Sylvio Monteiro ser a principal, senão a única casa de espetáculos pública da cidade e as vezes você não tem papel higiênico para oferecer ao público, então desde esse detalhe até a ausência de políticas públicas que disponibilizam recursos objetivos para essas experiências culturais na cidade, a gente percebeu que tinha um mundo de coisas para fazer e tentando atacar esses pontos, tentando responder nesse diálogo. É claro que essas questões mais do cotidiano que parecem simples, mas são difíceis, porque por incrível que pareça você comprar um papel higiênico para colocar num teatro, você estando no governo de Nova Iguaçu, é difícil, dá um trabalho enorme e nem sempre você consegue, mas a gente percebeu que a gente tinha que mobilizar a cidade em torno de projetos culturais de Estado. Então a gente criou alguns projetos que iam por um lado focavam esses agentes culturais consolidados, o fundo municipal de cultura foi um exemplo disso, que não era um projeto nosso, já vinha de outra gestão, já estava construído pela cidade, participou ativamente da proposição, da consolidação da lei, enfim, de tudo isso, e a gente conseguiu executar, a nossa missão nesse sentido foi de executar o fundo, nos esforçamos para isso porque entendemos que ia ser uma ferramenta importante para impulsionar a produção cultural na cidade, tinha também outro projeto que não é nosso, que já estava presente lá, mas que a gente enfocou no sentido de que também ajudasse a gente a encontrar essa nova geração de ativistas culturais na

cidade, que foi os pontinhos de cultura que era ação cultural dentro das escolas da rede municipal, e que infelizmente não teve continuidade depois, mas aí por mil questões, o fato é que nós deixamos a nossa gestão e já estava tudo encaminhado para que ele pudesse ter os desdobramentos que foram combinados lá atrás, evidentemente questões que aconteceram e que não foi possível a continuidade do projeto, mas ele era uma proposta muito interessante de incentivo à cultura em si, mas também à essa ligação entre cultura e educação, isso é uma coisa, a outra coisa foi buscar ir para os bairros, como o prefeito gostava de dizer, a gente também achava fundamental deslocar a produção, a reflexão cultural e a ação cultural do centro da cidade e tentar pensar os bairros, tentar pensar essa grande Nova Iguaçu, com sessenta e seis bairros, com quase um milhão de pessoas e que em muitos desses lugares estava produzindo, então a gente foi buscar as linguagens que ainda não tinham sido empoderadas, eu acho que a gente teve muito resultado porque um pouco por conta dessa nossa movimentação, apareceu hoje um blog de senhoras rezadeiras em Nova Iguaçu. Hoje você tem pessoas do movimento funk, um deles participou inclusive agora do edital de funk aqui do estado conseguiu realizar um projeto bacana em torno do funk com recursos públicos, então talvez, preciso fazer uma pesquisa mais aprofundada para saber se é real isso, mas como eu sou razoavelmente informado, especialmente nesse tema de cultura popular, não tenho notícia de outro desse gênero, então, provavelmente o primeiro projeto de política pública no campo da cultura que apoiou um projeto de funk foi este em Nova Iguaçu, talvez tenha sido o primeiro recurso público que um ativista do funk, não uma grande empresa que faz um grande festival, mas um funkeiro, o moleque da ponta da periferia que faz o seu funkzinho e que não tem uma grande rede, o primeiro recurso público certamente foi esse nosso lá em Nova Iguaçu. Então, a gente buscou atuar nessa busca incessante de fortalecer as ações culturais no sentido mesmo de que elas se tornem mais consistentes, mais densas, mais sofisticadas, mais complexas e ampliar o espectro, incluir mais gente nesse raio de alcance da política pública de cultura. Essas foram as duas tarefas que a gente se propôs lá em Nova Iguaçu e que eu acho que foram bem realizadas.

V: Você tinha falado da percepção de uma nova geração surgindo. A próxima pergunta é justamente essa, qual o papel da juventude na gestão de vocês e nas propostas de políticas?

É: A juventude pra gente teve um papel central justamente porque, como já disse antes, a gente tem essa preocupação em localizar e incentivar, incrementar, potencializar essas novíssimas iniciativas da galera muito jovem que está tentando encontrar seus caminhos aí. Por outro lado existia um projeto lá na secretaria que era “Jovens Repórteres” e que depois a gente dividiu em “Jovens repórteres” e “Jovem pesquisador”, que a gente produziu pesquisa na cidade que pra gente também era importante perceber o impacto que as ações culturais vinham produzindo no cotidiano da cidade, mas o que a gente buscou fazer foi criar meios para que esse jovens se expressassem cada vez mais e melhor, então, uma ferramenta como o “Cultura NI”, que é um blog que a menina produziu, ali tem um acervo de produção de conhecimento, de textos, de imagens, de informação que é de altíssima qualidade, e isso foi o resultado de dois movimentos que se encontraram no momento exato, os

meninos são talentosíssimos, existe uma política pública nacional de inclusão dos mais pobres na universidade e no acesso as tecnologias, com democratização da inclusão digital, com tudo isso, que fez da geração dessa garotada, uma geração muito esperta que consegue produzir, e de outro a nossa percepção da importância desse movimento e de legar ferramentas capazes de dar uma propulsão a essa energia, que nem sempre é percebida, muitas vezes é negligenciada, ou é tratada como ingênua, como algo sem peso, sem importância, e para gente é da maior importância, então, eu tenho percebido, inclusive é dos grandes orgulhos que eu tenho de ter participado dessa gestão do Faustini, é a de perceber uma quantidade muito razoável de meninos e meninas que a gente encontrou nesse período em Nova Iguaçu e que estavam ali no “Jovem repórter” e no “Jovem pesquisador” e que hoje estão em outros lugares e que estão produzindo, continuam ocupando novos espaços, não é uma galera que parou uma vez que a gente saiu, não era só a gente que motivava isso, a gente deu talvez o primeiro estalo ali, mas a galera foi se realocalizando rapidamente, além do que é um projeto que tem suas diferenças, mas que continuou, acho que a gestão atual percebeu bem a importância desse projeto e tentou manter pelo menos parte dele, acho da maior importância e acho super bacana que essa garotada não tenha sido toda ela dispensada, porque se criou uma turma ali, um grupo em torno da secretaria que é muito numeroso e que é muito capaz, então acho que essa geração ai, nos próximos anos, certamente trará contribuições para Nova Iguaçu e para além de Nova Iguaçu que podem ser muito importantes.

V: As políticas do ministério da cultura quando tratam da juventude, elas falam muito do empoderamento , a valorização da cultura local, da sua cidade, e ai lendo o blog da “Cultura NI”, eu vejo que há uma via de mão dupla, os meninos ao mesmo tempo que valorizam a cidade de Nova Iguaçu, também são jovens conectados a fluxos globais, uma cultura mais de massa. Gostaria de perguntar se vocês sentiram um desconforto deles em falar de Nova Iguaçu, querendo e não querendo falar sobre Nova Iguaçu.

É: Não, acho que não. Eu acho que na verdade, o primeiro influxo que a gente encontrou foi o de falar de Nova Iguaçu até demais, demais não em quantidade, mas de forma reativa. Há uma percepção real e legítima de que a informação sobre essas localidades, por órgãos de grande expressão, grandes empresas da comunicação é sempre parcial e é sempre estigmatizante, são sempre informações que priorizam o lado sensacionalista, o lado mais violento, ou na melhor das hipóteses o lado mais pitoresco dessas regiões, então Nova Iguaçu e a baixada, durante muito tempo, se viram retratadas pelos grandes veículos de comunicação apenas pelo seu lado mais violento, seu lado mais miserável, então a imagem que se passou da baixada que era um lugar de matadores, assassinos, bandidos e de muita pobreza, muita carência e então, eu acho que é muito bacana o desejo e a força dessa molecada para tentar mudar essa informação. Então, se pegar os primeiros movimentos nesse sentido eram de tentar mostrar uma outra Nova Iguaçu, uma Nova Iguaçu cultural, uma Nova Iguaçu de projetos bacanas, uma Nova Iguaçu de histórias relevantes, de solidariedade, de produção de coisas bacanas para a vida. Mas depois, com o tempo, é claro que você vai percebendo que a aldeia é o mundo,

que falando do seu lugar você pode falar do mundo inteiro, cada vez mais partindo dessa percepção e também porque percebem que o que eles vivem em Nova Iguaçu é vivido por outros em outros lugares, eu acho que essa conexão é evidente e ela sempre acontece na medida em que quanto mais você entra naquilo que esta fazendo, seja no caminho jornalístico, ou um caminho mais estético, você percebe que você tem pares, então você vai buscar essas informações no mundo, e a grande virtude dessa chamada, tão questionável globalização, é a possibilidade de você ter como dialogar com pessoas do mundo inteiro, não é mais só um centro que produz toda a informação e cabe a você somente consumir essa informação, ou negá-la, afirmá-la, mas sempre consumi-la. Agora você também produz a sua própria informação e a coloca em diálogo com outras, então, acho muito legítimo que essa informação mais global também participe do contexto ali da garotada de Nova Iguaçu e de outros lugares, então eu percebo mais isso, pelo menos naqueles que estavam mais atuantes, mais presentes, esse desejo de seguir o conselho lá do escritor russo, de escreva sua ideia e você vai descrever o mundo.

V: Falando um pouco mais de coisas relativas à gestão. Eu falei agora sobre a orientação do Ministério da Cultura, acho que algumas políticas foram refratadas no ministério, para a Secretaria . E assim, queria te perguntar por que a política cultural no governo Lula, Ministério da Cultura, ele carrega com ele assim uma coisa de projetos muito bons, inclusivos e revolucionários coisas que não existiam antes, mas são coisas que são levadas muito na figura das pessoas, então tem o Gilberto Gil e depois Juca Ferreira, falando em termos de ministério. Então queria te perguntar se na baixada fluminense vocês perceberam isso também, se tinha essa questão pessoal, se essa primeira fase dependeu muito de pessoas, de potências individuais.

É: Eu acho que assim, a vida é feita de pessoas, se você pegar, por exemplo, a gente costuma falar, agora mesmo de uma crítica comum da grande imprensa que sempre faz um discurso, mas a imprensa, os governos e as empresas, são feitas por pessoas, então é evidente que as pessoas fazem toda a diferença, por mais que você tenha uma empresa, como é o jornalismo, comprometida com anunciante, com quem quer que seja, muitos jornalistas desempenham um papel até revolucionário. Claro que quando você muda um editor num jornal, você muda um pouco a inflexão daquele jornal, você muda o foco dele. A mesma coisa, eu acho que pode acontecer nos governos, eu acho que o Gil teve o grande mérito de juntar nele forças de diferentes polos que permitiram que ele seguisse um determinado caminho que outros talvez não conseguissem porque iam lhe faltar um talento ou outro, mas não que o Gil seja melhor do que A, B ou C, ele só reunia determinadas condições, num determinado momento que ele se tornou a pessoa ideal para fazer aquilo ali, talvez outro não fizesse, não fizesse não porque é menor ou maior, mais ou menos inteligente que o Gil, não porque o ministério da cultura é mais isso ou mais aquilo, porque o Lula gosta mais do Gil do que de outros, na verdade é porque o Gil é um artista respeitado na cena brasileira e que tinha uma ideia muito consistente para apresentar, então eu acho que na verdade a pessoa faz a diferença, mas a diferença é feita pela condição que a pessoa tem de se

manter ali no jogo político sem aderir as politicagens, pra gente chamar de um termo mais inteligível, mas sobretudo ao ter uma ideia consistente, compreensível para aqueles com quem ele quer falar. Então, por exemplo, quando o Gil definiu o programa “Cultura Viva”, é um programa que as pessoas entenderam e que foi realizado e isso foi transformador, na verdade foi muito simples o que ele fez, teve mil problemas, mas ele conseguiu produzir um discurso que teve um desdobramento prático e esse desdobramento prático foi entendido e realmente aconteceu, foi realizado. Eu acho que o problema grande da gestão, e ai eu acho que o Faustini também compreendeu isso, quando três anos e pouco que a gente ficou em Nova Iguaçu, nós propusemos ações, nós tínhamos um discurso, mas esse discurso não sobrevivia em si, porque senão a gente não tinha conseguido fazer nada, ele era legitimado no momento que a gente transformava numa ação, e as vezes essa ação não é a melhor do mundo, essa ação nunca vai conseguir atingir todo mundo, porque é muito difícil, essa ação vai ter contradição sempre, mas se você tiver clareza sobre o que você quer, sobre onde você quer chegar e produzir essa trajetória, ai eu acho que isso faz diferença. Então eu acho que onde a gente conseguiu efeitos muito positivos foi quando, porque qual o problema da cultural? A maior parte dos gestores, pelo menos até recentemente, tinha uma visão de gerir eventos, então isso relegava a cultura a um papel muito menor, porque assim, evento é legal, mas você não pode restringir toda uma política pública à realização de eventos em um determinado território. Então a gente entendia isso logo de cara, fizemos alguns eventos, mas os eventos não eram o eixo central, o eixo central era isso sobre o que a gente já falou aqui, de primeiro produzir um discurso de incremento ali da cultura, de sofisticação das linguagens e diversificar, ampliar a participação de pessoas, criar meios e criamos meios, e as pessoas foram incluídas e elas realmente se multiplicaram, a gente começou a gestão falando pra cem e terminamos falando para trezentos. Então, o resultado foi muito positivo, é claro que o Faustini é muito talentoso, é muito criativo e tem uma boa relação com o ex-prefeito, mas não foi isso que garantiu a execução das coisas, o que garantiu foi ter uma ideia que tinha um conteúdo pratico muito evidente, fácil de ser compreendido e possível de ser realizado, e nós realizamos. Eu acho que isso que fez a diferença. Nós conhecemos muitas experiências de pessoas que falavam muito bem, que tinham ideia muito boas, mas eu não realizavam nada na prática, então quando você não realiza nada na pratica você cai num vazio sempre, porque você vai ser sempre aquele que fala, fala, mas não faz, o caso do governo Lula, que produziu discurso, produziu um monte de coisas, teve muita contradição, teve acusação, teve um monte de problema, mas ele produziu um discurso de inclusão e ele realizou essa coisa na prática e isso foi fácil, as pessoas entenderam o que ele queria fazer, e ele fez o que disse que ia fazer. Você pode criticar mil outras coisas, mas isso foi feito, tem ai oito milhões de pessoas a mais na classe média, você tem distribuição de renda colossal hoje que nunca hoje antes no Brasil, milhões de problemas, mas o que se propôs foi feito e isso foi entendido, ai isso explica em grande parte, mais do que o carisma, mais do que ter vindo da pobreza, isso foi tudo êxito do governo Lula também. Então óbvio que eu não estou me comparando, nem o Faustini faria isso, comparando com o governo Lula, mas a gente tentou no nosso limite ali, na nossa micro escala a gente tentou fazer algo parecido no campo da cultura, ter uma proposta prática para apresentar para as pessoas e que fosse

inteligível e factível, acho que era esse o diferencial, mais do que a pessoa, entendeu? O que é claro, qual o problema de, qual a diferença entre as pessoas? Se você colocar uma outra pessoa lá, por melhor que ela seja, mas que não consiga fazer nada, não consiga produzir algo que possa ser realizado ali no cotidiano, não vai adiantar, então acho que essa combinação aí é que faz a diferença.

V: Eu te perguntei isso exatamente porque, essa coisa que você falou da produção de eventos, por exemplo, eu ando entrevistando alguns meninos que participaram. Eu vejo que a visão deles é bem diferente dessa visão de gestor cultural contigo, talvez não seja uma coisa que se consolide agora, na próxima geração porque eles estão batalhando pela vida deles, agora, mas eu acho assim talvez quando eles forem governo, Estado, isso já seja...

É: Ou quando eles tiverem força para influenciar o governo do Estado mesmo, mesmo não estando dentro.

V: É, já é outro tipo de pensamento sobre contra cultura. Eu queria te perguntar como surgiu a ideia dos pontinhos de cultura?

É: Na verdade, a ideia dos pontinhos de cultura foi uma ideia da Maria Antônia numa discussão com o Minc, ela colocou essa questão de que os pontos de cultura são bacanas, são um grande avanço, mas não existia nenhuma política voltada para educação, para essa combinação com a educação. Porque o grande projeto de Nova Iguaçu era o “Bairro escola” e ela não conseguia ver no Minc um jeito de potencializar as ações de um projeto educativo de grande escala junto com a cultura, e foi assim que surgiu, na verdade, os “pontinhos de cultura” foi um apelido gentil que a gente botou lá, mas acaba que depois o Minc criou um outro projeto chamado “Pontinho de Cultura” e que não é a mesma coisa pra gente. O nosso pontinho de cultura é exclusivo de Nova Iguaçu, talvez porque a gente fez um edital chamado “Edital Bairro Escola Cultura Viva” que era essa junção dos pontos de cultura com o bairro escola, com as ações ali que já era pra colocar a cultura dentro das escolas e a gente gostou, na verdade o pontinho tinha a missão de complementar o bairro escola, o bairro escola já tinha ações culturais nas escolas e em espaços parceiros voltados para alunos do primeiro segmento, mas não para o segundo segmento e o pontinho vinha para preencher essa lacuna, propondo ações culturais pro segundo segmento do ensino público de Nova Iguaçu. A gente quando chegou viu já um edital já desenhado e mais uma vez como uma proposta interessante a gente executou.

V: A baixada fluminense, Nova Iguaçu especificamente, tem um movimento social muito forte na década de 70 e 80, a década de 80, e esse movimento social sempre ansiou por políticas públicas e participar da gestão pública de alguma forma. E assim, na gestão de vocês surgiu o edital para os pontinhos de cultura. Te pergunto se houve algum conflito entre os movimentos sociais antigos e os jovens novos que já estão dentro dessa política do edital e sabem como agir.

É: Olha, existe assim, não só em Nova Iguaçu né, no meio cultural e na política pública de maneira geral, vigorou durante muito tempo e até recentemente, ainda hoje é um fenômeno muito presente, infelizmente, porque eram duas questões que influenciam muito essa relação da sociedade civil com o campo da cultura com o poder público. Uma é a “política do balcão” que é o fato de você ser amigo do vereador, do prefeito, do governador ou do secretário qualquer e a partir dessas relações você ir lá na secretaria e conseguir um dinheiro para o seu projeto mediante relações, por melhor que seja seu projeto o recurso é destinado mediante relações pouco públicas, pouco republicanas o velho patrimonialismo brasileiro, muito presentes nessas relações, inclusive na cultura, então balcão de um lado e de outro lado, tem uma percepção ainda do ativismo cultural de mais tempo, de que a cultura é um campo próprio específico que não deveria se misturar com nada. Então sim, de um determinado modo nós enfrentamos, mas felizmente não em escala enorme e muito forte, mas sim, teve alguns casos de que as pessoas acham que tinha que apoiar porque o projeto tinha prestígio, que eu era amigo não sei de quem e achava que o balcão era o meio legítimo de apoiar, isso é um lado da questão. O outro lado é que muitos militantes, alguns militantes não compreenderam o “Bairro Escola” por achar que “Bairro Escola” e o edital do “Pontinho de Cultura” colocava a cultura a serviço da educação, quando a cultura deveria existir por si própria. Nós estendíamos duas coisas, uma: o mecanismo mais democrático, mais interessante para distribuir o recurso da cultura é o edital, então conseguimos evitar o “balcão” com esse discurso, colocamos todo o nosso dinheiro em edital, e assim foi; e pelo outro lado a gente acha que a cultura tem, claro, todo mundo sabe que a cultura é um campo independente, que a cultura é um campo próprio, mas isso não impede que ela dialogue com outros campos, e no Brasil contemporâneo um diálogo entre cultura e educação não só é importante como é necessário, eu acho que não tem um caminho bom para a educação se ele não passar também pela cultura. Então eu acho que combinar essas duas linguagens é uma grande virtude do projeto “Bairro Escola” e do edital do “Pontinho de Cultura” e foi o que a gente tentou incentivar. Eu acho que por mais que tenha havido alguma resistência aqui e ali, tenha tido uma tensão, no final, acho que as pessoas entenderam, até porque os resultados são muito bons, até porque eu não vejo porque criar uma cisão tão demarcada entre cultura e educação. É claro que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, todo mundo conhece seus papéis nesse contexto, agora, produzir diálogo entre esses dois campos é fundamental. A gente aqui na secretaria de Estado também tenta fazer isso o tempo inteiro, então pra gente era super tranquilo, e a gente também entende o porquê as pessoas achavam isso né, o problema é que elas tinham que compreender que não se trata de colocar uma linguagem, ou um campo a serviço do outro, mas efetivamente colocar os dois em diálogo, né.

V: Falando especificamente dos editais, existe uma corrente que acha que os editais são o fruto de uma democracia radicalizada, porque todo mundo tem acesso ao edital de alguma forma e tem um grupo de pessoas que fazem críticas aos editais por excluírem movimentos antigos e pessoas que não dominam aquela linguagem do edital. Aconteceu isso de alguma forma em Nova Iguaçu? Qual a sua percepção sobre isso?

É: Primeiro a gente tem que entender duas coisas, o que que é o movimento antigo, acho que tem que marcar bem esse território, por exemplo, no campo da cultura você tem uma dimensão, por exemplo, nos velhos e tradicionais mestres de sei lá, samba de roda ou de maracatu ou de jongo, que aqui no Rio se criou, de uma tradição enfim, de ciranda, das milhões de tradições brasileiras você tem a cultura dos mestres, dos ancestrais, que é uma tradição que deve ser preservada, na medida do possível, pelo poder público; outra coisa são projetos que existem a muito tempo, são duas coisas diferentes, porque que eu digo isso?! Porque uma: você pega uma instituição que existe a muito tempo, a “FASE” por exemplo, existe a 30/40 anos já, mas ela é perfeitamente capaz de entender a lógica dos editais e participar, incluir e muitos são assim, eu acho que não há uma vantagem, o edital não provoca vantagem para o mais jovem, agora, o edital ou ele é fruto da cultura escrita, como ele tem uma burocracia muito grande em torno da sua realização, é claro que ele prejudica aquele participante que tem um outro jeito de lidar com a vida, o caso de um velho mestre, que não é, por mais que saiba ler e escrever, não é um cara da cultura escrita, um cara que está acostumado com documento, processo burocrático, então eu acho assim, para ele esse campo é desejável que se crie políticas específicas, que tenha, mesmo que seja edital, que seja um edital mais simples e voltado para premiar essas pessoas e não para gerar uma competição entre elas pra destinar recursos que são super limitados, por outro lado se você é um grupo que a trinta anos faz teatro, esse é um outro grupo que a um ano faz teatro, eu acho que os dois tem direitos, é claro que os grandes grupos tem meios de atingir outras formas de patrocínio que o pequeno não tem, agora se é um edital, o edital ele vai permitir que o que tenha trinta anos de história e o que tenha um ano de história participem juntos, e ai vamos ver qual é a melhor proposta e qual é o viés do edital, porque você pode ter um edital para a montagem de grandes espetáculos, é legítimo, só que ai as grandes companhias vão ter mais vantagens, ou você pode ter um edital para renovar a linguagem teatral, e ai os mais jovens vão ter uma certa vantagem. Eu acho que o problema não é do edital, o problema é se você entende o recurso público, o acesso ao recurso público como um privilégio que certos grupos tem, ou como um direito a que todos tem. A gente entende como um direito a que todos tem, percebendo todas as nuances ai, inclusive esse de que tem um determinado campo da cultura que talvez a melhor forma de apoiá-los não seja o edital, mas ai em condições muito objetivas de não familiaridade, de não haver meios, de não dispor de meios técnicos para disputar um edital, se quer saber o que é um edital, acho que ali, na medida do possível, a cultura, o gestor de cultura tem que ter sensibilidade para inventar outros meios de disponibilizar recursos, de apoiar essas experiências. Por outro lado, os editais eles tem que ser variados, tem que atender diferentes segmentos. Em Nova Iguaçu a gente tentou isso, acho que ficou claro que o fundo municipal de cultura, embora tenha tido muitos novos atores surgidos nesse processo ai no fundo, mas ele tinha uma inclinação a atender os criadores tradicionais já consolidados em Nova Iguaçu, que teriam muito mais assim, quando você bota currículo, que é sempre um critério, quem tem mais tempo na estrada tem mais vantagem, então você vê em Nova Iguaçu, um grupo como o FAMA ou poetas, enfim músicos como tantos que tem lá. A cidade produziu muito, então claro que esses caras quando, se você pegar, claro que a gente não previu isso antes, mas quando você vê o fundo

municipal de cultura como os do primeiro lá de Nova Iguaçu, você vê claramente que ali estão os tradicionais agentes culturais, os atores culturais da cidade, muitos deles de muito tempo.

V: Outro tema recorrente das entrevistas que fiz foi que a juventude aprendendo a fazer seus projetos, defender seus projetos, e até você falou do caso do menino que era funkeiro e conseguiu fazer um projeto e o projeto foi aprovado. Vocês lá trabalharam com a juventude também nesse sentido do empoderamento de construir sua proposta e trabalhar com ela?

É: Sim, não só da juventude como de atores que não se reconheciam como atores culturais, pessoas que estavam no campo da cultura e não se reconheciam como tais. Então assim, a gente tomou dois encaminhamentos para a nossa prática lá que foram determinantes também no êxito das práticas. Uma é das caravanas, a gente foi em vários bairros em Nova Iguaçu, de Xerém a Maracucu e Plano trinta e dois e conversamos com pessoas que produziam cultura nesses lugares e incentivamos suas participações no edital, isso trouxe uma presença muito diversificada em todos os editais que a gente produziu e nas conferências que a gente realizou também. E por outro lado, a gente disponibilizou uma parte da equipe apenas para educar a participação no edital, então a gente investiu muito em oficinas para que as pessoas entendessem o que era um edital e como se faz, como participa de um edital, como se tira um documento, como se escreve um projeto, tudo isso a gente participou muito ativamente, a gente sabe que está fazendo uma grande novidade, as pessoas não estão acostumadas com essa linguagem. A gente conseguiu apoiar pessoas que achavam que nunca..

V: Outro tema recorrente, mas aí já na conversa com os gestores e o pessoal dos projetos “Jovem Repórter”, “Jovem Pesquisador”, é que Nova Iguaçu tinha uma certa facilidade na questão de verbas. Então te pergunto se isso é verdade ou é mito, ou se assim, ter sido alinhado no governo estadual e federal foram facilidades de fato?

É: Olha só, a facilidade ou não de verbas depende muito da verdade política do gestor, o Lindberg é muito habilidoso nesse sentido, então eu não diria que teve facilidade de verbas, mas que teve muito êxito da captação de recursos para as necessidades, também volto a dizer o seguinte, por mais que o Lindberg tivesse uma condição favorável porque ele estava alinhado ao governo federal e ao governo estadual, ele também fez movimentações políticas, e aí falando da grande política, que foram muito bem feitas, então é aquela coisa que eu falo, não adianta a pessoa, vários governantes muito alinhados ao governo federal, estadual, não tiveram, e até mais alinhados, porque o Lindberg é sempre candidato a muitas coisas e muitos nem perturbam essa lógica do poder político não tiveram o mesmo aporte financeiro que o Lindberg teve, então assim, por um lado tem o carisma dele, tem o alinhamento dele que favoreceu, o fato dele ser do partido do governo federal e ser aliado da gestão do governo estadual favoreceu, mas muito mais do que isso ele tinha boas ideias e que mereceram atenção, então projeto “Bairro Escola”, com todas as contradições, causou uma repercussão mundial, as

ideias do Lindberg para a cidade foram ideias que mais do que a capacidade de articulação dele, foram ideias que faziam jus ao que ele teve que movimentar de recursos para mobilizar isso. Então assim, eu não sei se é um argumento bom dizer que Nova Iguaçu tem tal e tal coisa porque tem facilidade de recursos, porque se você comparar a nossa cidade vizinha lá tem muito mais recurso que a gente, e eu não vou falar se tem mais ou se tem menos investimento, isso você tem que perguntar aos caxienses, por exemplo, que tem, sei lá, duas ou três ou mais vezes de recursos que Nova Iguaçu, e aí eu não sei o que os caxienses acham, no campo da cultura pelo menos, se eles conseguem fazer investimentos ou na educação ou saúde do porte que o Lindberg fez em Nova Iguaçu. Então não sei se é um argumento bom “ah porque tem mais recurso”.

V: Mas assim, por exemplo, analisando a baixada fluminense, por exemplo, Nova Iguaçu tem um fundo municipal de cultura, Nova Iguaçu tem diversos avanços no campo na cultura que outras cidades não tem.

É: O fundo municipal de cultura foi executado, ele começa a ser discutido em 2006, 2007 e ele é executado em 2009.

V: Mas eu digo na diferença da discussão. Você está dizendo que não é especificamente uma questão de recursos. Qual o diferencial de Nova Iguaçu?

É: O fundo municipal de cultural foi o governo que botou, isso não veio do nada, isso não estava lá, uma característica de Nova Iguaçu ter fundos, outros municípios podiam ter feito também. A questão é que o Lindberg foi lá e fez. O Faustini foi lá e fez, então assim, Nova Iguaçu, todo mundo comentava na baixada, Nova Iguaçu tem fundo, Nova Iguaçu tem isso, mas Nova Iguaçu não nasceu com essas coisas, foi o trabalho, foi uma luta. E não nossa, a gente participou da luta, mas a luta foi da cidade em torno de uma ideia, muitos atores envolvidos aí, muita gente com uma longa história na cultura da cidade se envolveu e dedicou o seu tempo precioso sem ganhar nada para que, por exemplo, existisse fundo municipal de cultura em Nova Iguaçu, então não são coisas que vem do nada. No contexto de Nova Iguaçu tem essa particularidade, lá as pessoas conseguiram tocar para frente uma ideia que é mais ou menos de analisar o que tem, é mais uma vez é uma conjunção de diversos fatores, já tinha uma massa crítica lá de pessoas envolvidas com isso, que vem lutando por isso a muito tempo, entra um governo que é afinado com essas ideias e que tem disposição pra isso, e aí vem o gestor de cultura que entende que é fundamental que aquela política saia do papel e faz com que ela saia do papel, então essa conjugação de fatores, claro, foi o que fez a coisa acontecer. Mas isso não é um privilégio de nascença, isso é um resultado de um processo árduo.

V: Te pergunto isso porque é um diferença bem notável entre Nova Iguaçu e a maioria dos outros municípios da baixada, em termos de secretaria, em termos de equipamentos, então por isso a pergunta. O Gil, quando entrou no Ministério da Cultura tinha o discurso dele de discriminação positiva, o que é bem interessante, em Nova Iguaçu é uma cidade,

historicamente, pelo menos nas últimas três gestões antes do Lindberg, foram partidos de direita e de uma oligarquia mesmo, uma classe média da cidade, uma classe média alta que governou a cidade. Quando vocês entraram na secretaria de cultura tinha essa preocupação de buscar os bairros, acho que você já falou um pouco disso, mas, de atingir os bairros mais afastados do centro, os bairros mais populares de Nova Iguaçu, essa coisa da caravana né?

É: Assim, pra gente a política pública tem que ser territorializada, esse era um viés importante da nossa gestão. A gente entendia que concentrar os recursos pode fortalecer uma ou outra ação interessante, mas ele preserva uma certa face cultural das coisas que é sempre central, por mais que os projetos que estejam sendo bacanas, e sejam eles próprios periféricos em relação a outra coisa, mas você acaba permitindo e impedindo de se expressar outras vozes que estão presentes ali, então para gente era vital ter os quatro pontos cardeais em Nova Iguaçu bem representados na política pública. É importante que as pessoas daqueles lugares também se vissem como possíveis participantes de um processo cultural mais amplo. Então para a gente era importante ir pra Miguel Couto, ir para Nova Era, ir pro Plano trinta e dois, ir pra Valverde, ir pra Vila de Cava, ir pra Guapimirim (Desde o início ele troca Xerém por Guapimirim), ir pra Vila de Cava, ir para esses lugares, para Austin, esses lugares também são lugares de produção de cultura, porque que a gente tinha que ficar preocupado só com o centro ou o que é muito visível mesmo que não seja no centro? Nova Iguaçu quando a gente chegou lá já tinham muitos projetos expressivos, “Encontrarte” ou “Enraizados”, o projeto lá do Dilson Maceió, Suzane, e outros, Fama, enfim, você já tinha lá muitos projetos importantes, pessoas, Ricardo Andrade, com o seu projeto de teatro, enfim, você já tinha pessoas ali, mas tinha também uma galera grande que tava produzindo também e que não tinha a mesma visibilidade, não tinha o mesmo acesso ali as redes, então a gente chamou essa galera pra redes, importante, pra gente é a missão do poder público é esse, é ampliar o espectro também. Eu acho que o Gil fez isso muito bem no governo, você pega o cara lá no Acre, no interior do Pernambuco, no meio do sertão alagoano e o cara está lá no ponto de cultura, então isso não é só Rio de Janeiro ou São Paulo, o Brasil não é só Rio de Janeiro e São Paulo, Nova Iguaçu não é só o Centro, K11, Nova Iguaçu é muito mais do que isso.

V: O que você acha que a gestão deixou para a cidade, qual o legado que você espera ter deixado, o que vocês deixaram por lá?

É: Eu não sei o que a gente deixou para a cidade na verdade, eu sei que a gente tentou deixar, e eu acho que vindo de fora, algo que eu acho que foi bacana, que acho que pode dizer que foi um legado a participação hoje na cultura é mais ampla, você tem hoje outros atores e que hoje a gente sabe que participa da vida cultural da cidade por ter de alguma maneira percebido ali o movimento que a gente fez na nossa gestão. Eu acho também essa percepção da importância da cultura, eu acho que a gente consolidou um processo que já vinha se consolidando, mas que a gente fortaleceu essa coisa de ter edital de cultura, de que a cultura tem que ter presença ativa na cidade, eu acho que o secretário atual tem um pensamento diferente, mas ele também está buscando a própria lógica dele na cidade, não é um cara que se omite só na burocracia

da coisa, a pasta da cultura não pode ser só uma moeda de troca, um lugar para você alocar aliados políticos, ela tem que ter, por mais que ela participe das alianças políticas, ela tem que ter produção para a cidade, ela tem que falar para cidade, ela tem que ter presença ativa nas questões da cidade e eu acho que tenho essa percepção, mas de qualquer forma eu acho que a noção da participação, da parceria entre o gestor público e a sociedade civil talvez tenha sido a nossa principal contribuição, porque a gente buscou muito essa, e quando eu falo participação da sociedade civil não é só você ter aliados ali que são agentes culturais, tem que buscar o arco da cidade como um todo, pensar a cidade como um todo, acho que quando a gente fala de participação também inclui esse pensamento da cidade como um todo, não apenas como um determinado centro que é mais visível, que é mais empoderado politicamente, então a gente acha que esse movimento nosso foi que meio que marcou a cidade, porque foi um ano de muita discussão, discussão que já vinha, pegou um ritmo que a cidade já tinha, mas eu acho que a gente estreitou e ampliou o diálogo entre o ente público, entre o gestor de cultura e a sociedade, como é o caso de Nova Iguaçu, acho que essa foi uma contribuição que a gente deu que, se tudo correr bem, tende a ficar, porque a nossa grande esperança era criar meios de empoderar a tal ponto o cidadão, empoderar a tal ponto a sociedade civil de que o gestor de cultura qualquer que seja, de qualquer que seja a orientação política dele, qualquer que seja o entendimento que ele tenha de cultura e qualquer que seja o recurso de que ele disponha para atuar, ele tem que dar atenção a determinadas questões porque a cidade exige isso do seu gestor de cultura. Então a gente, na verdade, trabalhou para minar a importância do secretário, do gestor de cultura e de fortalecer a importância da relação entre a secretaria de cultura e a cidade, e as pessoas fazem a cultura na ponta, acho que essa é a nossa contribuição. Se é que eu posso falar isso sem que o próprio público corrobore isso que a gente acha que pode contribuir, mas pode ser que o público discorde da gente, mas isso foi o que a gente tentou fazer de alguma maneira, que é uma vantagem da gente, porque se muita gente discordar disso, prova que a gente tinha razão porque estamos cobrando também uma forma de participação importante, mesmo discordar do seu gestor e de expressar a sua opinião é claro que é uma forma legítimíssima de participar da vida cultural e da vida política da sua cidade.

V: Quando a gente estava falando dos pontinhos de cultura você falou que a primeira geração aconteceu e a segunda não aconteceu por uma série de problemas. Não sei se você ainda estava lá, mas você sabe por quê?

É: Na verdade a gente, o pontinho de cultura foi um projeto com muitos problemas, porque o projeto foi apresentado num momento, a cidade mudou, e aí nesse outro momento você tinha um edital que talvez não atendesse adequadamente a nova realidade, isso é uma coisa. O problema é que nem todos os pontinhos conseguiram executar plenamente o projeto, não só por, mas por questões logísticas que a gente precisava de tempo pra depurar, um tempo que na verdade não havia, e em segundo lugar porque alguma coisa aconteceu com relação à prestação de contas que a gente encaminhou e que ela não foi continuada, enfim, alguma coisa aconteceu, isso ainda na nossa gestão, que a gente tinha combinado dar continuidade e como a gente ia fazer

para superar os problemas para a continuidade do projeto, mas em algum momento isso, essa tramitação burocrática entre a secretaria de cultura e o ministério da cultura se perdeu em alguma coisa ali e isso levou a uma exigência também, a cidade teria que por mais um milhão e meio que foi combinado pela gestão do Lindeberg, era um edital de três milhões, onde um milhão e meio era do Minc e o outro um milhão e meio era da prefeitura. E uma vez que esse pacto não foi levado até o fim, não tem meios cabíveis, e segundo o atual secretário, não havia meios legais para Minc, não havia jurisdição, não havia jurisprudência técnica das questões burocráticas para que a segunda fase do edital fosse concluída. Uma pena porque muitos, teve alguns resultados muito positivos, enfim. Mas a gente não tem muito o que falar desse projeto porque a gente não pode acompanhar até o fim.

V: Mas você acha que o saldo do primeiro foi..

É: No geral foi bem legal, teve muito problemas, mas a gente sabia que ia ter, um projeto muito novo, muito complexo e realizado no chão da escola, o que é sempre uma dificuldade, mas no geral teve experiências muito boas.

ENTREVISTADO: Yasmin Thayná

LOCAL: SEMCTUR Nova Iguaçu / Espaço Sylvio Monteiro

DATA: 25-01-12 (Manhã)

MOTIVAÇÃO / CLIMA: Yasmin Thayná foi Jovem Repórter e hoje tornou-se estudante de jornalismo, continuou sua caminhada pelas políticas culturais. Participou da Agências Redes de Juventude e das iniciativas de Faustini.

Vinícius: Em Nova Iguaçu você morou em quais bairros?

Yasmin: Eu nasci aqui nessa rua, no hospital Nova Iguaçu, que fica aqui no final dessa rua e eu morei aqui em Nova Iguaçu dezoito anos. Eu morava no bairro de Santa Rita que fica próximo ali a Vila de Cava, e ai com quinze anos eu vim morar no centro porque comecei a estudar na FAETEC, ali na João Luiz, e daí para mim ficava mais fácil e tal, e ai eu morei ali na Rua Coronel Francisco Soares, que fica perto da rua da feira, na rua da lama.

V: Como que se deu o seu primeiro contato com o campo da cultura, das políticas culturais, onde foi e por quê?

Y: Eu entrei na FAETEC em 2008, quando foi 2009 eu comecei a ter um contato maior com a juventude da escola, com o movimento estudantil, com os encontros de literatura que rolavam na escola, e ai, eu não sabia escrever direito, ai eu tive um professor, que hoje ele é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, professor de letras. Eu não sabia escrever, daí o que ele fazia? Ele me mandava os textos dele, eu lia os textos e mandava textos pra ele. E daí ficava nessa troca e eu fui começando a aumentar meu repertório, querer saber de outras coisas, links, ele me dava muitos links e ai eu comecei a me aproximar mais, eu sempre tive essa afetividade com os professores, e ai eu quis aproveitar isso de alguma forma, fazer uma ação dentro da escola, aproveitar aquele ambiente que eu estava inserida, e ai, eu me aproximei de uma professora de literatura brasileira, que se chamava Ivone Landin. A Ivone Landin, ela tinha uma ideia de um grupo de diversidade cultural dentro da FAETEC, numa escola técnica, onde os alunos só estudam física, matemática, só pensam pra isso, e daí, ela tinha um projeto que ela dialogava com os alunos através das paredes, porque que ela assumiu o pedagógico esse ano, em 2009, ela era diretora do pedagógico, ela assumiu, e ela quis não parar de dar aula, e daí ela colava várias paradas na parede, ela cercava a escola de coisas, histórias, enfim, essas coisas. E ai ela me colocou nesse grupo como presidente do grupo de diversidade cultural. Nesse grupo, eu entrei para o grêmio da escola, que naquela época se chamava Grêmio Edson Luiz, em 2009 isso, e eu entrei como diretora de políticas educacionais, no Grêmio. Dentro dessa gestão, que já rolava, eu realizei uma feira que se chamou “Feira Brasil”, isso em 2010 já, passou o ano e eu entrei para o Grêmio em janeiro de 2010. Eu entrei para o Grêmio e tinha uma feira muito clássica na FAETEC, que era a “Feira Mundi”, só que a “Feira Mundi” era uma coisa mundial e eu queria trazer isso para a cultura popular. E ai o que eu fiz? Escrevi um projeto em uma semana de uma feira cultural, “Feira Brasil” era o nome da feira, na rede FAETEC, que isso fosse implementado na rede, não só na João Luiz, e ai, eu não tive o apoio de nenhum professor, não tive apoio, enfim, só a Ivone que

me ajudou, e encontrava os professores de matemática, e po uma feira que inclui geografia, um professor de geografia não apoiou sabe? História, foi uma parada que a gente não tinha recurso nenhum, a gente fez a feira, e ai eu falei assim, eu articulei isso nas turmas e a gente conseguiu fazer uma feira com quinze países, com quinze estados brasileiros, ia ser com vinte e sete, mas a gente foi com quinze estados que misturou as culturas, norte, centro-oeste, sudeste, nordeste, a gente conseguiu articular bem as regiões, e ai a gente acabou adotando por região, cada sala era um estado brasileiro e uma região. Daí foi lindo, o professor de matemática era professor do Pedro Segundo de Realengo, daí ele trouxe a banda de Maracatú pra cá e eles dançaram, fizeram uma cerimônia linda de Maracatú, sabe? Uma coisa assim, que eu fiquei muito feliz né, foi a minha primeira ação dentro da “Feira Brasil”. E ai o que aconteceu? Existia aqui nessa casa de cultura, desde de 2006, que eram jovens repórteres, que primeiro começou com “Minha rua tem história”, depois foram os “Jovens Repórteres” e depois o “Cultura NI”, mas nunca deixou de ser o “Jovem Repórter”, a gente meio com “Cultura NI” não deixou de ser “Jovem Repórter”. A Ivone disse pra eles, ela era presidente do conselho municipal de cultura, ela disse pra eles que teria essa feira, e daí como eles faziam matérias em toda a cidade, eles foram me entrevistar na “Feira Brasil” para saber como que foi isso e tal, eu dei o depoimento, e ai eu disse da minha educação, que foi muito voltada para a arte, eu sempre pinte com o meu pai, eu pinto com o meu pai desde os seis anos, eu tenho essa coisa, quando eu aprendi a ler meu pai espalhava livros pela casa, eu sempre me interessei muito pela cultura do meu país, eu sempre gostei muito do Brasil enquanto construção desses hábitos, dessas formas que a gente vai se adaptando, sabe? A gente tem um povo muito criativo aqui no Brasil, assim, tem uma galera que inventa passinho, uma galera que inventa “Jovem repórter”, inventa cineclube, inventa várias coisas, e ai eu fui falando o que eu já fazia, qual era a minha participação no Grêmio da escola, e ai eles colocaram no blog e conversaram com o editor do “Cultura NI”, daí ele se interessou pela minha história e tal, essa minha articulação das coisas que eu já tinha feito na escola e ele me chamou para fazer parte do “Cultura NI”. Dentro da “Cultura NI”, eu entrei em junho de 2010, eu comecei como repórter, a gente tinha uma coluna, e daí cada um escrevia uma matéria por semana, comecei como voluntária, fiquei quase um ano sem ganhar nada e depois eu comecei a ganhar cento e cinquenta reais, era uma parada super no amor mesmo, e dentro desse “Cultura NI” eu descobri que existia a escola livre de cinema, não conhecia, eu tinha muito pouco link, muito pouco repertório, eu não tinha acesso as redes e aos repertórios, e ai eu conheci a escola livre de cinema, mas eu já tinha feito um curso de introdução a linguagem cinematográfica, no SESC com o Miguel Nadler, que é um cineasta e a gente acabou virando amigo, a gente fez um curta lá na oficina e eu fiquei como diretora de arte, porque eu gostava e tal. E ai eu fiz a seleção para a escola livre de cinema, passei, fui estudar roteiro com Raul Fernando, e dentro desse, de julho a dezembro, eu fiz uma média de oito cursos ligados a cinema, história do cinema, fiz “Tela Brasil”, fiz escola livre de cinema, fiz “Jovens críticos de Belém”, cara eu fiz muita coisa, fiz oficina de vídeo grafismo, fiz stop motion, fiz muita coisa assim, e dentro desse momento do cinema, eu até tinha pensado de fazer alguma coisa pra cinema e tal, fiz curso, fiz curtas, e ai eu conheci vídeo arte, fui premiada, isso em janeiro de 2011, foi onde a Rafa me conheceu, no dia do “Apalpe”, eu ganhei o “Apalpe”, como

melhor roteirista, junto com mais duas meninas eu fizemos animação e fotografia e eu escrevi o roteiro. Dentro do “Jovem Repórter” tinha um projeto que a gente fazia na carceragem de Nova Iguaçu, nessa rua aqui, a gente fazia, a gestão era do Écio Salles, secretário de cultura, e aí nós fizemos o “cine carceragem” que é um projeto do Marcelo Luca, que a gente continuou essa iniciativa, e o Júlio Denir, que era o editor do blog, foi quem eu conheci e quem me chamou para participar do grupo, ele é um escritor jornalista e ele me chamou pra fazer parte do “Carceragem”, o que que era isso? Ele dava oficina de literatura, a gente exibia filmes, as vezes, era no terceiro e no comando vermelho, no comando vermelho a gente ficou pouco tempo, porque tinha que negociar, enfim, a gente ficou mais no terceiro comando, e aí ele dava oficina de literatura, o Samuca do Enraizados, ele filmava, por exemplo, era assim, ele chegava, falava um pouco de literatura para os detentos e perguntava assim: ó o dispositivo - toda semana a gente trabalhava com o dispositivo – o dispositivo da semana é a tatuagem - e aí ele contava a história dele através da tatuagem, sabe? Daí isso rendia muito, foi o melhor dia foi o tatuagem, sempre lembro desse dia porque foi muito bom. E aí eu era a única repórter feminina, tinha mais duas meninas, eu era a única repórter feminina que segui até o final do ano dentro desse projeto da carceragem. Nesse período, eu ainda era secundarista, daí eu fui convidada para entrar no cineclubes digital, como cineclubista, ainda hoje eu estou no cineclubes, e fundei o cineclubes João Luís do Nascimento na FAETEC, e eu comecei a frequentar o cineclubes “Buraco de Getúlio”, também por conta dessa equipe do Sílvio Monteiro, esse cineclubes foi muito importante para mim porque assim, antes em 2008 eu comecei a fazer malabares, aqui no Sílvio Monteiro, era malabarista, fui até 2010 fazendo e essa oficina me apresentou a “Iguacine” que é um festival que acontece aqui e que eu não sabia que tinha festival de cinema, até zuava, achava que era ruizão o festival, mas é um festival super maneiro, tomara que ano que vem tenha, esse ano infelizmente, 2011 não teve, mas eu espero que em 2012 tenha. E aí no “Iguacine” eu conheci o Miguel Nadler, e eu conheci os cineclubes de Nova Iguaçu, e daí eu aprendi a pensar, eu ia nesses lugares pra pensar, ia em reunião aqui, isso aqui foi minha segunda casa durante dois anos, eu vivi aqui nesse lugar, e aí depois do “Cultura NI”, eu fiquei um ano no “Cultura NI”, e em Janeiro de 2011 eu saí e fui trabalhar na agência de redes e é onde eu estou trabalhando agora, e a gente trabalha com seis comunidades pacificadas, Providência, Chapéu mangueira- babilônia, Boréu, Casa Branca, Cantagalo pavão - pavãozinho, Batã e cidade de deus. E aí a gente desenvolve um trabalho legal, é um encontro de seis meses com os meninos, meninos da comunidade, a gente dá oficina de cultura, educação, direito a cidade, a gente cria um ambiente criativo para que esse menino tenha ideia e faça um projeto para a comunidade dele, e esse projeto tem que ter impacto no território, ele tem que ter um retorno para a comunidade, ele tem que ser sustentável, e aí ele passa por uma banca, por várias bancas, na verdade, passa por três bancas até ganhar os dez mil reais, para executar o projeto. E eu acho que foi isso que eu fiz na vida, de 2009 até agora foi só isso.

V: As políticas do ministério da cultura, e algumas políticas aqui de Nova Iguaçu foram espelhadas nas do ministério, sempre se sugeriram ao falar de juventude uma atitude assim de empoderamento, de valorização do local, valorização da sua cidade e da sua experiência nessa cidade.

Querida perguntar se isso foi sugerido a vocês jovens aqui e como foi e como você vê isso?

Y: Se a secretaria deu esse suporte?

V: Sugeriu isso de alguma forma, instigou?

Y: É, assim, de 2008, assim eu participei da cena de 2010 até 2011, iniciozinho, mas eu, a história antes, a política, a cultura em Nova Iguaçu, assim, essas iniciativas que você fala da juventude e tal começa nos anos 80, que tem um movimento de poesia “puta forte” aqui, que é o “Pó de poesia” e o “Desmaio público” que são os mais antigos na cidade, “Pó de poesia” é da FAETEC, desculpa. “Desmaio Público” é um movimento forte aqui, agora, pra cá existiu cara, assim, existiu o “Jovem Repórter”, existiu essa coisa do cineclube, da escola de cinema, essas coisas deram a possibilidade da galera está produzindo as coisas, mas existe uma coisa também de que a gente precisa de políticas públicas para produzir também, a galera tem uma cena meio independente aqui na baixada, geração delírio que era a galera do malabares, a galera do próprio buraco que começou no ananias e veio pra cá depois de um tempo, mas ainda sinto falta dessa política pública, eu ainda sinto falta do órgão público oferecer, eu acho que falta muito ainda, a gente faz as coisas aqui muito por amor ainda, entendeu? Que tá muito diferente, não sei como está funcionando, vi algumas mudanças e tal, mas ainda falta, ainda falta implantar coisas para que essa juventude faça, sabe? A gente tem já grupo de teatro aqui na nova gestão do Anderson, tem grupo de teatro, tem umas iniciativas bacanas que estão acontecendo aqui, mas ainda acho que falta, não atinge, não tá mobilizando, a galera se mobiliza independente da secretaria, a galera se mobiliza, “Jovem Repórter” já ficou um ano sem receber, sem ganhar nada, o grupo não diminuiu e a galera continuava. Assim, eu tenho essa referência porque pra mim foi um grupo mais importante de comunicação da cidade sem dúvidas, sem dúvidas não existiu outro grupo de comunicação na cidade mais importante do que esse, não existe, você pode pesquisar, você pode sei lá, pegar, ler Alberto e investigar a cidade de 1910 até hoje, você não vai ver grupo mais importante de comunicação que foi resistente, independente de dinheiro, foi tipo, nego andava do centro a lanópolis à pé, no início do “Minha rua tem história”, enfim, mas eu acho que, saiu um dinheiro ai, acho que agora desempenha, mas as coisas sempre foram externas assim, a galera inventou festival de cinema, a galera inventou cineclube, a galera inventou grupo de comunicação, a galera, enfim, é uma roda, sabe? Acho que não falta vontade, sabe? Acho que vontade não falta. Se o avanço nesse sentido dependesse de dinheiro, se a galera, assim, visasse o dinheiro, não teria produção, entendeu? É isso que eu acho.

V: Essa coisa que eu te perguntei das políticas do Minc tem essa coisa da promoção da autoestima, reconhecimento da cidade. Você acompanhou uma parte boa dessa (inaudível) grupo de comunicação mais importante. Teve algum tipo de conflito entre as pessoas que queriam falar de Nova Iguaçu e de pessoas que queriam falar de outros temas?

Y: Aqui é uma cidade muito tranquila, porque eu nunca passei por situação assim não, mas eu vi que as coisas mudam, né? Cada um assume o poder que quer, o lugar que quer, a posição que quer, mas já veio galera de mestrado, já veio muita galera pra estudar, mas eu nunca tive essa coisa de “ah, falar de Nova Iguaçu”, tanto que os dois últimos secretários de Nova Iguaçu não eram daqui, nunca moraram aqui, mas tinham uma coisa da política da cultura, tinham uma visão da cultura muito boa, muito positiva, o que soma também, sabe? Eu acho que quando você se empodera de uma coisa, é uma coisa muito, talvez porque tenha que se próxima de você, mas também é bom essa troca de vir gente de fora. Não achei ruins as gestões passadas, mas eu acho que ainda era foda né? A galera aceitar um cara que veio não sei da onde, nem é daqui e tá representando a cidade. Não foi ruim, fizeram coisas boas, muito boas para a cultura daqui, muito boas mesmo, trouxeram redes de fora, trouxeram várias trocas que maior galera do “Jovem Repórter” hoje está fora por causa desses encontros dessas secretarias que não são de Nova Iguaçu fizeram aqui. Mas ainda acho que, realmente, você ter uma pessoa de dentro é mais importante do que ter uma pessoa de fora, mas isso vai depender da vontade, das propostas, do que vai fazer, sabe? Mas enfim, eu nunca tive esse embate não.

V: Assim, não sei se você pegou o surgimento, porque tem assim, o “Jovem pesquisador” e o “Jovem Repórteres”. Te pergunto se você sabe, se você tem ideia de como surgiram as duas? E o blog “Cultura NI”, como surgiu, qual era a ideia inicial dele?

Y: Pois é, eu não sei se é 2007 ou 2008, posso te mandar, mas esses grupos, eles surgiram como “Minha rua tem história”, na gestão do Lindeberg e a Maria Antônia, que é esposa do Lindberg, ela queria trazer pra cá pra Nova Iguaçu um grupo de jovens que falasse da cidade, contasse a história da cidade através da rua de cada um, cada um que contava a história da sua rua. E era perrengue, assim, os meninos disseram que o pólo era em anielópolis, então imagina, as vezes não tinha dinheiro para a passagem do ônibus e iam a pé, e é chão né, sei que sabe que é chão, e ai viram o “Jovem Repórter”, e no final do “Jovem Repórter” a Marcela, que é uma antropóloga, não sei se você conhece, ela criou esse grupo dos “Jovens Pesquisadores”, eu tenho quase que certeza, não posso falar com tanta propriedade dos “Jovens Pesquisadores”, que era uma parada muito legal, mas que eu não posso dizer porque eu não participei, mas quando eu entrei no “Cultura NI”, eles já estavam saindo, que ai eu acho que no início do “Cultura NI”, ela lançou esse grupo para fazer pesquisa da cidade, mapear a juventude, as iniciativas, o que estava faltando para poder implantar o CRJ da vida, essas coisa, e o que ela fez? Ela pegou fez esse grupo e esse grupo trocava com o “Jovem Repórter”, entendeu? Por exemplo, se o “Jovem Repórter” tinha um dado de que existia uma casa de cultura no Moquetá, tinha essa troca, tinha umas oficinas, tinha uma conversa durante as reuniões, era bem legal, eu sai no final, mas era bem legal. Mas ai acabou não rendendo porque eram trabalhos diferentes, entendeu? A gente podia se ajudar sem precisar conviver junto, porque estava atrapalhando, pesquisa é uma coisa e ação na rua, tipo entrevistar, é outra, sabe? Nem sempre a tua entrevista é uma pesquisa, as vezes é só uma notícia, daí isso atrapalhava o andamento, não atrapalhava, mas era uma

reunião de cinco horas quase, não tinha necessidade de uma reunião de pauta de cinco horas, que era muita coisa, muita coisa e a gente podia fazer isso paralelamente por e-mail, enfim, essas coisas. É isso.

V: E o blog do “Cultura NI” ? Como surgiu? Qual foi a ideia? Tem a ver com “a minha rua tem história”?

Y: É, foi o desdobramento, veio o “minha rua tem história”. “o Jovem Repórter”, e o “Cultura NI” sempre foi ligado a secretaria de cultura, mas ai, dessa vez o blog seria totalmente ligado a secretaria de cultura porque divulgaria mais as coisas da secretaria de cultura né, sei lá, se a secretaria de cultura fizesse uma roda de samba, ai teria que estar no blog e quando era o “Jovem Repórter” tinha, mas não era tanto esse compromisso, entendeu? Era uma coisa ligada, era uma iniciativa da secretaria de cultura, entendeu? Era da secretaria de cultura.

V: Você falou que essa galera esperasse dinheiro as coisas não tinham acontecido. Te pergunto, é possível hoje se sustentar ou viver da cultura na periferia urbana, no caso específico de Nova Iguaçu, como artista ou como gestor de cultura?

Y: Tem, porque se tu tiver ideia, um ambiente criativo, assim. Porque o que acontece? O jovem quando chega aos dezoito, dezenove anos ele tem que trabalhar, daí se ele for genial, todo mundo tem ideia, todo mundo pode ter ideia boa, mas ai o que acontece? O que atrapalha o cara a desenvolver a sua ideia? É que ele tem que trabalhar, ele tem que assumir compromissos na casa dele, ele tem que sustentar a casa dele, então o que acontece? Ele sai desse ambiente em que ele pode estar criando, ele pode estar esperando projeto, ele pode estar criando ações na sua cidade ele assume uma parada que ali, sei lá, ele vira comerciante, que é o que acontece, a maioria dos jovens é isso que acontece. Quando você fala assim, se é possível viver assim dessas iniciativas, eu acho que sim, tem trabalhos que toma todo o seu tempo, tem que fazer faculdade, trabalhar, e daí você não tem tempo para pensar em outras coisas, mas eu acho que é possível sim, eu acho que a gente hoje tem um edital de cultura dos jovens, já abriu edital pra gente que já executou ação, mas independente de ser um estímulo pra juventude, sabe? Criar novas lideranças dentro de qualquer lugar dentro do Brasil, de dezoito a vinte e nove anos, é possível o cara ter uma ideia e procurar. Hoje o que a galera esta adotando formas de colaboratividade, o que é isso? Você escreve teu projeto no catarse, no benfeitoria e daí você estabelece um dinheiro máximo e mínimo, sei lá, você pode dar dez reais pra mim e minha meta é de vinte mil reais pra fazer meu projeto aqui em Nova Iguaçu, eu escrevo meu projeto e uso a minha rede pra tentar arrecadar esses vinte mil reais, ai cada um dá uma coisa, dez reais, cinco reais, trinta reais, então assim, existe algumas formas de você conseguir grana pra poder fazer, sabe? Mas também dependendo do, por exemplo, um cineclube, você precisa, se te doarem, se você conseguir doação de um projetor, uma tela, você se escreve mole naquele programa que te dá filme e projetor pra você fazer o cineclube, sabe? Cineclube, assim é difícil, por exemplo, você quer criar uma sala de informática, por exemplo, sei lá, alguma coisa assim, po é uma parada que demanda mais um tempo, mais um trabalho,

mas tem programas pra isso, sabe? Se você tiver uma articulação, se você tiver vontade, assim a galera tem vontade, sabe? Então acho que hoje tem uma galera já saindo e tal, fazendo outras coisas, mas acho que é possível sim você viver como artista na periferia, desde que você tenha, você não perca essa vontade, sabe? Acho que é possível.

V: O que mudou na sua vida com a participação nesses projetos?

Y: As modificações? Acho que as visões né? A modificação na vida, acho que primeiramente na vida né. Eu peguei essas coisas assim, eu comecei a pensar que eu posso experimentar o que eu quiser, posso experimentar cinema, posso experimentar eletrônica, eu posso juntar essas coisas também, entendeu? E isso me deu acho que uma coragem para poder arriscar em certos pontos que não tinha, que não funciona, daí você vê que funciona de um jeito totalmente diferente do que você pensa que funciona. Eu acho que viver nesse ambiente de criação, nesse ambiente de ação, te possibilita a criar outras coisas para as pessoas também, eu acho que te humaniza mais, tu ter que ter uma percepção política muito forte, tu percebe as pessoas, todo dia eu conheço uma pessoa diferente, eu tenho um voo marcado hoje para as dez horas da noite, vou para São Paulo, dia 31 eu vou para a Bahia e dia sete eu vou para Recife, vou conhecer sete cidades em Recife. Então assim, toda hora buscando rede, entende? Eu tenho muita curiosidade, por isso que faço jornalismo, eu tenho muita curiosidade, então eu gosto muito de conversar com as pessoas, e isso me estimulou mais a trabalhar com a cultura, vontade também de fazer, eu estou na ENEARTE, na comissão organizadora da ENEARTE, que é o encontro nacional das artes, e esse ano a gente vai sediar o ENEARTE no Rio de Janeiro, então é uma outra galera, uma galera de universidade, que gosta de pensar mais do que fazer, isso é fato não tem estratégia de ação nenhuma, eles tem que está falando, tem que estar discursando, “ah, vamos pensar”, não desenvolve, não faz um seminário para fechar a programação, toda hora pensando e pensando muito, e ai eu vejo que eu comecei o processo ao contrário, durante muito tempo o universitário é aluno dentro da universidade, ele chega quase no último período como aluno, ele só vai para universidade estudar, ele não faz nada além de estudar, ele não cria uma iniciativa dentro da universidade dele, ele não se junta, o grupo de hackers eles não aproveitam os cursos que tem, e ai eu comecei a pensar, hoje eu tenho, estou viajando também para pensar o que eu vou fazer em 2012. Então, esse contato me possibilitou, eu estou sendo superficial, mas esse contato ele me possibilitou estar a frente assim das coisas, estar fazendo curso, estar produzindo, eu acho que eu sou uma pessoa muito produtiva, eu estou inserida em espaços diferentes. Para você ter uma ideia, eu trabalho na Lapa, moro em Jacarepaguá e estudo em Realengo, então é um triângulo, é um triângulo e eu estou rodando na cidade, tem essa coisa do direito a cidade, que hoje eu entendo como é que é fisicamente, tive mais direito a cidade com essa coisa da cultura, que quando você não está nesses ambientes você acha que aquele ambiente não é seu, e ai quando você começa a estudar essa coisa, não diversidade, porque eu acho que a diversidade ela te pauta muito, o que que é diverso? Você vai nos encontros de diversidade cultural, você vê um monte de bonitinho e bacaninha, e ai não sai, a diversidade é só isso, quando na verdade a diversidade é o funkeiro, o cara que canta rap, é o cara que está rimando lá na Uruguaiana, é o cara que faz stand up lá na Praça da República, e ai quando você vai nesses encontros da diversidade você só encontra a galera da

universidade. Você não encontra o ativista, você não encontra o artista popular, você não encontra nada disso, você só encontra a galera bacaninha da PUC, da Zona Sul, você não encontra realmente a diversidade cultural, então eu acho que não é suficiente, e é isso, assim, eu acho que essa inserção me deu a possibilidade de estar em outros lugares que eu não estava antes, entendeu?

V: A entrada nessas iniciativas dos projetos te ajudou a conhecer melhor Nova Iguaçu, a cidade?

Y: Sim. Esse grupo de comunicação que eu participei, a gente não tinha essa. Eu morava no centro de Nova Iguaçu, não tinha essa de que eu moro no centro e só, não tinha que fazer matéria só no centro. Teve dia que eu tive que ir lá pro último bairro de Caxias, lá dentro, tem que pegar dois ônibus, o ônibus só passa de uma em uma hora, super perrengue e eu fui. Teve uma parada em Japeri, a gente teve que ir, não tinha essa assim, a gente fazia matérias também fora da cidade de Nova Iguaçu, a gente também fazia Baixada, Rio, quando era uma iniciativa, sei lá, alguma coisa que ia acontecer em Nova Iguaçu de Duque de Caxias, aí a gente ia lá no pólo, conhecia, e aí eu conheci uma galera incrível. O meu mapa são as pessoas, então eu conheço as pessoas para poder conhecer os lugares, então a galera vai me dando dicas: “olha isso aqui”, isso me estimula mais a andar pela cidade, parar de ir nos mesmos lugares, que também é importante, a gente sempre tem aquela rotina de ir aqui, ali, na escola, casa, curso de inglês e volta, só isso, e daí a gente não abre, não aguça o paladar para outras coisas, mas e com certeza, essa parte, sem tem dúvida, tu tem que andar cara, se não andar, já era.

V: Você acha que vocês conseguiram atingir outros moradores da cidade com esses projetos? E na sua família, houve alguma diferença?

Y: Assim, eles me chamavam de doida, porque sei lá, eu estava em um evento desde a galera da terceira idade até a galera criancinha, enfim, era uma loucura porque tu queria experimentar a cidade, tu queria conhecer a cidade, eu queria conhecer a cidade e as vezes não dá para conhecer a cidade só de dia, daí uma menina de dezessete anos, dezoito anos, andando pela cidade de noite, com uma galera estranha, porque essa galera da cultura é meio estranha né, e aí como o seu pai fica? Fica meio assim, mas aí com o desenvolvimento, você pô, tem uma exibição de um filme, já exibiu filme e tal, numas salas fechadas e daí ia ver, tipo “ah, maneiro”, sei lá, via minha matéria no blog, “pô, acessa minha matéria no blog”, aí lia, via a evolução, né? No discurso também, como é que está conversando, como é que está se articulando, como é que está falando com as outras pessoas, porque tu aprende a falar com as pessoas. Então eu acho que meus pais gostaram dessa coisa de estar querendo evoluir e não parar, sabe, porque é um gancho, né? Tu estuda, tu trabalha e desenvolve tuas coisas pessoais. Então eu acho que foi ótimo pra eles, foi uma luz que brilhou na minha vida.

V: Você participou dos “pontinhos” de cultura?

Y: Então, o cultura foi um “pontinho” em cultural, mas eu não fiz nenhum projeto com “pontinho” de cultura, eu conheço alguns do “pontão”, do ponto de cultura, mas eu não fiz nenhum.

V: Você morou durante dezoito anos em Nova Iguaçu e saiu. Você acha que sua vida melhorou fora de Nova Iguaçu, assim, você saiu porque chegou uma oportunidade, ou nada a ver?

Y: Eu sai porque eu estava fazendo caminhos muito diferentes e não dava para viver aqui e, eu não ia ter vida, assim, dormir, sabe, não ia conseguir dormir se eu morasse aqui, mas eu ainda vivo aqui um pouco né, ainda venho. Ah, vai rolar uma ação aí, eu to aí. Agora eu to um pouco ausente, mas eu continuo me atualizando, porque eu tenho casa aqui, então eu acho que eu pertencço à cidade ainda. Eu acho que quando você vai embora, se muda da cidade, a cidade só deixa de ser sua se você quiser.

V: Você vê uma possibilidade de trabalho e desenvolvimento pessoal sem a saída da periferia urbana? Hoje você saiu e tem articulações fora dela, ate que ponto essas articulações foram interessantes para você trazer coisas de volta para outras pessoas, para a periferia?

Y: Então, tudo é muito recente na minha vida, então, eu ainda não consegui estruturar uma maneira de dar retorno pra cá, eu penso, mas ainda não pensei em qual maneira. Respondendo a primeira pergunta, eu já acho que é possível, mas ainda, assim, mesmo com essa estadia fora, ainda não consegui formas de contribuir aqui, mas se sair o edital de cultura aqui, eu acho que vou escrever alguma ideia sim.

V: Nas gestões de cultura que você pegou aqui, a gente conversou a questão de ser pessoas de fora, mas que foram projetos realmente inovadores aqui, que nunca existiram antes. Você acha projetos iniciados atingiram o seu ápice ou há ainda há alguma coisa pra fazer dentro deles ou possibilidade de se criar novos?

Y: É cara, a cidade é uma roda, assim, é uma construção, falta muita coisa ainda, falta muita ação, falta empoderamento da juventude, bastante, falta muita coisa ainda. Eu acho que teatro, comunicação, cineclube, festival de cinema é ótimo, mas não é só isso, ainda informática, essa coisa da inclusão, não é só isso, eu acho que falta mais, até porque a lógica, eu trabalho com software livre, a lógica do software livre não é fazer, assim, a galera não consegue olhar por esse lado. Mas a lógica do software livre não é uma coisa só do software do computador, mas é uma coisa que está na vida, por exemplo, a gente tem um grande empresário no Brasil hoje que ele manipula a semente, ou seja, o que é que ele faz? Ele vende para latifundiários a semente do alface, por exemplo, e ai sei lá, a semente do tomate, e ai ele vende e você fez uma grande plantação, colheu e vendeu. Só que isso não nasce de novo, você tem que fazer o que? Comprar outras sementes, porque ele manipulou o código da semente. A gente esta vivendo num mundo em que tudo esta sendo propriedade privada, nego quer pegar tudo, entendeu? Até a alimentação. A

gente não tem o software livre, então qual a ideia? A ideia do software livre não é só a ideia do computador, é uma ideia que está na vida, de que você tem que ter esse acesso, e aí você entra com o discurso de direito à cidade, que é o cara dominar os códigos da cidade, o cara poder circular por todos os espaços públicos que ele puder e dos privados também, porque eu acho que a galera tem que circular também, tem que protestar, tem que fazer ato, tem que reclamar, tem que fazer mesmo, porque senão nego vai cada vez mais privatizando as coisas. E quanto a esse negócio do que falta, eu acho que é isso, você liberar esses códigos, você deixar também a galera pensar e estar se mostrando, porque eu também sinto que as vezes a gente tem uma iniciativa, um pensamento bom, daí tu vai apresentar, aí chega e “ah, isso não, isso não funciona”, aí não tem estímulo, como é que tu vai produzir sem estímulo? Ninguém produz sem estímulo, eu acho que é isso, falta a medida dessa coisa do código livre, do acesso aos repertórios e as redes também, você ter a possibilidade de fazer aquilo que você pensa, então eu acho que estímulo é essencial.

V: O que você enxerga de mais relevante aqui na cidade? E o que teve mais mudança que antes não era visto, mas que depois foi nessa sua participação no “Jovem Repórter”, por exemplo.

Y: Sim, eu gosto de muita coisa que acontece aqui. Uma coisa que começou totalmente sem grana, nenhuma, totalmente zero, foi um festival que tem na cidade de seis em seis meses que se chama “Cine Rock”, ele começou em Belford Roxo, lá no “Donana”, no cento cultural “Donana”, e esse ano ele foi realizado aqui, em Sílvia Monteiro, em novembro, e hoje eles ganharam edital, hoje já tem uma grana para investir. Mas eles não tinham nada, eles tinham a ideia boa na cabeça e tinham um grupo bom, uma galera de comunicação, uma galera que editava filme, uma galera que sabia programar site, então eles juntaram tudo isso que achavam necessário para fazer um evento, fizeram um evento sem grana, tipo você dava tua obra e eles iam expor na galeria e rolava um vernissage com sei lá, uma parceria com o mercado, ou eles mesmos tiravam do bolso e pagavam. Acho que uma das coisas hoje que tem uma visibilidade maior é isso, porque as coisas circulam muito, tem um “Enraizados”, que é um projeto que acontece no Morro Agudo, que é pontinho também, eles fazem umas paradas legais, tem um grupo de comunicação, tem o pró-jovem, tem o Dudu, que foi quem criou o “Enraizados”, que é do Morro Agudo, ele escreveu um livro recentemente, vários molequinhos de rapper, assim, bons, que sai de lá, então assim, acho que esses dois são as paradas que estão tendo mais visibilidade no rio, assim né, a gente conhece coisas daqui e vê lá que a galera cita, tipo, “tem esse movimento aqui, lá de Nova Iguaçu”, a galera fala disso, então é importante.

V: Qual é a tua percepção da participação pública nessas iniciativas? Você acha que ela é forte ou suficiente, poderia melhorar? O que você acha da participação da sociedade aqui em Nova Iguaçu e outras iniciativas aqui na Baixada? De quem mora na Baixada.

Y: Cara, assim, é público alvo, tudo a gente trabalha com público-alvo. É claro que o meu público, sei lá, do Sílvia Monteiro, ele pode ser o mesmo público

que do SESC, por exemplo, que é uma coisa privada, mas outra atividade, sei lá, internet livre, por exemplo, pode ser, assim. O bacana que acontece aqui é que a gente tem muito cineclube, tem cineclube gay, tem cineclube buraco, tem cineclube em Miguel Couto, tem um circuito muito grande nessa cena cultural, artística. Nesses espaços a gente encontra uma galera diferente, em todos eles. Tem uma galera que sempre vai em todos, tem uma galera que vai em um e deixa de ir em outro, mas eu acho que tem uma galera nova participando, porque tudo é uma articulação, se você dialoga, se você tem o facebook você só que falar com aquela tua rede, não sai. Então é o que acontece na vida real, se você tem um evento e você quer imergir essa coisa em outros espaços, aí a galera vai. Em iniciativas que eu vejo aqui da casa, que eu vejo da galera que faz independente, da galera daqui que faz também, eu acho que tem um público bom, um público diverso, desde a tia Maria, da tia do maracujá que vende suco de maracujá ali em frente ao rangel pestana, até o cara do mestrado da UFRJ, a galera muito diversa que vem, e eu acho que tem uma galera de Nova Iguaçu que a gente descobre que é interessante também, acho que a galera participa sim.

V: Eu participei da teia da baixada em eventos e esses eventos principalmente no ano passado eles pararam de acontecer. Você acha que é um problema de articulação em verba. Por que você acha que eles pararam de acontecer?

Y: Quando entra uma galera nova, eles tem outras ideias também, o que eu não acho ruim. Se, sei lá, eu que organizava a casa aqui e você entra no próximo ano, não é porque eu tive boas ideias que você vai querer continuar essas ideias. Eu acho que isso não é ruim desde que você também reponha no lugar disso, outras ideias e não fique nas coisas óbvias, acho que o problema é esse. A gente anda para frente, então a partir do momento que você considera ação, que você acha bom fazer festa comemorando o aniversário da cidade, eu posso fazer isso, eu posso pegar uma churrasqueira, colocar umas carnes, umas assas, uns frangos, uns refrigerantes, colocar na via light, chamar quem eu quiser, no dia do aniversário da cidade, chamar quem eu quiser, meus amigos e dizer: “olha eu comemorei o aniversario da cidade”, isso evoluiu alguma coisa? Não. Então a minha critica é principalmente essa, é nesse recorte, então eu acho que tudo que vem de boas intenções. A Agência de Redes tem apoio da UFRJ, eles tem o apoio da Petrobrás hoje, então a gente nota uma mudança, isso é ótimo, é ótimo isso, criar uma ação de referência para a juventude, você está criando um ambiente para a juventude e é essa a preocupação, você tem que empoderar essa galera, porque essa galera que tem que ter ideia, não é um cara barbudo que viveu cinquenta anos em Nova Iguaçu, a época dele já passou, não estou dizendo que não tem que ter espaço pra ele, tem que ter espaço, mas também tem que ter espaço para o jovem pensar, pra o jovem fazer, então quanto a essa mudança de tempos e de pessoas, pra mim algumas coisas que aconteceram na gestão passada e que não deram conta esse ano, pra mim esta sendo bom, nova ideias, tem que mudar mesmo, tem que mudar, a gente tem que continuar as ideias boas que são essenciais, mas a gente tem que completar o que a gente tirou com outras coisas, não deixar esse campo vazio, justamente por esse avanço, da gente querer andar para frente.

V: Quando eu leio o blog da “Cultura NI”, eu vejo uma juventude que escreve bem da cidade e uma juventude que vai além da cidade também, tem outras referências. Te pergunto se houve algum conflito, porque ao mesmo tempo que vocês eram uma juventude de Nova Iguaçu, vocês era uma juventude ligada ao mundo. Houve conflito entre ser local e ser global?

Y: Não, foi ótimo, porque ai você vai pro mundo. porque não só a cidade, não adianta você dizer assim: eu amo Nova Iguaçu, ok, beleza, mas você tem que conhecer outras coisas até mesmo para você ter ideias, porque assim, quando a gente esta fora vê muita coisa que não tem dentro, então a gente quer trazer, sei lá, vou para São Paulo, Recife, vejo uma parada super maneira que acontece lá, po eu também vou querer fazer aqui também, vou querer continuar aqui, vou querer ver se a galera vai fechar, então é bom a gente está em contato também, porque também esse lance do direito à cidade, não adianta a gente querer falar de cultura se a gente está fechado dentro de um ambiente só, a gente tem que conhecer várias coisas pra gente estar também inserido, a gente falava da cultura de Nova Iguaçu, mas se alguém de Nova Iguaçu fosse para Lapa apresentar alguma coisa, a gente ia até a Lapa. Então a gente conheceu outras pessoas, se relacionava, tinha interesses pessoais, a maioria da galera da “Cultura NI” está fora, está em outro ambiente, uma galera que continua fazendo coisas aqui, trabalhando fora, enfim, é isso. Eu acho que ninguém tem que ser dono de nada, isso aqui é um espaço público, você tem que passar um tempo aqui, se você quiser fazer coisas aqui lá para frente, você tem que somar, mas você também não tem que querer ficar aqui para sempre. Você tem que experimentar outros espaços, não é abandonar, experimentar outros espaços e fazendo formas pra isso.

V: Você falou uma coisa que eu achei muito interessante que é essa coisa de que vocês participam dos editais, mas que as vezes as ideias não são aceitas e tal. Queria te perguntar se você já viu isso acontecendo e por que não é aceito o projeto. Vocês tiveram orientação de como fazer projeto, como fazer um edital?

Y: Quando eu, ano passado eu participei de uma reunião que o que eles faziam quando lançavam o edital? Eles explicavam o que era o edital, como todo lançamento, explicavam não só superficialmente, lançamento de edital de cultura da secretaria do estado de cultura, eles apresentavam mais aprofundado, davam dicas de como você buscava meios para escrever o projeto, como é que era a construção da ideia, essas coisas assim. E a galera participava de Nova Iguaçu, a galera que já fazia coisas sem dinheiro e queria continuar ou fazer outras coisas com esse dinheiro que a gestão pública estava oferecendo, mas assim, por exemplo, o “Cultura NI” acabou, veio essa nova gestão e acabou, por que acabou? Porque é impossível você querer que um ser humano evolua sozinho, uma planta só cresce se você molhar ela, não é? Se você criar ambientes, adubar, cara eu não vou virar mestre em eletrônica porque eu vou dormir e acordar um dia porque enfim aconteceu, não é assim, você precisa de alguém, ainda mais em um campo de comunicação que envolve escrita, estratégia de ação, relação pessoal. Como é que você quer

que um grupo de vinte jovens, trinta jovens continuem, sem que haja um profissional moldando esses jovens, não moldando, mas dando link, assim ó: vamos falar hoje de jornalismo investigativo. Como você quer que um jovem evolua, continue um projeto de comunicação sem que ele tenha repertório, sem que exista um corpo que vá dá essas referências pra ele. Você hoje está numa estrada porque você passou por um processo, você teve trilhões de matérias, trilhões de profissionais, mestres, doutores te dando toda a hora repertório para hoje você ter a capacidade de você criar uma pesquisa, um foco e você poder articular essa estratégia de ação para você poder entrevistar as pessoas, pegar esse conteúdo e escrever a tua tese, a tua dissertação, não foi assim? Então, a “Cultura NI” não continua por causa disso, era uma iniciativa “do cacete”, não continuou porque o secretário não quis manter um profissional, ele achou que a juventude iguaçuana, que estava pensando ali, do ensino médio, ia aprender a escrever sozinho, ia aprender a escrever, melhorar o texto, todo mundo sabe escrever, mas melhorar o texto, a gente precisa melhorar o tempo todo, e a gente só consegue isso se a gente tiver um apoio. Eu não aprendi a escrever sozinha, eu tive esse lance, mesmo que por e-mail, mesmo que através das aulas, eu tive esse contato, daí quando acabou isso, eu toda hora estou procurando meios de melhorar o meu texto, então eu não acabei, eu tenho que ter uma referência, além de mim, além do que eu vou ler, além do que eu vou assistir, assistir e ler não é suficiente, é preciso ainda, eu acho q pelo menos pra mim e para muitas pessoas ainda é assim, pelo menos a visão que eu tenho “Cultura NI”, que não continuou, era preciso a gente ter um profissional, a gente não podia falar de jornalismo do jeito que a gente sabia, não tinha universitário quase nenhum, era secundarista que tinha vontade de estudar jornalismo, não sei se você me entende que precisa dessa figura, ai não continuou porque não houve negociação, não quis contratar um profissional e ai acabou, então o erro foi nisso, achar que a juventude vai crescer sozinha, não vai.

V: Tem um pessoal que sabe lidar com o edital e tem um outro grupo que acha que o desenvolvimento da cultura não deva ser assim. Como que você vê isso?

Y: Cara, eu acho que tem uma galera sim que sabe trabalhar com edital, mas tem uma galera muito maior que não sabe, então acho que é preciso instalar aulas de editais. Se a gente está vivendo um momento que é voltado pra isso, “ah galera, a gente tem que ter editais pra gente poder produzir”, então a gente tem que ter dinheiro pra produzir, se a dinâmica é essa a gente tem que preparar a cidade pra isso. Porque ai a gente também não pode achar que os editais são só para a galera que já desenvolve ações na cidade, a gente tem que expandir isso. Então, eu acho que a agência é muito legal nesse sentido, desse negócio de edital, eu adoraria ter uma agência aqui em Nova Iguaçu, porque a gente tem jovens criativos em Nova Iguaçu sim e tal. Eu adoraria ver uma agência aqui, porque a gente cria um ambiente criativo para esse menino poder criar, ter ideia, porque ideia não vem do nada, você tem que ter referência e tal, esse negócio de lâmpada é besteira, você mistura as coisas para ter uma ideia boa, e ai eu acho que é isso que eu estava falando, que não adianta a gente fazer edital só para a galera que já está engajada, uma galera que já faz cineclube, que já faz música, que já faz festival, a gente tem que

criar. O poder público tem que pensar em como ele vai atingir o menino que nem conhece a casa de cultura de Sílvio Monteiro, mas que é um “puta menino” que mora na palhoda, mas que ele tem ideia sim. Eu dei aula para os meninos de cinema no SESC agora, no ano passado, que os meninos tinham um discurso, tinham vontade de fazer as coisas e que não existe espaço para ele operar, porque se ele não gosta de cineclube, mas ele está fazendo cinema, tem que pegar esse garoto, porque ele está fazendo cinema se ele não gosta de cineclube, se ele não vai no Sílvio Monteiro, se ele não vai na biblioteca? Criar esses espaços não é o suficiente, achar que ter uma biblioteca na cidade é uma coisa maravilhosa, achar que você tem um lugar que vai dialogar com a informática, não é suficiente, as vezes tanta inclusão atrapalha também, porque ai o que que inclui você ter uma sala de informática e dizer: “venham, venham”, você tem que criar estratégia para a galera vir, criar mimo. Enfim, eu acho que essa política de edital também tem que ser pensado para essa galera que não está nesses meios. O edital lá uma coisa secreta, mas como é que a gente vai atingir outras pessoas? Acho que é essa a minha opinião quanto essa a galera de edital.